

Taís Gomes Corrêa (Org.)

Victor Aquino
entre ciência e ficção





Victor Aquino
entre ciência e ficção

Copyright © 2015 Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.
Copyright do texto © 2015 os autores
Copyright da edição © 2015 Pimenta Cultural

Comissão Editorial

Prof. Dr. Alexandre Silva Santos Filho (UFPA)
Prof.^a. Dra. Heloísa Candello (IBM Research Brazil)
Prof.^a. Dra. Lídia Oliveira (Universidade de Aveiro - Portugal)
Prof.^a Dra. Lucimara Rett (UFRJ)
Prof.^a. Dra. Maribel Santos Miranda-Pinto (Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior de Educação, Portugal)
Prof.^a. Dra. Marina A. E. Negri (ECA-USP - Fundação Cásper Líbero)
Prof.^a. Dra. Rosane de Fatima Antunes Obregon (UFMA)
Prof. Dr. Tarcísio Vanzin (UFSC)
Prof.^a. Dra. Vania Ribas Ulbricht (UFSC)
Prof. Dr. Victor Aquino Gomes Correa (ECA - USP)

Direção Editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Capa e Projeto Gráfico	Raul Inácio Busarello
Editora Executiva	Patricia Biegging
Revisão	Camila Silvestre
Organizadora	Taís Gomes Corrêa

PIMENTA COMUNICAÇÃO E PROJETOS CULTURAIS LTDA.
São Paulo - SP. Telefones: +55 (11) 96766-2200 - (11) 96777-4132
E-mail: livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V642 Victor Aquino entre ciência e ficção. Taís Gomes Corrêa -
organizadora. São Paulo: Pimenta Cultural, 2015. 423p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-66832-20-4 (brochura)

978-85-66832-21-1 (eBook PDF)

1. Estética. 2. Ficção. 3. Experiência. 4. Victor Aquino.
5. Obras de Victor Aquino. 6. Biobibliografia. 7. Crítica.
I. Corrêa, Taís Gomes. II. Título.

CDU: 111.85

CDU: 101

CDU: 929

CDD: 701

CDD: 300

CDD: 902



Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição – Uso Não Comercial – Não a Obras Derivadas (by-nc-nd). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural pelos autores para esta obra. Qualquer parte ou a totalidade do conteúdo desta publicação pode ser reproduzida ou compartilhada. Obra sem fins lucrativos, distribuída gratuitamente. O conteúdo dos artigos publicados é de inteira responsabilidade de seus autores, não representando a posição oficial da Pimenta Cultural.



2015

Sumário

Prefácio	
Apresentando uma obra colaborativa sobre literatura e sentimento	12
<i>Taís Gomes Corrêa</i>	
Capítulo I	
Um autor volta para casa	22
<i>Paulo Nassar</i>	
Capítulo II	
Escrita e formas plurais de um autor. O interessante caso de Tupã Gomes Corrêa	32
e Victor Aquino	
<i>Massimo di Felice</i>	

Capítulo III	
Histórias de vida e estética do guri contador de causos	44
<i>Patricia Biegging</i>	
Capítulo IV	
Ser muitos	62
<i>Clotilde Perez</i>	
Capítulo V	
Olhares que transformam o mundo	74
<i>Oswaldo Ceschin</i>	
Capítulo VI	
Paisagem que excede em significações	88
<i>Moisés Silveira Menezes</i>	
Capítulo VII	
Um tristan shandy no interior do rio grande	105
<i>Daniel Krassucki</i>	
Capítulo VIII	
Cotidiano e experiência estética como conhecimento	109
<i>Sérgio Bairon</i>	

Capítulo IX	
Ironias e afetos	132
<i>Vera Elisabeth Prola Farias</i>	
Capítulo X	
Mediação e didática em Victor Aquino	140
<i>Edson Leite</i>	
Capítulo XI	
Leitura de Victor Aquino à luz de Villém Flusser	155
<i>Guilherme Rodolfo</i>	
Capítulo XII	
Homem por trás das palavras	164
<i>Felipe Chibás</i>	
Capítulo XIII	
O cordel do CRP	182
<i>Luli Radfabrer</i>	
Capítulo XIV	
Teorias da moda, Rock e Estudos Culturais	203
<i>Monique Vandresen</i>	

Capítulo XV	
Aventuras estéticas de Victor	213
<i>Rosimeire Gonçalves da Silva</i>	
Capítulo XVI	
O diabo é pai do rock e veste Prada	245
<i>Affonso Celso de Miranda Neto</i>	
Capítulo XVII	
A ‘ <i>contry music</i> ’ brasileira entre a dimensão subcultural, o marketing e a indústria fonográfica	260
<i>Nello Barile</i>	
Capítulo XVIII	
Rock, nos passos da moda	275
<i>Rosalba Facchinetti</i>	
Capítulo XIX	
Victor Aquino e o enigma do futuro da moda	286
<i>Tatiana Anchiéschi Gomes Mascareli</i>	
Capítulo XX	
O escritor das imagens	298
<i>Paulo Villar</i>	

Capítulo XXI	
Pesquisador nos passos da contemporaneidade	304
<i>Valeria Brandini</i>	
Capítulo XXII	
Uma dissertação de mestrado	320
<i>Aryovaldo de Castro Azevedo Junior</i>	
Capítulo XXIII	
Um editor próximo da gente	334
<i>Camila Silvestre</i>	
Capítulo XXIV	
Uma leitora, um livro e o arroz queimado	339
<i>Barbara Júlia Leitão</i>	
Capítulo XXV	
Aprender catalão escrevendo poemas	344
<i>Jordi Clavel</i>	
Capítulo XXVI	
Victor Aquino	352
<i>Jean-Jacques Martel-Samson</i>	
Capítulo XXVII	
A história de Clementina	359
<i>Marie-Louise Filémon</i>	

Capítulo XXVIII	
Victor Aquino Gomes Corrêa	363
<i>Waldenyr Caldas</i>	

Capítulo XXIX	
Zen e arte literária em Victor Aquino	389
<i>Francisco Tupy Gomes Corrêa</i>	

Capítulo XXX	
Convivendo com Cleóbulo de Lindos	393
<i>Tulius Sakuma Gomes Corrêa</i>	

Capítulo XXXI	
Pai para toda obra	398
<i>Tais Gomes Corrêa</i>	

“Meus personagens são todos uma projeção dos meus defeitos e o esforço pessoal para superá-los”.

Victor Aquino

*Apresentando
uma obra colaborativa
sobre literatura e
sentimento*

Taís Gomes Corrêa

· prefácio ·

Organizar esta obra, do modo como foram contatados os autores, como se estruturou o livro e, sobretudo, nas condições em que os textos começaram a ser reunidos, foi tarefa árdua, complexa e extremamente inquietante. Durante dez meses fui obrigada a ser algo que está muito longe de minha personalidade. Adotei na dissimulação a prática de evitar que ninguém percebesse aquilo em que realmente estava ocupada.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*A*presentando uma obra colaborativa sobre literatura e sentimento

Tudo isso para que Victor Aquino não suspeitasse, ainda que remotamente, a verdadeira trama na qual se constituiu a obra sobre ele. Uma homenagem que deveria chegar ao fim como chegou para, como se diz, não estragar a surpresa. Quando alguns dos autores aqui participantes tiveram a ideia de levar a termo tal projeto, indicando meu nome para coordenar o trabalho, tive a sensação que seria impossível realiza-lo como foi realizado.

No fim de 2013, em almoço na Universidade de São Paulo, do qual participava também Victor Aquino, fui instada por Clotilde Perez, Paulo Nassar, Massimo di Felice, Oswaldo Ceschin e Rosalba Facchinetti a assumir esse papel. Eu deveria, primeiro, contatar pessoas de um círculo mais próximo de meu pai e da família; depois, coletar e reunir os textos que seriam produzidos por todos. Por fim, dar forma ao livro, preparando-o para a produção.

Havia muita gente naquele almoço. No canto oposto ao que se encontrava Victor Aquino, conseguimos encaminhar preliminarmente o assunto sem que ele percebesse. A ideia era organizar um livro em homenagem a ele, sem deixar que percebesse a iniciativa. O principal problema, entretanto, era dar continuidade ao trabalho, evitando que suspeitasse do que estava sendo feito. Deveria ser uma surpresa. Primeiro porque, sendo filha dele, sei de seu afastamento das homenagens e coisas desse gênero. Depois, porque se viesse a saber do projeto em curso, imediatamente o vetaria. Por último,

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Apresentando uma obra colaborativa sobre literatura e sentimento

um problema. Com o envolvimento de tantos autores, haveria o risco permanente de não se conseguir manter a necessária reserva.

Clotilde Perez e Paulo Nassar se dispuseram a falar com autores com os quais eu não tinha proximidade. Outros, mais próximos, frequentavam a casa de meu pai e eu mesma poderia estabelecer esse contato. Mas, mesmo entre estes, havia a necessidade de encontrar o argumento correto para abordar o assunto. Além, claro, de pessoas de outros países, de quem eu não possuía o endereço. Tive que “inventar” uma mensagem de natal para ele “assinar” e enviar por correio. Desse modo, consegui os endereços.

Havia um comerciante de acessórios maçônicos, que eu conhecera em Nova York, quando acompanhei meu pai em uma viagem. Mas já fazia muito tempo. Ele era francês e fazia algum tempo que se mudara para Veneza. Tive uma certa dificuldade de lembrar dele. Apenas depois de algum tempo, quando percebi que o Jean-Jacques Martel-Samson era essa mesma pessoa, pude falar com ele. Um dos primeiros a enviar a contribuição, “*Victor Aquino*”.

Com Marie Louise Filémon, que estivera uma vez no Brasil e jantara em casa, foi mais fácil convencê-la a enviar o texto intrigante, sobre a obra que Victor Aquino reluta publicar, “*A história de Clementina*”. O mesmo ocorreu com Jordi Clavel, de Barcelona, que enviou “*Aprender catalão escrevendo poemas*”. A seguir, os nomes de colegas dele, com

Victor Aquino

entre ciência e ficção

*A*presentando uma obra colaborativa sobre literatura e sentimento

os quais convivemos há anos, prontificaram-se em enviar os seus textos.

Desse modo, surgiram vários os textos. Sergio Bairon enviou “*Cotidiano e experiência estética como conhecimento*”. Sidinéia Freitas, “*Além dos muros da ECA*”. Tatiana Mazzei, “*Victor Aquino e o enigma do futuro da moda*”. Monique Vandresen, “*Teoria da moda, rock e estudos culturais*”. Rosi Gonçalves, “*Aventura estética de Victor*”. Edson Leite, “*Mediação e didática em Victor Aquino*”. Embora com foco e conteúdo específico, são textos altamente indicativos do afeto, do interesse e da importância que cada um tributa ao professor, colega, amigo e autor. Nesse sentido, quase não se distingue o que foi escrito por alguns de seus alunos de pós-graduação, antigos e atuais, quanto por aqueles que convivem com ele na academia. Muitos deles, aliás, professores e pesquisadores de renome internacional. De Fortaleza chegou a colaboração de outro antigo orientando, Ary Azevedo, “*Uma dissertação de mestrado*”, hoje um reconhecido docente e pesquisador na Universidade Federal do Ceará.

Até receber os primeiros textos, um assinado por Clotilde Perez, outro por Paulo Nassar, eu ainda não pudera fazer ideia de como poderia ficar a obra acabada. Foi emocionante ler, principalmente, o de Paulo Nassar: “*Um autor volta para casa*”. Como igualmente o de Clotilde Perez: “*Ser muitos*”. Aquele, uma profunda e bem elaborada crítica sobre **Significados da paisagem**. Este, uma bem

Victor Aquino

entre ciência e ficção

*A*presentando uma obra colaborativa sobre literatura e sentimento

engendradora análise de **O padre e o açougueiro**, cuja sensibilidade de leitora logrou traduzir-se em luzente versão acerca do autor.

A seguir, recebi “*O cordel do CRP*”, uma bem-humorada revisão da obra título do punho de Luli Radfahrer. Dias para frente, o professor cubano Felipe Chibás Ortiz enviava “*O homem por trás das palavras*”, dedicado a uma apreciação de **Os três ‘hermanos’**, assinado na perspectiva de um ponto de vista da própria hispanidade. De Massimo di Felice, recebi um apreciável texto sobre as “vidas literárias” de Victor Aquino: “*Escrita e formas plurais de um autor. O interessante caso de Tupã Gomes Corrêa e Victor Aquino*”, que também mandou trazer de Milão “*A ‘country music’ brasileira entre dimensão subcultural e o marketing da indústria fonográfica*”, uma excelente análise assinada por Nello Barile, sobre os primeiros trabalhos de Victor Aquino.

Quase simultaneamente, encontrei-me com Patricia Biegging em uma manhã e, na tarde do mesmo dia, com Oswaldo Ceschin. A primeira, diretora da Pimenta Cultural, editora desta obra, também orientanda de doutorado de Victor Aquino, que trouxe o trabalho “*Histórias de vida e estética do guri contador de causos*”, no qual analisa as práticas acadêmica e literária de um autor que transita entre a aridez da pesquisa e as experiências ficcionais. O segundo, destacado professor de estilística na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, com “*Olhares que transformam o mundo*”, explica como

Victor Aquino

entre ciência e ficção

*A*presentando uma obra colaborativa sobre literatura e sentimento

a estrutura de **Significados da paisagem** é chave para compreensão daquela narrativa.

Deve-se a Paulo Nassar o desafio lançado a Daniel Krassucki, conhecido livreiro por professores e pesquisadores de ciências humanas, também ele autor de instigantes obras de ficção, para produzir texto com a bem elaborada reflexão com a qual brindara o lançamento de **O padre e o açougueiro**, a qual emergiu da contribuição gentil, agora parte desta obra, “*Um Tristan Shandy no interior do Rio Grande*”, na qual evoca a inquietante “voz do narrador” daquela trama.

Paulo Villar, conhecido fotógrafo de publicidade que há tempos vem auxiliando Victor Aquino na organização do já lançado **Fotografia de Francisco Corrêa**, como do novo **Foto Vitória, acervos da memória**, preparou um sugestivo texto com o título “*O escritor das imagens*”. Camila Silvestre, antiga aluna de Letras na USP, que contou com o apoio de Victor Aquino no lançamento de sua obra de estreia, trouxe o texto “*Um editor tão próximo da gente*”. Bárbara Júlia Leitão, do Sistema Integrado de Bibliotecas, o SIBi USP, antiga orientanda de doutorado, fala sobre o caso já transformado em conto. “*Uma leitora, um livro e o arroz queimado*”, fala de uma senhora que, afundada na leitura de uma obra de Victor Aquino, deixou o arroz queimar. Aliás, o autor já falou que este fato constitui o maior elogio já recebido por sua obra.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*A*presentando uma obra colaborativa sobre literatura e sentimento

Rosalba Facchinetti, antiga orientanda, doutora em ciências da comunicação pela USP, pedagoga, igualmente profissional do livro e da cultura, diretora da Angellara Editora, trouxe “*Rock, nos passos da moda*”, texto cujo título contempla uma releitura da obra homônima de Victor Aquino, com o qual já participara de evento na FAPESP, em 2013, sob coordenação de José Marques de Melo, sobre a produção intelectual em ciências da comunicação.

Na mesma direção, mais dois trabalhos circundam a questão dos gêneros musicais. Um de Valéria Brandini, “*Pesquisador nos passos da contemporaneidade*”, outro de Affonso Celso de Miranda Neto, “*O diabo é pai do rock e veste Prada*”. Em ambos, continua a discussão sobre essa relação que ocupou Victor Aquino durante anos: as manifestações culturais e musicais da juventude com a moda. Valéria Brandini, antropóloga, doutora em ciências da comunicação, antiga orientanda, como Affonso Celso de Miranda Neto, atual orientando de doutorado, professor no conceituado Colégio Pedro II, continuam a dedicar-se ao estudo dos fenômenos que ainda envolvem essa questão.

Vera Elisabeth Prola Farias, doutora em letras pela Universidade Federal de Santa Maria, atuante nos campos de desenvolvimento cultural, da pós-graduação e do ensino superior no Brasil, ligada à Universidade Franciscana, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, produziu o memorável texto “*Ironias e afetos*”, focado na coletânea de contos **1 hora e 59 contos-minuto**.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Apresentando uma obra colaborativa sobre literatura e sentimento

Também do Rio Grande do Sul aportou uma sensível análise de **Significados da Paisagem**, assinada pelo poeta Moisés Silveira Menezes, sob o título “*Paisagem que excede em significações*”. Autor de incontáveis composições poéticas, livros que se dedicam a definir arte e cultura daquela parte do Brasil, que o fazem detentor das melhores referências literárias, intuiu de maneira original a abordagem da obra de Victor Aquino.

Ainda haveria de se incluir neste livro duas importantes contribuições: uma de Guilherme Rodolfo, outra de Waldenyr Caldas. Na primeira, “*Leitura de Victor Aquino à luz de Villém Flusser*”, volta-se ainda a Significados da paisagem, em uma revisão teórica da apresentação da obra. Na segunda, “*Victor Aquino Gomes Correa*”, ao resgate de uma relação acadêmica e de amizade, que ultrapassa a esfera da Universidade de São Paulo e se fixa em pontos de trabalho comum desenvolvido por ambos, em convivência dentro e fora da universidade.

Guilherme Rodolfo, que foi aluno de Victor Aquino no programa Interunidades de pós-graduação em Estética e História da Arte. Atualmente realiza o doutorado em Filosofia, também na USP. Mantém com ele extensa atividade colaborativa, incluindo a edição das revistas **Estética** e **Metáforas Record**, além da participação no Coletivo Estudos de Estética, o grupo de pesquisa por onde continuam a circular inúmeros desses colaboradores.

Victor Aquino

entre ciência e ficção

*A*presentando uma obra colaborativa sobre literatura e sentimento

Nayá Gomes Corrêa, irmã de Victor Aquino, pessoa que o conhece há mais tempo, contatada por Patricia Bieging, enviou “*Sobre águias e pardais*”, lembrando passagens recentes e outras mais antigas do convívio com ele.

Waldenyr Caldas, sociólogo, antigo colega de Victor Aquino no doutorado em Sociologia, ao tempo em que frequentavam aulas de Ruy Coelho e, entre outros, Ruth Cardoso, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, resgata grande parte desse tempo em um tempo no qual ambos iniciavam a construção de sua trajetória acadêmica. Mais tarde, na Escola de Comunicações e Artes, serviram juntos na direção dessa unidade, tempo no qual acompanhou a publicação de várias obras de Victor Aquino.

Por último, uma referência sobre a inclusão de duas contribuições que têm origem na própria família. Uma de Francisco Tupy Gomes Corrêa, geógrafo, especialista em games, docente no Colégio Visconde de Porto Seguro. Mestre pelo programa de pós-graduação em Audiovisual da USP, onde também desenvolvendo seu doutorado, é sobrinho de Victor Aquino. Foi incluído neste livro com o texto “*Zen e arte literária em Victor Aquino*”, lembrando passagens familiares relacionadas à formação do escritor. A outra contribuição é de autoria de Tulus Sakuma Gomes Corrêa, autor de **Desembarque em Cartagena**. Além de filho, também figura como coautor de uma biografia em progresso, sobre o escritor Raimundo de Menezes. Assina

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*A*presentando uma obra colaborativa sobre literatura e sentimento

aqui “*Convivendo com Cleóbulo de Lindos*”, texto em que relata a formação literária ao lado do progenitor.

Tudo neste livro é transformado em homenagem. Homenagem, por acaso de amigos, colegas e familiares do escritor Victor Aquino que, rompendo as barreiras do afeto, transformam-se em vigorosa reflexão sobre as criações, os cenários, o estilo, a estética e os personagens de um autor que não se cansa de repetir: “*meus personagens são uma projeção de minhas fraquezas e meus defeitos*”.

Um autor volta para casa

Paulo Nassar¹

• I •

Voltar em direção ao passado, guiado pelas memórias escritas, quase orais, registradas no livro *Significados da Paisagem* (2012), de Victor Aquino, é chegar ao Sul de um território imaginado repleto de lembranças e fotografias refeitas, até o limite das tecnologias do recuperar. Fotos pertencentes ao tempo

1. Professor associado, coordenador do Curso de Relações Públicas na USP. Jornalista, mestre e doutor em Ciências da Comunicação. Autor de *Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores*.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*U*m autor volta para casa

pleno da ação de Francisco de Sales Marques Corrêa (1912-1982). A palavra ação está aqui disposta para destacar um Francisco que é protagonista da mediação que se faz entre os leitores desse tempo presente e um tempo já desfeito, quase em ruínas, representado por paisagens e aqueles que as compõem.

Destacam-se, dispostas entre os capítulos do livro, as bem escolhidas fotografias de Tupanciretã e de suas residências, de casas rurais onde a família de Aquino viveu e partiu, de crianças da família Gomes Corrêa, do celebrado Francisco de Sales Marques Corrêa e de muitos de seus aparentados e amigos, esses também recordados nas memórias de Victor Aquino. Fotografias singulares, em sua maioria da autoria de Francisco, que, mais que registros, são a afirmação da força de um homem enraizado em sua terra e em sua família, que aprendeu a usar a máquina que captura e tenta paralisar as imagens no tempo, esse elemento incontrollável e maior do que o homem, devorador de seus filhos e de suas memórias, como bem pintado por Goya, na sua representação de Saturno.

Na abertura de seu livro, Victor Aquino destaca em citação estratégica pinçada de Susan Sontag - pensadora fundamental da fotografia contemporânea - o protagonismo de seu Francisco pai. Sontag fala sobre alguém que “descrevia cada parada de sua viagem como uma peregrinação. E cada lugar podia ser uma ocasião para

*U*m autor volta para casa

uma reclusão inspirada...”. Nesta apropriação garimpada e precisa da frase de Sontag, Aquino sinaliza, para o leitor atento, que o seu pai não é um homem qualquer, apenas alguém, mas um ser da estirpe da pedra que quer ser pedra, do tigre que quer ser tigre como pensado por Spinoza, um homem que persevera em ser o que é (Aisenberg, 2004). Um Francisco que quer afirmar, na medida que avança pelo século até o seu falecimento em 1982, a sua identidade nos âmbitos das paisagens pampeiras do interior do Rio Grande do Sul, das cidades de Porto Alegre e de São Paulo.

É esse protagonismo de Francisco de Sales, enredado com os diferentes contextos, que produz as paisagens escritas de Aquino. Os territórios de sua narrativa não são espaços de fria geometria. Não são apenas topos. São mnemotopos. São territórios promovidos pelas mãos de Mnemosine e algumas de suas filhas, as musas, em lugares de recordação e morada. Um palimpsesto onde Aquino tem um trabalho de raspagem e de reinserção de suas moradas e de suas histórias e fotos familiares. A duração desse trabalho sobre a sua paisagem familiar é talvez o hiato entre a morte de seu pai e o seu renascimento em livro, em 2012.

Esse trabalho do autor sobre as suas origens nos estimula a resgatar os significados amplos da palavra morada relacionado com as suas outras possíveis acepções como habitação, residência, lar, casa, museu e memória. E o estabelecimento desse lugar como uma parte separada

*U*m autor volta para casa

da natureza, onde se pode com segurança ser protegido pelos bons e maus deuses primitivos - aqueles que os gregos nominaram de *eudaimons*: a Amizade, o Sono, o Amor, o Medo, a Morte, a Força, a Velhice, a Cooperação, finalmente os Afetos. Não por acaso, tudo aquilo que forma o ethos da casa e da família, que se projeta e influencia as paisagens mais amplas: a cidade, a região, o país, o mundo e os seus povos. Paisagens que lembram os limites, as divisas, as fronteiras e as paredes como elementos do cotidiano que, além de marcos, significam proteção ao ninho, à terra de origem, à casa, ao humano.

Cassigoli (2010) lembra que o pré-socrático Heráclito pensava que “a casa é o anjo protetor do ser humano”. A morada é o lugar onde nascemos, crescemos e morremos. A defesa e a afirmação desse lugar doméstico e conhecido é a defesa da memória e da identidade e da intimidade do ser. Nestas relações como âncoras da memória localizam-se os acontecimentos da infância, do desprendimento e da morte. É nesses espaços e tempos que Aquino constrói as suas narrativas de pai, de moradas e de família.

O pai protagonista embalado pela citação de Sontag é nos apresentado por Aquino a partir de suas carências: “Toda vez que conversávamos sobre essas histórias de família, ouvindo-o contar sobre datas e idades, impressionava-me muito ainda perceber em meu pai o desalento de não ter tido a oportunidade de crescer próximo ao pai

*U*m autor volta para casa

dele, de conviver com este, de ouvi-lo, de acompanhá-lo na vida com um pouco mais idade. Mas lembrava-se nitidamente do modo de ser do genitor, de como cuidava de tudo à volta, de como quebrava o chapéu na testa, de como montava, ou de como segurava o relho apoiado no frontão do serigote. Coisas guardadas de memória de uma infância longínqua”.

A memória de seu pai não esquecida pelo filho afirmase livro adentro, construindo o retrato do avô reconhecido por meio de palavras quase fósseis em nossa desidratada e digital linguagem cotidiana, que nos transportam de forma precisa para a paisagem pampeira. “Lembrava-se da única vez em que o pai encilhara um petiço manso, servindo-se de um peleguinho macio tingido de amarelo, sobre o qual o montara no animal. Depois, montado ele próprio em seu cavalo, seguiu ao trote curto à frente, segurando uma das rédeas do petiço. Conduziu-o a reboque por uma certa distância , até uns túmulos de pedra que havia dentro da propriedade. Ali chegando, devolveu-lhe a rédea, dizendo: “*Pronto. Agora já sabes como fazer para voltar. Montava sempre o mesmo cavalo. O animal, um baio que, segundo meu pai, “só faltava falar”*. De longe, reconhecia a voz do velho. Se o animal percebia os arreios sobre um cavalete próximo da cerca, já encostava encilhado. Atendia pelo nome de “*Bromado*”. Mas só atendia à voz do dono e de ninguém mais. Qualquer outra pessoa que o chamasse era solenemente ignorada pelo equino”.

*U*m autor volta para casa

E um forte traço do ethos do avô Avelino, em seu momento de morte, é rememorado pelo neto Victor Aquino por meio do que lhe contou o seu pai Francisco: “Entra no único aposento de um casebre existente na tapera e deita sobre uma enxerga forrada de pelegos. Tira a roupa úmida e veste as ceroulas. Deixa-se prostrar sobre a enxerga e cobre-se com o cobertor, o poncho e mais umas cobertas velhas que há no lugar. Começa a suar. Suadouros eram terapias muito usadas naquela época. Acreditava-se que suando bastante o organismo expulsaria os “micróbios” da gripe, da tosse, das constipações e de outros males, acelerando a “cura”. Debilitado pelas extensas jornadas a cavalo, adormece profundamente. É já noite quando acorda com barulho de chuva, que cai torrencialmente sobre o teto de zinco do casebre. Está ensopado de suor. Alguns instantes transcorrem até lembrar-se do cavalo que deixara preso em uma guia para pastar na grama alta ao fundo da tapera. Persegue-o, então, o medo de o animal constipar-se também. Ergue-se num sobressalto. Veste as bombachas ainda úmidas. Calça as botas e sai, direto do suadouro, para a chuva fria. Tossindo e espirrando muito, resguarda o animal em abrigo seguro contíguo ao casebre e volta a dormir. Quando acorda na manhã do dia seguinte está com febre alta, acometido de forte e incurável pneumonia. Longe de qualquer recurso, da família ou mínima existência possível, morre sozinho à noitinha. É encontrado dois dias depois. Victor Aquino comenta esse derradeiro gesto do avô Avelino e destaca

*U*m autor volta para casa

para o leitor que esse gesto dirigido ao seu cavalo Bromado transcenderá a vida a sua vida e a de seu pai. Será esse gesto o norte que guiará as suas vidas, muito além do tempo mítico pampeiro. Diante dessa “reclusão inspirada”, o narrador afirma o que considera capital. “Posso garantir que apenas esse gesto de meu avó, que morreu porque foi socorrer um cavalo, já teria sido suficiente para marcar minha vida inteira. Não foi gesto único a assinalar a minha existência por eu ter acrescido a ele tudo o mais que adveio da vida em família, principalmente no exemplo de meu próprio pai, que também teve origem nesse gesto”.

Outros acontecimentos são narrados pelo autor - a sua relação com o pai, com a cidade de Tupanciretã, os seus poderes (os padres e os professores) e os seus limites paroquiais, que limitavam o progresso do jovem Aquino e de outros jovens. A estação ferroviária da pequena cidade descrita como lugar do desejo de partir, onde, em grupos alternados, todos os moços da cidade se encontravam. “A estação de trem, a via férrea, o movimento de passageiros, as cargas e descargas na cidade representavam algo muito mais expressivo que o transporte ferroviário. Era evento diário visto por muitos, mas que poucos se davam conta do que realmente estava acontecendo”. Mas na interpretação de Francisco de Sales Marques Corrêa “*esses moços estão apenas olhando o trem, que é por onde eles irão embora daqui*”. Ir embora significa abandonar uma paisagem que evitava o fogão elétrico e os eletrodomésticos, que não queria a passagem ali da rodovia federal, que não

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Um autor volta para casa

estimulava os novos empreendimentos, como a Malharia Nayá que os pais de Aquino estabeleceram para substituir o seu negócio de fotografia, o Foto Vitória, ofício e arte que Francisco aprendeu no final dos anos 1930, com um dos grandes nomes da fotografia gaúcha da época, Álvaro Barbeitos, em Porto Alegre.

O menino Victor criou o primeiro *slogan* comercial do novo negócio dos pais: “Concretize sua elegância com Malhas Nayá?”. Em suas férias escolares, entre os anos de 1966 e 1967, Aquino presencia o seu *slogan* ser vaiado, projetado como slide, antes do filme da matiné das 16 horas, *Where the boys are*, uma produção norte-americana de 1960. “Para mim, fato inexplicável. Para o meu pai, não. [...] Aquelas vaias simplesmente fizeram introduzir um começo de entendimento daquilo que realmente era aquele canto de mundo. O imobilismo devia ser garantido por práticas que justificassem a intolerância e o preconceito contra tudo que “*não se sabe exatamente o que é.*” Ou, então, contra tudo que, existindo, “*põe a nu a existência medíocre*” dos circunstantes”. E generosamente Aquino lembra também a existência de outros habitantes daquela pequena paisagem que foram estereotipados por meio de apelidos, mas novamente humanizados pelo autor: o senhor Aristides Santos, Maria Celeste Magalhães da Rocha Falcão, um homenzinho que levava e trazia do posto as vacas do senhor Chiquito Dias, Jorge Adão Gonçalves. Essa dignificação de pessoas hostilizadas pela comunidade de Tupanciretã, promovida pelo garimpar

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Um autor volta para casa

em sua poderosa memória e trazer de volta ao mundo, é arrematada pelo seguinte brado do autor: “Tenho para mim que a cultura do apelido, a maneira atávica de conferir outra denominação às pessoas, nunca de modo carinhoso, mas sempre de maneira jocosa e peculiarmente desrespeitosa, indica o baixo status cultural do grupo, ou comunidade, do qual provém a pessoa que apelida, cognomina ou designa qualquer outro adjetivo para qualificar os outros”.

As memórias transformadas em narrativas contidas em *Significados da Paisagem* têm em sua capa a foto de Francisco de Sales Marques Corrêa a bordo do vapor *La Plata III*, na saída do porto de Buenos Aires, em 11 de julho de 1955. A presença da água ao fundo desta foto nos remete a um mergulho nas águas do rio Mnemósine, para os gregos, um rio vivo e benfazejo, cujas águas bebidas significam lembrar, na perspectiva de eternizar. Consolidar o que foi vivido, mergulhar em uma boa eternidade, como um prêmio sagrado. Victor Aquino, o narrador, é aquele menino que volta sempre para sua casa. Ele sabe que ali jamais estará sozinho.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Um autor volta para casa

REFERÊNCIAS

AISENBERG, Diana. **História del arte**: Diccionario de certezas e intuiciones. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora S.A, 2004.

AQUINO, Victor. **Significados da paisagem**. São Paulo: INMOD Instituto da Moda, 2012.

CASSIGOLI, Rossana. **Morada y memoria**: Antropologia y poética del habitar humano. Barcelona: Editora Gedisa, 2010.

NASSAR, Paulo. A narrativa da reputação. In: d+i Llorente et Cuenca (org). **Reputación y ciudadanía**. Madri: Anatomia de Red, 2014.

*Escrita e formas plurais
de um autor.*
o interessante caso
de tupã gomes corrêa
e victor aquino

Massimo di Felice¹

. II .

ESCRITA NA ÉPOCA DA VISÃO
CIENTÍFICA DO MUNDO

A relação entre texto escrito e ciência nunca foi fácil. A ciência afirma-se como uma nova maneira de ver o mundo e de representá-lo e, conseqüentemente,

1. Professor doutor do Curso de Relações Públicas na USP. Sociólogo e mestre em Sociologia pela Università La Sapienza di Roma. Doutor em Ciências da Comunicação. Autor de *Paisagens pós-urbanas*.

*E*scrita e formas plurais de um autor

inaugura uma nova escrita que não mais se contenta em narrar os fenômenos e a natureza que, enquanto medição exata e comprovação empírica, desenvolvem um tipo de escrita que utiliza fórmulas matemáticas e números. Deve-se a Galileu a invenção desta nova forma expressiva que, para assegurar a demonstração de teoria, necessitava não apenas de palavras, mas de números e cálculos complexos: “existem dois tipos de filósofos: os filósofos que utilizam as palavras e os filósofos matemáticos... Eu sou um filósofo matemático”.

A difusão em larga escala da visão de mundo científica e técnica acabou impondo uma circunscrição da escrita e da tecnologia alfabética às práticas das letras, às nobres atividades filosóficas e às ciências humanas. Fiéis à própria origem positivista, as ciências sociais e a sociologia, em particular, experimentaram a introdução de estatísticas, gráficos e dados numéricos em suas próprias narrativas, tipologias e arquiteturas sistêmicas complexas, visíveis, como as estrelas e os planetas de Galileu, apenas através de lentes e instrumentos amplificadores da visão. A submissão da escrita à lógica descritiva científica faz dos textos e dos artigos produzidos nesta lógica analítica expressão de uma lógica desveladora e precisa. O texto científico se torna uma máquina produtora de explicações e de comprovações, capaz de produzir um conteúdo pronto e autônomo em relação ao escritor e ao leitor. A ilusão da objetividade permeia o discurso e a lógica da escrita científica. Nesta última, o texto apresenta-se

Escrita e formas plurais de um autor

como algo em si, realidade autônoma, mas coerente e plenamente compreensível para a comunidade científica da área de referência. Este novo tipo de escrita é a expressão daquela que Martin Heidegger definia como a “*visão de mundo*” produzida pela ciência, ou seja, a forma de um modelo de conhecimento portador de uma específica ideia de mundo e de natureza.

Em época recente, a belga Isabelle Stengers, filósofa da ciência, lançou um manifesto por um “*ralentissement des sciences*” do sugestivo título “outra ciência é possível”. No texto, a autora denuncia a super-produtividade e a forma compulsiva de produção dos artigos científicos para publicação em revistas acadêmicas. Estes seriam responsáveis pela invenção de um novo tipo de escrita que não pressupõe leitores, mas apenas avaliadores. Esta distância entre os mecanismos de publicação em revistas acadêmicas e as realidades e as questões sociais relevantes marca uma tendência global na ciência que aproxima os cientistas da *fast science* dos consumidores de *fast food*, ou seja, regulamentados por temporalidades industriais e pela lógica competitiva. Este novo tipo de contexto científico seria responsável, portanto, pelo advento de um novo tipo de escrita que nos obriga a uma quantidade de produção significativa de textos escritos para ser aceitos e publicados nas revistas acadêmicas, produtores, portanto, de uma lógica convencional que busca o reconhecimento e, por esse motivo, adequam-se aos padrões de formato e conteúdo próprios deste âmbito.

Escrita e formas plurais de um autor

Além de um tipo de escrita ordenada, o texto escrito pelas revistas científicas produz uma narrativa analítica que se propõe a explicar um aspecto ou um detalhe específico, seccionando e analisando com cuidado os detalhes e as partes que o compõem, com o claro intento de alcançar um alto nível de objetividade sobre o assunto tratado. Tal característica dos textos científicos lembra a distinção elaborada pelo filósofo alemão F. Schlegel, que nos seus *Escritos de estéticas* descreve duas opostas tendências da estética da escrita e do ofício do escrever: “Cada escritor é inclinado quase sempre ou a não dizer muitas coisas que absolutamente deveriam ser ditas ou a dizer muitas coisas que não eram, de forma alguma, necessárias dizer. O primeiro é o pecado original das naturezas sintéticas, o segundo daquelas analíticas” (SCHLEGEL, 1986). Por trás de tal observação está a concepção segundo a qual a forma analítica da escrita produz um texto estático que, ao tentar dizer tudo sobre sua temática, apresenta-se ao leitor como um mecanismo, tendencialmente perfeito, que esbarra nele como a onda do mar bate no corpo que entra na água. O texto analítico mostra-se como um texto pronto, definitivo, que cria, conseqüentemente, um leitor passivo, cuja única possibilidade e função é a leitura do conteúdo do mesmo.

O escritor analítico observa o leitor como ele é; depois faz o seu cálculo e prepara as suas máquinas para produzir sobre ele o efeito desejado. O escritor sintético se constrói e se cria um leitor, como deveria

Escrita e formas plurais de um autor

ser, não o penso como passivo ou morto, mas vivo e reativo. O que ele achou, o apresenta gradativamente perante os olhos do leitor, ou até conduz o leitor a buscá-lo ele mesmo. Não quer exercer sobre dele uma ação determinada, mas entra com ele na sagrada relação da mais íntima sinfilosofia ou sinpoesia” (SCHLEGEL, 1986).

A escrita analítica é disseminativa, anuncia “o verbo”, a descoberta, a escrita sintética busca um diálogo profundo, chamando um leitor ideal a decifrar, interpretar e imaginar o próprio significado. Proibida pela escrita analítica que, ao entregar um texto complexo e objetivo, entrega um texto nascido morto, a interação é, ao contrário, a característica da estética sintética que permite ao leitor atos de liberdades que se constituem como o acabamento do próprio texto.

A poética da obra aberta tende, como diz Pousseur, a promover no intérprete atos de liberdade consciente, a colocá-lo como centro ativo de uma rede de relações inexauríveis, entre as quais ele instaura a própria forma, sem estar determinado por uma necessidade que lhe impõe os modos definitivos da organização da obra (...). Como o fruidor circum-navega a forma, esta lhe se apresenta como várias formas. (ECO, 1986)

A escrita sintética fornece ao leitor, portanto, “um campo de possibilidades interpretativas, como configurações de estímulos dotados de uma substancial

Escrita e formas plurais de um autor

indeterminação, assim que o receptor seja induzido a um conjunto de leituras sempre variáveis” (ECO, 1986). A distinção entre escrita analítica e escrita sintética, proposta por Schlegel, acompanha as transformações do próprio ofício do escritor e de suas próprias características, no debate sobre as qualidades dos artigos e da literatura científica que se espalham no âmbito da multiplicação da produção acadêmica em formato de revista.

O INTERESSANTE CASO DOS ‘PROFESSORES’
TUPÃ GOMES CORRÊA E VICTOR AQUINO

Segundo J. Joyce, o escritor não deveria ter como objetivo a fama ou o reconhecimento. Em diversas ocasiões ele costumava repetir que escrevia os seus textos não pelo público de leitores, mas por apenas um cara, que ficava sentado na poltrona da sala de sua casa, bem na frente dele e cujo nome era J. Joyce. A escrita é sempre um desdobramento de um eu em outro. De um lado o eu-escritor e do outro, pela magia da tecnologia da escrita, o outro eu-leitor. O ofício do escrever comporta sempre um afastamento e, conseqüentemente, uma leitura por parte do autor do texto, geralmente mais de uma, que passa a interferir e a corrigir a obra do primeiro autor; a este se soma o segundo, o revisor do texto que completa e melhora a obra do primeiro. A primeira duplicação do sujeito escritor está, portanto, no seu ser leitor de si próprio e

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Escrita e formas plurais de um autor

coautor do conteúdo do texto. Tal desdobramento marca todos os “eus” escritores e torna-se uma necessidade inquestionável no âmbito da prática da escrita – um pressuposto e uma imposição da tecnologia da escrita.

Mas de diversa natureza é o caso do desdobramento que interessa os professores Tupã Gomes Correa e Victor Aquino e que mostra outro tipo de duplicidade do eu escritor, a qual apresentarei em seguida. Os dois professores são contemporâneos e possuem muitos aspectos em comum: o ofício – ambos são professores na Universidade de São Paulo, ambos são docentes da Escola de Comunicações e Artes, ambos são gaúchos e ambos são escritores de diversos livros. Seria fácil apresentá-los como colegas próximos, quase gêmeos, mas existe entre os dois uma importante diferença que se encontra no conteúdo de seus textos e na própria forma de escrita. A produção do professor Tupã Gomes Correa é, na sua totalidade, uma produção acadêmica e científica, que vai da opinião pública à teoria da comunicação e à estética, enquanto o professor Victor Aquino é, sobretudo, autor de obras literárias, geralmente contos, ambientados nas províncias do Rio Grande do Sul, e que tem como tema o cotidiano, as vidas e as relações sociais de suas populações. Os dois autores são a expressão contraposta e viva da categoria estética da escrita proposta por Schlegel. Enquanto a escrita analítica, própria do professor Tupã Gomes Correa, obedece à lógica científica de descrever fenômenos, revelando minuciosamente as características e

Victor Aquino

entre ciência e ficção

*E*scrita e formas plurais de um autor

a morfologias dos mesmos, a escrita sintética do professor Victor Aquino apresenta todas as características da forma sintética que criam uma ecologia de interação que necessita da interação do leitor, da sua imaginação e da sua bagagem cultural para produzir sentido. Mas esse peculiar tipo de desdobramento estético que interessa os textos dos dois autores exprime uma ulterior e qualitativa característica, decorrente do fato de que os dois professores, Tupã Gomes Correa e Victor Aquino, são a mesma pessoa.

No currículo Lattes do Victor Aquino se lê que “nasceu no Rio Grande do Sul, em 1948, como Tupã Gomes Correa”, retificando o registro civil muitos anos depois. Pessoalmente conheci ambos. O professor Tupã, quando este era diretor da Escola de Comunicações e Artes da USP, e o professor Victor, como colega e diretor de departamento na mesma Escola. A mudança de nome corresponde à passagem significativa de um tipo de escrita para uma outra e, ao mesmo tempo, de um para um outro escritor.

Caso único, o duplo eu dos professores Tupã Gomes Correa e Victor Aquino é a metáfora da nossa condição da escrita, mas, ao mesmo tempo, a metáfora do nosso ser suspenso entre a forma analítica (estática, racional e objetiva) e a forma sintética (interativa, dinâmica e imprevisível). A metáfora da nossa dúplice condição existencial, suspensa entre a visão científica do mundo e as visões outras, as não explicáveis, as do sentimento, as da

Escrita e formas plurais de um autor

poesia etc. A primeira, que nos impõe a explicação analítica e que se baseia sobre a epistemologia de um mundo e de uma natureza, autônomos e separados do humano, forma de conhecimento que nos deu os avanços das tecnologias e, ao mesmo tempo, e contraditoriamente, a certeza da extensão da nossa espécie. É essa que hoje nos fala de Gaia, da certeza científica do impacto catastrófico do nosso modelo de desenvolvimento (apenas econômico) na esfera geológica e climática e, portanto, não apenas na superfície (biodiversidade, florestas etc). É essa que nos avisa com dados e números da próxima extinção da espécie humana devida a processos de desertificação já inexoravelmente em curso e às consequências das mudanças climáticas. A segunda é condição e forma de existência que nos oferece, ao contrário, a esperança de um milagre ou de um explicável e imprevisível evento transformador. Os antigos gregos, ainda não influenciados pela episteme científica, tinham para ela uma segunda condição, um termo preciso identificado pela palavra *aion* (*aion*), que expressava o ato imprevisto e irrepitível, que marcava o acontecimento de algo inesperado.

Suspensa entre as evidências e a objetividade científica, o imprevisível e inexplicável ato criador, a nossa condição² contemporânea não pode que se expressar com uma

2 A etimologia latina do termo condição (do latin *conditio, conditionis*) possui duas diversas traduções, a primeira que remete ao seu sentido de "coerção" e de "vínculo", e a segunda que indica o significado de "possibilidade" e de "oportunidade".

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*E*scrita e formas plurais de um autor

dúplice forma expressiva, a analítica e a sintética. A deslocação do eu numa duplicidade deve ser entendida, portanto, não como a expressão de uma forma e essência dialética, passagem de A para B, mas como um trânsito, ou seja, como aquele particular movimento evidenciado por Mario Perniola que permite a passagem do mesmo para o mesmo:

O trânsito não é um movimento diacrônico (...). O trânsito é um movimento sincrônico que vai do presente para o presente (...). A pretensão de transcendê-lo é absurda quanto pular sobre os próprios ombros... O trânsito não é um fluir incessante que vê a hora suceder a hora, o nunc ao nunc (...). O trânsito é o caminho que vai do presente para o presente (...). O trânsito é um processo que vai de uma presença para uma presença. (PERNIOLA, 1995)

A deslocação do eu literário em um outro passa a assumir hoje a metáfora de uma característica típica da nossa época na qual a quantidade infinita de informações, a complexidade reticular e aos múltiplos formatos nos projetam a passagem de uma identidade e de uma subjetividade para a condição múltipla de diversas formas. Deve-se a G. Simmel o mérito de ter enfatizado, em lugar da identidade e nas estruturas, a ideia de forma. Pensar a escrita e o escrever e em sua dimensão plural e deslocativa significa superar a lógica da oposição entre texto e autor, entre particular e total:

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Escrita e formas plurais de um autor

Assim, sem reduzir à unidade, o que é próprio do racionalismo, a forma favorece a unicidade, mantém a coesão entre os elementos mais diversos. Em outros termos, em um mundo feito de contrastes, esta permite conceber uma ideia de conjunto: aquela da organicidade que agrega, seguindo caminhos diversos, todos os fragmentos do heterogêneo. A dialética tinha a ambição, a pretensão, de superar o contraditório e oferecer, assim, sentido ao mundo, orientá-lo, atribuir ao mesmo uma finalidade. O formismo, ao contrário, agrega todos os contraditórios e favorece um senso que se estingue no mesmo agir, que não se projeta, que vive no jogo das aparências, nas florescências das imagens, a valorização dos corpos. (MAFESOLI, 2000).

O autor plural, expresso em forma inspiradora pelos autores Tupã Gomes Corres e Victor Aquino, é a expressão de um formismo da escrita e da condição da nossa contemporaneidade que é gerada pelos textos dos dois autores a partir de suas contemporâneas proximidades. Um original, tipo de forma-conteúdo que supera as especificidades. Outro, com a dimensão de uma poética existencial, no sentido a esta atribuído por Schlegel:

Um homem verdadeiramente livre e culto deveria poder assumir livremente segundo o próprio prazer uma disposição filosófica ou filológica, crítica ou poética, histórica ou retórica, antiga ou moderna, assim como afinamos um instrumento, a cada instante e em diversos tons. (SCHLEGEL, 1986)

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Escrita e formas plurais de um autor

A forma analógica e sintética da escrita dos dois autores e suas trajetórias existências próximas e diversas, *ao mesmo tempo, formam uma não unidade e uma original deslocação estilístico-identitária já* experimentada por Fernando Pessoa e antes por Odisseu (Ulisses) que, feito errante pela perseguição dos deuses, ao chegar em terras desconhecidas escondia sua identidade, tornando-se sempre outro diverso de si.

Assim vai a Victor Aquino o mérito de ter revelado Tupã Gomes Correa e a Tupã Gomes Correa o mérito de ter inventado Victor Aquino. Sou amigos de ‘ambos’, gosto dos ‘dois’ e aprendi muito com ‘eles’.

REFERÊNCIAS

ECO, U. **Opera Aperta**. Milano: Bompiani, 1986.

MAFFESOLI, M. **Elogio della ragione sensibile**. Roma, Ed. SEAM, 2000.

PERNIOLA, M. **Transiti**. Roma: Ed. Biblioteca Cappelli, 1995.

SCHLEGEL, F. **Escritos de estéticas**. Milano: Biblioteca Sansoni, 1986.

*histórias de vida e
estética do guri
contador de causos*

Patricia Biegging¹

• III •

Numa pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, o cheiro de bolo feito no fogão à lenha toma conta da casa do pequeno Tupã. Sua mãe, muito caprichosa e dedicada, o preparava para oferecer às visitas que chegariam logo mais. O aroma e o sabor das refeições

1. Diretora da Editora Pimenta Cultural. Publicitária. Mestre em Educação. Doutoranda em Ciências da Comunicação. Professora de pós-graduação do Centro Universitário Belas Artes, da Escola de Comunicações e Artes e da FMU. Orientanda de doutorado de Victor Aquino. Autora de Populares e Perdedores: crianças falam sobre os estereótipos da mídia.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

feitas no antigo fogão à lenha, naquele dia, marcaram na memória do menino a primeira tentativa de sua mãe em dar lugar ao recém-chegado fogão a gás. Fogão este, aliás, que virou a sensação da cidade. O novo eletrodoméstico ocupou um lugar privilegiado na cozinha. Claro, não poderia ser diferente. A mãe tirou o bolo do fogão à lenha e o colocou no forno do fogão a gás. Ele só a observar. As visitas chegaram. Foram apresentadas à novidade da época, um fogão que não precisava de lenha. Incrível! O brilhante fogão a gás guardava o bolo e um segredo. Mas ninguém precisava saber. A mesa foi cuidadosamente preparada para a hora do café. As visitas sentaram-se à mesa. Direto do forno saiu o perfumado bolo que foi ao centro da mesa. A admiração era total. Como poderia aquele novo fogão dar conta de produzir o mesmo efeito no preparo dos alimentos que um fogão à lenha? Mamãe guardou segredo. O pequeno Tupã também.

Victor Aquino é um exímio contador de histórias que, com uma memória incrível, prende o ouvinte a cada fato que narra da sua infância. Através dos detalhes oferece total condição para a reconstrução dos atos e dos cenários, como numa peça de teatro ou num filme. Coisas que somente um guri sapeca de Tupanciretã, cidade do Estado do Rio Grande do Sul, poderia lembrar e reviver tão intensamente. A história do pequeno Tupã é apenas uma das muitas que já ouvi entre conversas cotidianas, orientações e devaneios. Lembro-me desta história, com licença para as

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

ressignificações e falhas da minha memória, como se fosse hoje. Pude sentir os cheiros e entrar nos ambientes.

Produtor artesanal de vodka e iniciante na produção de vinho de laranja, apreciador de uma boa cerveja e criador da escola de teatro para crianças e jovens carentes da cidade de São Roque. Victor Aquino, Tupã Gomes Correa, Tullio de Abreu, Suzanne Bertrand e, como me falha a memória, não saberia relacionar os tantos outros pseudônimos usados por ele, mas todos convergem em um único ser humano com risada alta e larga que tem o poder de contagiar a todos a sua volta. Podemos separar a história de vida de Victor Aquino em duas vias paralelas, uma com causos curiosos e engraçados da vida cotidiana que marcaram não somente a sua infância, mas todo o trajeto percorrido por ele; e a outra com uma vasta contribuição acadêmica que marca e se entrelaça com a história institucional da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Mestre, doutor, livre docente, adjunto e professor titular da disciplina de Publicidade. Professor do programa de pós-graduação, por seis mandatos é chefe do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes, com destaque para o seu mandato como diretor desta Escola na Universidade de São Paulo, sendo o primeiro ex-aluno a assumir o cargo. Coordenador de cursos lato sensu, um dos criadores do Instituto Dona Neta tanto em São Paulo quanto em Paris. Foi também

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

participante ativo de diversas comissões acadêmicas em toda a sua trajetória na Universidade de São Paulo. Esse é apenas um breve resumo, até porque este texto não daria conta do vasto percurso do acadêmico Victor Aquino.

Pesquisador com centenas de publicações acadêmicas e literárias. Grande articulador do pensamento entre a obra de arte e a publicidade, Victor Aquino, nos oferece a Série *Aventura Estética da Publicidade*, publicada pela Editora InMod. A coleção com dezesseis livros apresenta estudos acerca da temática estética em relação à moda, remédio, cerveja, violência, jornalismo e muitos outros. Não pretendo aqui dar conta de apresentar toda a coleção, mas realizar o resgate de uma de suas importantes contribuições para a ciência brasileira.

Em *Introdução à Estética*, Aquino (2012) explica que tudo o que é produzido pelo ser humano em toda a história pode ser considerado em uma dimensão estética, fator este que ajuda também na observação quanto às “relações entre épocas, lugares e modos de expressão diferentes” (AQUINO, 2012, p. 9). Salienta, além disso, que através dos estudos da estética podemos entender as criações publicitárias, as quais buscam acima de tudo atender a determinados gostos e preferências dos consumidores. Apesar de o conceito de estética ter ganhado diversos significados ao longo da história, obteve notoriedade quando contextualizado fora do aspecto da obra de arte,

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

sendo atribuído e disseminado popularmente primeiro à moda e depois também à medicina com novos significados.

Na obra são apresentadas as fases e entendimentos da estética, bem como da obra de arte, ao longo da história. De simples manifesto expressivo, a objetos de decoração ou mesmo para exteriorizar determinado posicionamento político, a arte contava com pouco destaque. Mesmo como peça decorativa, na Antiguidade alguns filósofos começaram a perceber a obra de arte como objetos de expressão e reflexão. Para Aristóteles, a arte era mais do que um simples adorno, ela transmitia sensações e profundos momentos de reflexão. “Platão, que a seu tempo já se ocupara desse assunto, entendia que tudo que faz bem ao ser humano é o resultado de uma espécie de combinação entre aquilo que é, e aquilo que não é real” (AQUINO, 2012, p. 15). Já Sócrates sinalizava a beleza na perspectiva do “Bem”, estabelecendo uma relação íntima entre as ambas. Aquino (2012) alerta que outro pensador não pode ser esquecido da história da estética e da obra de arte, Plotino. Plotino, desaparecido em 270 d.C, é considerado um dos filósofos mais influentes da Antiguidade. Dedicou-se às reflexões da estética considerando em suas análises os diferentes contextos de vida e, especialmente, as diferenças entre os costumes e os gostos, fatores estes que alteram a percepção dos objetos.

Victor Aquino (2012) apresenta e discute em sua obra *Introdução à Estética* algumas das principais obras, filósofos

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

e contribuições ao conceito de estética até os dias atuais. Dentre as obras citadas temos “Vida de Plotino” de Porfírio, em que o autor fala de três aspectos: “sobre a beleza”, “sobre a beleza intangível” e “sobre o bem”. Santo Agostinho, venerado pela igreja católica, é destacado com as obras “A cidade de Deus” e “Confissões”. Nos textos o autor enaltece a fé e a perfeição de Deus, tornando-se uma espécie de argumento de defesa para quem o conhecia antes de sua conversão à religião, aos 37 anos. Ao descrever a figura de Deus, Santo Agostinho, o faz com importante ênfase na beleza perfeita. A reflexão sobre o tema fez de seus escritos uma espécie de explicação para a forma com que a Igreja Católica justificava as obras, consideradas, então, exuberantes e perfeitas. A ligação estabelecida entre Deus e a arte sacra abriu margem para que os artistas também recebessem denominações especiais, já que suas produções tinham ligação direta com o Divino através das suas mãos. “Desse modo, artistas como Michelangelo, Rafaello, Bruneschi e todos os outros que construíram e decoraram os templos da época, tinham o talento explicado como ‘dom divino’” (AQUINO, 2012, p. 35). Neste ponto, a igreja passa então a disseminar a sua supremacia e poder, gerando constrangimentos entre os filósofos agnósticos.

A obra faz um apanhado geral dos pensadores e filósofos da arte e da estética. Kant é o filósofo mais importante dos estudos da estética. Contudo, foi com Alexander Gotlieb Baumgarten que o termo “estética” foi

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

instituído para discutir a beleza e as sensações no contato com os objetos artísticos.

Foi Baumgarten quem intuiu que o “sentido da coisa” era mais amplo que a “coisa em si”. Ou seja, que a beleza envolve um processo de produção, de percepção e de entendimento, ou efeitos da obra de arte. Ele cria, então, um neologismo, AESTHETIKOS, para expressar tudo que pode ser percebido pelos sentidos. Se até Baumgarten, antes ninguém pronunciara essa palavra porque ela simplesmente não existia, depois dele todo círculo intelectual da época fez uso dela. Entretanto, quem a utilizou “esqueceu-se” de citar a fonte, ignorando o tratado com o qual o autor introduzira um novo modo de conceituar e explicitar, não apenas a BELEZA, mas o modo como é ela percebida. (AQUINO, 2012, p. 42-43, grifos do autor)

Immanuel Kant, com “Crítica da Razão Pura”, marcou época e remexeu com os estudos sobre a beleza. A estética ganhou novos ares e a retomada de antigos escritos gregos, os quais voltaram ao interesse dos filósofos da época e que se mantêm até os dias atuais. Aquino (2012) também salienta a importância da obra “*Histoire de l’Esthétique*” de Raymond Bayer, publicada no ano de 1961 em Paris. Segundo Victor Aquino, além de classificar essa obra como uma das mais completas em uma historiografia da estética, também é importante como resgate de nomes de filósofos que se dedicaram ao tema e da metamorfose do conceito de estética.

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

Em *Introdução à Estética*, o conceito de estética é apresentado de forma objetiva, marcando o tempo dos seus pontos de mutação e desenvolvimento. Aquino (2012, p. 54, grifos do autor) explica que atualmente a estética tem pouca ligação com o “BELO, ou com aquilo que era entendido como a experiência sensorial do contato com o SUBLIME”. Os múltiplos significados aderidos durante os anos e os séculos passados, hoje, servem para narrar a história de um tempo, dos valores e das percepções de cada época. Hoje o termo serve como uma espécie de termômetro “daquilo que é aceito e daquilo que é rejeitado” (AQUINO, 2012, p. 54). Além disso, atualmente pode-se ouvir falar de estética a partir de diversas percepções. O termo tornou-se popular e falado cotidianamente, está na boca do povo que parece não preocupar-se com os conceitos, com a história, com os momentos de queda e de ascensão da palavra que vem sendo empregada desde 1750, quando criada por Baumgarten. “As raízes culturais do ‘novo’ sentido de estética podem ser localizadas no modo como o ser humano fez evoluir a forma de contato e relacionamento” (AQUINO, 2012, p. 57).

Nessa popularização da estética na fala popular tem um começo, segundo Aquino (2012, p. 57): “Que dizer, portanto, do papel da publicidade nesse processo? Não terá sido ela a responsável por aumentar ainda mais um problema já tão complicado?”. Para tentar responder a

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

estas questões, Victor Aquino relaciona diversas obras² e discute como os movimentos históricos pelos quais passaram o conceito de estética foram determinantes para modificar e até mesmo ampliar o significado inicialmente instituído. Entre os fatores está, também, a publicidade que a partir do século XX mostrou-se com grande alcance e expressividade junto à sociedade em geral e, como diz Aquino (2012, p. 73) “construindo uma estética própria”.

Em sua reflexão sobre a estética, Aquino (2012) explica que essa é uma das formas com que os indivíduos compreendem o mundo a sua volta, orienta, além disso, nossas criações a partir do que concebemos como bonito ou feio, ou seja, daquilo que gostamos ou não gostamos na relação estabelecida com os objetos e com tudo o que nos cerca. “A principal evidência desse atributo é o modo como umas pessoas percebem, compreendem e classificam as outras” (AQUINO, 2012, p. 87). Conclui a obra dizendo que a estética está diretamente ligada ao aspecto emocional dos indivíduos e daquilo que é percebido a partir do seu repertório cultural, das preferências e da construção dos gostos definidos ao longo da vida. Assim, segundo Aquino

2 Entre as obras referenciadas, temos: Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo, de Steven Connor; A cultura como espetáculo, de Eduardo Subirats; A identidade cultural na pós-modernidade, de Stuart Hall; Condição pós-moderna, de David Harvey; Crítica na modernidade, de Alain Touraine; A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna, de Michel Maffesoli; O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas, de Gilles Lipovetsky.

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

(2012, p. 89), através da estética é possível entender os sentimentos gerados nos indivíduos acerca do que é percebido no contato com os objetos e com os conteúdos e, especialmente, entender a habilidade demonstrada na compreensão desta percepção frente à opinião pessoal do que é apreendido esteticamente.

Introdução à Estética é o primeiro volume da série *Aventura Estética da Publicidade*, em que Victor Aquino reflete sobre diversas temáticas a partir do viés da estética. Nesta série, o autor parte dos movimentos artísticos da Antiguidade, apresentando os principais filósofos da época e trazendo à discussão diferentes produções artísticas e conceitos adotados em diferentes épocas até os dias atuais. A estética, como Aquino (2012) salienta no decorrer do seu texto, adotou diferentes sentidos e pode ser atribuída hoje em dia tanto para as artes, quanto para a moda, à medicina ou à publicidade, tendo seu sentido originalmente instituído alterado para cada uma das áreas as quais foi adotada. Na boca do povo, cotidianamente, a estética ganha, também, diferentes significados a partir do contexto e do repertório de cada indivíduo, tornando, por vezes, palavra comum na expressão humana.

Victor Aquino, na série *Aventura Estética da Publicidade*, apresenta mais dezesseis obras publicadas pela editora InMod no ano de 2012. Além de *Introdução à Estética*, temos ainda: *Arte e não arte*; *Caminhos da arte publicitária*; *Arte, gosto e preferência*; *Moda e publicidade*; *As leis da moda*; *Beat generation*

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

Ê Merchandising; Kitsch; Publicidade de cerveja e remédio; A revolução dos feios; Campos de estudo da estética; Melissinha com pochetezinha; Excessos do merchandising; Publicidade, violência e jornalismo; Design e estética utilitária; e Imitação estética na publicidade.

Durante toda a vida acadêmica, Victor Aquino tem se dedicado aos estudos de estética e também à literatura. Esta, sua grande paixão. Contabiliza em seu currículo mais de sessenta artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais, cerca de oitenta livros organizados, mais de trinta e cinco capítulos de livros, superando a marca de setecentos e setenta textos publicados em jornais e revistas sobre temáticas como: jornalismo, política, história, trabalho, educação, além de contos e opinião. Soma-se a esta marca mais de uma centena de trabalhos publicados em congressos nacionais e internacionais. Sua trajetória de sucesso iniciou-se na Universidade de São Paulo em 1969, quando ingressou no curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas. Com uma excepcional carreira que hoje totalizam 45 anos de dedicação à academia, Aquino foi e é um professor atuante. Pode-se dizer, um visionário, que lá por 1997, durante o período em que foi Diretor da Escola de Comunicações e Artes, já começava a elaborar um projeto inédito no Brasil, o curso de mestrado profissional. Projeto este que foi interrompido na gestão seguinte à sua, mas que recorrentemente tem

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

voltado à cena em discussões entre integrantes da geração mais jovem da ECA.

Por vezes ríspido e sem paciência, Victor Aquino pode assustar à primeira vista quem não o conhece, mas não podemos negar, é de uma transparência e sinceridade inigualáveis. Nascido no Rio Grande do Sul, suas risadas e falas altas não negam suas origens que, aliás, são motivo de grande orgulho não somente porque chegou onde chegou, mas porque seu pai, um dos primeiros moradores de Tupanciretã, Francisco de Sales Marques Corrêa, marcou a história da região com registros fotográficos históricos e de grande prestígio. Seus relatos ao relembrar da infância vivida no Rio Grande do Sul são marcados por uma grande nostalgia explicada por momentos em que observava seu pai captar as imagens de personalidades da época. E, até mesmo, ao observar a chegada do primeiro fogão a gás em sua casa e o comportamento de sua mãe frente a ele. O orgulho pela sua terra natal e pela história de vida de seu pai, que está profundamente entrelaçada com o profissional e a pessoa em que se tornou Victor Aquino, foi relatado e documentado na obra *Significados da Paisagem*, publicada em 2012.

A sensibilidade desenvolvida ao longo da vida o transformou em um ser humano compreensível e sem muitas “bobagens”, palavra essa citada por ele em muitos dos seus textos e que tomo liberdade de usar aqui, pois esta talvez tenha sido a forma mais simples que encontrei para

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

descrevê-lo. Sem desculpas, discursos ou entremeios, fui acolhida por Aquino como sua orientanda de doutorado na ECA. Já nas primeiras palavras acreditei que a parceria pudesse dar certo, já que tínhamos em comum a objetividade no cotidiano e no modo de conduzir as tarefas.

De uma parceria de cerca de um ano nasceram um livro e um seminário internacional. O livro *Olhares do sensível*, organizado por mim e por Victor Aquino, reúne pesquisadores de várias das mais importantes universidades do Brasil. Na obra são discutidas questões sobre comunicação e aprendizagem, tendo como foco principal a estética. Entre as contribuições temos: produção, consumo e identidade; estética e imaginário na publicidade; na sequência o cinema aparece como objeto de estudo e discussões nas pesquisas publicadas; a experiência estética das crianças frente ao consumo televisivo; a guitarra elétrica e a cultura *guitar hero*; a análise das redes sociais e da estética da imortalidade; a experiência estética com mídias computacionais móveis; a relação das marcas da piada ao *branded content*; e, por fim, arte, estética e consumo na formação em publicidade. A organização desta obra, muito além de reunir pesquisadores e pesquisas importantes de várias universidades brasileiras, foi um passo considerável para o estabelecimento da confiança e da parceria entre mim e o professor Victor Aquino.

Pessoa segura, comprometida e à frente do seu tempo, Victor Aquino proporcionou-me momentos de liberdade e

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

por vezes de insegurança na organização desta obra. Digo insegurança, pois estávamos iniciando nossa aproximação acadêmica e não queria causar impactos negativos ou mesmo conflitos desnecessários. A leveza com que conduziu todo o processo de desenvolvimento da obra e a forma determinada na solução das etapas foram essenciais para o sucesso não somente da parceria que iniciávamos, mas de toda a caminhada que estaria por vir.

Esta próxima etapa seria o seminário de lançamento de *Olhares do sensível* e de outras obras da editora Pimenta Cultural. Aquino, sempre receptivo e apaixonado por lançamentos de livros, adotou a ideia deste o princípio. Achando que iria assustá-lo com a proposta de palestras rápidas de poucos autores que falariam sobre as suas pesquisas publicadas nos capítulos dos livros, fui eu quem se assustou. Particularmente não gosto de indecisões ou processos longos de discussão, mas sua objetividade e rápida organização, no princípio, atordoaram minhas ideias. Não fugindo de trabalho, aceitei o desafio imediatamente. Como Victor Aquino costuma dizer: “o importante é a festa que vem depois!”.

Na conversa sobre o seminário de lançamento das obras que considere que pudesse levar cerca de duas horas, em apenas quinze minutos tudo tinha sido resolvido. E, rapidamente, outras histórias haviam surgido tão súbitas quanto a organização do evento. Assim surgiu o *Seminário Internacional “Dimensões Estéticas e Tecnológicas em Comunicação*

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

e Aprendizagem”, organizado por mim, por Raul Inácio Busarello, da Universidade Federal de Santa Catarina, e por Victor Aquino. O evento se tornara internacional. Victor Aquino mobilizou o auditório, a data, o horário, a gravação do evento para posterior edição, a transmissão por IPTV e ainda toda a equipe do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para apoiar e ajudar na organização do seminário.

Para quem não o conhece, Victor Aquino pode ser imprevisível. Porém, é interessante a confiança que deposita nas pessoas. Juntos, em poucos meses, realizamos o que poderia levar um ano inteiro ou mais para se tornar realidade. Sua segurança dá forças para que os processos sejam suavizados e, como se diz, fazer com que “as coisas andem”. Em um dia de debates tivemos a honra de receber pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, da Universidade de Sorocaba, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Federal de Juiz de Fora, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da própria Universidade de São Paulo. Além disso, tivemos a participação especial por videoconferência de pesquisadoras do Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação da Universidade de Aveiro, de Portugal. O evento remexeu a academia, trazendo pessoas de referência e a participação ativa do público não somente

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

de forma presencial, mas via internet, transformando a transmissão das palestras uma das mais acessadas dos últimos tempos na ECA.

Todos esses relatos e histórias descritas até aqui não são suficientes para descrever Victor Aquino, uma pessoa multitarefa – como é denominada atualmente quem tem a capacidade de realização de atividades em diversas áreas e situações. Proativo, incrível pesquisador sobre estética, política, cultura e publicidade, contador de histórias e atualmente aspirante a enólogo. Contudo, não poderia deixar de dizer, Victor Aquino é acima de tudo um entusiasta da vida, do mundo e de todas as coisas. Apaixonado, especialmente, por tudo aquilo que atreve a atravessar o seu caminho e tirar-lhe da vida cotidiana, do sossego do seu sítio e dos seus próprios pensamentos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Victor. **A revolução dos feios**. Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 12. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Arte e não-arte**. Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 2. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Arte, gosto e preferência**. Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 4. São Paulo: InMod, 2012.

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

_____. **As leis da moda.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 6. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Beat Generation & Merchandising.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 7. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Caminhos da arte publicitária.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 3. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Campos de estudo da estética.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 9. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Design e estética utilitária.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 15. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Excessos do merchandising.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 11. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Imitação estética na publicidade.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 16. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Introdução à estética.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 1. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Kitsch.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 8. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Melissinha com pochetezinha.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 10. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Moda e publicidade.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 5. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Publicidade de cerveja e remédio.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 9. São Paulo: InMod, 2012.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*h*istórias de vida e estética do guri contador de causos

_____. **Publicidade, violência e jornalismo.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 14. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Significados da paisagem.** São Paulo: InMod - Instituto da Moda, 2012.

BIEGING, Patricia; AQUINO, Victor. A experiência estética no iCinema: sensação e interatividade a partir de narrativas multilíneas. In: Patricia Biegging; Victor Aquino. (Org.). **Olhares do sensível: experiências e dimensões estéticas em comunicação.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2014. Disponível em: <<http://www.pimentacultural.com>>.

_____. **Olhares do sensível: experiências e dimensões estéticas em comunicação.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2014. Disponível em: <<http://www.pimentacultural.com>>.

_____. Vivências sensíveis em tecnologias de comunicação e aprendizagem. In: Patricia Biegging; Victor Aquino. (Org.). **Olhares do sensível: experiências e dimensões estéticas em comunicação.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2014. Disponível em: <<http://www.pimentacultural.com>>.

Ser muitos

Clotilde Perez¹

. IV .

“Viver é ser outro...”

Fernando Pessoa

Conheci como deus ou ainda como vigorosa, ruidosa e significativa manifestação dele, trovão. Surpreendentemente passou à conquistador e vitorioso, o

1. Professora associada do Curso de Publicidade e Propaganda, chefe suplente do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo na USP. Bacharel e mestre em Administração. Doutora em Comunicação e Semiótica. Autora de *Mascotes, semiótica da vida imaginária*.

Ser muitos

que revela que, por imposição familiar de outrora ou escolha deliberada, força e excepcionalidade são constitutivas de sua identidade. Sempre acreditei que os nomes, de pessoas, projetos, cidades, ou qualquer fenômeno de qualquer natureza imaginável ou vivido, carrega valores, importâncias, o que de fato é relevante e significativo para nós. Quando imposto, valores aspirados pelo autor da determinação, quando escolhido por quem os carrega ou nomeia, valores vividos e esperança.

Conheci antes como autor de um dos livros da coleção “Contato Imediato” da editora Global, ainda nos anos 80, com a obra “Opinião Pública, os bastidores da ação política”. Uma referência nos estudos da Comunicação e, em particular, nas suas interfaces com as Relações Públicas e a Comunicação Pública, abordando temas como ideologia, poder, democracia, soberania, todos conceitos de grande complexidade histórica e reflexiva, multidisciplinares, mas trazidos com precisão e leveza, típicos da competência e da maturidade intelectual do autor. Para mim, que chegava aos 18 anos e nem sonhava com o encantamento que a Comunicação e a vida acadêmica assumiriam na minha história, lia e relia achando aquelas reflexões um primor e um presente: como era bom ter acesso a textos que simplificam e ao mesmo tempo contribuem para o nosso desenvolvimento intelectual, sem sofrimento... Como poderia eu vislumbrar que anos depois teria o privilégio de sua companhia cotidiana no seio da melhor Universidade deste país? Presentes que a vida nos reserva...

Ser muitos

Conheci pessoalmente, em 2002, como professor e, posteriormente, como Chefe do Departamento CRP, Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da ECA, na Universidade de São Paulo - USP, posição institucional que congrega o reconhecimento da trajetória e importância acadêmica na área, bem como a capacidade de gerenciamento de recursos e, em particular, de pessoas. A descomplicação, a positividade diante de questões complexas, a flexibilidade, o bom humor e o apoio incondicional às boas ideias e iniciativas de todos, professores, funcionários e alunos, foram e são traços de sua personalidade, o que explica sua trajetória de grande êxito nos diversos cargos ocupados na USP, desde presidências de comissões, chefias, coordenações e direção da faculdade. Aliar características tão distintas com primazia não é comum: ser um excepcional professor e pesquisador e também gestor não é fácil... Nesses mais de 20 anos de vida acadêmica, posso afirmar, com toda a segurança, que conheci menos que o contar dos dedos de uma mão, pessoas com esse perfil: o de ser competente em todas as áreas dessa estressante e saborosa vida universitária.

Conheci gaúcho, tupanciretanense, orgulhoso de sua origem, como deve ser. Para não negar a condição natalina, logo notei seu gosto pela conversa solta, pela história vivida, imaginada, ouvida ou tudo isso junto; pela performance cheia de sentido entremeada de requintado bom humor... Fatos históricos resgatados da memória hibridizados e ressignificados pela imaginação e pela inventividade alegre

Ser muitos

e descompromissada. Ora míticos, ora heroicos, mas sempre verdadeiras epopeias que encantavam e encantam os que têm o privilégio do convívio.

Conheci o avô dedicado e amoroso que se emociona com a beleza, ingenuidade e a inteligência festiva de seus netos; mas também dos filhos dos colegas e amigos, tornando-o assim ele próprio, uma criança aberta à experimentação e ao gozo da vida vivida com sentido, a continuidade.

Mas a melhor maneira de falar de uma pessoa é, a meu ver, por meio de suas criações, suas produções, suas obras. O que edificamos durante nossa vida diz quem somos, o que queremos, percebemos e valorizamos. Trazem nosso sentido de pertinência a este mundo. E falar de um pesquisador-professor-autor nos leva aos seus textos, materialidade física das ideias, invariavelmente, textos acadêmicos, com explorações conceituais didáticas e preocupações pedagógicas, mas no caso, não era tão simples assim... O pesquisador-professor-autor também escreve contos, romances, crônicas, ensaios, dramaturgias..., daí que não foi fácil eleger. Quem navega por tantas áreas como Comunicação, Publicidade, Relações Públicas, Moda, Consumo, Estética e Arte e ainda transita pelos diferentes gêneros literários, com mais de cinquenta livros publicados, nos deixa inebriados, quase sem condições de escolha. Eleger é sempre um sofrimento porque implica em refutar um universo à favor de um, também

Ser muitos

é uma perda. Mas vamos lá. Destaquei o “um” de sua vasta obra, um livro, que desde o seu lançamento me chamou a atenção “O Padre e o Açougueiro”, que tenho o privilégio de ter um exemplar dedicado. A sacralidade de uma instituição milenar, representada pelo homem teoricamente apartado da carne-pecado e o cotidiano prosaico de um comerciante de carne... Me parecia uma aproximação inusitada, o que me induzia à sugestão de uma leitura instigante e divertida pela promessa de uma cena vivida, presenciada ou imaginada pelo autor? Não importa, sempre saborosa!

Em 24 de Julho de 2013, horas após o lançamento de *O Padre e o Açougueiro* no CRP ECA USP, já tinha mergulhado na história localizada em uma distante cidadezinha de tradição pecuarista, nos confins do Rio Grande (“do Sul”, o Rio Grande é tão imenso que se basta na sua singularidade; não conheço gaúcho que se lembre da existência de um Rio Grande do Norte...) em tempos passados há mais de um século, o que garantia o contexto de fartura, mas também de tradições e condutas sociais rígidas, emoldurando pessoas, construindo a hipocrisia parasita “nossa”. Ou como melhor se refere o autor “Gente para a qual sobrava o que havia de material e faltava de lustro em solidariedade e generosidade” (p. 13).

Os ingredientes eram extraordinários, cidadezinha pequena e distante, tempos longínquos, paróquia em que não parava padre algum, a mulher do fazendeiro local que

Ser muitos

mandava em tudo e também na igreja, o açougueiro, a filha do açougueiro, o médico... E mais, a chegada de um padre vegetariano! No melhor “estilo” caverna de Platão (428/348 aC.), como pode um padre ser vegetariano em terras pecuárias? Tamanha inovação (a realidade vinda de fora da caverna) tinha que ser combatida (como no mito grego da caverna, quem trouxe a inovação “de fora” era achincalhado e tinha de morrer). Como atrapalhar a normalidade da vida horizontalizada pelo repetir do cotidiano que fazia fortalecer cada um dos atores em seus sempre fixos lugares? O poder, na história representado pela mulher do fazendeiro que “cuidava” da vida alheia e da igreja e o pretense poder institucionalizado do padre, em franca tensão. E a mulher mandava mesmo, “Ao que parece, segundo qualquer um podia entender, ela mandava e desmandava com um padre ou sem um padre presente na paróquia. Era como se fosse ela mesma a representante de deus na terra” (p. 15-16).

A mesa posta, atores em cena. Ingredientes perfeitos para uma narrativa com relevo envolvente. E é. As tensões foram sendo apresentadas misturadas pelo caminho adentro de cada personagem. Pouco a pouco se conhece mais de cada um, o que costura o percurso inevitável da iminência dos conflitos. Por que nenhum padre parava na paróquia de Guambu-Guaçu? O primeiro desvendar se apresenta pelos conflitos entre a mulher do fazendeiro, Dona Vivi Knaupp e o padre Max Lamborghini, que desde as apresentações formais ficaram evidentes. Dona

Ser muitos

Vivi determinava os horários da missa, ao que padre Max não acatava, impondo com delicadeza seus anseios. A mulher tentava impor o tom condenatório da homilia, sugerindo que o padre criminalizasse um grupo de cidadãos que tinha aberto um centro espírita na cidade, ao que padre Max respondeu com um sermão em torno do amor e da autolibertação da arrogância, do preconceito e do egoísmo. E o embate crescia.

Pelas suas características físicas, o padre, descendente de italianos, não tardou em ser chamado de judeu, claramente em decorrência da maledicência de Dona Vivi Knaupp e de seus multiplicadores de amargura. Mas a maior ofensa ainda estava por vir. Dona Vivi estava indignada porque o padre não comia os bifés, almôndegas e assemelhados que ela enviava a ele, uma vez que era responsável também pela alimentação do sacerdote. Ao questioná-lo, o padre responde que é vegetariano. “Aquilo soou como uma bomba em um território onde todo mundo já nascia comendo carne” (p. 20). E o hábito alimentar pessoal do religioso virou de domínio público, quase pecado e alvo de comentários degradantes e indignações de toda a cidade. O tema adentrou a reunião dos jovens, onde estava presente a filha do açougueiro, Maria Isabel, professora na escola local. A moça, que havia sido “deixada” às vésperas do casamento (pelo sobrinho de Dona Vivi) e que apreciava os bailes locais, o que rendeu a alcunha de “Maria Sovada”, contou a notícia a seu pai, o açougueiro Malaquias, que ficou intrigado, uma vez que fornecia boa

Ser muitos

quantidade de carne à Dona Vivi tendo como destinatária a alimentação do pároco.

Desde que soube que padre Max era vegetariano, Dona Vivi Knaupp não ia mais à casa paroquial, mas mandava a comida por uma de suas empregadas. Nessa rotina, a menina Simplíciana, encarregada da tarefa, adentra a casa paroquial e é atraída por risadas e gemidos vindos do fundo da casa. Com a porta entreaberta, a menina visualiza o padre Max com Maria Isabel, ambos em “trajes menores” em franca diversão. Claro, corre ao encontro de Dona Vivi para contar-lhe o ocorrido, com riqueza de detalhes e, possivelmente, muita imaginação pueril. A megera se delicia com a história “... ato de inominável calamidade moral, que punha em risco a segurança daquela vidinha regularmente vigiada por padrões dos quais ela própria era o agente mais qualificado...” (p. 29). Estava ali, diante da fera, a oportunidade de acabar definitivamente com o padre Max. Não tardou em convencer o editor do jornal local a publicar uma edição inteira, pagando integralmente todos os custos e zelando pela sua franca e rápida distribuição na manhã do domingo. E em três quadrinhas apócrifas, deu-se assim a difamação:

Na noite de sexta-feira
Fato grave aconteceu
Acharam Maria Sovada
Na cama com o judeu.
Na sacristia sagrada

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*S*er muitos

Em frente à Virgem Maria
O padre e a mulher sovada
Pecavam e ninguém mais via
Cansado de dizer missa
Sem se dar conta do mal
O padre vegetariano
Provava do amor carnal

E o objetivo foi então alcançado. “Nunca se soube exatamente qual terá sido sua reação. O certo é que não ficou ali nem mais um instante para dar qualquer explicação... Sem vestir batina, pegou a bicicleta e tomou o caminho da cidade vizinha, sendo apenas avistado na estrada, de longe...” (p. 35). Padre Max Lamborghini desertou e Maria Isabel caiu novamente na “boca do povo”, mesmo com todas as dúvidas sobre a realidade dos fatos. Afinal, havia um alibi do médico da cidade que havia dado carona à moça vinda da zona rural, além do fato de ela ter trabalhado com o pai o dia todo na separação dos utensílios para uma “carneada” que ocorreria na manhã seguinte. Dona Vivi, na dúvida sobre a veracidade da história contada pela menor e receosa de que descobrissem a autoria da publicação, não teve dúvida, despachou a guria por meses para outra cidade.

Estrago feito, amenizado apenas pelo relato do médico José Mattos Sobrinho, que afirmou ao bispo da diocese, Dom Sinfrônio Weiss, a quem o religioso respondia, que jamais Maria Isabel poderia ter estado com o padre Max

Ser muitos

na casa paroquial, ao menos naquele dia e horário. Depois de acender um charuto, o bispo concluiu que tudo parecia ser uma grossa mentida da megera Dona Vivi Knaupp contra o padre Max Lamborghini e a filha do açougueiro. Mas o bispo sagaz aproveitou a oportunidade para acabar de uma vez com a história de que padre nenhum parava na paróquia em Guambu-Guaçú e iniciou a busca de um “vigário ideal para um povo doentamente desnordeado” (p. 43), que fosse mais soldado que general, que não tivesse pretensões políticas, nem buscasse desenvolvimento na carreira eclesiástica, que fosse imune a qualquer tipo de assédio, pressão, simpatia ou antipatia. E acabou por escolher o padre Sinfrônio Bernadet, que ali ficou por mais de 50 anos. Padre Bernadet proporcionou à cidade a presença de um religioso permanente, mas do mesmo modo, parecia cumprir com a missão de retardar o processo de evolução social, cultural e econômica da cidade: tudo era religiosamente mantido como antes, mesclando o presente e o futuro retidos no passado.. “Uma cidade pequena que continuou pequena, enfrentando dilemas, escândalos e acidentes” (p. 101). Lugar de sofrimentos.

Mais do que clareza, objetividade, precisão e bom humor, características inquestionáveis da obra *O Padre e o Açougueiro*, o autor joga com sua capacidade de conversador, nos oferecendo a riqueza descritiva dos detalhes de personagens, lugares e acontecimentos, com a sensibilidade das interpretações e juízos diante deles. Apesar da concretude da história, a leveza da forma

Ser muitos

narrativa é um convite à imaginação, associando história contada, com a história de cada um... Semelhanças com outros padres, açougueiros, senhoras autoritárias, moças, médicos? Certamente muitas.

O Padre e o Açougueiro é uma metáfora da condição humana no mundo. Convicções, regras, ignorância, intrigas, poder, difamação, hipocrisia, sexo e lampejos de afetos. Mas a superação da ignorância passa, como os gregos já atestavam há muitos séculos, pelo domínio das coisas sensíveis (*eikasia* e *pístis*) e pelo domínio das ideias (*diánoia* e *nóesis*). O mundo das ideias é o mundo “verdadeiro”, da perfeição, do conhecimento, mas a maioria da humanidade vive no mundo sensível apenas. Sair da ignorância, lutar contra falsas crenças, preconceitos, ideias enganosas que deixam a todos inertes em suas poucas possibilidades, deveria ser o objetivo da vida de cada um de nós. Em Guambu-Guaçu a força social que “igual caranguejo dentro do saco que impede o outro de sair puxando-o pra baixo”, achata e aniquila qualquer possibilidade de mudança. Todos vivem no mundo dos fatos cotidianos e não alcançam as ideias. Uma história longe no tempo e no espaço, mas que se encontra presente perto de todos, muito concreta.

Retornando ao nosso quase-patrício Fernando Pessoa “Viver é ser outro...”, tomo a liberdade de expandir a ideia do poeta... Viver é ser muitos... Plurais. No exercício pleno de nossas múltiplas capacidades, esgarçando as bordas, as

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Ser muitos

regras, padrões, imposições, desafiando certezas, limites e modelos. Exercício da liberdade que nos dá a certeza da vida. Como Clarice Lispector nos brinda “Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada”, assim também é Victor Aquino, muitos. Vive a vida integral, com imensa diversão e divertindo, para além dos ditames da razão e do esperado socialmente. Ensina, surpreende e emociona.

E foi assim que conheci Tupã, Victor Aquino, gaúcho, querido professor, autor, romancista, dramaturgo, contador de histórias, chefe, amigo... A você, Victor, todo o meu reconhecimento e minha gratidão pelo privilégio do convívio e pela permissão de compartilhar os melhores afetos.

Victor, será que a família de Dona Vivi Knaupp comia a carne destinada ao religioso, enquanto o religioso comia a filha do vendedor de carne, o açougueiro? Ou a filha do açougueiro comia o religioso que não comia carne porque era vegetariano? Vai saber... Muitas possibilidades...

*Olhares que
transformam
o mundo*

Oswaldo Ceschin¹

. V .

Pode-se considerar o Autor de uma obra de arte como um criador de símbolos, como um símbolo heroico de sua própria vida. Esse pensamento que me vem à memória, inspirado em Octavio Paz, supõe uma transformação de algo em presença mais viva da matéria que o originou.

1. Professor doutor em Filologia e Língua Portuguesa na USP. Licenciado em Letras. Doutor em Língua Portuguesa. Autor de *Poesia e história nos Cancioneiros Medievais*.

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Olhares que transformam o mundo

Uma epígrafe que eu deveria mencionar resume bem, em duas vozes, a do verdadeiro Protagonista de uma obra preciosa e de seu Autor:

“...o mundo é feito de coisas desiguais. De coisas, gentes, geografias e pensamentos”.

A primeira afirmação é de Francisco de Sales Marques, a personagem inspiradora de um livro incomum; a segunda de seu filho, Victor Aquino, seu biógrafo, Autor que o marcou como um ser humano extraordinário, como um símbolo de transformação de sua própria vida e a de quem ele gerou ou a de quem o conheceu.

A grande função da língua escrita é a de materializar as impressões que a cada olhar ou a cada novo ponto de vista que podemos recolher com os olhos do corpo ou os da alma, para simbolizá-las e assim as transmitir aos que puderem conhecer. Se a língua escrita gera imagens, como outras formas de expressão, gera também sentido e como toda linguagem, é significado. Se o sentido é específico da compreensão individual, o significado é plural às diferentes compreensões da leitura, nem sempre coincidente com a intenção da fonte de emanção da linguagem. Sentido e significado estão lá e é desejável que se fundem na apreensão da mensagem.

Como homem do campo, do trabalho, da percepção do meio, comerciante e como fotógrafo, Francisco de Sales

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Olhares que transformam o mundo

cultivou e produziu Arte, doou afeto como pai, marido filho e irmão e distribuiu ensinamentos; como cidadão foi exemplo; desde muito cedo um obstinado pelo bem e pela justiça. A obra que exalta sua vida plena de significados e experiências, tem o sentido, o propósito, o mérito e o sucesso de o demonstrar.

Pode-se entender o conteúdo de *Significados da Paisagem* de Victor Aquino como a fixação do essencial, como valorização de uma vida e respeito à sua memória. Um objetivo exitoso pela emoção que o livro provoca, pela Arte que contém e pelos sentimentos e ensinamentos que transmite.

A reconstituição histórica de uma vida, um trabalho biográfico, pode alcançar bom resultado se não se limitar à exibição do passado, se tiver compromisso com o presente e o futuro nesse breve percurso da vida humana. Precisa mostrar o núcleo sagrado da gênese que perpetua a vida e dá continuidade desse núcleo onde estão o caráter, os afetos, os traços mais preservados do que constitui o ser e o liga indelevelmente a sua “gens”, a família. As variações individuais não apagam os traços comuns. Expõe-nos mais ou menos visíveis, ao correr do tempo. Francisco de Sales Marques teve a retribuição de suas virtudes herdadas, desenvolvidas e transmitidas pelo mérito, talento e devoção de seus descendentes, como se vê nesse trabalho de seu filho Victor Aquino.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Olhares que transformam o mundo

O inspirado Prefácio de *Significados da Paisagem*, a respeito das mudanças tecnológicas atuais de captação de imagens, as quais o fotógrafo Francisco de Sales não pôde conhecer, por sua morte em 1982, bem observa:

Uma coisa, entretanto, ele deixou. Independente da tecnologia ou da evolução da fotografia que se seguiram, ele legou à família o amor pela imagem. Era algo tipicamente dele no dia a dia, esse modo de olhar as coisas como se fossem retratos. Tinha a curiosidade do olhar, a imaginação visual e, sobretudo, o sabor da arte. Características suas que estão presentes em todos nós, filhos ou netos. Pois também restou dele um modo de transmitir esse gosto a todos na família. Chego mesmo a imaginar como minha filha e meu filho, que são ainda muito pequenos, vão lidar com tudo isso em alguns anos.

As fotografias que ficaram com a família – e são milhares – representam um acervo de imagens no qual transparece a sobriedade, o esmero e a genialidade de um grande profissional.

E na conclusão do texto, sabiamente:

E meu pai é o resultado de um trabalho acabado do pai dele. Ou, nas palavras de meu avô, sobre o processo de formação de uma pessoa: ‘a educação de um filho começa cem anos antes de o avô dele nascer.’ Eis porque na vida humana tudo é continuação.

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Olhares que transformam o mundo

A imagem pode multiplicar os sentidos, inspirar outros e valorizar o instante superando o esquecimento e a dissolução. Para o filósofo ítalo-alemão Ernesto Grassi, a imagem tem poder sobre a palavra racional. Trata em uma de suas obras da importância da imagem, em todas suas formas, como instrumento da arte, da retórica, de muitas expressões... Cria os efeitos, os afetos, os meios de atração, de produzir emoções, de tocar a sensibilidade, de comover, ou seja, fazer-nos mover em direção ao foco de irradiação. Pelas muitas linguagens produzir, criar, fazer Arte!

A obra de Victor Aquino é também arte acerca de um artista a despeito e, também por causa, da relação entre Autor e Personagem retratado, traz a sensação não apenas de homenagem, mas também de reverência, uma empatia estilisticamente construída pela memória e pela reunião de elementos descritivos e narrativos de uma personalidade impressionante, cuja figura se projeta com toda dimensão, sobre um tempo marcado pelo *continuum* de um século, em que virtudes, experiências, dificuldades e superações tais como a repetir a trajetória heroica de ancestrais.

Francisco de Sales vai acrescentando outros seres a essa linha de três séculos de um clã exemplar, com coragem, marca genética permanente, acrescida da abnegação, do esforço, do trabalho intenso e agora do talento que mais visível se manifesta.

A imagem projetada no texto assume não apenas uma dimensão poética, mas também humana e comprometida

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Olhares que transformam o mundo

com a honra de que tem a responsabilidade de transferir aos sucessores uma tradição sagrada. Um culto à origem e à herança de valores imemoriais.

Parece que a Personagem tem consciência de sua missão. Esta é uma das grandes virtudes de seu biógrafo na estruturação metódica do livro épico, com estilo próprio de quem retrata a cada personagem com o traço que lhe é peculiar; uma multiplicidade de discurso na descrição de cada um, reservando num plano especial, que perpassa todo o texto, a marca do estilo nobre da expressão para o Protagonista. Isso aumenta em último grau a virtude da obra do ponto de vista de sua natureza literária.

Também a estruturação do livro apresenta notável distribuição da matéria em uma arquitetura perfeita em seus trinta e sete capítulos, todos com seus títulos particulares, sabiamente dispostos, inclusive as duas capas com suas orelhas ou abas pertinentes e oportunas. A capa, com uma foto valiosa de Francisco de Sales tem no todo uma função estética insubstituível. Não é uma imagem de ilustração, mas uma imagem de revelação, de significado e exaltação.

Se há pluralidade nas qualidades e sensações expressas nas formas, essa foto as reúne em um só sentido, transformando-a em unidade temática, que se harmoniza com o todo do livro e expressa a sua mensagem.

*O*lhares que transformam o mundo

Com perspicácia o título propõe um tema. Não é a dispersão de imagens visuais que documentam e ilustram as partes várias; não também dos ambientes culturais, sociais, familiares, geográficos, externos e internos. Há uma unidade narrativa que se oferece ao privilegiado leitor e à leitura. As pequenas cidades, lugarejos fronteira do Rio Grande, a Porto Alegre, o gaúcho, a São Paulo de meados do século XX, a vida trabalhosa e dura que compõem a Paisagem humana e geográfica, captada e examinada pelas Câmeras e pelos olhos argutos e seletivos geradores de um roteiro de variedades de assuntos transformados em imagens e experiências, que, do Pai inteligente e atento desde a infância, passam ao Filho-escritor que as recolhe como dádivas e as verbaliza em novas e nítidas imagens oferecidas ao privilegiado leitor, testemunha da criação fotográfica e verbal de uma pessoa que imortaliza pelo seu legado literário a extraordinária imagem do Pai. Se os significados se multiplicam na Paisagem, também se multiplicam os olhos que a observam em cada aspecto, em cada detalhe.

A paisagem caracteriza um espaço que se torna acessível à visão ou ao espírito, eventualmente, pela memória. Real ou virtual a paisagem pressupõe certo contato físico que a torna às vezes familiar. A paisagem natural às vezes intocada provoca curiosidade e interesse do pesquisador da natureza, pesquisador ou simples admirador. A paisagem cultural é produto da ação humana, social, posta a serviço de uma comunidade; do conceito radical latino:

Olhares que transformam o mundo

“*pagensis*”. derivado de “*pagum*”. Formou no francês “*pays*” e “*paysage*” que passaram a outras línguas latinas, como o português e o espanhol.

O “país” tem suas marcas na paisagem, natural ou cultural; forma imagens familiares aos seus habitantes e a quem o visite. Como o país, a paisagem acolhe os seres como de seu espaço próprio quando ali vivem bastante ou desde infância. Mas a necessidade de muita gente é descobrir novos espaços, ambientes que lhe acolham e regiões em que se integrem como “naturais”. As relações com esses espaços geográficos geram nos seres sensações variadas e muitas vezes profundas, mesmo em pouco tempo.

Creio que a figura de Francisco de Sales foi um desbravador de espaços, dentro de suas possibilidades. Um olhar atento sobre a Paisagem, humana, geográfica, social e cultural que buscou em seu tempo extrair dela tudo o que pôde para fixar no tempo. Escolheu seu método, seus meios com a intuição sábia de que também ele, como filho e pai, era um elo da cadeia da continuidade na superação do efêmero e do transitório. Viveu pela vida de resistência ao tempo e ao passageiro.

Nos trinta e sete capítulos, episódios de uma arquitetura literária muito bem construída com personagens e tipos, figurantes e grupos diversos, avulta a figura de um herói natural, cujas características físicas, psicológicas, morais pode-se associar a fortes personagens da literatura dos

Olhares que transformam o mundo

séculos XIX e XX, identificados por ações e atitudes de coragem, ousadia, sabedoria, inteligência, integridade, como capazes de romper as limitações do meio e demonstrar com coerência e ações, sem abandonar crenças e, principalmente, seus projetos, para realizar seus anseios de perpetuar seu trabalho, de realizar concretamente seus desejos de aperfeiçoamento pessoal, profissional e constituir com sua família um núcleo de continuidade humana com seus valores.

Conseguiu criar condições de perpetuar sua “*gens*” herdada, sinalizar sua trajetória, acompanhá-la em seu momento e testemunhar com energia ancestral o início de novo ciclo.

Também em seu trabalho foi capaz de registrar a natureza e as pessoas, dando-lhes vida, significado e sentido. As fotos que documentam sua técnica e sensibilidade expostas no texto- monumento em sua homenagem secular são exemplos de seu olhar com alma, ciência e criatividade.

Os exemplos apresentados nos *Significados da Paisagem*, pela notável narrativa de Victor Aquino, o atento observador e curador zeloso da história paterna, comprovam a permanente capacidade de saber olhar o mundo e de se interessar por ele, capacidade que fez de Francisco de Sales Marques Corrêa um artista. E não perdia a ocasião de transmitir sua experiência para o ensino de alguém, como se observa no episódio “*Sputniks*”, maçonaria e a mão de Deus”.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*O*lhares que transformam o mundo

A narrativa fluente de Victor Aquino nesse seu livro tem alguma relação com as características nos contos de recolha histórica, que ilustram a história das gentes, da sociedade e da paisagem em que se movem. Formam antiga tradição de registro de retratados com suas marcas personificadas: virtudes, defeitos, com humor, ora com rigor, destratando os antagonistas e transgressores, mas com valoração das virtudes, do bem, da generosidade, do talento. O que se destaca na narrativa de Victor Aquino, entretanto é seu domínio da linguagem e do estilo, próprios de cada gênero da tradição: o épico, o trágico, o dramático e o cômico. De certo modo, o Autor os explora segundo as circunstâncias, realçando virtudes e apontando vícios. Qualidades e defeitos recebem suas cores devidas.

A comédia para os antigos e medievais era um gênero especial de nível baixo ou médio construído com personagens históricas, raramente ficcionais. Eram seres reais, vividos e sabidos, com suas qualidades e defeitos. Raramente merecem um estilo mais elevado... Na comédia tradicional poucos passavam de um nível para outros. A Comédia de Dante traz a marca do gênero, com a procissão de figuras reais, conhecidas da história. No caso da sátira, a marca está na linguagem depreciativa, com mais de um nível que vai do mais baixo ao médio ou até um pouco mais alto, com agressividade controlada e exploração de figuras e imagens contidas no duplo sentido, na ironia ou na paródia.

Olhares que transformam o mundo

Victor Aquino como Autor e Personagem (oniscientes) conseguiu com sua habilidade com a linguagem, no caso narrativa e descritiva, exercitar seu talento desenhando com seu estilo, nas muitas personagens que povoam a Paisagem do universo do Protagonista, vários perfis que vão se estabelecer em diversos degraus na galeria dos retratados e figurantes circundam a vida de Francisco de Sales e de outros membros de sua família, de sua gente. Seus retratos são absolutamente definidos: para o Alto ou para o Médio ou para o Baixo. A sátira se manifesta várias vezes na galeria. Às vezes com jocosidade indo ao sarcasmo. Outras, ao patético.

A leitura agradável do texto vai fazendo justiça a cada um colocando-o em seu lugar. Dois merecem a exaltação, ao lugar sagrado dos heróis: O Pai, o centro e a razão desse livro épico e seu filho Vargas, prenome no caso, não sobrenome. (Vargas é vocábulo de origem ibérica, presente tanto na Espanha como em Portugal). Vargas é o irmão de Francisco de Sales cinco anos mais velho que o irmão caçula, um anjo da guarda deste. Também com traços elevados na galeria é o avô Avelino cuja morte ficou na memória de Francisco como narrado em *Significados da Paisagem* “Mortes na Guerra e Pneumonia”

Francisco de Sales é um herói clássico que se esquiva da tragédia, contorna dificuldades desde a infância, entregue pela mãe aos cuidados do cunhado, um homem cruel, consegue, apesar das vicissitudes, superar adversidades

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Olhares que transformam o mundo

e com paciência e obstinação tornar-se um homem de coragem, sabedoria e talento como artista e exemplo de Pai e cidadão. Um verdadeiro elo entre seu passado e o futuro de sua “gens”. Ulisses ou Enéias modernos sem necessidade de vítimas ou da guerra. Nas argutas palavras de seu filho-biógrafo que o retratou, que enxerga com “olhos da alma” a figura maiúscula de um verdadeiro “*Pater familiae*” destinado a transitar do passado ao presente antevendo o futuro.

Outra personagem heroica é o irmão Vargas, típico personagem trágico, uma espécie de mito aos olhos do irmão menor. Digno das palavras com que Vitor Aquino o descreve e narra sua vida épica e trágica ainda muito novo, demonstra a virtude dos heróis da literatura, sabe defender o bem e os fracos. Vargas é um irmão exemplar, filho amoroso, com destino marcado por circunstâncias desfavoráveis, valente e justo, Um Heitor ou um Aquiles sem cólera, que enfrenta perigo e ameaças e que antes de cumprir seu breve tempo de vida ainda teve o cuidado de orientar o irmão, quase cativo do cunhado, a percorrer com coragem a longa jornada de retorno à casa materna, aos braços da mãe. Para continuar sua missão! Que seu Filho hoje recorda para perpetuá-la!

No centenário do nascimento de Francisco de Sales Marques Corrêa a construção cuidadosa e preciosa desse livro em suas cerca de 530 páginas de minucioso e inspirado trabalho, de pesquisa e longa elaboração, de

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Olhares que transformam o mundo

linguagem exemplar de poesia e arte, é um tributo que Vitor Aquino presta a seu Pai, à Família, à região dos pagos onde a história se iniciou, a seus ancestrais desde o século XVIII, ao estado do Rio Grande do Sul, de que este livro se torna documento, como testemunho de sua tradição.

É preciso lembrar também os momentos da Paisagem de São Paulo e em articular a Universidade de São Paulo, onde este Livro se materializou e onde Victor Aquino exerce, desde 1978, atividades de docência, pesquisa e extensão. Por ela se graduou e obteve títulos e cargos que o dignificam como Professor e Intelectual. Seu currículo é extenso e justifica a qualidade de suas obras e sua produção acadêmica. Por isso também como Autor e personagem de *Significados da Paisagem* merece as honrarias que orgulham sua Família e deram alegria a seu Pai, enquanto esteve entre os Seus.

Mas também é justo que se faça um elogio à neta e aos netos de Francisco de Sales Marques Corrêa, que deram sua valiosa colaboração ao Livro que faz honra ao Avô. No Prefácio de Thaís Gomes Corrêa e nos textos finais de Francisco Tupy, comovente relato do Primeiro Posfácio, e nas sábias reflexões de Tullius Sakuma Gomes Corrêa, “Sófocles e o Sentido da Vida”.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Olhares que transformam o mundo

Transcrevo, para concluir esses apontamentos a respeito de *Significados da Paisagem*, a última estrofe do Poema de Tupã Gomes Corrêa que constam na página 513:

“Meus eucaliptos”

...

Essas árvores

São como meu pai

Que abreviam no próprio tempo o que são e o que
querem dizer”

“Obrigado, pai.

Aos leitores de *Significados da Paisagem*, suas imagens,
sentidos, emoções, arte, Vida!

REFERÊNCIAS

AQUINO, Victor. **Significados da Paisagem**. São Paulo. Inmod, 2012.

GRASSI, Ernesto. **Poder da Imagem, Impotência da palavra racional**. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1978.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. 4a.ed., São Paulo, Perspectiva, 1996.

Paisagem que excede em significações

Moisés Silveira Menezes¹

. VI .

A Carta de Budapeste da UNESCO (2002) ratificando a Convenção do Patrimônio Mundial de 1972 define as paisagens culturais como bens culturais que representam as obras conjugadas do homem e da natureza e ilustram a evolução da sociedade humana e a sua consolidação ao longo do

1. Coronel reformado da Brigada Militar, Rio Grande do Sul. Licenciado em letras (português e espanhol). Pesquisador de cultura gaúcha. Animador cultural. Compositor. Autor de *Tupanciretã: tempo de (in)confidências*.

*P*aisagem que excede em significações

tempo, sob a influência das condicionantes físicas e/ou das possibilidades apresentadas pelo seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, externas e internas. Também classifica as paisagens culturais em três categorias principais:

- A paisagem intencionalmente concebida e criada pelo homem por razões estéticas (jardins, parques).
- A paisagem essencialmente evolutiva. Resulta de uma exigência de origem social, econômica, administrativa e/ou religiosa. Subdivide-se em duas categorias:
 - uma paisagem relíquia (ou fóssil) é aquela que sofreu um processo evolutivo, mas que foi interrompido num dado momento do passado. Porém, as suas características essenciais mantêm-se materialmente visíveis;
 - uma paisagem viva conserva um papel social ativo na sociedade contemporânea, e está intimamente associada ao modo de vida tradicional e na qual o processo evolutivo continua.
- A última categoria compreende a paisagem cultural associativa.

Portanto, vê-se que é sob esse ponto de vista que a obra *Significados da Paisagem*, de Victor Aquino, se apresenta

*P*aisagem que excede em significações

para o leitor, pois é no contexto da paisagem cultural associativa que a vida acontece e assim produz história, produz cultura, sempre a partir de um processo vivo de permanente diálogo entre a paisagem natural e a paisagem cultural visando o progresso, o bem comum e o bem estar da humanidade.

É preciso destacar que em *Significados da Paisagem* o autor utiliza uma frase de seu pai, Francisco de Sales Marques Corrêa, para situar a obra e para definir a paisagem adiantando ao leitor o significado, o conteúdo e a abrangência da obra: “A primeira coisa que alguém vê em uma paisagem é aquilo que mais importa ou, por alguma razão, é aquilo que mais interessa a quem está vendo.”

Ainda no mesmo sentido de antecipar a ideia e também a dimensão do seu trabalho que se apresenta a partir do que viu, ouviu, viveu e pesquisou com profundidade, pois as raízes de uma família sempre envolve uma busca árdua e complexa, prossegue o autor afirmando:

Pois certamente. Nessa imensa paisagem que é a minha vida, tudo que sobressai dela é aquilo que me interessa mais, ou o que mais se refere a mim. Nessa paisagem de vida, o que mais me prende o olhar (ou a lembrança) é tudo isso que aparece em primeiro plano. E nesse primeiro plano está sempre a imagem de meu pai. Uma imagem ainda muito nítida. A imagem que confere significado a tudo o mais que vem depois.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*aisagem que excede em significações

No primeiro momento em uma leitura plana, superficial, pode-se depreender que adentrará pelos estreitos caminhos de uma obra de cunho e conteúdo eminentemente pessoal, de significado e alcance reduzidos ao liame familiar, refletindo apenas o que interessa, o que viu e o que transmitiu seu autor sem preocupação maior com o processo histórico.

Significados da Paisagem pretendia ser apenas uma homenagem ao pai do autor-narrador por ocasião e para assinalar o centenário do nascimento daquele. No entanto, já nas primeiras páginas, o leitor de olhar mais acurado e ouvido bem atento por certo vai captar que a obra caminha com naturalidade pela senda bem delineada da ficção histórica, para situar-se naquela faixa que permeia com nitidez o diálogo entre história e literatura, pois segundo Weinhardt:

O passado é uma empresa do imaginário, seja no plano da história, seja no da criação literária. Mas cada discurso preserva sua identidade. Para reconhecê-la, é indispensável refletir sobre as similitudes da narrativa histórica e da narrativa ficcional, bem como sobre as suas singularidades.

O autor utiliza um rigor investigativo nas pesquisas que antecederam a edição: metódico, cuidadoso, esmerado e isso, além do conhecimento e da prática acadêmica que assim se apresenta, observa-se também que herdou do

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*aisagem que excede em significações

pai - a grande figura, a personagem que transita com autoridade por toda a obra. Essa conduta na busca da verdade, do dado concreto, exato, fica bem clara quando a prefacista, Taís Gomes Correa, relata uma troca de cartas, no ano 1960, entre seu avô Francisco de Sales Correa Leite e um presbítero, responsável pela guarda e manuseio do arquivo da arquidiocese de Uruguaiana. Esse fato ilustra a preocupação em descobrir com exatidão a data de nascimento de uma criança da família, cujo batismo se dera em uma igreja na região de São Borja, por volta de 1860. A certa altura, afirma Taís, que em uma das cartas o religioso, aparentemente já enfadado com a insistência de seu avô, escreve: “...por que o senhor tem tanta necessidade desses dados?” Ao que seu avô, em resposta à missiva, responde incisivo: “tranquiliza-me saber com exatidão esses dados para que o tempo não deixe ninguém da família esquecer de onde veio.”

Alguns personagens, membros da família, participaram de grandes acontecimentos da história do sul do país, como a colonização açoriana, que é primordial para se entender a formação do homem sulino, pois essa foi estimulada pelo interesse de Portugal em povoar o território do Brasil colônia, alternativa empregada para impedir a exploração das novas terras portuguesas por outras nacionalidades. Em determinado momento, o avô de Victor migra do Rio Pardo para o Boqueirão, dentro do processo de ocupação da região missioneira conquistada, em 1802, para o reino de Portugal, o que a história registra

*P*aisagem que excede em significações

como “incorporação tardia” ao território brasileiro, outro episódio de significado para a formação da população sulina.

Ainda temos a Retirada de Laguna que, embora configure uma espécie de épico ao contrário, se constituiu como um grande feito das tropas brasileiras comandadas pelo Coronel Carlos de Moraes Camisão. O singular episódio foi eternizado pela pena de Alfredo Maria Adriano d’Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay, que no final da Guerra do Paraguai ocupava o posto de secretário do estado-maior do conde d’Eu, comandante geral das forças brasileiras. Nesse episódio, a família do autor vem a perder três integrantes, quais sejam seu bisavô e dois filhos. Todo esse emaranhado de acontecimentos importantes, embora sejam pouco aprofundados na narrativa, confirmam a rigorosa investigação, a cuidadosa certificação dos dados colhidos mediante cruzamentos e cotejamentos, porque o autor tem a mesma persistência e o mesmo rigor de seu pai que houvera iniciado a busca dos inúmeros ramos da árvore genealógica da família.

Segundo ainda a autora do prefácio, Taís Gomes Correa, ao pesquisar uma listagem dos mortos na *Retirada da Laguna*, Victor Aquino depara-se com oito versões diferentes, mas com muitas semelhanças, alguns nomes repetidos e uma série de situações envolvendo grafias incorretas, tudo dentro de um contexto bem familiar par quem pesquisa documentos antigos, por vezes mal

*P*aisagem que excede em significações

preservados e por isso bem trabalhoso na apuração e purificação dos dados colhidos. Mas o autor, a exemplo de seu pai, foi persistente e criterioso na medida necessária para lograr êxito e colher o material que faltava a fim de completar com absoluta correção e esmero a narrativa. Vejamos isso nas palavras textuais de Taís:

No contexto do livro, embora sejam poucas as páginas que remetem à guerra dos Farrapos, ou à guerra do Paraguai, esses dados foram consolidados com exatidão porque, segundo o próprio autor, **‘envolvem a participação de nossos ancestrais’**. Como descendemos deles, é confortável saber de onde vieram, o que fizeram e o que representaram, pelo menos para a família. A certa altura o autor escreve que se trata **‘de um tempo distante e já pouco lembrado, sem grande importância histórica para quem vive a superficialidade dos dias atuais’**.

Emerge da obra um conjunto de personagens muito vigorosos, marcantes e que inegavelmente nos passam a ideia do contexto histórico de sua época. Em síntese, apresenta-se a ideia do viver com o que lhe cerca: trabalho, costumes, expressões, comportamentos sociais, como seu Avelino que remete para a saga dos pioneiros na povoação do Rio Grande do Sul, vida dura, trabalho árduo e homens de fibra como se pode observar nos recortes muito bem descritos e que ilustram o modo de vida naquele momento.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*aisagem que excede em significações

O pequeno Francisco encontra-o na cozinha a procura de milho para o cavalo. O menino o auxilia na busca. Ao encontrar o que procuram, o velho enche uma lata com o cereal e diz: *“leva e põe no cocho para o Bromado”*. [...]

Alguém fez café. O homem engole o líquido quente de uma caneca de lata. Tem pressa. Necessita cavalgar cerca de vinte léguas em outra direção. Vai buscar umas novilhas já negociadas para abate [...] Continuava frio, mas a garoa tinha parado. Partiu a galope contra o sol que vinha nascendo. [...]

Contava-se na família que após muitas horas sobre o cavalo, com o sol a pino e o vento gelado, chega ao fundo da internada onde há algumas reses. Está muito cansado e com febre. Desmonta e escolhe um canto de grama alta para deixar o cavalo. Retira os arreios e o prende a uma guia longa para pastar.

Entra no único aposento de um casebre existente na tapera e deita sobre uma enxerga forrada de pelegos[...] Deixa-se prostrar sobre a enxerga e cobre-se com o cobertor, o poncho e mais umas cobertas velhas que há no lugar. Começa a suar.

Em seguida, temos o relato que recompõe os últimos momentos de Avelino. Fantástico gesto que demonstra o amor e o respeito do gaúcho por seu cavalo, sem o qual não sobrevive, não existe. Texto rico na descrição e na

*P*aisagem que excede em significações

reconstituição embasada na oralidade da família, sem prejuízo da verdade dos fatos acontecidos.

Debilitado pelas extensas jornadas a cavalo, adormece profundamente. É já noite quando acorda com barulho de chuva, que cai torrencialmente sobre o teto de zinco do casebre. Está ensopado de suor. Alguns instantes transcorrem até lembrar-se do cavalo que deixara preso em uma guia para pastar na grama alta ao fundo da tapera. Persegue-o, então, o medo de o animal constipar-se também.

Ergue-se num sobressalto. Veste as bombachas ainda úmidas. Calça as botas e sai, direto do suadouro, para a chuva fria. Tossindo e espirrando muito, resguarda o animal em abrigo seguro contíguo ao casebre e volta a dormir. Quando acorda na manhã do dia seguinte está com febre alta, acometido de forte e incurável pneumonia. Longe de qualquer recurso, da família ou mínima assistência possível, morre sozinho à notinha. É encontrado dois dias depois.

Por igual, sobressai Vargas Gomes Vieira Corrêa Leite tratado no contexto por Vargas, irmão mais velho de Francisco. É um exemplo do gaúcho ancestral, mais primitivo, com ideia de liberdade, de estância em estância, lidador, atirador exímio, alto senso de justiça e responsabilidade, homem de bem, mas desassombrado, desta forma, se encaixando perfeitamente nos tipos sociais que foram muito bem descritos e salvos do anonimato por

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*aisagem que excede em significações

Sejanes Dorneles como: Talco Cardoso, Martin Aquino, Iles Querubin e tantos outros que não raro ultrapassavam a linha imaginária entre o bem e o mal principalmente por não aceitarem injustiças e tolhimento da liberdade.

Certa feita o filho de Talco adoeceu, o que motivou um pedido de folga por parte do matrero, para que pudesse ajudar a esposa a cuidar da criança. Nesta época Talco buscava recompor sua imagem de cidadão de bem perante a sociedade, e pretendia passar o resto da vida na tranquilidade. Porém tal meta foi interrompida. Sucedeu que o seu patrão no frigorífico, um estrangeiro que viera com a Swift para o Brasil e tinha o costume de tratar a peonada daqui com um ar de arrogância e superioridade, não permitiu a folga solicitada. Talco, vendo o filho mal, ignorou o fato e não compareceu ao serviço durante três dias. Ao retornar, o patrão lhe quis aplicar uma suspensão, motivando com isso uma discussão. Talco não achava justo, faltara por motivos de saúde de seu filho. A discussão logo se transformou em briga, com o gringo levando uma baita surra de relho. No outro dia a polícia bateu na casa de Talco, levando-o preso.

No seguinte trecho de *Significados da Paisagem* se pode perceber a semelhança no agir, quando Vargas, na atitude, na conduta, se aproxima do célebre Talco com o mesmo sentimento de promover a justiça ao saber de uma surra injusta e desmedida que o cunhado havia aplicado em seu irmão menor Francisco:

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*aisagem que excede em significações

Meu pai nunca entendeu como, mas sabia que o Vargas, poucos dias depois, encontrou o árabe em um armazém para o qual fornecia mantimentos e, enfrentando-o, meteu-lhe uma faca no pescoço dizendo: “*só não te mato agora porque tu és genro da minha mãe*”. E, enquanto o soltava, continuou: “se fizeres de novo, volto pra te picotar na faca e te despachar ao inferno”.

A figura mais marcante, o grande personagem da narrativa é, sem dúvida, Francisco de Sales Marques Corrêa. Sai de casa ainda menino para viver sob a guarda da irmã casada com um negociante árabe, o qual maltrata e escraviza a criança. Em dado momento, dando provas de tenacidade e coragem, vinga-se do cunhado de forma impressionante, uma ação que o aproxima de Vargas, o irmão que o protegera enquanto vivo, mas que falecera bem jovem. Volta para casa da mãe, da qual só sabia a direção, onde obtém proteção e onde faz sua base para logo seguir um caminho traçado por ele mesmo com muita persistência:

Foi um tempo de descobertas. Gente que não imaginava existir começa a surgir em sua vida. Como o padrinho de batismo, Servírio Jornada, que vivia em uma propriedade nas cercanias da velha Santiago do Boqueirão. Na nova fase da vida, começa uma série de outros convívios. O padrinho, como o primo Pedro Winkle, tornam-se personagens centrais desse novo momento. Acompanha o padrinho em carreteadas, nas quais leva charque e traz sal do Rio Pardo. Com o

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*aisagem que excede em significações

primo irá tropear estrada afora, entre as fronteiras com a Argentina e o Uruguai. Era ainda o tempo dos abates de curral, das carneadas com muito sangue jorrado no pasto, das salmouras, das mantas de charque e, claro, das varejeiras que revoam sobre carne nova. Será nesse contexto, entre tropeadas e carreteadas, que acabará de crescer e se tornará adulto.

Na passagem pelo serviço militar em Santo Ângelo, faz contato com a Missão Francesa e aprende noções de conversação, arte, história, muito do que será utilizado na fotografia, arte na qual se aperfeiçoa, em Porto Alegre, com um dos melhores fotógrafos do estado, Álvaro Barbeiros, ao qual impressiona pela qualidade do trabalho e pela técnica de aprimoramento da foto.

A bordo de um carroção tracionado por uma parelha de mulas, vai viajar pelo interior do estado, fotografando, mas também conhecendo e ensinando. É observador nato e um empreendedor persistente. Nesse viajar de um lado para outro, conhece Tupanciretã, cidade que não tem um profissional em fotografia, lá se estabelece. Casa-se com sua prima em Santiago e, vindo morar em Tupanciretã, faz história como profissional sério e capacitado. Fotografou, com seu olhar aguçado, inquieto e profundamente revelador, a cidade, seus habitantes, dando para eles “significado”, e aprisionou, assim, um pouco do tempo em uma câmera de qualidade singular, pois segundo ele mesmo:

Victor Aquino

entre ciência e ficção

*P*aisagem que excede em significações

a fotografia é muito mais que o registro de um momento, ela é também um estimulador da imaginação, que aguça a fantasia de quem se vê no retrato, assim como de quem olha a fotografia de qualquer cena, de qualquer objeto, de qualquer pessoa.

Depois de alguns anos bem sucedidos em Tupanciretã, em razão de fortes dissabores ante algumas paredes de incompreensão e obscuridade, resolve mudar-se para São Paulo, onde se estabelece com sucesso e forma os filhos, coroando dessa maneira sua melhor obra, visto que sempre acreditou e trabalhou na crença de que a educação de um filho é de fundamental importância, pois entendia que *“a educação de um filho começa muito antes do avô dele nascer”*. Ainda sobre essa temática, Victor Aquino refere:

Durante toda a vida esteve sempre preocupado com o conhecimento. Ele dizia: *“aprender é conhecer, conhecer é saber mais, saber mais é melhorar”*. Melhorar, segundo ele, também era o modo que o ser humano tem para se reinventar. A reinvenção da pessoa passa também pelos outros, com os quais vive e convive. Toda a vez que tinha a oportunidade falava: *“o aprimoramento de qualquer pessoa é um ato de respeito aos outros”*.

Segundo Diderot, o pintor só tem um momento. Ele não pode registrar dois momentos diferentes, assim como não pode registrar dois movimentos diferentes. Lendo essa afirmação em *O Amante do Vulcão*, de Susan Sontag, faço uma ponte para a fotografia, pois entendo que haja

*P*aisagem que excede em significações

um permanente diálogo e similitude entre essa e a pintura. O fotógrafo também não pode captar dois momentos diferentes ou iguais. Uma fração de segundo de tempo passado, e o momento que pode parecer o mesmo já não é, e nada irá recuperá-lo. Assim, a frase de Francisco de Sales: “que o mais importante que a câmera são os olhos do fotógrafo também faz sentido em relação a pintura.”

Por outro lado, Roland Barthes faz uma distinção entre o facultativamente real que remete a uma imagem ou um signo, no caso da pintura, e o necessariamente real que é colocado diante da objetiva, pois a pintura pode simular a realidade sem tê-la visto. Porém, na fotografia o real deve estar lá, em frente à objetiva.

Por muito tempo, em alguns povos perdurou a crença de que uma fotografia pode roubar a alma, capturá-la, aprisioná-la. Essa crença existiu e existe de formas diferentes em muitas culturas, mas acredita-se que a origem reside na crença no poder dos espelhos. No folclore, os espelhos têm poder de roubar almas. A superstição de quebrar um espelho e por isso atrair a má sorte deve-se ao fato de crer-se que um espelho partido prejudica a alma.

Na antiguidade, gregos, romanos, egípcios e muitos outros povos utilizavam superfícies reflexivas, como espelhos, para a prática de adivinhação, premonição para prever o futuro. Acreditava-se que os espelhos abriam portais dimensionais, permitindo que outros seres ancestrais tivessem acesso a vários planos inclusive ao nosso.

*P*aisagem que excede em significações

No texto “*Almas roubadas através de fotografias?*”, disponível no blog Portugal Misterioso, encontrei essa afirmação:

A fotografia, mais do que qualquer outra forma de arte, tem a capacidade de capturar um elemento vivo, um ponto da alma. A maioria das pessoas acha que o fato de fotografar um momento no tempo capta uma essência que é normalmente perdida na história. Mas as fotografias capturam mais de um aspecto do que o tempo vivido, a fotografia capta literalmente um elemento da força da vital, que foi apresentado no momento em que foi feita a fotografia.

Em *Significados da Paisagem*, todo um contexto sociocultural foi e ainda segue sendo retratado pela câmera de Francisco de Sales Marques Corrêa. Os negativos guardados com carinho continuam a falar, a mostrar, a desnudar as pessoas, os fatos e a vida em uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul, como se a velha máquina, liberta das amarras do tempo, continuasse a fotografar. Por outro lado, percebe-se que agora temos a nos falar do “Significado da Paisagem” não só a velha câmera e o olhar do fotógrafo, mas também o olhar arguto e consciente de seu biógrafo que tem a autoridade de quem guardou, além dos negativos, as falas e a paisagem vista por quem sabia que os olhos eram mais importantes que a máquina.

*P*aisagem que excede em significações

O imaginário do narrador conduz para um despertar do passado cujo propósito era de contar a saga de uma família. Assim, o personagem principal, Francisco de Sales Marques Corrêa, sob o ponto de vista de uma antiga câmera fotográfica e de suas impressões como fotógrafo, mesmo querendo apenas viver honradamente do exercício competente de uma profissão, o fez com tamanho profissionalismo, dedicação e esmero, fazendo assim história e arte, e depreende-se das falas, das imagens, do relato pessoal, que o fez forma consciente. Tinha convicção de que sua câmera, assentada no presente, apontava para o futuro e, algum dia, iria desnudar o passado libertando as velhas almas aprisionadas para que nos encantem com suas histórias e, sobretudo, nos falem: **“de um tempo distante e já pouco lembrado, sem grande importância histórica para quem vive a superficialidade dos dias atuais”**.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Victor. **Significados da paisagem**. São Paulo. Instituto da Moda, 2012.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

DORNELES, Sejanos. **Os Últimos Bandoleiros a Caval**o. Caxias do Sul. Editora da UCS. 2001.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*aisagem que excede em significações

PORTUGAL MISTERIOSO. Blog, Almas roubadas através de fotografias.

SONTAG, Susan. **O amante do vulcão**. São Paulo. Cia das Letras, 2001.

WEINHARDT, Marilene. Ficção e história: retomada de antigo diálogo. **Revista Letras, Curitiba**, n. 58, p. 105-120. jul./dez. 2002. Editora UFPR.

*Um tristan shandy
no interior do rio grande*

Daniel Krassucki¹

. VII .

Na contramão de um longo século vinte de fragmentação e estilhaçamento, Victor Aquino nos oferece uma saborosa narrativa aparentemente linear e realista ambientada no interior gaúcho.

Já na epígrafe há uma piscadela de cumplicidade. O texto da epígrafe pertence à alta cultura e vem problematizar a

1. Livreiro, bibliófilo e escritor. Autor de *O assassino da Rua Maranhão*.

Um tristan shandy no interior do rio grande

natureza da ficção. Ou seja, advertências não faltam para desconfiar do aspecto singelo do texto do relato.

Os personagens pertencem ao meio rural, são rudes e atrasados em relação aos padrões urbanos. Gente de posses, apegada ao dinheiro, ligada à criação de gado, proprietários de terras – uma vez que, como o narrador nos explica, a lógica regional da produção pecuária, que precisa de pouca mão de obra, promove a expulsão dos menos favorecidos.

Aqui temos, então, o primeiro mérito do livro, de não pouca importância. Uma descrição tolstoiana e apurada das classes e setores do espaço social, especialmente das suas características culturais e religiosas.

A estória pode parecer simples. Em 1945, a esposa de um rico latifundiário de muita influência social, sobretudo sobre a Igreja, compra uma briga com um padre recém designado para a paróquia da cidade que não aceita sua liderança. Por meios pouco convencionais, para não dizer ilícitos – é alguém que se sente acima da lei –, ela consegue expulsar o padre. Entretanto, o bispo da diocese perde definitivamente a paciência com ela e nomeia Sinfrônio Bernadet como novo pároco, um sacerdote talvez de poucas luzes, mas aguerrido e muito determinado – um soldado da Igreja, como o descreve o narrador.

Ficará por mais de quarenta anos na cidade, período em que a região, como toda a sociedade, passará por intensas

Um tristan shandy no interior do rio grande

transformações. É aqui que aparece um importante personagem do livro: O Tempo, que como Proust nos ensinou, tudo corrói e desgasta, tudo transforma e aniquila.

Padre Sinfrônio Bernadet resiste. Entretanto, com os novos tempos – o Concílio Vaticano II, a modernidade – ele deixará a paróquia e permanecerá isolado na cidade, morrendo após longa enfermidade.

Com a modernidade, virá também a violência, em forma de suicídios e homicídios na comunidade, impensáveis algumas décadas antes.

Há um tom de perda na descrição do ocaso desse padre, que, com outros protagonistas de tantas paixões, desaparece junto com uma época. Mesmo sem compartilhar seus valores, o texto habilmente nos leva à identificação com ele e a certa sensação de vazio por seu declínio e morte. É notável como esse tom nostálgico, que predomina na parte final do livro, dialoga harmoniosamente com a tonalidade ligeira, por vezes jocosa, da maior parte do relato. O humor aparece no livro várias vezes, por exemplo, com a descrição do padre vegetariano contrastando com o meio social essencialmente pecuário e carnívoro em que foi exercer seu sacerdócio. O antagonismo é engraçado e a mordacidade contribui para tornar a leitura ainda mais agradável.

Contudo, talvez o principal protagonista do livro seja a linguagem.

Um tristan shandy no interior do rio grande

O texto não está dividido em parágrafos, como a mostrar visualmente que se trata de uma narrativa densa. Está construído em forma de digressões. É o aspecto mais rico do romance. A estória toma atalhos, avança e retrocede, é linear somente na aparência. Na verdade, é uma extraordinária recriação dos procedimentos estilísticos de Laurence Sterne no cenário do interior gaúcho. (Lembremos que Laurence Sterne construiu seu *Tristram Shandy* em forma de digressões, justamente na contracorrente do realismo.) As peripécias se acumulam, todos os personagens, até os menos importantes, são protagonistas de alguma sub-história que circula com fluidez dentro da narrativa principal. É preciso relaxar e se deixar levar por uma proposta de construção do romance complexa e sofisticada. O prazer da leitura é crescente.

Por último. A quem pertence a voz que narra? É um narrador onisciente, situado acima do tempo-espaço, que tudo conhece e a quem nenhum detalhe escapa? É uma testemunha dos acontecimentos? É um dos personagens? Victor Aquino quis problematizar na sua ficção esta antiga questão da literatura, talvez a principal. Afinal, quem está narrando “O padre e o açougueiro”? Cabe ao leitor tecer sua própria hipótese.

*Cotidiano e
experiência estética
como conhecimento*

Sérgio Bairon¹

· VIII ·

Em seu livro *Significados da Paisagem*, que Victor Aquino escreveu em homenagem à trajetória de vida de seu pai fotógrafo, há uma citação de Susan Sontag que diz: “Descrevia cada parada de sua viagem como uma peregrinação. E cada lugar podia ser uma ocasião para uma reclusão inspirada.” Quisá sem

1. Professor associado do curso de Relações Públicas na USP. Licenciado em Estudos Sociais. Bacharel em História. Doutor em História Social. Autor de *Hípermidia*.

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

mesmo pensar na possibilidade, Victor Aquino descrevia a si próprio, pois foi justamente o rico encontro entre o cotidiano, a experiência estética que definiu sua caminhada pelas reflexões acadêmicas e literárias.

Temáticas estéticas e cotidianas como a moda, a propaganda, a opinião pública, o turismo, o lazer, dentre outras e temáticas estético-filosóficas, como o próprio conceito de ética-estética, arte, música etc., representam um universo de conhecimento que expressam a grande capacidade interdisciplinar de Victor Aquino. Esta talvez seja a característica principal do conjunto de sua obra: por exemplo, compreender a moda e a música numa relação profícua no conjunto de ações cotidianas, bem como a fotografia e as paisagens como uma experiência estética que se apresenta enquanto linguagem. Portanto, vivências e reflexão são a mesma coisa para Victor Aquino, evitando isoladamente as noções de uma pureza asséptica do pensar acadêmico ou da ficção cotidiana como verdade. Ambas características atuam conjuntamente e, quem conhece Victor Aquino pessoalmente, tem o prazer de verificar o quanto suas compreensões de mundo seguem as narrativas de um grande contador de histórias. Victor Aquino não aproxima somente temáticas e áreas do conhecimento, aproxima também as pessoas, é um mediador por excelência, fato que pode ser simbolizado pelos inúmeros trabalhos organizados por ele e que renderam oportunidades de publicações para inúmeros colegas e estudantes.

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

Por todos estes motivos, recorrendo a questões já por mim trabalhadas em outros textos, minha opção foi destacar duas dentre as mais variadas temáticas presentes em sua obra: o cotidiano e a experiência estética, que podem ser sintetizadas pelo conceito de *Téchne*. É desta forma que este texto pretende fazer jus a um naco de sua obra.

Sócrates e Platão aplicaram o conceito de *téchne* ao ser humano no sentido de situá-lo no âmbito político-estético e destacaram a existência de uma grande diferença entre a *téchne* que se ensina e a que se aprende empiricamente. Aristóteles afirmava que *téchne* ama *tykhe*, e *tykhe* ama *téchne*. Gadamer nos lembra que essa visão evidencia não só que o êxito geralmente acompanha aquele que aprende seu ofício, mas também que o que se aprende, a priori, com a utilização e o desenvolvimento da *téchne* é uma soberana superioridade sobre as temáticas e os fenômenos (01). Victor Aquino conseguiu produzir no interior dos dois âmbitos de *Téchne*, ou seja, aquele que aprende produzindo porque só pode produzir aprendendo. Aquino demonstra ter aprendido o que Gadamer já nos alertava no sentido de que o homem não dispõe de si mesmo, como o artesão dispõe da matéria, não pode produzir sua compreensão da mesma forma com que pode produzir outras coisas que estão no mundo, por esta razão Aquino produz ficção e reflexão acadêmica por meio da mesma dedicação e cuidado.

Seguindo os desdobramentos da estética a partir da *téchne*, aprendemos com sua obra que devemos estar alertas

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

frente a delimitação do saber puramente técnico, uma vez que o objeto desse saber não pode ser compreendido somente a partir de si mesmo. Neste sentido, ao falar de publicidade ou de editoração gráfica, Victor Aquino sempre trouxe consigo questões de fundamentos filosóficos. Demonstrou que o saber técnico nunca poderá ser encarado como algo que, genericamente, sempre é como é, mas como um saber que sempre deve ser visto de maneira totalmente contextualizada em fundamentos teóricos. Visão conquistada pelas reflexões de Victor Aquino sobre a publicidade, já que sempre tratou este tema como interlocutor de questões culturais, éticas e estéticas e, nunca, apenas como resultado da aplicação de um saber técnico.

Nesse contexto, na obra de Victor Aquino, uso (costumes) e conceito (filosofia) se encontram. Todo aquele que possui um projeto técnico-conceitual não está livre de se adaptar a situações absolutamente circunstanciais que o obrigam, frequentemente, a reavaliar seu projeto. Portanto, a Moda foi uma temática destacada por Aquino como um projeto híbrido e mutante e não como uma temática congelada em leis lógicas. Devemos evitar aquela visão reducionista da técnica que, por sua instrumentalização do objeto que está no mundo, acaba enxergando um sentido em si para toda ação produtiva. O cálculo, a escrita, a medição musical, enfim, toda ação “essencialmente técnica” nunca está no mundo por acaso ou por obviedade. Neste sentido, ao falar de arte ou fotografia, Victor Aquino demonstra

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

que nenhuma técnica é obviamente limitante ou limitada, pois sempre se encontra no interior de um contexto, inclusive pessoal, assim como os objetos, que nunca estão no mundo por acaso. Daí que em sua obra “*Significados da paisagem*”, Victor Aquino explora uma variedade enorme de cotidianos, que expressam ricos exemplos de como encarar a vida, como desafiar o acaso e como se aventurar com tradição, pois quem soube ser sempre será! Victor Aquino trouxe para temáticas acadêmicas o exemplo de que somente ricas histórias familiares podem garantir a existência de princípios metafórico-estéticos, pois até mesmo *o negativo é sempre revelador*, tanto das fotografias quanto de vidas como paisagens, já que a familiaridade é o único fenômeno cultural que nos acompanha *depois do futuro* quando chega a verdade.

Podemos acalorar a discussão, afirmando que no meio científico nunca devemos deixar de nos envolver com uma questão central: o que é a verdade? Da leitura da obra de Victor Aquino, podemos compreender que a questão da verdade domina fundamentalmente toda nossa vida, ainda que não possamos inteiramente explicar o porquê. A ideia da verdade reside absoluta e inequívoca na vida do pesquisador Victor Aquino, ainda que ele não a tenha tematizado objetivamente, mas resolveu de uma maneira genial quando nos oferece reflexões que aproximam imagem, conceito e ficção. Neste sentido, é justamente o encontro entre contos, publicidade, fotografia, paternidade e música que força um princípio

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

tão importante na academia: a verdade somente pode ser dita e meia (02). Lembremos que a questão da verdade coloca em cena o problema da vinculação verdade/ciência. Este é um problema fundamental, já que podemos considerar seriamente, nesse início de século, muitos dos desenvolvimentos científicos que nos colocam na tarefa de pensar sobre as fronteiras entre filosofia, arte e ciência. O alcance destas questões está proporcionalmente vinculado ao ato de ocultar e desvelar (03), ações sempre presentes na obra de Victor Aquino.

Heidegger lembra o termo com que os gregos designaram a verdade, *aletheia*, o que significa que o ser da verdade deve ser arrebatado do seu estado de ocultação e encobrimento, mas isto não significa o alcance de uma essência estática. Como na caminhada de Victor Aquino, o Ser sempre deve ser definido por meio de sua temporalidade gerúndio (Sendo)! A reflexão do filósofo indica a eterna cumplicidade entre ocultação e encobrimento. O encobrimento pertence a toda ação humana, pois a linguagem não expressa somente a verdade, mas faz com que esta também se defina na ficção e no engano. É como compreende Gadamer em sua revisão heideggeriana: “Existe, pois, uma relação originária entre o ser verdadeiro e o discurso verdadeiro. A des-ocultação [que é revelação] do ente se produz na sinceridade da linguagem” (04). De certa forma, Victor Aquino fez do nome próprio um encontro entre formalização e ficção, Tupã Gomes Corrêa foi desconstruído para Victor Aquino. Refundou

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

a si próprio como refundou o pensamento aproximando ciência e ficção.

Dado que verdade é des-ocultação – retirar Victor Aquino do interior de Tupã Gomes Corrêa - esse discurso mostrativo tende a deixar que se manifeste livremente aquilo que foi des-ocultado. Por que devemos pressupor que esteja na lógica-formal (até mesmo do nome próprio) a principal referência de verdade, como muitos quiseram? A ciência (formalização) não pode se colocar na recusa do enfrentamento dos problemas colocados pela ficção. Ao contrário, podemos encontrar hoje uma vívida recuperação do elaborado pelas ficções no interior das narrativas interrogativas de “contação” de histórias: em que sentido e de que modo se pode recuperar o saber elaborado pela relação ciência/ficção? Há sentido nisso ou tal tentativa se coloca como algo ilógico? Victor Aquino acreditou ser possível esta recuperação sem abandonar o acadêmico!

Aquino não se acomodou no fato de que a pretensão da ciência tem sido superar o aleatório da experiência subjetiva mediante um conhecimento objetivo ou superar a linguagem “equivocada” do cotidiano pela univocidade do conceito (05). O ideal de verificabilidade que encontramos no seio da cogitação científica, nos mostra que todos aspiram a um certo grau de verificabilidade de suas opiniões, proposições etc., porém, o certo é que esse mesmo ideal muito poucas vezes pode ser alcançado, ainda que se realize um grande esforço no sentido de ampliar a

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

ideia e a prática da precisão. Mas o que isso demonstra é que a ideia vigente de precisão, responsável por parte do que se pode compreender como verificabilidade hoje, deve ser pensada diferentemente nas ciências empíricas e nas ciências humanas ou sociais aplicadas. Podemos nos inspirar em Victor Aquino e suas reflexões sobre estética, afirmando que muitas vezes a leitura de um livro, no caminho da investigação de um filósofo como A. Baungarten, produz muito mais do que todas as investidas anteriores. Trata-se de uma diferença entre o conhecimento da verdade e a enunciabilidade possível que não pode ser relacionada bi-univocamente com a verificabilidade dos enunciados. Muitas das consequências da racionalidade contemporânea têm sua raiz numa cogitação filosófica do gênio, e não na busca de uma verificabilidade radical e empírica das proposições que analisa. Trata-se de colocar a consistência e a verificabilidade como questões ficcionais que nos remetam para a construção de perguntas, enfrentando-se assim formulações paradoxais (06). Sob esse solo de pensamento pode florescer a ideia de uma ciência fundamental, que combine elementos da metodologia científica e das artes. Se, por um lado, talvez seja essa uma das bases pela qual Victor Aquino pretende sua reflexão sobre as condições da estética na filosofia, por outro lado, de uma maneira sensível e ao mesmo tempo prática, é nesse campo de interstícios que Aquino explora suas memórias, unindo no campo digital academia e ficção (07). Seguindo seus exemplos, podemos afirmar que se

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

os resultados das investigações nas ciências humanas, por um lado, ficaram muito aquém dos encontrados no ideal quantitativo da verificabilidade, por outro lado, muitos dos avanços significativos nas áreas das humanas e sociais aplicadas encontraram sua nascente na especulação de questões estético-filosóficas (08). Nesse contexto, a técnica ou a ciência jamais poderiam ser encaradas em si de forma aleatória, mas seus fundamentos estariam sempre vinculados à ação do perguntar (?).

É assim que a pergunta encaminha sua força para o futuro da compreensão. Victor Aquino pergunta sobre sua própria infância, sobre seu pai, sua cidade natal, mas também sobre a publicidade e temáticas contemporâneas. Sabe que cada enunciado provoca reações que jamais são específicas e possui pressupostos que, ele mesmo, não enuncia ou não pode enunciar. Ou seja, ao enunciar algo, algo tem de deixar de ser enunciado. Talvez por isso Victor Aquino nos premia com um eterno retorno a si próprio, por meio de temáticas “outras” que não cessam de se inscrever em sua trajetória. Aquino compreendeu que somente a expressividade estética desses pressupostos pode avaliar realmente a verdade de seus enunciados: sempre dizendo para mais além e também para mais aquém de nosso próprio dizer. Dessa forma, Victor Aquino sabe que não é o juízo que possui a prioridade na lógica, mas a pergunta. A pergunta resta, então, como a última forma metodológica de toda e qualquer motivação de um enunciado. O enunciado ficcional ou científico

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

passa a figurar como uma forma aproximada da colocação de problemas, aparece sempre como uma tentativa de resposta à pergunta que revoluciona a si própria. A ciência possui o caráter decisivo de trabalhar na busca de ver as perguntas. “Porém ver as perguntas é poder abrir o que domina todo nosso pensar e conhecer como uma capa fechada e opaca de prejuízos assimilados. O que constitui o investigador como tal é a capacidade de abertura para ver novas perguntas e possibilitar novas respostas. Um enunciado encontra seu horizonte de sentido na situação interrogativa, aquela da qual procede” (09). O enunciado, por exemplo, de um padre vegetariano (na obra *O padre e o açougueiro*), no intuito de expandir o diálogo com Victor Aquino, poderia nos levar à pergunta: como pode um Padre vegetariano comer o corpo de cristo? Uma pergunta que emerge do cotidiano relatado na ficção, mas que demandaria muitas questões filosóficas e mistagógicas.

Tanto Victor Aquino quanto sua obra indicam que palavra que não é dirigida ao Outro/outro é vazia, daí ele sempre promover seminários e encontros temáticos, nos oferecendo suas produções como interlocutores dos mais diversos temas. Reinaugura frequentemente o princípio de que toda palavra é vetor de direção de um outro para um Outro. Somente no interior desse círculo científico-ficcional da linguagem é que a verdade pode ter lugar, porque as temáticas roçam o real, sempre construindo para mais além no futuro, o princípio de que a verdade possível é a que não pode se pôr como ponto final. Ao

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

contrário, a palavra está sempre exposta e reinaugurada no interior de ambientes imagéticos e audiovisuais (10).

Da obra de Victor Aquino, podemos concluir ainda que a experiência estética é o grande recurso cognitivo à imersão de toda pergunta. Este horizonte marca-nos como presença na finitude do cotidiano. Portanto, a fundamental relação da ciência com a expressividade estética está na dimensão do encontro destes horizontes visuais e verbais que se apresentam a nós. É neste sentido que Victor Aquino situa a experiência estética na arte ou na publicidade como o caminho mais propício à verdade, tornando claro para nós que estética e verdade são inseparáveis (11). A compreensão que a experiência estética possibilita não está restringida ao estabelecimento de uma *distinção estética*, mas às manifestações de seu mundo e, é evidente, aquele mundo que pode ser compreendido a partir de nossa historicidade. Daí Victor Aquino demonstrar a historicidade do próprio conceito de estética, destacando que a ciência da criação artística, ciência do belo ou do correto, é a estética, que a partir de Baumgarten passa a ser admitida como filosofia da arte.

No entanto, os próprios exemplos dados pelas temáticas abordadas por Victor Aquino também destacam na experiência estética a maneira de tratar a compreensão como um ambiente de manifestação à pergunta. Não se trata somente de buscarmos generalizações de sentido histórico. A totalidade de sentido defendida aqui está presente,

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

explícita ou implicitamente, em toda compreensão, mas jamais aquela que se apresenta num possível sentido de totalidade histórica, daí os textos de Victor Aquino manifestarem sempre uma grande necessidade de atualização das discussões em torno da estética.

Na obra de Victor Aquino, passado, presente e futuro estão delimitados pela tradição histórica que, por sua vez, age como o acontecer da expressividade do próprio sujeito que busca conhecer o mundo. A evidência da pergunta não pretende nenhum senhorio sobre o Ser, mas denota que a experiência do Ser está justamente onde há possibilidade histórica de compreensão. Portanto, não devemos tentar uma ampliação das generalizações, no escopo de se conhecer as leis científicas que podem explicar os caminhos de um pensamento qualquer; mas procuremos, num primeiro momento, valorizar todas as descrições narrativas que se apresentem descomprometidas com a busca da verdade da lei (12). Por isso, as leis da Moda, tal como descreve Victor Aquino, são anti-leis lógicas e técnicas. Gadamer faz uma pergunta que sintetiza estas questões: “Que classe de conhecimento é essa que compreende que algo seja como é justamente porque assim já vem sendo?” Só pode ser um tipo de conhecimento que deve partir, prioritariamente, do ocultamento de seu próprio ser, responderia Victor Aquino, pois a moda, a publicidade, a fotografia, a arte etc. são temáticas que se alteraram profundamente ao longo de suas próprias historicidades.

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

É exatamente o que deve ser compreendido quando estamos localizados somente no interior do pensamento da escrita metodológica que nega a ficção e o cotidiano como verdades, pois a partir de um determinado momento metodológico tendemos a eleger como “subjetivo” todo conhecimento que não seja produzido pelo método científico. Mas como, ao mesmo tempo, manter-se aberto ao outro e a pontos de vista diversos e direcionar-se por meio da valorização do próprio horizonte? Como poderíamos, sem romper definitivamente com a reflexão acadêmica, valorizar os tópicos “subjetivos” que tanto temos esquecido? Como evitar nessa empreitada que passemos a julgar o geral exclusivamente pelas nossas particularidades? Para essas velhas perguntas, Victor Aquino responde a partir da construção de uma obra híbrida, buscando em si próprio e até mesmo em suas familiaridades caminhos de reflexão que aproximam os âmbitos da academia e do senso comum e até mesmo invertem suas autoridades sem desmerecê-los mutuamente. Ou seja, assim como a experiência estética contém um mundo em si, o vivido esteticamente deve arrancar de si mesmo o nexo de sua vida. Na experiência estética há uma pertença de sentido que não se relaciona apenas com um aspecto particular, mas representa e transmite o conjunto do sentido da vida. Uma vivência estética contém sempre uma experiência inacabada e inacabável com o mundo. Seu sentido torna-se infinito, porque representa um todo e não a unidade de um processo aberto (13).

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

Aprendemos com Victor Aquino que deveremos ter, então, no conhecimento científico como na experiência estética, uma maior proximidade com a habilitação plena de significação, tal como podemos encontrar em todas as nossas vivências.

A obra de Victor Aquino busca caminhos alternativos, em que os fenômenos da estética e do cotidiano devem possibilitar a auto-compreensão das manifestações da historicidade. Nesse sentido, a essência da moda ou da publicidade não é uma atualização transitória que manifesta a pura consciência histórica, mas a manifestação de um ser que se atualiza recorrendo historicamente a si mesmo. A temática da Moda foi tratada deste jeito, no sentido que Victor Aquino demonstrou ser a Moda uma expressividade estética que está em profunda reconstrução. Portanto, é fundamental não criarmos sobre a beleza e a estética nenhuma perspectiva que pressuponha uma classificação científico-positivista, mas que aborde a realidade histórica do homem em suas condições conceituais e ficcionais, inclusive, por meio da exposição digital de sua própria obra (14).

Victor Aquino parece partir do princípio de que no universo da experiência estética, a imagem participa do ser que a representa, pois o que está representado volta-se a si mesmo, ou seja, só está por si mesmo em sua imagem enquanto reinterpretada (15). Provavelmente por esta razão nos passa a impressão que seu pai fotógrafo escrevia

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*C*otidiano e experiência estética como conhecimento

por meio das imagens. A estética acaba por subsumir na obra de Victor Aquino, ou seja, ele retira desta as principais premissas a caminho da compreensão sobre a área da Comunicação. A compreensão deve mostrar-se como fragmento de um sentido que se constrói num todo enunciado, isso tanto na ficção como na ciência ou na filosofia, demonstra Victor Aquino.

O encontro do sensível com a inteligência está na busca que podemos deflagrar por um ambiente de expressividades estéticas. Victor Aquino defende que a antecipação de sentido que guia a compreensão numa expressividade estética não é o resultado de uma pura subjetividade, mas revela-se a partir da comunidade que nos une com determinada tradição, daí suas reflexões sobre sua cidade natal serem tão universalmente descritas, onde o particular e o universal não existem separados.

É explicitamente a partir de si mesmo (sua história de vida) que Victor Aquino define suas temáticas. E o destaque desta última frase encontramos na palavra “explicitamente”. Victor Aquino, seja na academia enquanto num cargo de chefia, seja como intelectual ou na ficção, exercita o princípio de que o perguntar significa suspender todos os prós e contras. É a principal maneira de alguém estar ao mesmo tempo contra e a favor. Victor Aquino é um narrador, um contador de histórias, que estrutura suas narrativas em perguntas que, por sua vez, nos levam a respondê-las por meio de outras perguntas.

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

Como no movimento dialógico, entre pergunta e resposta, o assistente da expressividade estética pode aprender que a grande arte da compreensão não está só no ganhar, conclusivamente, o conhecimento de fatos (16), mas em reinaugurar, sempre, o diálogo!

Para Victor Aquino, tanto a experiência estética quanto a cotidianidade não podem ser capturados em si, não podem ser compreendidas em seu ser-no-mundo metodologicamente. Os juízos estéticos que cercam a experiência estética devem ser os mesmos a manifestar sua historicidade palinódica, tendo como juízo fundamental o fato de que os universos de sentido revelam a essência histórica de nossa finitude. Por isso é que destacamos que Victor Aquino defende, na prática, que o saber em expressividade cotidiana, ficcional e/ou acadêmico não deve se submeter somente ao já conhecido, mas incutir-se na tradição do texto, imagens, fotografias, vídeos etc., que nos abrem horizontes de compreensão. Esta não depende de um virtuosismo técnico e, sim, da experiência com a coisa e com os lugares que vale como verdade. A conceituação fenomenológica de coisa nos leva à essência da compreensão histórica frente ao seu mundo: que não haja nenhuma coisa, ali onde falte a relação entre ética e estética, poderíamos pensar a partir da obra *Ética e estética* organizada por Victor Aquino.

Nas expressividades estética e cotidiana trabalhadas por Victor Aquino, a linguagem pode expressar a

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

multiplicidade de vozes, até mesmo no meio acadêmico, desde que esteja construída com base em relações conceituais dialógicas e interdisciplinares. “O que eu tenho descrito como fusão de horizontes é a maneira como se realiza a unidade de um sentido, que não permite ao intérprete falar de um sentido original de uma obra, sem se ter introduzido, na compreensão da mesma, o sentido próprio do intérprete.” (17) As rupturas com a fusão de horizontes, propostas pela metodologia científica tradicional, tendem a esconder a abertura ao mundo das ressignificações, não reconhecendo que não podemos ser objetos de nós mesmos. Os horizontes expostos nas fotografias tiradas pelo pai fotógrafo de Victor Aquino encontram-se com as mais diversas temáticas intermediadas entre si pelo conceito de estética, pois a fusão de horizontes proporcionada por Victor Aquino não discrimina ciência e ficção.

A experiência estética, portanto, não é um mero objeto de prazer, pois deve ser muito mais que isso: um evento da manifestação da verdade do Ser. É por isso que, inspirados na obra de Victor Aquino, podemos dizer que a experiência estética está extremamente próxima de uma experiência científica, sobretudo, partindo do seu exemplo em aproximar trajetórias biográficas, acadêmicas e ficcionais. A identidade nesse ambiente ocorre na recorrência a sua própria estrutura dialógica, que é proporcional ao universo cotidiano e docente de Victor Aquino. Na verdade, as temáticas da Moda, da Música, da Estética e

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

da Ética estão profundamente associadas às suas interpretações de *Significados da Paisagem*, não somente pelo nível de familiaridades que estas contem, como também pela forma com que Victor Aquino atualiza as narrativas. A evidência que se expõe a partir dessa estrutura localiza o ser na incompletude do mundo, maneira de ser da experiência estética; assim, a experiência estética define método como o caminho de uma auto-representação, que produz universalidades capazes de oferecer um profundo diálogo com os leitores. Em sua obra, o universal não é fruto de uma taxionomia que nos oferece a classificação das temáticas abordadas, mas o modo de ser da experiência estética que, ininterruptamente na obra de Victor Aquino, provoca uma abertura ao mundo da comunicação. Ou seja, o fato de realçar a potencialidade da experiência estética não está no ato de a nomear como tal, mas é proporcional às transformações que ela provoca em todos nós (19). “A representação da arte implica essencialmente que se realize para alguém, ainda que não haja ninguém para escutá-la ou vê-la.” (20)

As experiências reflexivas de Victor Aquino habitam esteticamente seus textos e ideias, exatamente como habitamos uma casa: com imagens, sons, diálogos, paisagens, caminhadas, ditados, expressões verbais etc., numa frequente interação com as coisas ali desveladas e que nos interpelam. No entanto, não podemos esquecer que a familiaridade com os objetos é uma construção e não algo dado. O contraponto do científico, neste contexto, não

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

está localizado nas contradições histórico-sociais, mas na ação do ser frente a suas possibilidades de auto-reconhecimento. A liberdade de criação cotidiana deve procurar explorar no mínimo em igual intensidade a liberdade de interpretação e compreensão de seu conteúdo. Poderemos alcançar, assim, a noção de que o Ser não só é o tempo de sua dedicação para com a compreensão, como também o resultado infinito da ação da incompletude do sentido. Numa frequente relação dialógica com o todo e a parte, vamos construindo, buscando a verdade de nossa historicidade (21). Mas a verdade aqui novamente aparece como condição de sua própria negação, um legítimo evento de desvinculações entre projeções e historicidade. Imersos nesse meio, podemos comunicar literalmente o vínculo entre nossa identidade e boa parte do mundo que a cerca. “Pode-se dizer: sem a linguagem não podemos nos comunicar? Isso soa como se houvesse comunicação sem linguagem. Porém o conceito de linguagem repousa sobre o conceito mesmo de comunicação” (22)

O que Victor Aquino parece intencionar esclarecer com sua obra é que, na experiência estética, a irrupção da verdade ocorre pela revelação não de ideias, mas de ambientes, de moradas, de partilhas das quais, a priori, as coisas emergem, sem que sua principal ontologia esteja numa sequência lógica de aparecimento no mundo. Nesse contexto, o conhecimento deve assumir sua condição de expressividade poética à busca da experiência. Esta pertença ao mundo não se revela simplesmente em sua

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

atuação ou produção, mas no acontecimento da abertura de novos horizontes a cada nova compreensão. Em sendo assim, na obra de Victor Aquino não vivenciamos um mundo que está ou não presente em expressividade estética, mas ocorre pela relação dos nossos horizontes com os horizontes que se apresentam a nós, por meio do encontro entre ficção e conceito acadêmico. Victor Aquino não defende uma noção abstrata e puramente teórica de experiência estética, ele vivencia o conceito e socializa esta vivência para todos nós, com a mesma transparência como conta incríveis histórias durante um café. É curioso o quanto Victor Aquino é generoso na socialização de suas ideias, inclusive, de suas obras. Quase todos os seus livros podem ser baixados gratuitamente pela Internet. Novamente aqui, Victor Aquino não defende simplesmente a coletividade do acesso livre à produção acadêmica e ficcional, ele pratica o princípio (23)!

A obra de Victor Aquino nos oferece o exercício da condição movediça da linguagem, contrária à qualquer fixidez de significado. A cada novo sentido, novo livro, surge uma nova configuração de horizontes que nos convidam a experimentar novas paisagens temáticas. Tal como o mundo se apresenta a nós, a experiência interdisciplinar de Victor Aquino nos absorve, nos envolve, nos encasula literalmente. A mensagem se dilui no interior da hibridização das vozes, imagens e sons, que sempre expressam um naco do Victor Aquino narrador de histórias. A mensagem está frequentemente em perigo, porque

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

todo contador de histórias, ao mesmo tempo em que tenta passar uma “moral da história”, também nos oferece a possibilidade de interpretarmos a narrativa como bem entendemos. Um sentido, a qualquer hora, pode perder o rumo, desaparecer e nunca mais voltar ou, ao contrário, retornar o tempo todo por meio de novas produções.

REFERÊNCIAS

- (01) GADAMER, H.G. **Wahrheit und Methode**. J.C.B. Mohr, Tübingen, 1986. v.II.
- (02) JURANVILLE, A. **Lacan e a Filosofia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989. Parece ficar claro que a verdade estará sempre forcluída.
- (03) Tal como Heidegger compreendeu o resgate do conceito de verdade, ver Heidegger, M. **Sein und Zeit**. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1972.
- (04) GADAMER, H.G. **Wahrheit und Methode**. op.cit.
- (05) Questão muito bem analisada por Casti, John L. *Would-be worlds*. Nova York, John Willey & Sons Inc., 1997.
- (06) GADAMER, H.G. **Wahrheit und Methode**. op.cit. p. 53.
- (07) DARLEY, Andrew. **Visual digital culture**. Nova York, Routledge Press, 2000.

Cotidiano e experiência estética como conhecimento

- (08) JOYCE, Michael. **Of two minds**: hypertext, pedagogy and poetics. Michigan, Michigan Press, 1998.
- (09) GADAMER, H.G. **Wahrheit und Methode**. op.cit. p. 59.
- (10) BAIRON, Sérgio (coord.). **Hipermídia, Psicanálise e História da Cultura**. São Paulo, EDUCS, Ed. Mackenzie, 2000.
- (11) GADAMER, H.G. **Arte e verdade da palavra**. Barcelona, Paidós, 1998.
- (12) BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992; e ainda _____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo, Hucitec, 1991.
- (13) HEIDEGGER, M. **Die Frage nach dem Ding**. Zu Kants Lehre von den transzendentalen Grundsätzen. Tübingen, Niemeyer, 1985.
- (14) Consultar Burdea, Grigore & Coiffet, Philippe. **Tecnologías de la realidad virtual**. Barcelona, Paidós, 1996.
- (15) GADAMER, H.G. **Estética y Hermenéutica**. Tecnos, Madrid, 1997. Fundamentalmente o texto *Poesía y mimesis*.
- (16) MACKAY, Hugh & O'Sullivan, Tim. **The media reader**: continuity and transformation. Londres, Sage Publications, 1999.
- (17) GADAMER, H.G. **Wahrheit und Methode**, op.cit.
- (18) HEIDEGGER, M. **Die Frage nach dem Ding**. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1987.
- (19) HEIM, Michael. **Virtual realism**. Nova York, Oxford University Press, 1998.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*C*otidiano e experiência estética como conhecimento

(20) GADAMER, H.G. **Wahrheit und Methode**. op.cit.

(21) LANDOW, George & DELANY, Paul. **Hypermedia and literary studies**. Londres, Cambridge, The MIT Press, 1991.

(22) WITTGENSTEIN, L. **O caderno azul**. Lisboa, Edições 70, 1987. p. 89.

(23) LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo, Editora 34, 1999.

*ironias
e afetos*

Vera Elisabeth Prola Farias¹

· IX ·

Marshall Berman (1982) associa a modernidade e uma certa lógica de experienciar o tempo e o espaço. Para Harvey (1989) as concepções de tempo e de espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social; e, como na contemporaneidade essa

1. Professora da Universidade Franciscana. Licenciada, mestre e doutora em Letras. Organizadora em colaboração de *Graciliano Ramos* e *Carlos Drummond de Andrade*.

*i*ronias e afetos

reprodução encontra-se em permanente mudança, em função de que as barreiras espaciais foram reduzidas a tal ponto que tornaram o espaço um aspecto contingente da ação humana, a compressão tempo/espaço mergulhou o fluxo do sistema de representações - espacialização congelada do devir do homem – no paradoxo de fixar a mudança vertiginosa do tempo da contemporaneidade. A tensão perturbadora da diversidade de reações sociais, políticas e culturais ao horizonte simultâneo espacial e temporal provoca algum tipo de modificação nas suas representações; no caso da arte, especificamente da literatura, subverte dramaticamente as estruturas narrativas, incompatibilizadas com a tradição espaço-temporal da fabulação organizada e articulada num desenrolar coerente à procura de um significado universal e eterno.

Nesse viés de complexidade cultural, a literatura desloca-se em muitas vertentes a procura de novos efeitos estéticos capazes de capturar o leitor no indicamento de um presente comprimido e encapsulado nas dobras de significantes que conectam ficção e realidade numa perspectiva mundana de urgência, tanto narrativa quanto mercadológica. Comprime-se o tempo e o espaço também no ato de escrever.

É nesse projeto que Victor Aquino embarca sem medo e com a bagagem de escritor antenado ao seu tempo: trabalhar a linguagem de tal forma que a eficiência de

Ironias e afetos

seu resultado revele-se na carpintaria de significantes aparentemente acessíveis – um jogo de astúcia sem peso e sem regras – e significações retalhadas que apontam para os íntimos lugares de um sujeito sem tréguas na volatilidade do cotidiano. Em “*1 hora e 59 contos minutos*” a matemática do tempo ficcional amplia a sincronia dos eventos, atravessada por uma série de histórias curtas, picotadas e descosturadas, identificadas com um tempo e um espaço demarcado de urgências, perdas e ganhos.

No primeiro mini-conto, “*1 Hora*”, a economia das frases articula uma gramática de flagrante do instantâneo que assume feições de “evento” e remove a oposição entre a subjetividade e o mundo. O trânsito da metrópole, na sua materialidade, atinge de tal forma o personagem como impacto da experiência direta porquanto incorpora o sentido de todo movimento narrativo do qual foi extirpado. Nesse viés, o trânsito na sua referencialidade absurda de caos acaba atingindo o sujeito e sua intimidade de forma irreversível. Na redução discursiva é fixado o frenesi de uma situação comum cujas repercussões tencionam a centralidade narrativa desdobrando as consequências até o limite do lamentável – um lamentável que o autor reveste discursivamente de compreensão e afeto, convocando o leitor para um olhar interior mais generoso com as mazelas do tempo presente.

“*Arroz Queimado*” e “*Tiros na Farinha*” tratam de questões de família, definidas através de ações banais cuja

*i*ronias e afetos

repercussão se dá pelo inusitado desfecho em que um ato pequeno e repetitivo é atingido pela artimanha actancial. Assim, uma idosa queima o arroz e a culpa é do autor do livro, cujo talento a impediu de parar de ler; ou então , o menino endiabrado que a família só consegue controlar através do presente de uma espingarda de pressão com a qual ele atira nos sacos de farinha de um armazém vizinho mas nunca atinge seu objetivo, tornando-se refém de uma armadilha inocente .

A economia linguística aponta sempre para o inusitado como quebra irônica e, ao mesmo tempo, melancólica do devir humano. Todos os mini-contos operam na instantaneidade, usando frases curtas e diretas marcando a precisão do relato de eventos pequenos e sem glamour, que se agigantam, sob a perspectiva interpretativa, no uso estilístico do desfecho como quebra semântica do ritmo: dito de outra forma, Victor Aquino, melifluamente contagia seu leitor com o reconhecimento da mundaneidade, de que mesmo os atos mais (in)significantes da existência revestem-se de uma certa dor que desafia a superficialidade.

Nessa potência de economia excessiva, o autor/narrador desdobra seus enunciados, costurando-os como uma colcha de retalhos em que cada peça, por mais diferente que seja das outras, produz uma dobra dupla, cujo avesso é o artifício estético autoral. Homem da comunicação, e também da vida, Victor Aquino sabe bem como se captura o leitor e faz dessa perspicácia de

Ironias e afetos

sabedoria seu projeto autoral: de cada fragmento, de cada situação extrai matéria para o seu fazer literário, articulado numa linguagem referencial capaz de conferir múltiplas significações a “1 Hora e 59 contos-minutos”. O resultado é a conexão entre o banal e seus sentidos embutidos de pequenos dramas, configurando uma escritura generosa que acolhe as histórias das gentes da vida, performatiza a ação ficcional afetivamente e imprime características de múltiplas consequências, sob o ponto de vista da recepção pelo leitor. O autor escreve para um leitor atento não somente aos movimentos da centralidade actancial, mas, sobretudo, aos movimentos do tempo e do espaço e às implicâncias contextuais que a emolduram.

A ironia que permeia seus mini-contos concilia, no impulso narrativo, o diálogo do texto jornalístico, e seus correlatos da publicidade, com o texto literário, borrando as fronteiras entre a ficção e a não-ficção; é a ironia, como recurso estratégico, que confere força poética aos pequenos eventos narrados ao desdobrar suas possibilidades de leitura.

Assim, em “*Letra e caneta*” a ironia se articula num lance de humor que reduz a dramática do ler/escrever à compra do objeto de desejo de um rapaz pouco afeito às letras: uma caneta de luxo.

O uso da ironia nos mini-contos de Victor Aquino, assim como em toda sua obra, assume mais um tom de

•
Ironias e afetos

brincadeira do que de acidez – o autor reveste a acidez de seus desfechos irônicos com uma jocosidade afetiva, o que implica outros horizontes de significação. Em “Um risco sob o sol”, uma menina desfaz a ilusão metafísica de um padre recobrando um gesto peculiar com uma simplicidade aparentemente ingênua e, ao mesmo tempo, eivada de uma sensibilidade só possível àqueles que têm fé. É nessas dobras que a ironia se duplica num jogo de “enganar com a verdade”, de propor novas alternativas de interpretação discursiva em direção à ética do texto.

Essa dimensão ética, alinhavada pela configuração da ironia como recurso estilístico, é sempre extraída de um evento banal, que é só o mote para radicalizar o sentido do movimento narrativo do qual foi extirpado, em que “o que cada um enxerga dentro do espelho... nem sempre é o que os outros veem fora dele”, ou “Não adianta acordar cedo para fazer qualquer coisa, se depois vai sobrar o dia inteiro para fazer nada...” Os pequenos fragmentos revelam uma perspectiva narrativa para além da escritura e convocam o leitor a assumir uma postura reflexiva diante da relevância de atos esvaziados em repetição mecânica – paradigma da vida moderna.

Para quem conhece a obra de Victor Aquino, a loquacidade que caracteriza suas narrativas e o investimento menemônico em personagens que atravessam o tempo e o espaço detalhadamente, sabem que elas (as obras) exigem do leitor uma recepção aberta a referencialidades

Ironias e afetos

codificadas no mundo da cultura, cuja interpretabilidade requer atenção e informação – pressupostos narrativos que o autor traz da trajetória de homem da comunicação. Esse viés autoral marca toda sua produção ficcional e imprime características de consequências ampliadas, sob o ponto de vista, da recepção pelo leitor. O autor escreve para um leitor atento não somente aos movimentos da centralidade actancial, mas sobretudo aos movimentos do tempo e do espaço e às implicâncias contextuais que a emolduram. À visibilidade desse processo em seus longos romances, Aquino contrapõe “1 hora e 59 contos–minuto” introduzindo a economia linguística como um novo material a ser desvendado pelo leitor, agora desafiado a abrir mão do conforto de um enredo linear.

Aquino constrói com muita habilidade pequenas cenas como exercício de contenção, tarefa árdua para um escritor tão prolixo, concedendo ao leitor o papel de decifrador dessa nova possibilidade de escritura, sem divagações nem descrições desnecessárias.

Seus personagens, sem contornos, podem ser lidos como “qualquer um” nas consequências de pequenas contingências e só ganham envergadura no desfecho que dramatiza ironicamente, em todos os minicontos, o inusitado como força motriz da fabulação e da vida. Esse cruzamento de fronteiras possibilita a reflexão sobre o sujeito moderno e seus correlativos éticos. Apostando sempre em driblar a vida com bom humor, os contos

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*i*ronias e afetos

de Aquino expõem com sensibilidade uma escritura de redenção irônica do que parece não ter sentido.

Embarcar nessa nova perspectiva de escrita coloca o autor – grande contador de histórias - em sintonia com um tempo e um espaço cujas demandas revestem-se de urgência. Aquino responde com seus contos-minuto, performatizando a forma breve de maneira a criar um nó que precisa ser desatado por um leitor que também tem pressa e cujas ferramentas estão no mundo da cultura cotidiana, que só podem ser buscadas na sua carpintaria interpretativa.

*Mediação e
didática em
victor aquino*

Edson Leite¹

· X ·

O professor Victor Aquino Gomes Correa é responsável pela Disciplina Estética em Publicidade do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Desenvolveu o site <<http://www.victoraquino.com>> para

1. Professor Titular da Escola de Artes, Ciências e Humanidades na USP. Bacharel em Direito. Mestre em Comunicação Social. Doutor em Ciências da Comunicação. Autor de *Memórias da Orquestra Sinfônica da USP*.

*M*ediação e didática em victor aquino

a inclusão de ebooks que servem, sobretudo, de material de apoio didático-pedagógico para suas aulas no curso de publicidade da USP, mas este material de excelente qualidade pode atender a quaisquer professores e alunos que trabalhem com a área da estética.

Entre esses *ebooks*, cumpre destacar a série *Aventura Estética da Publicidade*. Trata-se de uma publicação do INMOD (Instituto da Moda), do ano de 2012, constituída por 16 títulos:

1. Introdução à Estética
2. Arte e não Arte
3. Caminhos da Arte Publicitária
4. Arte, gosto e Preferência
5. Moda e Publicidade
6. As Leis da Moda
7. Beat Generation & Advertising
8. Kitsch
9. Campos de Estudo da Estética
10. Melissinha com Pochetezinha
11. Excessos do Merchandising
12. A Revolução dos Feios

*M*ediação e didática em victor aquino

13. Publicidade de Cerveja e Remédio
14. Publicidade, Violência & Jornalismo
15. Design e Estética Utilitária
16. Imitação Estética na Publicidade

Os *ebooks* servem de apoio ao docente no momento da aula, possuem ampla seleção de imagens e textos de apoio que podem ser projetados em equipamento de data show, mas que também servem de texto base para a leitura dos estudantes, fornecendo um vasto espectro sobre o estado da arte dos temas abordados no curso de estética, com ênfase na formação do publicitário.

Apoiado em sólida bibliografia, constituída por obras de referência nas áreas da estética, teoria da comunicação, história da arte, publicidade, sociologia, entre outras áreas do conhecimento, Victor Aquino inicia seu trabalho apresentando reflexões sobre os pensamentos dos filósofos gregos: Sócrates, que pregava que a beleza mantém uma relação com o bem e deve estar associada a uma utilidade prática; Platão, que afirmava que tudo que faz bem ao ser humano é o resultado de uma espécie de combinação entre aquilo que é e aquilo que não é real; Aristóteles, que defendia que a sensação produzida por uma criação de natureza extraordinária é objeto de uma reflexão profunda e Plotino, que elaborou três tratados, o primeiro sobre a *beleza* (onde trata da simetria das formas), o segundo sobre

*M*ediação e didática em victor aquino

a *beleza inteligível* (onde considera a natureza em seu estado primitivo como emanção e plenitude de tudo que emerge como algo diferente e bom) e o terceiro *sobre o bem* (onde ensina que os atributos da beleza são meios de levar o ser humano a um estado no qual ocorre uma sensação boa).

O Prof. Aquino analisa, entre outros, os textos do grande pensador da Idade Média Santo Agostinho que, apoiado nos gregos, descreve a *figura de Deus* como a *perfeita beleza*, de onde surge a ideia do *dom divino* que guiaria os artistas em suas obras e da supremacia de Deus e, por consequência, da Igreja Católica. Relata a criação do termo *estética*, por Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762), que inventou a palavra estética para explicar as sensações causadas pela beleza no ser humano, de tudo aquilo que pode ser percebido pelos sentidos. Baumgarten tentou explicar como a beleza envolve um processo de produção, de percepção e de entendimento, ou efeitos da obra de arte e o modo como a beleza é percebida.²

Continuando neste percurso histórico dos estudos da estética, o Prof. Aquino apresenta algumas das principais idéias do filósofo Imanuel Kant em seu livro “Crítica da

2 Somente a partir da segunda metade do século XVIII é que surge um florescimento de teorias, discussões e a reconsideração da arte como disciplina autônoma. Nasce, assim, a *Filosofia da arte* intuída por Giambattista Vico no seu livro *Ciência nova* e depois definida por Alexander Baumgarten como *Estética* em 1750 no livro “*Aesthetica*”, para significar “doutrina do conhecimento sensível”.

*M*ediação e didática em victor aquino

Razão Pura”, para quem a maneira de entender o significado da beleza passa pela estética. Discute, também, as idéias de Hegel, o grande idealista alemão, que definiu a estética como a ciência que estuda o belo artístico, excluindo o natural, que ele considerava como manifestação exterior que se oferece à nossa intuição e contemplação sensíveis.

Segundo Pareyson (1989), a filosofia não traz normas, mas sim especulações que emergem da experiência estética, isto é, faz uma reflexão sobre os problemas da beleza e da arte, reflexão essa que se constrói sobre a experiência estética. Nesse sentido, a estética não terá normas, ela se servirá da poética e da crítica para direcionar normas e regras à arte. Cada momento da história da humanidade, assim como cada ser humano, terá valores estéticos próprios e que serão essenciais para a formulação e compreensão de diretrizes gerais sobre as obras de arte produzidas durante cada período.

Depois de uma profunda reflexão embasada no pensamento erudito sobre o tema, Victor Aquino conclui que a na atualidade o termo estética tem menos a ver com o *belo* ou com aquilo que era entendido com a experiência sensorial do *contato com o sublime*, afinal o termo tornou-se quase um glossário de entendimento daquilo que é aceito ou rejeitado social ou culturalmente, tornando-se um campo da Filosofia que reflete e permite a compreensão do mundo pelo seu aspecto sensível. A estética passa a ser conceito de uso corrente a partir do momento em que não

*M*ediação e didática em victor aquino

apenas a arte, mas tudo que decorre da expressão humana se torna objeto de interesse estético: a publicidade, a moda, a beleza corporal, as cirurgias plásticas, o kitsch etc.

Nos *ebooks* da série *Aventura Estética da Publicidade*, Victor Aquino introduz o estudo da publicidade como recurso da comunicação que tem interação com o mercado, que incentiva o consumo, a propagação de idéias, tendências, gostos, valores e modos de percepção de realidade e busca estudar o processo de intuição, criação, produção e veiculação desse gênero de comunicação, contextualizando o ato criativo em publicidade segundo padrões estéticos predominantes, refletindo sobre a arte publicitária no cenário da produção cultural e sobre sua influência na geração de novas convenções estéticas, gostos e estilos.

Aquino apóia-se também em obras mais recentes para fundamentar suas observações, comentários e para traçar um fio condutor na relação da estética com a publicidade contemporânea. Entre as obras que servem de esteio para essa fundamentação vale destacar:

- *Histoire de L'Esthétique* (BAYER, 1961). Obra que traça um rigoroso estudo que aborda os sentidos e os interesses do uso da palavra estética.

- *A Cultura como Espetáculo* (SUBIRATS, 1989). Que analisa os efeitos do espetáculo promovido pelos meios de comunicação como causadores da operação de desmonte na produção cultural e artística atual.

*M*ediação e didática em victor aquino

- *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (HALL, 2003). Obra que estuda a mudança de gostos e valores como resultado de pressões culturais e os meios de comunicação como ferramentas para a revalorização da identidade cultural.

- *A Condição Pós-Moderna* (HARVEY, 2000). Livro que demonstra, entre outros pontos, como os programas de grande audiência nivelam o gosto da maioria dos indivíduos.

- *Crítica da Modernidade* (TOURAINÉ, 2002). Texto que demonstra como as opções individuais de cada indivíduo passam a ser determinadas pelo gosto da maioria, afinal o consumo justifica o nivelamento de gosto da maioria.

- *A Parte do Diabo: Resumo da Subversão Pós-Moderna* (MAFFSOLI, 2004). Onde o autor discute como não apenas o modo de ser, mas também os modos de sentir, predominam na organização dos valores da contemporaneidade.

- *O Império do Efêmero* (LIPOVETSKY, 1989). Obra em que o autor discute como a moda tem sido a grande responsável por fazer com que a variação de gosto tenha se tornado o mecanismo mediante o qual se orientam os mercados, os comportamentos e, por consequência, a própria cultura.

Victor Aquino

entre ciência e ficção

*M*ediação e didática em victor aquino

- *O Jogo do Belo e do Feio* (GIANNOTTI, 2005). Livro que apresenta a arte como jogo de linguagem, como lugar por excelência da revisão de regras e de produção do inesperado.

Aquino possui vários textos dedicados ao estudo da estética, além da coleção dos *ebooks* da série *Aventura Estética da Publicidade* e destacamos, entre outras, as seguintes obras:

- *Aesthetical Effects of Open-air Media* (VICTOR AQUINO, 2006);

- *Aesthetical Changes in Brazilian Pop Music* (VICTOR AQUINO, 2006);

- *Fashion Concept: Apperfection of Aesthetical Changes* (VICTOR AQUINO, 2006);

- *Fashion & Body: Aesthetical Links of Self-image* (VICTOR AQUINO, 2008);

- *Moda & Pop Music: Transcendências do Consumo* (CORRÊA, 2000);

- *As Leis da Moda* (VICTOR AQUINO, 2012);

- *Ainda Música e Moda* (VICTOR AQUINO, 2012);

- *Estética dos Orixás* (VICTOR AQUINO, 2014);

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*M*ediação e didática em victor aquino

- *Kitsch: Entre Mau Gosto e Preconceito* (VICTOR AQUINO, 2006);

- *Folks & Cowboys: Aesthetics of Brazilian Contry Music* (VICTOR AQUINO, 2005).

Na série *Aventura Estética da Publicidade*, Aquino aborda os vários eixos possíveis na relação da estética com a publicidade e, mais que isso, tem a preocupação de indicar aos leitores temáticas abrangentes e atuais, discutidas à luz dos grandes teóricos, mas sem os preconceitos comuns na academia e no mundo das artes, de maneira a que as informações e a discussão sobre os temas possam contribuir para uma formação humanista condizente com as tensões e realidades do mundo contemporâneo.

Victor Aquino dedica um dos ebooks ao tema do design e da estética utilitária. Neste material ele inicia sua análise pela criação da Bauhaus, em 1919, após a Primeira Guerra Mundial e aponta que a idéia era criar uma escola na qual estivessem integradas a arte, a ciência e a técnica. A Bauhaus foi fundada por Gropius, em Weimar, e surgiu da fusão da Escola do Grão-Duque para Artes Plásticas com a Kunstgewerbershule. A partir de sua criação, desenhar objetos, criar coisas de uso comum ou especial, consolidou-se como atividade essencial. O design passou a ser referência para o próprio consumo dos objetos e alcançou um patamar definitivo, tornando-se ele um alvo do gosto e da preferência de consumidores.

*M*ediação e didática em victor aquino

Outro *ebook* é dedicado aos movimentos beatnik e hippie que ocorreram entre os anos de 1950 e 1970 nos Estados Unidos e afetaram comportamentos, padrões culturais e, sobretudo, a própria organização social. O movimento *hippie* veio em sequência do *beatnik*, servindo-se da contestação ao serviço militar para posicionar-se claramente contra a guerra do Vietnã, e foi um movimento social que alcançou largamente as estruturas políticas americanas e trouxe muitos desdobramentos que incluíram novos padrões de comportamento, mudanças culturais profundas, tomada de consciência e evidência das gerações mais jovens, que passariam a intervir com maior expressão no processo político. Seu lema foi “faça amor, não faça a guerra” e o Festival de *Woodstock*, que aconteceu em 1969, foi o mais importante festival de *rock and roll* de sua época. Realizado em uma fazenda em Bethel, Nova Iorque, reuniu num final de semana mais de 400 mil pessoas. Foi um marco do movimento da contracultura, promovendo grande polêmica, pelos propósitos levantados: os ideais paz e amor, defendendo o sexo livre e condenando a Guerra do Vietnã. Tornou-se um forte protesto contra a sociedade americana infestada pelo desejo de controle e foi o auge da era *hippy*.

Outro *ebook* contextualiza que, na segunda metade do século XX, chegam aos museus americanos as principais aquisições de modernistas europeus, a exemplo de Picasso, Modigliani, Kandinsky, Paul Klee e Salvador Dali, preparando o país para a pop-art, que vai surgir após a

*M*ediação e didática em victor aquino

guerra do Vietnam. O advertising change começa a ser evidente a partir das campanhas que incorporaram a linguagem da pop-art. Victor Aquino destaca a figura de Andy Warhol como grande representante desse momento histórico e artístico no cenário norte-americano e explica que Warhol não foi o único representante da pop-art, mas foi o artista que melhor interpretou a mudança em seu tempo, uma mudança que atingia o mercado e, conseqüentemente, a publicidade. Warhol realizou as mudanças de linguagem que se faziam necessárias e que acompanharam as mudanças de gosto e opinião das gerações naquele período, mudando também as formas de ver o mundo. Evidentemente, as novas tecnologias contribuíram para ajudar a colorir o mundo, mas essas cores não apareceriam por acaso, sem a intervenção do ser humano, e essa intervenção aconteceu inspirada nesse novo padrão estético.

Outro assunto abordado nos *ebooks* de Victor Aquino é a moda. Sobre esse assunto o professor discorre com *expertise*, já que foi de um dos precursores dos estudos sobre moda no Brasil. Aquino destaca que o assunto é relativamente recente na Academia e que impõe disciplina, independência e isenção, envolve reflexões sobre a cultura, a sociedade, o comportamento e o mercado e também provoca preconceitos por parte dos que entendem que o tema é superficial, mas, por outro lado, entusiasmo arrebatador pelos tantos que se interessam seriamente pelo assunto. Cumpre ressaltar que moda envolve áreas como a

*M*ediação e didática em victor aquino

história, o estudo do comportamento, a arte e o mercado e depende de figuras humanas de expressão, ou evidência midiática, como atletas, modelos, artistas de sucesso, sem os quais ela permaneceria sem um referencial indicativo, não apenas de uso, mas de estímulo à imitação.

Um título curioso nos *ebooks* de Aquino é o de seu livro *A Revolução dos Feios*. Neste texto, Aquino parte do princípio de que ninguém quer ser feio, ignorante, antipático, pobre por vontade própria, imagina-se que mesmo independente da própria vontade ninguém deixe de, ao menos, imaginar a superação desses, digamos “defeitos”. A partir desta constatação, Aquino defende que não há um padrão comum a todas as pessoas, do mesmo modo que também não há um entendimento comum daquilo que é feio e daquilo que não é. Beleza ou feiúra tratam de interpretações culturais estéticas.

No *ebook* sobre o kitsch o principal autor referenciado é Abraham Moles (1975). Neste trabalho, Aquino explica que o kitsch é um estilo marcado pela ausência de estilo, tem uma função de conforto acrescentada ao supérfluo do progresso. Trata-se de um cenário artificial formado por objetos de plástico, aço e vidro que atendem à civilização burguesa, correspondendo ao empilhamento, o frenesi, a inadequação, o meio-termo, a inutilidade ou a falsa funcionalidade. O *kitsch* é o modo estético da vida cotidiana, ele rejeita a transcendência e se estabelece na maioria, na média. Com sua costumeira perspicácia,

*M*ediação e didática em victor aquino

Aquino conclui afirmando que os conceitos de arte e expressão artística estão muito velhos. As justificativas de que dispunham para excluir do universo da arte todo o conjunto de trabalhos não homologados previamente pelo “estatuto” que determina o que é arte, já não encaixam tão bem no presente. As novas tecnologias para expressão de qualquer coisa possibilitam a exploração (e intervenção) na imagem alheia. Isso faz alterar o conceito de arte? As novas produções causam impacto e novas classificações na arte. Como avaliar, então, o *kitsch*, o excesso, a extravagância e a momentaneidade fora de contexto?

Entendemos que Victor Aquino, o experiente professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, demonstra através das obras aqui descritas sua requintada formação pessoal, que atinge domínios da comunicação, da arte, da estética, da história, entre outras áreas, e demonstra, também, sua expertise no ensino e na elaboração de materiais pedagógicos adequados aos jovens universitários da atualidade, ávidos não mais apenas pelas informações - que hoje podem ser clicadas em qualquer equipamento conectado à Internet - mas, sobretudo, pelas associações de quem foi capaz de juntar as várias informações e mediá-las com sabedoria, sem preconceitos e com aquele algo especial que as musas revelam apenas para seus eleitos.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*M*ediação e didática em victor aquino

REFERÊNCIAS

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. **Estética** – a lógica da arte e do poema. Petrópolis: Vozes, 1993.

BAYER. R. **Histoire de L'Esthétique**. Paris: Armand Colin, 1961.

GIANNOTTI, J. A. **O Jogo do Belo e do Feio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARVEY, D. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 2000.

LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAFFESOLI, M. **A Parte do Diabo**: Resumo da Subversão Pós-Moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MOLES, Abraham. **O Kitsch**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. 2 ed. São Paulo: Martins Fones, 1989.

SUBIRATS, E. **A Cultura como Espetáculo**. São Paulo: Nobel, 1989.

TOURAINÉ A. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VICTOR AQUINO. **Folks & Cowboys**: Aesthetics of Brazilian Contry Music. São Paulo: INMOD Instituto da Moda, 2005.

_____. **Aesthetical Effects of Open-air Media**. São Paulo: INMOD Instituto da Moda, 2006.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*M*ediação e didática em victor aquino

_____. **Aesthetical Changes in Brazilian Pop Music.** São Paulo: INMOD Instituto da Moda, 2006.

_____. **Kitsch:** Entre Mau Gosto e Preconceito. São Paulo: INMOD Instituto da Moda, 2006.

_____. **Fashion Concept:** Apperfection of Aesthetical Changes. São Paulo: INMOD Instituto da Moda, 2006.

_____. **Fashion & Body:** Aesthetical Links of Self-image. São Paulo: INMOD Instituto da Moda, 2008.

_____. **As Leis da Moda.** São Paulo: INMOD Instituto da Moda, 2012.

_____. **Ainda Música e Moda.** São Paulo: INMOD Instituto da Moda, 2012.

_____. **Estética dos Orixás.** São Paulo: INMOD Instituto da Moda, 2014.

*Leitura de
victor aquino
à luz de
villém flusser*

Guilherme Rodolfo¹

. XI .

Paisagens têm merecido contínua representação desde a antiguidade aos dias atuais, quando servem de cenário em campanhas publicitárias. Carregam em si uma quantidade enorme de elementos e informações que, muitas vezes, servem para a interpretação de nossa própria experiência.

1. Doutorando em Filosofia. Bacharel em Composição e Regência. Publicitário. Mestre em Estética e História da Arte. Autor de *Mosaico musical artemidiático*.

Leitura de Victor Aquino à luz de Villém Flusser

Paisagens nos levam à interpretação de locais, períodos, épocas e outras informações que foram objeto da opção do artista, como elemento sógnico na composição de sua obra. Por que as interpretamos tão rápido? Que outros valores as paisagens podem aportar como informação? A partir dos relatos descritos no livro *Significado da Paisagem*, de Victor Aquino, por exemplo, como da teoria sobre o tempo/espço, ou das teorias sobre as imagens técnicas de Villém Flusser, podem ser avaliados os efeitos das paisagens na construção estética da imagem contemporânea.

CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM

No livro *Significados da Paisagem*, Victor Aquino relata ocorridos que marcaram as formações, o aprendizado e a vida do fotógrafo gaúcho Francisco de Sales Marques Corrêa (1912-1982). Em suas narrativas, descreve os eventos da vida do fotógrafo em uma pequena cidade, marcando cada evento com elementos da memória, ora do próprio autor, ora da memória oral que lhe foi transmitida.

Pode-se então observar que a composição da narrativa do livro une a arte literária com a arte fotográfica, formando uma construção de imagens da natureza humana. Ou, ainda, construções de paisagens da memória, ou da imaginação. São efeitos aparentemente distintos que compõe

Victor Aquino entre ciência e ficção

Leitura de Victor Aquino à luz de Villém Flusser

juntos imagens e paisagens que, assim como as imagens armazenadas em papéis, telas, ou qualquer outro suporte, dependem do mesmo efeito criativo involuntário do observador, que depois reconstrói, reambienta, redimensiona.

Flusser (1985) descreve em *A filosofia da caixa preta* a capacidade espontânea de criatividade diante de imagens não naturais, ou seja, as imagens técnicas. Apoiando-se em argumentos do filósofo Immanuel Kant (1724–1804), sobre a existência em dimensões, Flusser descreve a capacidade de expressão de uma imagem técnica composta em apenas duas das quatro dimensões kantianas. Segundo Flusser, ao observar uma fotografia, somos capazes de apreender apenas a largura e a altura do objeto fotografado. Usando a experiência natural de transposição de signos, pela memória, atribuímos as outras duas dimensões faltantes. Logo, então, construímos a profundidade e o tempo.

Como o próprio autor de *Significados da paisagem* descreve em outra obra, enfatizando a importância do que se percebe em parte para compreensão do todo, “*There are two ways for seeing the same thing: materiality and circumstance*” (AQUINO, 2003). Materialidade é o que se percebe concretamente, seja fato, objeto, pessoa, coisa. Circunstância é a razão pela qual aquele fato, objeto, pessoa ou coisa ali se encontra, acurando um paralelo entre os dois eventos, materialidade e circunstância.

A existência do paralelo entre as duas observações de imagens fica mais claro com os argumentos do próprio

Leitura de Victor Aquino à luz de Villém Flusser

Flusser, ao afirmar que o texto, desde a invenção da escrita, executa a função singular de acompanhar e explicar as imagens. Na visão do filósofo, sempre haverá imagem, seja como as conhecemos, ou como as idealizamos na leitura de qualquer texto. Em *Significados da paisagem*, a composição da imagem reside em sua forma narrativa. Mesmo contendo imagens, as informações e significados contidos no texto executam as dimensões da imagem plana. Somos levados a um exercício criativo natural. Formamos as imagens das descrições que lemos.

Neste aspecto, a existência do termo “paisagem” chama a atenção. Por não ser representativamente uma técnica de formação de imagens, a formação natural de imagens, e estas formadoras de elementos na natureza humana, reflete a formação de, na verdade, paisagens.

Segundo algumas definições de aplicação sobre o termo, paisagem pode significar o espaço externo apreendido pelo olhar. Ou, ainda, o que se refere a regiões. Pode ser a união de mais de um país, ou o segmento interno, dentro de qualquer país. Neste último, sugere, assim como no livro, o termo atribuído ao habitante do interior do país, o “paisano”. Esse termo foi utilizado durante a segunda guerra mundial pelos soldados italianos para definir os italianos não militares, logo, a quem pertence ao país, os cidadãos. Coincide com a formação da palavra em francês, e possivelmente aderida pelo entendimento brasileiro,

Leitura de Victor Aquino à luz de Villém Flusser

onde *paysage*, além de ser o espaço externo, é também indicativo de parte de um país.

Embora o termo “paisano” tenha passado por referências pejorativas, como caipira ou desconhecedor da lei, sua relação com o habitante de parte do país é que estabelece a atmosfera da paisagem – ou das imagens formadoras do elemento descrito – tornando a narrativa de Aquino uma formadora da paisagem humana. As descrições são a formação da imagem natural do habitante de uma área territorial de um país.

DECIFRANDO MAPAS

Outra característica que une esses dois autores é a formação tradutora da imagem. Sabemos que interpretamos as imagens com sentidos naturais, como sabemos que estes se alteram pelas mudanças constantes do ambiente em que vivemos. No início da existência do homem na terra, as imagens tinham uma função organizadora e referencial. Comportavam-se como mapas tradutores da vida. Flusser aponta o desenvolvimento das sociedades e as invenções das comunicações, via transmissões elétrica/eletrônicas, como constantes alterações dessas interpretações dos mapas.

*L*eitura de Victor Aquino à luz de Villém Flusser

No trajeto apresentado pelo autor, o personagem passa pela composição de seu caráter, passando depois pela aplicação desses conceitos, de natureza ética, na formação da família e no desenrolar da própria vida. Nos dois casos, de Flusser e de Aquino, as abordagens apontam para a constante transformação do espaço e suas mudanças na referência pessoal. Assim como alteramos as leituras dos mapas de Flusser, observamos como cada acontecimento altera o peso social diante da cronologia dos fatos. São pesos e medidas indicadas pelo tempo/espaço. Mais uma vez a paisagem é necessária como explicação da imagem gerada pelos textos.

São muitos os autores que descrevem as atividades do olhar como sendo um fenômeno sensível. Transformamos as informações físicas em conteúdos abstratos. Em sua maioria, esses autores tentam refutar as explicações atomistas que geram a imagem. Em tais casos, a imagem não é apreendida pela retina, passando pelo nervo ótico sob “gerenciamento” do hipotálamo. A imagem é apreendida pela tentativa natural de organização sensível do ser humano, produzindo uma “super-soma” de composições. Esta “super-soma”, utilizada pelas explicações da teoria da Gestalt, demonstra que a junção das partes do objeto observado será, em nosso entendimento, maior que o próprio objeto. Passamos a entender, assim, que a paisagem, como elemento composto de tempo/espaço, é algo superior a isto. Algo que as descrições textuais auxiliam a compor.

Leitura de Victor Aquino à luz de Villém Flusser

COMO PARTITURES

A paisagem formada, a partir dos relatos de Aquino, assim como os mapas de Flusser, são fomentadoras de criatividade e interpretações. São direcionados ao ato criativo da visualização da paisagem a partir das “orientações” do autor. Flusser chama de “movimento simbólico”, uma ação direta do gesto criador do artista. Uma vez que o sentido é apreendido, entendemos o símbolo exposto e criamos a paisagem. Trata-se da construção de meta-imagens estabilizadas como notações. Uma gramática da paisagem.

As construções da meta-imagens dependem de interpretação. Sendo cada humano um ser sensível, capaz de transformar qualquer objeto observado em criação própria, a leitura daquilo que observa se processa mediante uma, digamos, gramática de gostos, referências e atribuições interpretativas. Essa atividade é desenvolvida à semelhança do intérprete que executa uma obra musical diante de uma partitura. O compositor da peça idealizou o som e o transportou para uma notação gráfica que, além do armazenamento, depende do entendimento de quem a interpretar. Anos após a composição, a peça ainda pode ser interpretada. Todavia, com outra atmosfera.

Sabemos que o intérprete que escolhe, por exemplo, um repertório do barroco europeu, saberá a forma aproximada da execução da peça. No entanto é impossível

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Leitura de Victor Aquino à luz de Villém Flusser

saber o que pensava o autor correspondente. Também sabemos, pelo que se aprendeu disso e das referências que se tem a respeito, que a execução deve se aproximar, ao máximo, daquilo que era originalmente. Mesmo assim, ainda haverá diferenças estilísticas de músico para músico.

Na narrativa de Aquino, por sua vez, executamos a leitura de fatos e argumentos que indicam a construção da paisagem dos envolvidos no texto. Entendemos o movimento simbólico. Conferimos, até onde possível, a interpretação da paisagem descrita. O autor, como o compositor, inspirou-se em fatos para criar a própria gramática. Gramática mediante a qual, seja música, seja texto, é depois lida ou executada.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Victor. **Significados da Paisagem**: celebração do centenário de nascimento de Francisco de Sales Marques Corrêa. São Paulo: INMOD, 2012.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

ARNHEIN, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

COUCHOT, Edmond. **A Tecnologia na Arte**: da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*L*eitura de victor aquino à luz de villém flusser

FLUSSER, Vilém. **A filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

PALISCA, Claude; GROUT, Donald Jay. **História da Música Ocidental**. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2011.

homem por trás das palavras

Felipe Chibás¹

• XII •

*“Roma Victore!”
(Victoria à Roma!)*

PRIMÍCIAS

Avontade desta tentativa de discurso ensaístico é a de enfatizar e refletir sobre o modo como a proposta literária do escritor gaúcho Victor

1. Professor doutor do curso de Relações Públicas na USP. Psicólogo pela Universidad de La Havana. Mestre em Integração da América Latina. Doutor em Ciências da Comunicação. Autor de *Creatividad y Cultura: incógnitas y respuestas*.

*h*omem por trás das palavras

Aquino se singulariza nesse notável conto, *Os três “hermanos”*, isto é, sobre como essa obra se aproxima do pensamento latino-americano em termos de conteúdo e em termos estilísticos de autores tão diferentes como Alejo Carpentier e Gabriel García Marquez. Um terceiro propósito que pode ser enunciado é o de entender a obra no seu contexto, ou seja, entendendo a complexa personalidade do autor e sua controversa época.

Com estes propósitos e desde a perspectiva do leitor contemporâneo, este ensaio também pretende interpretar a dita obra situando-a sob o signo da originalidade num duplo sentido. Em primeiro lugar, realçando o fato da solução inesperada no seu final e em segundo, realçando o humor implícito na mesma.

CONTRASTES E APROXIMAÇÕES

Desde o título bilíngue em português e espanhol, *Os três “hermanos”*, se insinua a intenção do autor de enunciar o tema que irá abordar durante as páginas seguintes. Assim como se percebe também, nesse título, uma pincelada de humor.

Seguidamente, como num filme de Pedro Almodóvar, com uma narrativa ágil, porém exaustiva em detalhes, o autor nos introduz num ambiente de subúrbio nova-iorqueño, uma espécie de submundo latino, mas por

*h*omem por trás das palavras

incrível que pareça, super-próximo da Broadway, sede dos melhores teatros e auditórios de New York. São nesses contrastes que está um dos atrativos da narração.

Português, espanhol, inglês, e também patuá e *espanglish* se misturam numa língua só na fala dos personagens. Contrasta também a sofisticação na vestimenta e linguagem do “visitante” que domina várias línguas, comparada com a simplicidade dos outros personagens.

A história é contada através do olhar de um personagem nomeado como o “visitante”, o Luis Henrique Silva. Adivinha-se no visitante que chega do Brasil o próprio autor e também o olhar do Brasil como país para o resto dos países latino-americanos. Um olhar muitas vezes crítico, distante, dubitativo, com receio, mas também com sinceras simpatias.

No começo se sente no “visitante” uma certa pose de rocha, rocha de carne, mas rocha que vai sendo amolecida no decurso do conto.

A obra em análise é daquelas que introduzem o imprevisto na convencional evolução dos fatos cotidianos, mesmo naquele mundo estadunidense dos anos 1960, descritos no texto.

Descreve um prédio quase obsoleto, local fedorento, com habitações pequenas, de onde aos poucos vão

*h*omem por trás das palavras

surgindo personagens cubanos, latinos inicialmente escuros, sem brilho, mas que aos poucos vão revelando sua luz interior. Aqui o estilo do autor é permeado pelos tons de cinza, que às vezes relembra ao Ernest Hemingway (2012) pelo uso direto da linguagem, quando comenta detalhes do prédio e de suas personagens:

Tudo cheirava mal por ali. Mau cheiro de alguma coisa em decomposição, talvez, misturado ao odor azedo exalado por um amontoado de capas de chuva molhadas, penduradas umas sobre outras em prego feito cabideiro na parede descascada próximo à porta de entrada. Amontoado que obstruía parcialmente a vista de meia dúzia de quadros de retratos antigos... (AQUINO, 2008)

Em outro trecho do texto refere:

A aparência das senhoras, como dos dois homens que continuavam a conversar, era a evidência de inusitado contraste. Nem só as roupas daquelas pessoas, como o que diziam umas para as outras, dava conta de que tudo por ali estava fora de lugar. (AQUINO, 2008)

*h*omem por trás das palavras

CONTROVERSO SENTIR LATINO:
MÚSICA, CULINÁRIA E
GESTÃO COMO FATORES
DE INTEGRAÇÃO

Aquino abusa da ironia, mas também chega vestido de outras emoções na trepidante narrativa que depende ao contar os acontecimentos.

A história, o miolo do que é contado, é simples: um brasileiro representante de uma instituição esotérica brasileira chega para encontrar com presidente de uma entidade homóloga, supostamente poderosa e norte-americana, no coração de *New York* e se surpreende com esse outro universo latino descoberto de forma repentina e inesperada, onde a organização é comandada por um cubano e composta por latinos das mais diversas origens, sem rasto de um norte-americano. O visitante do Brasil descobre também o senso de cooperação, ajuda e solidariedade presente em todos.

Chega então à proposta quase irrecusável do jantar feito pelo presidente da associação esotérica “americana”, motivo da visita do brasileiro, que se contrapõe ao ingresso já comprado para assistir a um show da Broadway. Há um conflito interno do narrador em *off* acreditar ou não nessas pessoas desconhecidas daquela turma pitoresca, sorridente, de roupas e maneiras simples, naquele lugar distante, longe de seu país. O “visitante” tem que escolher

*h*omem por trás das palavras

entre o já planejado, o *chic*, o céu pregado de estrelas cinematográficas da Broadway e o jantar dos pobres latinos. Os cubanos e os outros latinos prometem que reaverão o ingresso. Ele não acredita, mas por inacreditável que pareça, o viajante cede às pressões da turma latina e escolhe ir ao jantar, deixando o ingresso já comprado nas mãos dos “novos amigos” para sua ulterior troca.

Interessante ver que a postura do “visitante” se parece bastante com a postura diplomática do Brasil em muitos dos eventos que envolvem outros países da América Latina, nos quais devem-se fazer votações. Postura às vezes indecisa, mas que quase sempre no final se aproxima de seus vizinhos.

Esse conflito se resolve pelos próprios fatos. No final não se sabe como, mas tudo se resolve: criatividade latino-americana. Até o ingresso é trocado e o “visitante” consegue ir ao desejado show da Broadway.

Dessa maneira o autor vai criando uma obra que não é uma história de amizade, mas também a é; desmistifica tudo, inclusive as crenças sobre como funciona o cotidiano latino nos Estados Unidos; relativiza valores; zomba de contradições e propõe uma ruptura com o tradicional, questionando a história dos nossos países a partir da realidade crua e verdadeira vivenciada quase em carne própria pelo leitor a partir da força das palavras do autor.

*h*omem por trás das palavras

Como na pintura *The invisible lovers de Dali*, o quadro final é bem surrealista, misturando na mesma cena elementos reais e oníricos: um trio de cantores *mariachis* “mexicanos”, integrado por três latino-americanos, sendo que nenhum deles é mexicano. Um deles é da República Dominicana, o segundo, da Costa Rica e o terceiro, panamenho.

Para completar, um dos cantores latinos era a Maria Graciosa Grael, uma mulher disfarçada de homem, que gostava de ser chamada pelo sobrenome, Grael.

Destaca-se na obra a música como fator de integração. Como sabemos, não apenas a música mexicana, mas também a música de origem cubana, rotulada comercialmente como salsa, é um dos símbolos emblemáticos da comunidade latina no *Brooklyn* em *New York*, Miami e em todos os Estados Unidos.

Mas como bem coloca o autor:

A cultura latina, pode-se dizer, vai muito além da riqueza de semelhanças e diferenças, de paladares e cores, de múltiplos sons e fazeres. Não seria de estranhar, portanto, como aquele grupo valeu-se da oportunidade e ocasião para gerar um novo negócio que beneficiava tantos naquela comunidade (AQUINO, 2008).

*h*omem por trás das palavras

BARREIRAS CULTURAIS E PERSONAGENS DE AQUINO

A submarina inquietação do autor mergulha na dinâmica dos seus personagens. Por isso, os envolvidos nessa empreitada do trio de *mariachis* se integram também no nível de montar e gerir o micronegócio do trio como via para subsistir. Este fato, além do humor enrustido na situação, mostra as dificuldades que para sobreviver enfrentam os latinos nos Estados Unidos.

Os personagens de Aquino, os cubanos e os dos outros países, Benito Gandra e sua esposa, Alzira Gandra; Dolores Robledo, madre de Paco Robledo, Pepe Valdez; Juanito, Carlos Basigual, Felipe Arconada, Graiel, Ana Milagros, Tiburcio Cabral, Rafaelito Flores e sua esposa, entre outros, são representantes de uma “tribo” excluída dos holofotes da *Broadway*.

Destaca-se dentre deles o presidente da associação esotérica, Benito Gandra, que não perde a posse da dignidade presidencial, apesar de ser mais um excluído, que apenas conseguiu chegar a ser carteiro naquela sociedade.

E aqui é onde o conto se descobre extraordinariamente revelador em termos ficcionais, dado que o autor levanta com maestria inigualável, o tema das barreiras culturais à comunicação norte-sul quando explica a situação pela qual os latinos excluídos tiveram que fundar sua própria associação esotérica:

*b*omem por trás das palavras

Quatro ou cinco jamaicanos, dois hondurenhos, sete costarriquenses, três panamenhos, dois salvadorenhos, onze venezuelanos, quase vinte mexicanos, um amazonense, dois nicaraguenses e até um chileno. Todos residentes nos Estados Unidos. Todos recusados na sociedade esotérica tradicional. Não preenchiam as exigências estatutárias. A principal dessas exigências era o chamado perfil sociocultural. (AQUINO, 2008)

A proposta literária do escritor se singulariza neste notável e atípico conto, isto é, sobre como a sua obra se aproxima do realismo mágico através da intimidade literária com seus personagens e cenários surreais, oferecendo uma outra resposta possível à grande questão da qual direção a narrativa deve seguir.

Neste novo olhar sobre a vida dos latinos nos Estados Unidos, que por mecanismos de sobrevivência devem se unir criando nexos entre si, independentemente da sua nacionalidade de origem.

Seguindo este ponto de vista, o conto pretende decompor o fato evidente da necessidade de integração e superação das barreiras culturais entre os nossos povos. Um momento interessante neste sentido aparece a partir da cultura culinária:

Logo outro funcionário chegou carregando uma grande quantidade de grossos cardápios, que foram passados às mãos de cada um na mesa. No exemplar correspondente, verificou que constavam iguarias

*h*omem por trás das palavras

e pratos típicos de Cuba, Costa Rica, Guatemala, México, Venezuela, Colômbia, Nicarágua, República Dominicana, Equador, Peru, Bolívia e Porto Rico (AQUINO, 2008).

DIGRESSÕES SOBRE O ESTILO DO AUTOR

A síntese é uma das características próprias do estilo do autor, mas nem tanto quanto foi expressa num outro livro de sua autoria “1 hora e 59 contos-minuto” (2012) que se adivinha com o mesmo estilo humorístico, sarcástico e expressivo, presente naqueles 59 contos, porém muito mais extenso nesta obra. Ácido e bálsamo, doença e cura ao mesmo tempo. Por momentos relembra a Ernest Hemingway em “Adeus às armas” (2012) pelo estilo incisivo, breve. Mas também ao Gabo, Gabriel García Marquez (1968), no romance “Ninguém escreve ao coronel”, pela nitidez da descrição do estado interior dos personagens.

Inspirado por um cânone heterodoxo nesta história de Aquino, sente-se também Machado de Assis, na sua crítica velada às posturas das classes dominantes, quando mostra o errado que estava o “visitante” na sua avaliação inicial da situação. A parte do discurso literário dedicado a descrever o *glamour* de *New York* é bem breve, deixando claro onde está o real interesse do autor.

*h*omem por trás das palavras

Durante todo o texto se sente uma música de fundo presente na estrutura sintática do conto. Pode ser de Villa-Lobos ou Ernesto Lecuona, samba ou “*son*” cubano, repique que mistura a música de câmara com a popular. Mas desde o início se sente um ritmo interior que vai além das palavras. No final, essa música interna também explode nas canções tocadas pelo trio “mexicano”.

O narrador nos conduz de forma espetacularmente simples para o final. Mas suas palavras traduzem uma força imperial. A descrição das emoções internas é nitidamente visível: da perplexidade e o desconforto inicial, passa para a dúvida, até que finalmente se sente a alegria, quase orgiástica, definitiva no jantar.

Se percebe uma evolução psicológica do “visitante” ou narrador em *off* do texto, que parte de uma perspectiva crítica de rejeição do grupo de cubanos e latinos para, aos poucos, passar para a atenção, e depois transitar pelos ansiosos caminhos da dúvida, atravessando a janela da surpresa e finalmente desembocar numa apoteose de prazer e confiança nos inicialmente desacreditados latinos. No jantar final, queira-se dizer, a festa na qual cantam três *hermanos* “mexicanos”, que não são mexicanos, senão costa-ricense, dominicano e panamenho, o fino humor intrínseco em toda a narrativa, se faz presente de maneira explícita.

A estética seguida durante todo o texto é a do real no maravilhoso ou do maravilhoso no real, assim o

*h*omem por trás das palavras

feito se torna bonito, o sujo se torna limpo, belo. Neste ponto o autor se aproxima de Carpentier em “O reino deste Mundo” (1985), mas utilizando recursos literários distintos. A magia da perfeição criativa acontece mesmo quando parece que tudo deveria dar errado:

Mas se Alzira Gandra não lhe tivesse contado nada, dificilmente ele poderia supor que nenhum dos artistas era mexicano. Tudo aquilo parecia uma aberração, sem dúvida, mas era um trabalho artístico perfeito. Igualmente, se não tivesse sabido que Pepe Valdez era motorista de limusine, Paco Robledo, funcionário do departamento de trânsito, e que Grael trabalhava em uma empresa de segurança, jamais imaginaria que não eram artistas profissionais (AQUINO, 2008).

Neste conto, a concepção de linguagem não se prende ao sentido denotativo, senão que potencializa os tropos utilizados através dos distintos personagens, como símbolos que potencializam as ideias subliminares defendidas pelo autor.

Dessa forma, realçando o fato de a solução final da história não ser genérica, mas particular, o autor trabalha primariamente com convenções realistas, permitindo a partir delas a intrusão de sequências lógicas que vão repentinamente dando breves saltos que cristalizam num final veloz e inesperado.

*h*omem por trás das palavras

LATINO-AMERICANISMO

Um dos achados ficcionais do texto de Aquino mais significativo e original é o de descrever uma nova concepção do sempiterno latino-americanismo, muito mais próximo, realista e cotidiano.

Num modo de narrar direto, penetrante e emotivo, o autor remove nossas barreiras, inseguranças e olhares a respeito do outro. Frisando, com a purgação de ciclopes, certezas racionais que temos sobre o “outro” e sua cultura, herdadas através de séculos de estranhamento e pseudoconhecimento de nós mesmos e do outro, próximo geograficamente, mas distante psicologicamente. Este olhar tem uma novidade desconcertante, não apenas para a literatura brasileira, senão também para a latino-americana, que se caracteriza pela sua submissão ou seu radicalismo e nacionalismo extremos, ou por optar pelas chamadas ideologia de esquerda ou de direita, sem enxergar um ponto de equilíbrio.

A dura realidade de quem mora fora de seu país (voluntária ou involuntariamente) mostrada pelo narrador, relembra a José Martí, herói nacional cubano que morou durante anos nos Estados Unidos, especificamente em *New York*, preparando a guerra libertadora de Cuba contra Espanha, período durante o qual conviveu com pessoas provenientes dos mais diversos povos latino-americanos e lutou como ninguém para uni-los em função da luta pela

*h*omem por trás das palavras

independência (MARTÍ, 2011). Essa vivência multicultural, de partilhar coisas, situações difíceis e alegrias, sem dúvidas também forjou seu caráter, pensamento e obra, como no caso do autor e obra que é objeto desta análise. Mas a visão de humanidade do autor desta narração, ultrapassa a realidade descrita no texto, estende-se além da centelha da utopia da unidade latino-americana, para falar de valores, que não são nem modernos, pós-modernos nem pós-humanos, senão simplesmente humanos, eternos. Neste sentido, os personagens de Víctor Aquino são mais necessários do que nunca, com sua alegria tocante e irmandade certa, num mundo tecnológico, ultrarrápido, *online*, por vezes em extremo distante, superficial, sem leituras essenciais, com descrédito de todas as ideologias, onde tudo ou quase tudo é virtual e para ontem, falta tanto à verdadeira solidariedade humana, à amizade singela e ao olhar sincero do fundo do coração.

A criação cria outro mundo possível. Por isso, em “Os três hermanos” a ficção, a auto compreensão humana está no encontro inesperado com os latinos de *New York*.

As contradições e ambiguidades presentes no personagem principal, o “visitante” Luis Henrique Silva, são o leitmotiv que guia seu trabalho. A literatura, quando bem feita, narra o sentido comum, mas faz o leitor sair da realidade e ir para outros mundos possíveis ou impossíveis. É o que acontece nesta história, que mostra a polissemia ou a multiplicidade de diferentes entendimentos do texto literário.

*h*omem por trás das palavras

Em suma, a fim de destacar todas estas incertezas e certezas prévias, este ensaio procurou analisar esse incomum encontro das culturas latino-americanas num local impensado. A ideia principal defendida no texto é que somos irmãos apesar de tudo e que a unidade latino-americana ainda prevalece nas diferenças, mesmo num ambiente hostil, como poderia sê-lo um espaço tão próximo da Broadway, um dos lugares mais badalados e seletos de *New York* no qual pessoas simples de outras terras se viram obrigadas a sobreviver. E é essa unidade latino-americana a nave que, na tempestade da incerteza, nos salva a todos no fim da história.

THE MAN BEHIND THE WORDS

Pensar na literatura, seja ela contemporânea ou não, implica deparar-se com questões que envolvem, sobremaneira, a obra, o autor e seu contexto. Considero essas relações cada vez mais indissociáveis. Por isso, comentar um pouco sobre o autor e seu contexto pode ajudar a entender sua obra. Tenho o privilégio de dizer que conheci o autor e senti viventes e palpitantes suas emocionantes palavras. Conheci-o através de um amigo comum, o professor Massimo de Felice, quando passeavam juntos pelos corredores da ECA, numa inesperada tarde de calor paulista.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*h*omem por trás das palavras

Victor Aquino, nascido em 1948, no Rio Grande do Sul. Depositário de um conhecimento e cultura ímpares, tocou-lhe viver tempos convulsos, como os da ditadura militar e os das Diretas já. Memória prodigiosa que lembra cada detalhe do que aconteceu no mundo, no macro e no micro, no mundo, seu mundo...

Tanto nas suas conversas como na sua obra percebe-se a constante fusão entre o real e o imaginário. Homem cosmopolita e de refinados costumes, sabe também contemporizar com as pessoas simples, a quem trata com especial carinho.

Gaúcho, gauchíssimo, doem-lhe até hoje as cicatrizes da Guerra dos Farrapos... De uma sensibilidade extrema, capaz de diagnosticar com um olhar radiográfico de psicólogo quaisquer mortal que passe na sua frente, possui qualidades de líder natural.

Tem amplo trânsito com os jovens e antigos ecanos (alunos e graduados da ECA, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo-USP) e funcionários, o que faz de forma espontânea, natural. Conserva e cultiva a amizade com os colegas e amigos antigos e atuais. Contribuiu de maneira essencial desde as diversas funções que ocupou ao forjar a ECA, como o que ela é hoje: uma instituição de elevado prestígio internacional, com excelentes profissionais intelectualmente falando e de altos valores éticos e humanos.

*h*omem por trás das palavras

Deve ser um desafio muito grande escrever uma palavra, apenas uma, após escrever e publicar em torno de 68 livros e outros tantos artigos e capítulos em várias línguas e países e mais de 40 anos de USP em funções de direção de alto nível. Seus interesses abrangem temas tão diversos como a Publicidade e Propaganda, a Estética e a Ética, Filosofia, a Comunicação e o Marketing, a Moda e a Literatura, entre outras.

Ser tão conhecido, tão publicado, impõe alguns desafios, tais como os de: Como não se repetir? O que pode ser algo novo para mim? Como saber qual é o elogio sincero, verdadeiro, amigo? Mesmo assim, ele continua desafiando o tempo, conceitos e palavras com uma inteligência e clareza únicas.

Polêmico como todo bom intelectual, é um fiel representante de sua época. Se me pedissem para defini-lo em poucas palavras, diria que é um tribuno romano ou condottiere do século XXI, um buscador de conceitos e vida além das palavras, que empresta sua espada para as boas causas, entrando para a eternidade de cabeça erguida. Para os escritores, como ele, a vida é isso que transcorre enquanto visitamos paisagens imaginadas, paredes de palavras, nuvens abstratas. A dele transcorreu e transcorre na USP. Lugar que conhece como ninguém e como ele próprio diz: “Aqui me vi envelhecer na frente dos espelhos do toalete”. Esse espírito você também sente na sua obra. Espírito de pesquisador, de mente aberta a todas as

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*h*omem por trás das palavras

correntes filosóficas, estéticas, esotéricas e culturais, sem estereótipos nem preconceitos. No seu nome está escrita a vitória.

Victore!

REFERÊNCIAS

AQUINO, Víctor. **1 hora e 59 contos-minuto**. Instituto da moda: São Paulo, 2012.

_____. **Os três “Hermanos”**. Instituto da moda: São Paulo, 2008.

CARPENTIER, Alejo. **O reino deste mundo**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1985.

HEMINGWAY, Ernest. . Saraiva e Editora Bertrand: São Paulo, 2012.

MARQUEZ, Gabriel García. **Ninguém escreve ao coronel**. Publicações Europa-América: Lisboa, 1968.

MARTÍ, José. **Nossa América**. Brasília: UnB, 2011.

*O cordel
do crp*

Luli Radfahrer¹

· XIII ·

Poucas obras da extensa bibliografia de Victor Aquino foram tão subestimadas quanto o “*Cordel do CRP*”, visto por muitos como uma brincadeira, considerado por alguns até de mau gosto, ao fazer diretas referências a colegas explicitamente citados, em claro tom de ironia ou deboche. Poucos perceberam, no entanto, o

1. Professor doutor do curso de Publicidade na USP. Publicitário. Mestre e doutor em Ciências da Comunicação. Cronista da Folha de S. Paulo. Autor de *Enciclopédia na Nwem*.

O cordel do crp

malabarismo sintático e poético que só um especialista com grande conhecimento da Língua Portuguesa poderia ser capaz de realizar.

Muitos veem, nas rimas ingênuas e frases incompletas, algo fácil, tarefa ao alcance de qualquer mesa de boteco. Se é inegável que “trepentés” como o do Curso de Turismo são, de certa forma, previsíveis, é divertido ver como o Autor, despojadamente, o coloca face a face com a elaboradíssima (e hermética) peça a respeito do Ciclo Básico.

Esta é uma obra que não deve ser analisada em suas peças individuais, por mais fascinantes que estas o sejam, mas por seu conjunto. Gerações tem representado o homem por diversos momentos da sua existência, mostrando nas necessidades de suas relações a transmissão dos conhecimentos, através do que chamamos de comunicação, em que o homem navega percorrendo mundos no saber da evolução e de cujos momentos, passado e futuro, são circunstâncias referenciais do que é o presente.

Na comunicação - falada, cantada ou escrita - a palavra tem sido o símbolo da arte na expressão do saber humano através das representações da oralidade. Os mecanismos de sua propagação estão normalmente de acordo com hábitos e necessidades do homem, e de sua dinâmica social. Hoje distingue-se uma predominância da escrita, porém, sem causar extinção da oralidade. Manifestações culturais, como a troca de mensagens de textos via telefones

O cordel do crp

celulares, trazem novos elementos para essa dinâmica, que persiste enquanto na linguagem da comunicação humana prevalecer à palavra.

A ciência tem tratado a palavra recentemente como um meio através do qual o indivíduo expressa seus sentimentos, desejos, necessidades e emoções. Neste contexto, o conjunto de técnicas que a representa é chamado de “Arte da Palavra ou Literatura”, apresentada textualmente em prosa ou verso.

Mas esta forma artística não se restringe a Romances e Sonetos. No interior do país, em especial no sertão nordestino, a arte da comunicação através da literatura em versos navegou por caminhos que produziram particularidades só ali observadas. Por mais que os costumes e tradições possam guardar semelhanças, as experiências vividas não devem ser igualadas. Nesse aspecto, o “*Trepente do Xerox*” é emblemático.

O povo brasileiro produz um saber literário popular como instrumento único na arte da criação, em que prevalece a diversão e a sátira na divulgação da informação dos fatos cotidianos. Segue, dessa forma, a mesma tradição Medieval das cantigas trovadorescas, sem nada dever a elas. Nossa literatura não pode ser nunca igualada a de outros povos, pois tem características próprias, corpo, alma e vida, que dão ao povo uma identidade jamais vista.

O cordel do crp

O processo da formação cultural brasileira é normalmente atribuído à presença do colonizador que aqui se fixou para tomar posse de nossas terras, misturando-se à cultura indígena aqui presente e à rica cultura “importada” através dos escravos negros. A literatura popular resultou desta relação entre as histórias contadas pelos diversos povos, propagada entre os séculos XVI e XVIII, atingindo os dias atuais.

No início, quando aqui predominou a relação da oralidade, a transmissão de conhecimentos ocorreu principalmente através das missões religiosas. Estes homens, catequizadores vestidos de padres, foram mais colonizadores do que missionários. Os registros falam que suas ações foram dotadas de extremo rigor. A catequese por eles praticada tinha como resultado o produto escravo, para serventia ao rei. Para tanto adotaram uma conduta que chegava ao extremo com execuções para aqueles não socializados aos seus costumes. É neste cenário de ações brutais e violentas que ocorre o primeiro contato do saber da arte da palavra, literatura com o nosso povo.

Os religiosos, através de suas doutrinas missionárias forçadas, passaram aos nativos da terra seus conhecimentos em forma de versos, uma técnica que facilitava muito a aprendizagem e ajudava ao nativo a decorar as regras para o trabalho imposto.

Do ponto de vista histórico, este fato é importantíssimo para a formação da nossa cultura, como marco do início do

O cordel do crp

processo da interação literária cultural entre o colonizador e o nativo da terra, porque relata como foi e em que condição se deu a circularização do saber literário em nosso meio. A literatura popular, com os versos impostos pela catequese, teve o registro da sua origem propagando-se depois no povo.

É importante ressaltar que nesta relação o colonizador considerou os nativos da terra uma classe desprivilegiada, relegados a situações de extrema pobreza material e cultural, sem formação alguma e sem indícios de conhecimentos compatíveis com os aqui chegados. Por esta razão, o que resultou da convivência entre nativos e estrangeiros nasceu de exclusão discriminatória, contra os hábitos e costumes da terra, deflagrada através da dominação com a ocupação das propriedades e riquezas.

Os estudos revelados na Academia tratam da cultura atribuindo-lhe padrões que pertencem a outros povos, desrespeitando sua essência. Estas imposições alteram profundamente a linguagem cultural praticada no meio, e são incapazes de perceber as verdadeiras riquezas da cultura local.

Um exemplo claro é a aplicação e o uso da expressão “Literatura de Cordel”, atribuída de forma desrespeitosa com o saber praticado pelo homem sertanejo, em especial o nordestino. Observa-se que a ação exercida pelo colonizador se tornou cultura no exercício do controle dos estudos acadêmicos culturais perpetuados até hoje,

O cordel do crp

resultando em um preconceito que prejudica a verdadeira compreensão da obra.

Os brancos influenciaram a cultura, dizem os registros, contribuindo com suas informações culturais. Se assim tivesse ocorrido, os índios e os negros teriam as mesmas influências exercidas pelas representações dos brancos.

A História mostra que não foi assim o ocorrido.

A diferença entre culturas foi representada no exercício do domínio do poder pela força. Os conquistadores, donos do poder, direcionaram seus conhecimentos como imposição à formação dos povos conquistados, sempre visando benefícios próprios. Assim, subjugarão as possibilidades desta mescla às suas vontades e aos costumes de suas necessidades, porém, nunca preocupados com a cultura que estava emergindo.

O “*Trepente do Macintosh*” traz, em curtas linhas, um exemplo dessa mescla:

Alguém viu o Macintosh?
Não é Funcionário, não.
Nem entrou cá sem concurso,
Sem prova e lecionação

Índios, Negros e Brancos se mesclam proporcionando a formação do povo brasileiro. Se a convivência colonizadora tivesse ocorrido de forma harmoniosa, a

O cordel do crp

predominância prevalecida seria dos índios, por serem os donos da terra e existirem em maior número naquele momento. Todos sabemos que não foi assim. O saber nativo foi esmagado, aniquilado, em nome da cultura que se instalou como prática do bem.

Tanto índios como negros se perderam mediante essa imposição destrutiva. Suas influências culturais não tiveram poder nas decisões sobre os caminhos que iriam formar a nova cultura, se é que se formou nova cultura e assim aconteceu e ainda acontece hoje. Desta relação ainda se pode observar, curiosamente, que o grupo Negro teve uma grande influência cultural sobre o Branco com seus hábitos e costumes. Hoje a cultura Brasileira pode ser definida como uma derivação da cultura do colonizador europeu, portugueses, influenciada pelos negros e em menor proporção pelos nativos da terra.

Ela desenvolve seu conteúdo através de amostragens repetitivas que lhes chegam preestabelecidas (modelos criados pelos brancos dominantes) e não desenvolvem os valores necessários para sua conduta, comportando-se como verdadeiros papagaios do saber, acobertados por um forte aparato de divulgação de interesses externos e alheios ao povo, que são os veículos de comunicação de massa.

O saber tem sido objeto de troca entre os povos quando nas suas relações. Este fato caracteriza a essência literal no sentido da expressão circularidade cultural. Neste movimento, é importante ressaltar que quando a relação ocorre

O cordel do crp

de forma natural e harmoniosa se consuma a influência no sentido formador de uma nova cultura. Porém, quando se dá o contrário, fazendo prevalecer um saber sobre outro, excluindo o existente, ela perde o caráter formador, passando a ser uma imposição por exclusão.

A cultura brasileira é resultante do processo assinalado pela imposição com exclusão. Isso significa dizer que aqui não houve influência de costumes culturais interagindo com a cultura da terra para produzir a unidade representada hoje. O que ocorreu foi a eliminação de uma cultura, a nativa, substituída por outra, a do colonizador.

Os brancos europeus não exerceram influências na formação da nossa cultura, e sim, impuseram a sua cultura para formar os hábitos da sociedade que estava surgido visando atender suas necessidades. Não ocorreu influência cultural e sim substituição com eliminação da cultura existente pela do colonizador. Este é o fato que nos leva a apontar as razões dos equívocos praticados nos estudos em pesquisas, ao afirmarem que os brancos influenciaram a cultura de nossa terra, e não foi assim. Eles aqui chegaram, se instalaram e impuseram sua cultura, e esta cultura imposta é que recebeu a influência dos negros e em pequena escala dos nativos, índios da terra.

A imposição se estendeu por todo saber cultural da nação e, como não poderia deixar de ser, foi aplicada ao processo da literação popular, com a denominação “LITERATURA DE CORDEL”.

O cordel do crp

A literatura de cordel se tornou o principal veículo da poesia popular, impressa e divulgada em folhetos ilustrados com o processo de xilogravura, técnica de gravura na qual se utiliza madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado.

Victor não usa uma Xilogravura na capa de seu livro, provavelmente por restrições técnicas. A imagem escolhida, no entanto, não poderia ser mais adequada: a de um garoto sorridente, feliz da troça quase ingênua que faz dos vetustos “acadêmicos”.

Seguindo a tradição de poetas como Leandro Gomes de Barros, José Alves Sobrinho, Homero do Rego Barros, Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), Téo Azevedo, Zé Melancia, Zé Vicente, José Pacheco da Rosa, Gonçalo Ferreira da Silva, Chico Traíra, João de Cristo Rei e Ignácio da Catingueira e outros tantos cantadores nordestinos, o autor disfarça sua origem gaúcha que surgiria mais tarde em sua série de obras sobre sua terra natal.

Da mesma forma que os grandes João Cabral de Melo, Ariano Suassuna, José Lins do Rego e Guimarães Rosa, Victor Aquino encanta, com a simplicidade aparente de seus versos, uma retórica potente e um repertório imagético invejável.

Lançando mão do rico repertório da literatura oral com seus mitos, lendas, contos e provérbios transmitidos de

O cordel do crp

geração para geração, os trepentes e trovas do *Cordel do CRP* bem poderiam estar presentes em repertórios orais do cancionero popular, representando a literatura oral como importante fonte de memória popular, ao mesmo tempo que revela o imaginário do tempo e espaço onde foi criada.

Nesse contexto, o “*Trepente do Fantasma do Museu*” mistura elementos vivenciados e imaginários em uma mescla de realismo fantástico:

Bem depois da meia-noite
Muitos sons eram ouvidos,
Como chicote em açoite,
E em surdina alguns gemidos.

No nordeste brasileiro, onde se desenvolveu o saber literário sertanejo nordestino denominado “Cordel”, nunca se verificou nem se ouviu falar da instalação de escolas com tendências de costumes culturais literários, português, europeu ou mesmo de um nome de poeta popular, desta origem, que influenciasse a propagação dos costumes literários populares na sociedade que no sertão se formou e expandiu.

A cultura herdada do colonizador, especialmente a literatura de Cordel, aqui chegou aleatoriamente através de poetas nômades desconhecidos que chegavam às caravelas, trazendo o que podiam, quando podiam, onde

O cordel do crp

possivelmente se observava a presença de contos e cantos poéticos e também a poesia improvisada lá praticada pelos portugueses.

A magnitude estendida à definição na sensibilidade da criação e improvisação atribuídas ao homem sertanejo, nesta cultura, exposta pelas academias, não condiz com a verdade quando a mostra como sendo resultado da interação cultural do colonizador com as raízes da terra, o que em verdade é um absurdo para com os nossos costumes. A não inclusão do homem sertanejo nordestino no contexto cultural e social da nação brasileira durou longos e amargos anos e este fato se deu em função da sua origem e também do seu espaço geográfico. Poucos foram os brancos que ocuparam a região com fazendas de gado e produção de açúcar. A predominância no sertão era dos Índios com Negros incorporados ao domínio dos senhores coronéis fazendeiros donos dos grandes latifúndios.

A geografia dominante na região estabeleceu a relação social do povo ali formado com o resto do mundo. O Sol causticante, com altas temperaturas e as irregularidades na frequência das águas, no ciclo das estações e as características do solo determinaram caminhos sinuosos para a formação deste povo e ainda hoje estas marcas influenciam o processo da sua evolução cultural. A cultura se formava partindo das necessidades, mas seus reflexos estavam subjugados à mesma sorte social dada ao grupo dos nativos, ou seja, a exclusão.

O cordel do crp

É muito difícil atribuímos um nome como sendo provável precursor dessa cultura, mesmo que seja estabelecido como um marco em função do momento sociocultural econômico vivido pelo povo, porque se trata de um costume popular e, sendo assim, sua identidade pertence ao povo.

Como a capital da província era Salvador, nela se deu a entrada do conhecimento do saber cultural de todas as atividades desenvolvidas pelo colonizador que aqui se instalou.

Neste momento a prática da literatura dos versos populares já era conhecida e desenvolvida por povos da Europa, desde a antiguidade, e, como não poderia deixar de ser o costume aqui chegou com o colonizador, ou talvez, também possível, por holandeses, franceses, espanhóis ou eventualmente por imigrantes europeus aqui instalados nesse período.

A arte literária popular, com seus versos, se espalhou por toda a região nordeste e, partindo de Salvador atingiu os estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Ceará. Maranhão, e também o Piauí. Notadamente, se destacaram todos, mas Paraíba, Ceará e Pernambuco representam papel relevante na história desta cultura, graças à revelação de poetas com feitos expressivos para a cultura.

O cordel do crp

Na época da nossa oralidade, quando do nosso descobrimento, a escrita clássica já era conhecida em outros povos, porém, aqui não difundida. O que aqui se produzia, em termos de cultura literária, era repassado ao povo nativo e à mescla, boca a boca e, quando não muito, com o passar do tempo, oportunamente, através de alguns manuscritos cujo saber nos foi herdado pelo colonizador.

Do século XVIII encontramos uma citação, relato de historiador, sobre o poeta baiano Gregório de Matos, nordestino do ciclo pioneiro que recebe graduação acadêmica na cidade de Coimbra, onde se tornou bacharel em direito.

O registro nos revela que Gregório, nas escadarias do prédio da escola, declamou versos, satirizando a cobrança das mensalidades não pagas, aos quais se atribui a semelhança com o literário popular do colonizador que era chamado de Volantes ou Folhas Soltas, ou seja, a literatura de Cordel.

Na verdade, os primeiros registros oficiais da cultura aparecem por volta da metade do século XIX, ou talvez um pouquinho antes, mas o surgimento dos folhetos impressos se dá na passagem das décadas finais entre os séculos XIX e XX, com a chegada da imprensa de Gutenberg às principais cidades do nordeste brasileiro.

O feito é atribuído ao poeta paraibano Leandro Gomes de Barros, porém existem controvérsias. Diz que, na

O cordel do crp

cidade do Recife, ele lança o primeiro folheto impresso, consolidando a cultura popular sertaneja nordestina, tratada como versos de feira, porém hoje batizada pela cultura científica como Literatura de Cordel.

Tenho procurado, no universo da literação da poesia popular sertaneja nordestina, a ou as referências que apoiaram o uso, por parte dos estudiosos, da expressão que define a nossa literatura como “Literatura de Cordel”. Não encontrei nada consistente que justificasse tal uso por importância, a não ser o fato de o Cordel, cordão, hoje, servir ao pendurar dos trabalhos impressos expostos ao público para venda.

Digo hoje porque esta prática se tornou obrigatória depois que esta definição foi imposta. Pois bem, para a nossa cultura, este fato não representa a importância dada pelos estudiosos ao contexto da nossa cultura, chegando ao ponto de expressar a terminologia que a identifica.

Muitos poetas natos, como também o próprio sertanejo consumidor desta cultura, em algumas cidades do sertão nordestino, desconhece a expressão “CORDEL” que já é uma realidade unânime entre as expressões populares do saber literário nos meios acadêmicos, educacionais, na mídia do nosso país e, mais tarde, sem dúvida, também será em todo o povo brasileiro.

O cordel do crp

O uso do cordão na exposição dos folhetos pendurados para a venda ao público não é um registro de nossa marca, ao ponto de permitir a identidade da nossa cultura.

Mas, sendo assim, “Literatura de Cordel” se tornou uma expressão impositiva sem identidade no meio das raízes do nosso povo, referência metalinguística da própria origem da cultura popular Brasileira.

Muitos autores (poetas) usam banquinhas para expor seus trabalhos e na maioria dos casos eles usavam o chão forrado com um pano (lona), onde os folhetos ficam expostos contornados por uma roda de ouvintes da cantoria. É bom lembrarmos que está prática, do uso do cordão “Cordel”, se tornou comum depois que está terminologia foi imposta.

Os estudiosos que a impuseram o fizeram com o intuito de interesses específicos relacionados às necessidades acadêmicas e não com os interesses do que é popular. O conceito de “Literatura de Cordel” mostra com clareza esta verdade, pois está assim definido por eles: “POESIA NARRATIVA POPULAR IMPRESSA”.

Mas toda poesia é narrativa. Narrativas que nascem de um sublime sentimento da abstração da alma do poeta, até descrições narrando Contos ou Fatos Cotidianos, verdadeiros ou não. Sendo assim, “narrativa” não é uma característica específica da identidade do que eles chamaram de “Literatura de Cordel”, mas sim de todas

O cordel do crp

as classes de poesias. Já “impressa” é um termo que trata a poesia sertaneja popular nordestina em apenas um momento da sua longa existência, momento identificado como o da composição e impressão gráfica dos versos.

A definição é, portanto, muito limitada, uma vez que desconsidera um imenso universo de formas adquiridas pela cultura na sua existência em comum com os diferentes momentos vividos pelos poetas e seus admiradores.

A relação de convivência entre o poeta e o povo se dá nas feiras da região rural do sertão nordestino. Nelas, como nos corredores do CRP, ocorrem boa parte das interações sociais, ambiente perfeito para que os cantadores de prosa e trovadores introduzam suas criações. Até hoje a poesia sertaneja nordestina é encontrada frequentemente nos grandes mercados municipais das capitais e das grandes cidades sertanejas.

O fenômeno migratório nordestino para o resto do país desde 1950 levou suas práticas culturais para o resto do Brasil, polinizando a cultura com suas criações divertidas e provocadoras.

No sentido contrário, os CTGs – Centros de Tradição Gaúcha – levam a cultura dos Pampas para o resto do país. O encontro vivo entre essas duas forças de migração cultural fica evidente em vários trechos do *Cordel do CRP*, que não deixa de lado o rico encontro dos assentamentos destes homens, na região sul, central e nordeste do Brasil,

O cordel do crp

com suas práticas que vieram a redefinir boa parte de nossa cultura contemporânea. Estes movimentos culturais serviram para divulgar e expandir a cultura nestas regiões e transmiti-las às futuras gerações que ali se formariam por descendência.

Os que ficaram mantiveram as tradições resistindo às possibilidades do consumismo capitalista, proporcionado pelas novas tecnologias. Os que partiram levaram a cultura, e a poesia se fundia aos novos elementos em costumes nas novas regiões.

A descendência resiste com os hábitos e hoje se vêem frutos migratórios produzindo nossos costumes populares, como a nossa literatura, em descentes com naturalidade Paulista, Brasiliense, Goiana, Mineira e outras, onde se fez presente tanto o homem sertanejo nordestino quanto o gaúcho.

Na verdade, o que se mostrou decadente produziu um efeito contrário, levando os nossos costumes para um universo desregionalizador, embora sendo cultura regionalizada pelas características de suas raízes, mas universal no que diz respeito à popularidade.

Além destes fatores citados, a crise revelada pelos estudos está relacionada diretamente com a exploração da produção capitalista literária nas massas no que diz respeito ao direito de posse da produção e divulgação dos trabalhos.

O cordel do crp

O “*Trepente da Avaliação Departamental*” mostra, tomando como referência um problema local da ECA, que essa crítica é universal:

Importam gente de fora
Pra julgar quem não conhecem.
E depois vão embora,
As cobranças aparecem.

Os editoriais pagavam o controle do direito ao manuscrito, geralmente com mil folhetos, isso na primeira edição, e exploravam os autores populares em todas as outras edições subsequentes, auferindo para si os lucros das edições. Ainda hoje esta prática existe. Grandes editoras e emissoras de TV pagam valores simbólicos a poetas populares pela exploração de seus versos em impressos e novelas. A Publicidade nem chega a lhes dar crédito.

Em todas as eleições políticas, os candidatos exploram a boa fé criativa dos poetas populares, pagando-lhes com promessas os *jingles* produzidos por este quando das suas campanhas.

Mesmo enfrentando todas essas controvérsias, a cada dia os textos de Cordel são mais valorizados por todo o Brasil e pelo mundo. Como na tradição nordestina, em que os textos são publicados em livretos fabricados praticamente de forma manual pelo próprio autor, um livro auto-publicado, tecnologia que muitos se apressam

O cordel do crp

em definir como contemporânea, presta mais uma homenagem a suas origens.

Os temas são os mais variados, indo desde narrativas tradicionais transmitidas pelo povo oralmente, até aventuras, histórias de amor, humor, ficção, e o folheto de caráter jornalístico, que conta um fato isolado, muitas vezes um boato, modificando-o para torná-lo divertido.

Escrito de maneira jocosa, mas por vezes retratam realidades desesperadoras. Uma outra característica é o uso de recursos textuais como o exagero, os mitos, as lendas e, atualmente, o uso de ironia ou sarcasmo para fazer críticas sociais ou políticas.

Usar uma imagem estereotipada como personagem também é muito comum, às vezes criticando a exclusão social e o preconceito, às vezes fazendo uso dos mesmos através do humor sarcástico. Além dos temas “engajados”, se assim podemos chamá-los, há também cordéis que falam de amor, relacionamentos pessoais, profissionais, cotidiano, personalidades públicas, empresas, cidades, regiões, etc.

Uma das características desse tipo de produção é a manifestação da opinião do autor a respeito de algo dentro da sua sociedade. Os cordéis não tem a característica de serem impessoais ou imparciais, pelo contrário, na maioria das vezes usam várias técnicas de persuasão e convencimento para que o leitor acate a ideia proposta.

O cordel do crp

O “*Trepente do Professor Ausente*” mostra um bom exemplo desse tipo de ironia, nem sempre velada:

Tá faltando o professor
Que da aula na sala três.
Os alunos impacientes
Dizem que já é a quarta vez.

Por fim, em uma escola com curso de Turismo, que estuda as tradições culturais e diversidades do país, uma obra como o *Cordel do CRP* é um excelente exemplo de aplicação prática da enorme mescla de tradições e variações no gigantesco caldeirão cultural do nosso país.

Encerro esta análise com o excelente “*Trepente do Curso de Turismo*”, que serve como exemplo da preocupação de todos os professores desta escola com a preservação do legado cultural do país – e, simultaneamente, a relação variável que o resto da escola tem com ele.

Professores excelentes,
Que ensinam com entusiasmo
Já plantaram as sementes
Para afastar o marasmo.

Eles são de muito tempo
O tempo inteiro imitados.
Outros são como o vento
Que passam sem ser lembrados.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

O cordel do crp

Assim mesmo tem quem diga
Que fiquem fora da pós.
É essa mulher duma figa
Que é ruim pra todos nós.

*teorias da moda,
rock e
estudos culturais*

Monique Vandresen¹

. XIV .

A moda tem sido, ao longo da história, relacionada a uma variedade de funções e sentidos culturais. Ela compõe representações de identidades sociais e acepções do belo e é um dos mais importantes elementos da cultura do consumo. Rock nos Passos da Moda, obra

1. Professora associada do Departamento de Moda na UDESC. Jornalista. Mestre em *Alternative Development Strategies* (Países Baixos). Doutora em Ciências da Comunicação. Organizadora em colaboração de *Proposições interativas*.

*t*eorias da moda, rock e estudos culturais

de Tupã Gomes Corrêa (Victor Aquino), foi publicada em 1989 pela editora Papyrus, de Campinas (Brasil), a partir de parte da tese de uma livre-docência na Universidade de São Paulo, em 1988.

Discute as relações entre os gêneros musicais da juventude, com raízes em trabalhos na década de 1970, especialmente os realizados em Birmingham, sobre subculturas juvenis. À frente de seu tempo, Corrêa procurava discutir o potencial de resistência da produção cultural marginalizada.

A partir da perspectiva colocada por Corrêa, a moda é definida como um sistema de convenções que exige constante inovação e tomada de decisão individual, e é, portanto, específica para as sociedades modernas. Em outras palavras, se a moda é específica para a cultura de consumo moderna, pode sê-lo em uma grande variedade de maneiras culturalmente e historicamente distintas. A associação da moda com a autonomia individual relativa é apoiada pela ideia de moda como uma ferramenta de mobilidade social capitalista, inscrevendo afiliação de grupo em um nível mais voluntário do que era possível anteriormente. Paradoxalmente, no entanto, a moda reforça o papel do vestido para significar status e distinção social:

Talvez por esta razão, mais do que por qualquer outra, deva-se repensar a moda como algo mais que um simples bem de consumo, pois, tal e qual se verifica ...ela tem

*t*eorias da moda, rock e estudos culturais

sido a um só tempo a condição de rompimento com os padrões estabelecidos e o veículo de disseminação desse rompimento transformado em outro padrão. (...) E, no exato momento em que este vestuário é parte de uma elaboração maior, cuja significação na produção em série dimensiona não apenas um consumo de roupa senão principalmente o que a roupa representa, deparamo-nos com o fenômeno da moda. E esta, assim concebida, vem fortemente marcada como produto típico de uma indústria que transcende a manufatura, para, segundo suas características, confundir-se com o produto cultural (CORRÊA, 1982).

Outra contribuição importante de Corrêa nos estudos da Moda foi a publicação, em 2001, de “Moda, Arte, Corpo: moda e *costruzione della figura humana*”. Neste trabalho, o autor se propõe a decifrar a construção de um conceito de moda (“*fashion*”) através da discussão do sistema de moda criado na Europa a partir de 1850 e na elaboração deste sistema como um mecanismo complexo de incorporação transitória de padrões, formas e cores que tem implicações sociais, culturais, comportamentais e de mercado (CORRÊA, 2001).

Baudrillard (1996) sustenta que “só há moda no quadro da modernidade. A saber: num esquema de ruptura, de progresso e de inovação”. Como Bourdieu, Baudrillard vê a hierarquia social refletida em práticas sutis de consumo e educação, que enfatizam mudanças na sociedade. Outros teóricos abordam a questão sob o

*t*eorias da moda, rock e estudos culturais

ponto de vista da estratificação social, definindo a moda como uma forma de distinguir a elite das demais classes. Para Corrêa (1999), a moda é um sistema de atribuição de valores a objetos que se usa. Esse sistema é o que diferencia a roupa do abrigo e do agasalho (a camiseta branca de algodão utilizada para esquentar o corpo ou para escondê-lo), e a transforma em um

[...] processo de incorporação transitória de modelos e formas do vestuário, orientada por treze atributos distintos: (1) fantasia, (2) ruptura, (3) novidade, (4) juventude, (5) atualidade, (6) originalidade, (7) transitoriedade, (8) futilidade, (9) luxury, (10) beauté, (11) elegância, (12) utilidade, (13) idealização de consumo. (CORRÊA, 1999).

Hans Ulrich Gumbrecht (2002) defende que a moda, em seu sentido historicamente específico, implica, para começar, a expectativa fundamentada de que as formas de vestuário dominantes irão mudar em intervalos explicitamente marcados. Em segundo lugar, ela pressupõe que o rumo dessas mudanças se baseia nas intuições de estilistas especializados, que produzem para o mercado anônimo, e não para indivíduos. Em terceiro lugar, esses estilistas regularmente apresentam suas inovações no contexto de “coleções”, que, em quarto lugar, se espera que se enquadrem em um único e grande estilo que abrange a todos, a cada temporada. Ao longo de várias temporadas, a sequência desses estilos vai revelar a identidade estilística do costureiro.

*t*eorias da moda, rock e estudos culturais

Uma análise cuidadosa dos atributos sugeridos por Gumbrecht e por Corrêa mostra que, para os estudos da Comunicação Social, o mais correto seria definir como ponto de partida, para o que hoje se chama de moda, o estabelecimento da Alta Costura em Paris, com a Maison Charles Worth, na segunda metade do século XIX. Para Corrêa (1999), “[...] não se pode inferir uma constante de ‘idealização de consumo’ na Idade Média, no Renascimento ou mesmo no início do século 20, por conta de alguma referência que conduzisse à imitação no uso de roupa”.

Ainda assim, acredita-se que o sistema de moda que começa a ser criado a partir de Worth coincide com os pressupostos propostos por Gumbrecht e Corrêa. Dentro do que Gumbrecht chama de “expectativa fundamentada de que as formas de vestuário dominantes irão mudar em intervalos explicitamente marcados”, pode-se incluir as discussões de Corrêa dos atributos (2) ruptura, (3) novidade, (4) juventude, (6) originalidade e (7) transitoriedade.

Continuando com a relação, nota-se que a moda pressupõe que o rumo das mudanças se baseia nas intuições de estilistas especializados, que produzem para o mercado anônimo, e não para indivíduos (GUMBRECHT, Folha de S.Paulo - 05/05/2002). Corrêa (1999) discute estas questões quando fala em (1) fantasia e (13) idealização de consumo. A ideia de que a moda pressupõe a apresentação regular de coleções por estilistas no contexto de “coleções”

*t*eorias da moda, rock e estudos culturais

estaria inserida na discussão dos atributos (11) elegância e (12) utilidade, e a ideia de que existe na sociedade expectativa de que essas coleções se enquadrem em um único e grande estilo podem ser enquadradas em uma discussão mais ampliada dos atributos (5) atualidade, (8) futilidade e (9) luxury. Já a ideia de que a sequência desses estilos vai revelar a identidade estilística do costureiro estaria inserida no atributo (10) *beauté*.

As análises da cultura europeia entre 1500 e 1800 também trazem pistas nesta direção. Segundo Peter Burke (1994), em 1500 havia cerca de 80 milhões de pessoas na Europa, número que, em 1800, foi para além do dobro, 190 milhões aproximadamente. Este crescimento levou à urbanização: em 1500 existiam apenas quatro cidades europeias com mais de 100 mil habitantes (Istambul, Nápoles, Paris e Veneza). Em 1800 havia 23, e uma delas, Londres, já contava com mais de um milhão de habitantes (BURKE, 1994, p. 266).

James Laver (1997) lembra que R. S. Surtees, em um de seus romances (*Ask mamma* [Pergunte à], 1853), reclama de que “a criada agora se veste melhor – de maneira mais fina, em todo caso – do que sua senhora se vestia há vinte anos e é quase impossível reconhecer os trabalhadores quando estão usando suas roupas de domingo” (p. 177)

Para Gumbrecht, a moda tal qual a conhecemos hoje só teve início em meados dos anos 1850,

*t*eorias da moda, rock e estudos culturais

...com o imigrante britânico Charles Frederick Worth, que abriu em Paris uma loja e produtora de moda que incorporavam e promoviam os princípios da mudança regular, da orientação para o mercado, da produção em coleções e do desenvolvimento de uma identidade de marca (cada peça de vestuário vendida por Worth ostentava o nome dele e de sua empresa).

Com base nessa descrição do que, especificamente, é a moda e em sua cronologia, torna-se fácil associar o surgimento da moda a uma série de modificações contemporâneas em seu ambiente histórico. Entre outras coisas, a moda parece pressupor a valorização da inovação como valor estético absoluto, o que não existia antes da arte e do estilo de vida românticos do início do século 19. É igualmente evidente que a moda obedece ao imperativo capitalista de gerar desejos sempre novos entre clientes potenciais, em lugar de atender exclusivamente a suas necessidades preexistentes. Dentro da dinâmica de um tipo de economia então nova, tal geração de desejos ajudaria a indústria da moda a conquistar um mercado potencialmente global (sendo que o primeiro sintoma dessa tendência foi a hegemonia internacional sempre crescente da alta-costura francesa até a segunda metade do século 20) (Gumbrecht, 2004).

A escolha desse recorte histórico e da utilização desses atributos para a compreensão do sistema de moda contemporâneo pode ser sustentada, ainda, por Sapir (1931). Para este autor, embora a moda pudesse ser localizada como

*t*eorias da moda, rock e estudos culturais

sistema de atribuição de valores no final da Idade Média, é apenas no final do século XIX que se pode falar de um sistema de moda tal qual o que existe hoje:

The typically modern acceleration of changes in fashion may be ascribed to the influence of the Renaissance, which awakened a desire for innovation and which powerfully extended for European society the total world of possible choices. During this period Italian culture came to be the arbiter of taste, to be followed by French *couture*, which may still be looked upon as the most powerful influence in the creation and distribution of fashions. But more important than the Renaissance in the history of fashion is the effect of the industrial revolution and the rise of the common people. The former increased the mechanical ease which fashions could be diffused; the latter greatly increased the number of those willing and able to be fashionable (SAPIR, 1931, p. 141-142).

Medir o potencial, no universo da moda, de construção de símbolos e verificar de que forma esses símbolos constituem campos de produção cultural nos ajuda a comprovar a força adquirida pela linguagem das imagens e, mais precisamente, a força que recursos de mediação cada vez mais complexos imprimem aos símbolos, criando a sensação de “pertencer a uma determinada tribo”. Retomamos aqui a ideia de que a moda permite ao indivíduo ser guiado por um círculo social que aceita a imitação, libertando-o de qualquer responsabilidade

*t*eorias da moda, rock e estudos culturais

ética e estética (SIMMEL, 1989), e repetimos a ideia de que a contemporaneidade se constrói a partir de uma “materialidade do estar- junto” (MAFFESOLI, 1987).

Pierre Bourdieu, em *A Distinção* (1979), tratou dos mecanismos de diferenciação simbólica entre as diversas posições e grupos sociais, mostrando que o desejo de se “distinguir” (de quem está em posições inferiores hierarquicamente) reflete até nas marcas de roupa escolhidas e nos julgamentos estéticos proferidos por alguém. Esta questão é fundamental para compreender os conceitos de moda e elegância na imprensa brasileira do século XX.

Através de textos e imagens, a roupa, linguagem do corpo e dos desejos, traduz necessidades e constitui identidades. Pode-se dizer que a história da moda brasileira começou a ser trilhada a partir de 1958, quando a Alcântara Machado agrupou tecelagens, *prêt-à-porter* e alta-costura, na Fenit. Grande acontecimento da época, apresentou inicialmente ao país desfiles de renomados estilistas internacionais. Nas décadas de 60 e 70, Caio de Alcântara Machado uniu o talento de Lívio Rangan e o apoio da Rhodia para apresentar célebres desfiles nos quais despontaram grandes nomes nacionais da alta-costura: Denner, Clodovil, José Nunes, Guilherme Guimarães, Ronaldo Esper e Ugo Castellana, entre outros.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*t*eorias da moda, rock e estudos culturais

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Tupã Gomes; FREITAS, Sidnéia Gomes (Orgs.).

Comunicação, marketing, cultura: sentidos da administração, do trabalho e do consumo. São Paulo: ECA/USP, 1999.

_____. Moda, Arte, Corpo: moda e costruzione della figura humana. In: ABRUZZESE, Alberto; BARILE, Nello.

Communifashion: sula moda, della comunicazione. Roma, Luca Sossella Editore, 2001. p. 183-193.

Aventuras estéticas de victor

Rosimeire Gonçalves da Silva

. XV .

“Viver é ato de permanente autocorreção”
Victor Aquino

Quando fui convidada para participar dessa linda homenagem ao professor doutor Victor Aquino Gomes Correa, realmente, senti uma grande felicidade e agradei o privilégio. Falar sobre ele só traz contentamento para o meu íntimo. É com prazer que

1. Professora do curso de comunicação social na Universidade Ibirapuera, São Paulo. Jornalista. Bacharel e licenciada em letras. Especialista em marketing e estética da comunicação. Mestranda em ciências da comunicação. Autora em colaboração de *Faça a diferença*. Orientanda de mestrado de Victor Aquino.

*A*venturas estéticas de victor

embarco mais profundamente nessa “*Aventura Estética da Publicidade*”. Mais profundamente, porque agora irei pontuar sua obra, com base no meu aprendizado, a partir da leitura do acervo e, posteriormente, das aulas em que participei.

A primeira vez que entrei em contato com os 16 *ebooks* que compreendem esse título foi para compreender um pouco mais o campo Estético, o qual havia escolhido como objeto de pesquisa que nortearia o meu mestrado. Isso aconteceu em 2012, quando percebi que essa linha de pesquisa alinhava-se com o que eu queria aprofundar como estudo. Li alguns livros, com o intuito de criar um arcabouço teórico e, logo me deflagrei acessando os livros virtuais do professor Victor Aquino.

Posso dizer, com toda sinceridade, que foi na coleção “*Aventura Estética da Publicidade*”, homônimo da disciplina que ele lecionava, que tive o maior esclarecimento e, junto com isso, a certeza de que essa linha dialogava com o projeto de pesquisa que queria desenvolver. E foi esse material, criado por ele, que abriu o caminho, sem sombra de dúvida, para a minha ampliação de entendimento sobre esse vasto e fascinante campo da Estética.

Um material que direciona para mais e mais aprofundamento e encantamento. Além disso, o fácil acesso demonstra a generosidade do professor em transmitir o seu valioso conhecimento. Por meio de 16

*A*venturas estéticas de victor

livros virtuais, ele leva o aluno por uma prazerosa viagem teórica sobre diversas nuances que perpassa o campo dos estudos sobre a Estética, abordando as suas principais teorias, além de imprimir seus pensamentos particulares sobre o tema, como resultado de suas pesquisas e experiências intelectuais que acumulou ao longo dos anos. Outro privilégio!

Os 16 títulos, assim dispostos: *Introdução à Estética; Arte e não arte; Caminhos da arte publicitária; Arte, gosto e preferência; Moda e Publicidade; As leis da moda; Beat Generation & advertising; Kitsch; Campos de estudo da estética; Melissinha com pochetezinha; Excessos do merchandising; A revolução dos feios; Publicidade de cerveja e remédio; Publicidade, violência e jornalismo; Design e estética utilitária e Imitação estética na publicidade* são os ingredientes que compõem essa doce e bem-humorada Aventura.

A leveza da publicação já se anuncia a partir de sua estética particular, unindo cores agradáveis dispostas de forma geométrica, somadas à experiência sinestésica ao virar das páginas, quando se ouve o som que remete ao movimento da troca de uma página para outra e o desenho de um caderno, já que o material foi realizado para a área pedagógica. É como se o aluno estivesse consultando suas próprias anotações.

*A*venturas estéticas de victor

PRIMEIRO *EBOOK*

O primeiro *ebook*, como não poderia ser diferente, intitula-se “Introdução à Estética”. Ele traz um rápido, porém, em essência básica, rico apanhado teórico, circundando aspectos a colaborar para formulação e mais entendimento sobre os conceitos que englobam a Estética.

Em seu início, o autor propõe-se a responder as seguintes questões.

- 1 - Que é estética?
- 2- Por que estudar estética?
- 3 - Que importância pode ter o estudo da estética para a publicidade?
- 4 - Estética quer dizer beleza?

De Platão, passando por Aristóteles, Sócrates e Plotino, o professor Victor Aquino explica as primeiras teorias filosóficas ocidentais, as quais destinaram a explicar a Beleza. Resumidamente, ele explana as abordagens clássicas sobre o assunto.

Na sequência, o leitor tem um breve, porém, claro resumo sobre Santo Agostinho, que viveu entre 354 a 430 d.C. É em Deus que o religioso vai justificar e compreender a Beleza. Baseado nos pensamentos de Agostinho, o professor não deixa de opinar. “(...) Desse modo, artistas como Michelangelo, Raffaello, Brunelleschi e todos os

*A*venturas estéticas de victor

outros que construíram e decoraram os templos da época tinham o talento explicado como ‘dom divino’, pois, seriam eles guiados pela mão de Deus em todas as suas obras. Desse modo, sem outra explicação, ou discussão alguma, a beleza de tantas obras esparramadas pela Europa era usada como demonstração política da supremacia de Deus e, por consequência, da própria Igreja Católica. Tudo era explicado na perspectiva de poder que, na época, servia àquela organização religiosa. Mas é um fato que, após o Renascimento, passou a ser objeto de desconforto e, sobretudo, constrangimento entre incontáveis filósofos agnósticos, que retomarão o estudo do tema”. (p. 35-36)

Outro ponto importante é mencionar o filósofo Alexander Gotlieb Baumgarten como o “inventor” da palavra Estética, já que não é rara a falta de menção sobre o estudioso em obras relacionadas ao campo Estético.

Depois disso, o professor Victor Aquino apresenta um considerável panorama sobre Immanuel Kant, o principal teórico da Estética, como ele aponta. Ainda, discorre, apresentando diversas obras que se ocuparam do tema, demonstrando o seu rico e diversificado cabedal, acumulado ao longo de seus estudos e dedicação à temática.

Cultura pós-moderna, Cultura como espetáculo, Identidade cultural na pós-modernidade, Moda e a Modernidade são territórios visitados pelo autor para falar

*A*venturas estéticas de victor

sobre valores, comportamentos e maneira de sentir e ler a realidade, como elementos que vão interessar ao estudo sobre Estética.

Por fim, da página 72 à final (90), o professor explana a sua audiência a lógica de introduzir, demonstrar e refletir sobre questões convencionalmente relacionadas ao tema. Também estão inseridos, nesse cenário, movimentos artísticos ocorridos na Europa, Estados Unidos, após o século XIX, os quais contribuíram para alterar o sentido tradicional da estética, comparando obras tradicionais com intervenções características da modernidade. Dessa forma, novos modos de compreender conteúdos de natureza estética, e que interessam fundamentalmente à publicidade, completam as respostas das questões inicialmente instaladas.

SEGUNDO *EBOOK*

Vicente Feola, técnico da seleção brasileira de futebol, na década de 1950, em um dos jogos decisivos da Copa de 1958, quando o Brasil foi campeão pela primeira vez no campeonato mundial da Fifa, descreveu em uma lousa, usando um pedaço de giz: “Zagalo passa para Didi, que ameaça invadir a área e deixa a bola para o Garrincha, que dribla e faz gol...! Garrincha, então, diz: “Tudo bem, entendi, mas vocês já combinaram isso com os suecos?”.

*A*venturas estéticas de victor

Victor Aquino utiliza esse famoso acontecimento, no título “Arte e Não Arte”, página 46, para explicar que o artista não se importa (ou pelo menos não deveria se importar) com a repercussão de seu trabalho. E completa com a indagação: “Cada artista terá sido alertado sobre como e em que perspectiva seu trabalho será visto e entendido?”.

Ou seja, a aula 02 intenciona refletir sobre uma antiga polêmica que se ocupa em definir se a arte pode ou não estar ligada à negócios. Ele inicia contando que o pintor Antonie Watteau (1684-1721) produziu dois quadros que ao serem unidos formavam uma imagem que retratava o interior da loja de seu *marchand*, as quais foram instaladas no próprio estabelecimento em questão. Até hoje tal ação é discutida sobre o aspecto de a obra ser arte ou não, pelo fato de estar divulgando o espaço comercial.

Victor Aquino opina: “a meu ver, não é o uso que se dá à arte, mas a função da arte que pode emergir de qualquer uso dela. O que, para mim, anula a discussão”. Simples assim, sem delongas, e com honestidade, o professor põe fim ao conflito. Essa atitude é uma de suas características mais marcantes, além, claro, de seu humor inteligente e versátil, que também vão revelar o seu estilo em toda a coleção.

Para ele, esse questionamento é vazio, “quase tolo”. Discutir que arte não pode ter vínculo comercial, se ela é ou não instrumento de negócios é infundado, por sua ótica. Ele está mais interessado em instigar seus alunos a refletir

*A*venturas estéticas de victor

sobre o trabalho de Watteau, suas pinturas, a sutileza estética do período em que viveu, já que o artista abusou da extravagância dos elementos representados, como luxo e, conseqüentemente, luxúria, elegância de gestos, refinamento de um espetáculo ficcional e, sobretudo, o deslocamento para o vestuário e de um mote que ainda hoje chama a atenção: a moda de época.

Descrevendo a sensibilidade, criatividade e exploração do imaginário, o professor demonstra a pouca importância que o pintor deu aos negócios, não se preocupando com a polêmica que seus dois quadros havia criado, na ocasião. Destacando algumas telas como “*La Boudeuse*”, “*Fêtes Venetiennes*”, “*La Danse*”, “*Âge d’Or*”, “*Charmes de la Vie*” e “*La Surprise*”, o professor frisa a riqueza das obras, enfatizando os detalhes, redundância de formas, exuberância de imagens, representação de um modelo de vida exageradamente marcado por certa idealização de como se imagina o prazer. Uma representação do prazer, como um estado imaginado e aparentemente desejado pelos viventes. Trazendo mais elementos para a compreensão dessa e outras artes, como constatação de ordem estética.

Ao logo do texto, é possível confirmar a admiração de Victor Aquino pelo talento de Antonie Watteau, que escreve: “Tudo leva ao êxtase profundo na obra desse pintor que melhor soube traduzir a sua época. Esse artista que morreu muito jovem, aos 37 anos, mas cuja obra rica e variada esparrama-se por importantes museus, como

*A*venturas estéticas de victor

Hermitage, *Louvre* e *National Gallery*”.

Utilizando várias ilustrações de telas pintadas, o professor discute o campo Estético de forma inteligente, dilucidatória e descontraída. O segundo volume “Arte não arte” tira da pauta a polêmica em torno da arte como negócio e “oficializa” a arte como grandeza essencialmente estética. Entre os teóricos indicados por ele para ampliar a reflexão estão o professor titular aposentado da ECA/USP e curador do Masp (Museu de Arte de São Paulo), Teixeira Coelho, e o crítico, professor de arte e autor de obras sobre teoria de arte, Arthur Coleman Danto. Para Victor, vale mais a pena tomar conhecimento ou ampliá-lo, no que diz respeito à mercadoria como arte, como sendo um novo gênero; sem, no entanto, deixar de ser arte.

E ao final e na contramão dessas preocupações, “Arte não arte” ressalta que os estudos dessa época ou com base nos trabalhos de Watteau devem focar no movimento Barroco, pois “a questão sobre o ‘fim da arte’ torna pobre os estudos sobre estética”.

NAS AVENTURAS DO PASSADO

Em “Caminhos da arte publicitária” (volume 03), Victor Aquino direciona o seu olhar para algumas peças de campanhas publicitárias antigas. Para ele, “verdadeiras pérolas de uma história nem tão antiga assim, revelam estilos de vida, aspectos das relações sociais e, sobretudo,

*A*venturas estéticas de victor

códigos de uma cultura que, aos poucos, foi modificada, a ponto de não ser mais reconhecida”.

Ele demonstra no início de seu texto o quanto a publicidade americana já incitava ao consumo. “Talvez o modo de vida tenha se ajustado, alterando-se um pouco aos novos tempos, todavia, o interesse comercial dos produtores de bens continua o mesmo”. Com os fabricantes de produtos farmacêuticos também não é diferente. Peças publicitárias demonstrando costumes, denunciando o preconceito encrustado na sociedade, como a dominação do gênero masculino em detrimento do feminino, o racismo em relação aos negros (antes da nomenclatura afrodescendentes).

Nessa aula, ele leva para seus alunos incríveis memórias da publicidade americana, dividindo os períodos: de 1900 até os anos posteriores a 2000, de forma a indicar, conforme sua classificação: 1 - Modo de vida. 2 - Prática de consumo. 3 - Marcas de evidência. 4 - Evolução de comportamento. 5 - Predominância ética. 6 - Padrão estético. Dessarte, o pesquisador faz uma interessante abordagem sobre a publicidade como modificadora de costume como é o caso da Gillete, em que seu anúncio (página 93) revela a intenção da empresa de que os homens passassem a se barbear por si e não na barbearia, como era de costume em tempos remotos.

O professor apresenta um belo panorama, demonstran-

*A*venturas estéticas de victor

do as transformações da publicidade e sua regra básica, vigente desde os primórdios. Ela não perdeu, ao longo dos anos, a objetividade, clareza, concisão, atratividade e eloquência, características presentes até hoje. Levando em consideração aspectos como concorrência, o consumismo (como fenômeno), pressão pelo lucro, competição de agências publicitárias etc., ela esforça-se mais e mais mergulhando nesses atributos. E, segundo ele, o aluno deve evitar: 1 - Uso incorreto do idioma. 2 - Uso inadequado do idioma. 3 - Uso ambíguo do idioma. 4 - Redundância sem propósito. 5 - Uso de obviedades. E nada como o tempo, saibam que “a publicidade de cigarros já foi a mais evidente expressão estética da civilização”.

ARTE, GOSTO E PREFERÊNCIA

Esse livro eletrônico mostra a publicidade como um dos instrumentos de aproximação de pessoas e culturas, sem deixar de lado, obviamente, o interesse comercial que baliza sua razão de ser. Nessa publicação, o livre docente inclui a psicanálise, na figura de Carl Jung, para explicar a disposição cultural do indivíduo a adotar valores de outras culturas, ou seja, o quanto o ser humano almeja possuir algo e/ ou possuir o que o outro tem, de acordo com determinada conveniência, assim como a de negar o que não faz parte de seus “sonhos”.

*A*venturas estéticas de victor

Para transportar tal constatação para o mundo estético, ele utiliza como exemplos a música sertaneja, a *american country*, a *pop art* (Andy Warhol) e a arte de Giuseppe Arcimboldo. Em uma interessante observação, “Arte, gosto e preferência” aponta para a intersecção entre a arte clássica e as criações publicitárias, porém não para estimular questionamentos do tipo “quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?”, mas para demonstrar o percurso estético entre o anúncio e sua referência nesse campo, mesmo não tendo arcabouço intelectual.

O grande destaque desse volume vai para Andy Warhol, nas criações em que a publicidade fez uso da arte de forma livre e espontânea, como marca da personalidade irreverente e excêntrica do artista. “Pode-se dizer que a publicidade, ao explorar os valores humanos em suas criações, associa a natureza de cada um ao universo de códigos que transforma, favoravelmente, todos os conteúdos explorados. O que significa dizer que desaparecem (pelo menos aparentemente), formas negativas e preconceitos que, em outras palavras, reduzem o ser humano a uma condição menor. Seria como dizer que a publicidade, como faz uso da capacidade niveladora das emoções, neutraliza tudo que é negativo e apequena o ser humano”. (p. 80)

Victor Aquino fecha, porém, com um estímulo aos futuros profissionais do mercado: “A utilização inteligente do marketing e a concepção de uso de uma publici-

*A*venturas estéticas de victor

dade eficiente, fundada em preceitos e valores culturais, é a chave para não apenas o desenvolvimento sustentável, mas, principalmente, para o engrandecimento do ser humano a partir de seus gostos e suas raízes mais caras. A publicidade deve ser utilizada nessa direção. Ela pode intuir e desenvolver modos de alcance cultural ainda mais densos e efetivos. Todos sairão ganhando. Não importa onde e nem como, a valorização da vida passa pela exploração de condições mais naturais, legítimas e autênticas”.

VAMOS FALAR DE MODA?

O professor inicia o tema “Moda e Publicidade” sinalizando um alerta: “O estudo da moda, como qualquer outro, impõe muita disciplina, independência e isenção. Assunto relativamente recente em instituições de ensino superior (e ainda não muito bem ‘digerido’ dentro dos espaços acadêmicos), tem provocado dois gêneros de reação. Aquela eivada de preconceito, mediante a qual o tema é entendido como fútil e superficial, e aquela do entusiasmo arrebatado, quase irracional, de jovens profissionais, por perceberem que a natureza da atividade é compatível com as demais carreiras de nível superior”.

Portanto, ele defende a moda como um campo de estudo, e como fenômeno deve partir do estabelecimento

*A*venturas estéticas de victor

de conceitos seguros, apoiados em teorias das áreas as quais se refere. Inicialmente, ele aponta cinco conceitos a serem seguidos:

1. Conceito “acadêmico”, com função de determinação do campo de estudo.
2. Conceito “acadêmico”, com função de condicionamento do resultado esperado.
3. Conceito “acadêmico”, com função de leitura de ocorrências sociais e culturais.
4. Conceito “vulgar”, associado a valores predominantes.
5. Conceito “vulgar”, associado a preconceitos.

Com a intenção de diferenciar roupa de moda e moda de indumentária, ele apresenta três leis da moda: 1 - Nem toda roupa é moda, mas toda moda é roupa. 2 - Nem toda roupa é ou será moda. 3. Para viabilizar-se como mercadoria, a roupa necessita transformar-se em moda. E para quem acha que tudo é moda, Victor Aquino apresenta 11 atributos, os quais também estão contidos com mais profundidade em seu livro “As leis da moda”, da editora Inmod (Instituto da Moda), publicado em 2012.

Entre os atributos, ele explica que para um artefato ser considerado moda, precisa de um agente externo que o legitime. Quem faria isso? A resposta vem de pronto:

*A*venturas estéticas de victor

Um desfile de moda. Nele, seus autores testam sua originalidade e ineditismo. Porém, ele assegura que toda essa preocupação não passa de um simulacro de “novidade”. Mais para frente, o educador vai falar da imagem de moda e de seus aliados, a exemplo da fotografia, como propriedade no processo de torná-la visível (a moda), além das figuras idealizadas dos gêneros masculino e feminino. E, ainda, como em todos os volumes, ele indica autores como Teri Agins, Christopher Breward, José Arthur Giannotti e a publicação *Communifashion*. Uma de suas conclusões é a de que a moda, como resultado da expressão contemporânea, seja modificando hábitos do vestiário, seja alterando formas de roupas em uso, nada perde em função ou significado. E como expressão estética ele a resume “como a maneira pela qual o ser humano encontrou para falar de si... ou não”.

O tema moda foi bem pesquisado pelo professor ao longo de suas pesquisas. Além da publicação “As leis da moda”, editora Inmod (2012), o aluno, pode entrar em contato com as *38 leis da moda, ebook homônimo* seguinte, com vista a proporcionar um estudo mais profundo sobre o tema. Nessas 38 leis, o livre docente trata muito bem de tópicos como: as influências de celebridades sobre a moda, imitação, a feiura, status social, a não limitação da moda, padrão de beleza, alternância de padrões estéticos

*A*venturas estéticas de victor

da moda, a dificuldade de se acompanhar a moda pela vida toda, a sua natureza cíclica e característica fugaz.

BEAT GENERATION & ADVERTISING

Esses dois movimentos, conforme o autor, são responsáveis por grande parte das mudanças que ocorreram no mundo, afetando comportamentos, padrões culturais e, principalmente, a própria organização social. Ele pontua e contextualiza, a cada época correspondente, os movimentos *beatnik* e *hippie*, com o viés tipicamente político a ambos. Ao longo do livro virtual, o professor instiga o leitor a refletir essas manifestações pelos âmbitos também social, cultural, econômico e de comportamento. Ele adianta que “as grandes influências na moda, na propaganda, no consumo de bens, nas formas de vida e de trabalho aconteceram depois desses movimentos”.

Nesse *ebook*, o professor fala de um dos últimos grandes acontecimentos durante o período do movimento *hippie*, o memorável *Woodstock*, como um divisor entre o mundo formal e o possível, sendo o segundo onde se localiza a mudança, imprevista, depois do mundo formal. (p. 30 – 40).

Victor Aquino traça delicadamente o vasto contexto que permitiu que os jovens fossem transformados em ícones importantes para contestações e emergências pelas mudanças que se faziam necessárias em uma sociedade

*A*venturas estéticas de victor

conservadora, repressiva e imperialista. As grandes manifestações pelo desejo de transformação, promovidas naquela época, sacudiram um mundo – e não tinha como – não foi mais o mesmo. É nesse momento que surge Martin Luther King Jr, lembrado até hoje como um dos grandes nomes na luta pelos direitos civis e igualdade racial.

Victor Aquino, que lamenta o fato de sua mãe não o ter deixado ir ao *Woodstock*, direciona nossos olhares para o cruzamento dos caminhos de contestações. “Em uma única década aconteceram as manifestações sociais contra o serviço militar obrigatório, contra a guerra, o início do desmoroamento das barreiras sociais entre brancos e negros, os assassinatos do presidente John Kennedy, seu irmão Robert e do líder Luther King e a transição da onda beatnik para a hippie, que trouxe as rupturas estéticas nos estilos de música popular consumida pela juventude”.

Além disso, o *ebook* traz análises sobre as mudanças tecnológicas, movimentos artísticos, de consumo, comportamento, gêneros musicais, invenções da época e, claro, a publicidade e a preocupação em alinhar sua linguagem com os desejos que estavam emergindo no momento e os já arraigados na sociedade.

E a *pop art*? Você deve estar se perguntando. O professor Victor responde: A pop art teve Andy Warhol como o artista que melhor interpretou as transformações em seu tempo. “Uma mudança que atingia o mercado e,

*A*venturas estéticas de victor

consequentemente, a publicidade e os câmbios de linguagem que se faziam necessários” (p. 132). Essa escola estético-artística continua não somente no imaginário social, como em várias “embalagens” de produtos atuais.

KITSCH

Kitsch faz parte da oitava aula do curso “Aventura Estética da Publicidade” e é tratado com muito respeito pelo docente da disciplina, ao contrário do tom pejorativo a que muita gente o associa. Para ele, “o design é um dos instrumentos importantes para desenvolvimento de objetos *kitsch*. Pode-se mesmo dizer que ele é indispensável, seja do ponto de vista da geração das formas, mediante as quais ele é concebido, seja para garantir, de modo inalterado, sua reprodução. Contudo, não se pode dizer que apenas os processos industriais têm capacidade para disseminar qualquer objeto *kitsch*. Ou que qualquer objeto kitsch deva ser, necessariamente, reproduzido em escala, pois o que o define não é o sistema industrial de produção, e, sim, o impacto que ele desencadeia no possuidor a partir da posse. Isso tem a ver com satisfação. “Essa é uma circunstância de mercado, não de indústria”, frisa o autor.

Mas saiba que tanto os objetos únicos quanto os consumidos em escala podem ser *kitsch*. O pesquisador conta que, até essa edição do *ebook* (2012), o único livro editado no Brasil sobre o tema é de Abraham Moles, intitulado “O kitsch (a arte da felicidade)”, de 1972, pela

*A*venturas estéticas de victor

editora Perspectiva. Moles diz, conforme Victor Aquino, que o *kitsch*, termo alemão, surgido por volta de 1860, com acepção de atravancar, serve para romper a regra da estética que se resume entre o belo e feio, aceitável e inaceitável, apropriado e inapropriado, estabelecendo nova ordem de valor estético entre as coisas, cujo alcance ultrapassa esses significados, dando lugar ao que se gosta ou não.

O *ebook* reúne obras consideradas kitsch, acompanhadas da sugestão de se refletir sobre os motivos que levam à tomada de um modelo original e, a partir dele, formular uma nova “arte”, cujo sentido, em termos objetivos é discutível.

MELISSINHA COM POCHETEZINHA

Ao se basear pelo título, além do riso fácil que ele suscitou-me, o meu imaginário levou-me ao maravilhoso mundo infantil da fantasia, pois para mim, pelo menos, ele me remeteu a um passado em que todas as meninas da minha idade, com as quais eu convivía, sonhavam com a melissinha colorida e a meia soquete... E daí, foi só um passo para relembrar os doces sonhos, desejos e brincadeiras daquele período.

Porém, ao abrir o livro eletrônico, deparo-me com alguns versos sobre as cores do Rio Grande do Sul, a cultura da região, sua história. Chego à página 66 e me indago silenciosamente “Uai, onde está a melissinha?”. Mas, como

*A*venturas estéticas de victor

confio no meu orientador de mestrado, continuo... lendo as histórias e percepções sobre sua terra Natal. As ilustrações, fotografias e explicações sobre o sul são, de igual forma, atrativas. Então penso: Na pior das hipóteses estarei mais informada sobre o Rio Grande do Sul.

A essa altura, já havia me esquecido da melissinha, da pochetezinha e da meia soquete. Qual a página? 114. Mas, na 124, minha mente já sem comando volta-se para a sandalhinha de plástico, pois o assunto agora passa a relacionar ao negócio do gado o fim do fornecimento de couro para os curtumes e começa a tratar do final da pecuária, contribuindo para “um ponto final na produção de calçados”. Como o próprio autor menciona: “Sai o gado e entram no lugar as máquinas. Desaparece o verde característico das pastagens e, durante longos períodos do ano, surge a coloração típica dos arais, da terra lavrada, dos canteiros, que mesmo semeados mudam completamente a paisagem tradicional. Desaparece o ar puro do campo, que é substituído por gases venenosos de adubos. Gases de consequências nocivas ao ser humano e à fauna local. A primeira vítima visível dessa tragédia horrenda é o quero-quero, que não tem para onde ir”.

Mais uma página. Pronto! Agora sim, revela o autor a sua indignação, somada ao aparecimento da sandalhinha plástica. “A transformação da paisagem e demais consequências desse negócio esdrúxulo herdado dos tempos da ditadura, têm no quase total desaparecimento do quero-quero, um

*A*venturas estéticas de victor

símbolo das mudanças que vão se completar sobre o Rio Grande. Se mesmo a imigração não modificou a cultura local, será esse engendramento complexo, que se inicia na cobiça financeira do capital e se conclui sobre a indústria local que o fará? A transformação na indústria calçadista, do couro para os sintéticos, será o instrumento da mudança?”.

Puxa vida, fiquei triste pelo quero-quero. E eis que surge a primeira foto da melissinha na página 174, com sua estética já nos dias de hoje, aludida ao fim da cultura dos curtumes e do modo de vida do gaúcho. Na página 196, uma imagem da melissinha de quando eu era criança, mas as lembranças associadas a ela desapareceram. À minha memória, a história de parte do país – lá do Sul – e as últimas reflexões do professor: “A ‘melissinha’, aquela que já vem com a ‘pochetezinha’, principalmente esta, é a chave de entendimento para o câmbio estético. Um câmbio que começou na utilização de crianças, para fazer atrair a atenção sobre uma coisa banal, um produto qualquer, anti-ergonômico, anti-higiênico e, no memento do lançamento, longe do interesse de consumo. Será ‘melissinha’ que se tornará a chave de uma operação mercadológica que transformará o não ter em ter, o desinteresse pelo interesse absoluto em ter?”

MERCHAN

“Excessos do *Merchadising*” discute o fato de a mídia não

*A*venturas estéticas de victor

perder a oportunidade de vender produtos, levando Victor Aquino a afirmar que “o mundo todo transformou-se em balcão de negócios”. Para comprovar sua afirmativa, ele descreve os negócios realizados pelos camelôs, associa de forma inteligente o interesse mercadológico da mídia ao maior camelô do Brasil, o empresário Silvio Santos, para daí chegar ao merchandising nos programas de televisão.

“O principal ingrediente desse processo é a ‘sintonia’ que ajusta credibilidade e confiabilidade na ‘frequência’ do ‘gosto’ da audiência. O *ebook* é uma clara crítica à prática de venda desenfreada, associada à representação que a audiência tem em seu imaginário sobre os apresentadores que fazem *merchandising*, criando concepções sobre o artigo anunciado e, por que não dizer, vendido? “Há programas que são verdadeiros tabuleiros de camelô. A diferença entre uns e outros está no ambiente em que eles se localizam”.

Nesse volume, o professor cita alguns títulos, classifica-os mais como manuais de *merchandising* do que livros que se propõem a discutir e aprofundar teorias a respeito do tema. Porém, ele deixa uma definição sobre o assunto que vale destacar como um ponto de partida para a sua compreensão: “*Merchandising* reúne as técnicas, os discursos, os meios de comunicação, eventuais apresentadores, as condições de oferta, o ambiente em que se oferecem produtos e serviços e, principalmente, o que se quer”.

*A*venturas estéticas de victor

Mais adiante, ele oferece a sugestão de, ao invés de tantos exageros e tabuleiros, o *merchandising* deve ser lacônico, “falar pouco” para não ser redundante e comunicar de maneira eficiente para ser bem compreendido e não perder o significado da publicidade, além de prezar pelo bom gosto e elegância. Parece uma boa proposta, não?

FEALDADE E ESTÉTICA

Em “A revolução dos feios”, o autor dos 16 *ebooks*, além de mais uma vez criar um título bem-humorado, traz um olhar, no mínimo, curioso para o que se designa feio, e na sua máxima, amoroso. “Eu diria que a ‘revolução dos feios’ tem sido um ‘movimento’ permanente contra certo ‘determinismo’ do ‘mundo arrumadinho’, esse ambiente que expressa a tendência conservadora da cultura em manter inalterados todos os padrões que a configuram e sustentam. Uma tendência a não mudança, portanto. Tendência que se prolonga pelo tempo, num esforço de resistência a qualquer tipo de mudança”. É assim que ele inicia sua reflexão concernente ao mote e completa: (...) “‘beleza’ ou ‘feiura’, não importa se um ou outro caso, tratam de ‘interpretações culturais estéticas’. De ambos os casos. Sem tirar, nem por”.

Ao virar das páginas, a preocupação do pesquisador é quanto à dificuldade de se conceituar a estética e o padrão de beleza, assim como a própria beleza. “Como ter um padrão se a beleza depende de uma interpretação particular sobre o assunto?” Como não poderia deixar de abordar

*A*venturas estéticas de victor

a questão sobre a beleza determinada e disseminada pela mídia noticiosa e de entretenimento, além das imagens criadas pela publicidade, por meio de artistas, sobretudo os da indústria cinematográfica americana, Victor Aquino traz um panorama que trata das plásticas faciais e dos recursos ‘estéticos’ médico-científico, disponíveis no mundo moderno com o único objetivo de o ser humano ter obrigação de ficar bonito, essencialmente, as atrizes famosas e celebridades em geral, que têm em suas figuras usos pela mídia para propagar um certo padrão de beleza.

“Os exemplos, no entanto, dessa perseguição à ‘beleza’, que se torna uma providência ‘estratégica’ de artistas e produtores, servem para demonstrar como essa ‘superação’ justifica a existência da citada ‘revolução dos feios’. Sem essa prática constante de busca pela ‘beleza’, não teria como comprovar a existência da ‘revolução dos feios’”.

Mas o escriba desse *ebook* não somente foca ao falar do padrão predominante de beleza como chama a atenção para o modo de vida, que se traduz a partir da subordinação de pessoas à beleza, por temerem “ficarem feias”. E quem são as feias? Victor Aquino as chamam de pessoas revoltosas, as que caminham pela contramão dessa quase ditadura, a da beleza. E, a partir da página 71, anuncia a “revolução dos feios”. Utilizando exemplos calcados na vestimenta e indumentária, o professor ressalta os presidentes da Bolívia, Evo Morales, e o então da Venezuela, Hugo Chávez, devido à insistência deles em se vestirem,

*A*venturas estéticas de victor

o primeiro, com roupas e acessórios que remetem a sua origem indígena, da etnia uru-aimará, e o segundo, falecido em 2013, que era oficial de carreira e em suas aparições trajava uniforme militar.

Além deles, os ex-presidentes do Paraguai Fernando Lugo, que usava camisas de mangas curtas e faixa presidencial sobreposta a elas. Rafael Correa, presidente do Equador, outro que costuma usar faixa presidencial e camisa estampada por baixo do terno. Para Victor Aquino, essa resistência em seguir o padrão, “é tão mais importante no dia a dia das pessoas, do que no mundo das instituições”.

CERVEJA E REMÉDIO

Em “Publicidade de cerveja e remédio”, o professor resgata o, no mínimo, curioso fato de a propaganda de remédios ter começado em seu próprio rótulo. E, no entanto, segundo ele, foram os primeiros anúncios a evoluir em sofisticação e complexidade. O pesquisador revela: “O estudo da promoção, do anúncio, da publicidade, do que for relativo à difusão comercial de produtos ditos farmacêuticos no fim do século XIX ou começo do século XX é muito mais do que se sabe até hoje. Um deles é o caso do cigarro que já foi indicado para tratamento da asma. Havia também pílulas de raízes de plantas, xaropes de frutas silvestres, chás de cascas, unguentos de ervas, infusões de sementes”.

*A*venturas estéticas de victor

Enfim, uma gama de medicamentos que, em sua maioria, eram direcionados a crianças, e também, em grande quantidade, utilizava bebidas alcoólicas em sua fabricação.

A congruência entre os remédios e a cerveja, na visão do estudioso, está na gênese do anúncio: o uso da imagem infantil. “Na história da publicidade nota-se que o maior número de criações com imagens de crianças está nos anúncios de cerveja”. Ele lembra com isso que o começo da propaganda da cerveja coincide com o trabalho infantil, uma cena realista do final do século XIX. Assim como as imagens infantis, as de mulheres bonitas se faziam presentes e mais frequentes do que as crianças. “E não só imagens promocionais. Alguns *post-cards* vendidos a partir do ano de 1890 traziam imagens livres criadas por artistas daquele tempo, inspiradas na cerveja, muitas das quais associadas à figura feminina. E daí para frente, não mudou muito no que diz respeito ao uso da figura feminina para a publicidade de cerveja, evoluindo para a erotização da mulher e culminando em figuras famosas e até políticas como o presidente da Rússia Vladimir Putin.

PUBLICIDADE, VIOLÊNCIA E JORNALISMO

Para um ser humano sensível, o tema violência costuma ser indigesto e falar desse assunto não foi fácil para o professor Victor Aquino, que ao longo dessa aula, a de

*A*venturas estéticas de victor

número 14, aponta tristes constatações. Uma delas é o fato de “ninguém poder negar que o jornalismo é necessário e essencial, mas ninguém poder afirmar que a contínua prática de violência alimenta o sistema que o gera e mantém”. Para isso, da numeração 20 a 69, ele ilustrou seu livro digital com diversas capas de jornais de diferenciados países, as quais trazem a violência como destaque. Ele alerta que “não se trata de pura crítica ao jornalismo de qualquer parte do mundo. Apenas uma constatação do que o gênero tem se valido. E a violência começa com atos de agressão e dados físicos até crimes políticos, de corrupção, tráfico de drogas, crimes ambientais etc”.

Na publicação virtual, o tema cruza as fronteiras no jornalismo e alcança a publicidade. Os exemplos estão a partir da página 71, em que uma campanha contra violência doméstica faz uso explícito de violência (um homem está com o punho direito fechado voltado em direção a uma mulher presa por ele pela mão esquerda). No anúncio seguinte, uma campanha para uma grife de moda faz apologia ao consumo de cocaína (p. 74). E assim por diante, os publicitários parecem utilizar cenas de violência, sofrimento e degradação humana com intuito de divulgar o seu oposto. Mas, de fato, as imagens escolhidas parecem significar ainda o contrário da não violência.

UTILIDADE NA ARTE

*A*venturas estéticas de victor

“Design é parte da vida humana”, ensina o professor. Ele conta que a ideia da Bauhaus é de Walter Gropius e que Ludwig Mies van der Rohe aderiu ao projeto depois de ter sido consolidado. Mas foram nomes não famosos como Le Corbusier (franco-suíço), Victor Bourgeois (belga) e Josef Frank (austriaco), que mais contribuíram para projetar a Bauhaus no cenário internacional. Adolf Gustav Schnek foi o criador de seu padrão pedagógico, em que alunos participavam de aulas, palestras, desenvolvimento de peças em laboratório e de discussão de projetos com professores.

E por que falar tanto da Bauhaus? Victor Aquino explica que foi com ela que, pela primeira vez na história da formação profissional em arquitetura, que outros temas, além dos tradicionalmente relacionados a projetos, materiais e edificação, começaram a ser objeto de estudo. Foi dessa forma que mobiliário e utensílios para casa ou escritório, equipamentos e inventos destinados à vida diária, de qualquer pessoa, passaram a integrar os projetos de estudantes, pelas universidades afora. Isso porque, com o estudo, outros elementos foram explorados como cores, palhetas propiciando a vasta gama de pigmentos, acrescentada a ingredientes como inovação e ousadia, o que colaborou para o surgimento de uma nova estética que continua vigorosa. Vale a pena ler a publicação e ficar por dentro da história dessa arte de desenhar objetos.

*A*venturas estéticas de victor

IMITAÇÃO ESTÉTICA NA PUBLICIDADE

A última aula fala da Imitação estética na publicidade. Nela (16), o educador desmistifica e esclarece os enganos que rodeiam a construção estética, da qual faz parte a publicidade. Ele realiza isso, citando desde fontes teóricas a anúncios, figuras associadas a produtos e práticas da área do *advertising*. No entanto, não deixa de dizer que a falta de talento compromete o trabalho em vários campos profissionais e que, não raro, acomete a publicidade. Com isso, profissionais desprovidos de criatividade, dom ou talvez esforço, apresentam trabalhos medíocres.

Essa discussão sobre cópia e imitação no campo da estética é bastante frutífera, como demonstra o educador. E, mais uma vez, como em outros volumes dessa coleção, ele dá um conselho. Dessa vez, o aluno deve estar atento ao fato de que “a boa criação publicitária deve estar circunscrita pela própria natureza, compreendendo o conteúdo, a forma e a função correspondentes”. O professor experiente sinaliza para os futuros publicitários que a “lei do menor esforço” tende a explicar o fato de o uso da imaginação não ultrapassar um mínimo de criatividade e, na mesma via, jamais vai chegar à genialidade. “Pode ser isso. Por outro lado, existe um sem número de conveniências que

*A*venturas estéticas de victor

leva a utilização do talento alheio. O mais evidente deles é audiência que também se acostuma com a cópia, com a paródia, com a expropriação, com o aparente inusitado”. Mas, seja por uma razão ou por outra, o resultado é um só: o empobrecimento da publicidade e perda da chance de se fazer dela uma arte.

CAMPOS DE ESTUDO DA ESTÉTICA

Apesar de ser a nona aula do professor, eu deixei para falar desse exemplar por último. Não porque é o menos importante, mas ao contrário. É nele que os alunos entram ainda mais em contato com o pensamento do professor em sala de aula. E isso é impagável. Saber e interagir com o conhecimento de seu mestre de forma mais precisa e simples é uma experiência ímpar para o aluno mais interessado, pois, afinal, quem não se pergunta no seu íntimo: Mas o que de fato pensa o professor Víctor sobre estética? Quais suas opiniões pessoais à respeito e como ele as fundamenta? Por isso, não vou contar tudo, não! Mas, adianto que:

- Na publicação virtual “Campos de estudo da estética”, o professor pede licença, embora não precisasse, para dar suas opiniões, análises e sua construção de conhecimento sobre o assunto, o qual muito lhe tem ocupado durante a vida acadêmica. Portanto, não vou me estender, pois vale muito sugerir a seu próprio e atencioso contato a suas reflexões. Adianto que ele propõe, ao longo de suas escritas, seis categorizações: arte, ciência, natureza, pessoa,

*A*venturas estéticas de victor

comunicação e coisas, tendo como objetivo exercitar a localização, em cada uma delas, de elementos possíveis de significação. Antes, ele classifica o estudo sobre estética para melhor explanar suas ideias, tomando por base os tópicos: Campo da significação; Significação objetiva; Significação subjetiva; Significação substantiva; Significação adjetiva; Campo da categorização e outras teorias. E, agora, se me permite, eu pergunto, o que está esperando para ler esse e os outros *ebooks*? Boa viagem e se entregue a essa deliciosa Aventura Estética da Publicidade.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Victor. **A revolução dos feios**. Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 12. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Arte e não-arte**. Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 2. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Arte, gosto e preferência**. Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 4. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **As leis da moda**. Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 6. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Beat Generation & Merchandising**. Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 7. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Caminhos da arte publicitária**. Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 3. São Paulo: InMod, 2012.

*A*venturas estéticas de victor

_____. **Campos de estudo da estética.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 9. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Design e estética utilitária.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 15. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Excessos do merchandising.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 11. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Imitação estética na publicidade.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 16. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Introdução à estética.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 1. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Kitsch.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 8. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Melissinha com pochetezinha.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 10. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Moda e publicidade.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 5. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Publicidade de cerveja e remédio.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 9. São Paulo: InMod, 2012.

_____. **Publicidade, violência e jornalismo.** Série Aventura Estética da Publicidade. Vol. 14. São Paulo: InMod, 2012.

*O diabo é
pai do rock
e veste prada*

Affonso Celso de Miranda Neto¹

· XVI ·

No fim da década de 1980, trabalhos sobre consumo, moda e, sobretudo, sua articulação com a música popular e o mercado cultural ainda não eram comuns nos espaços acadêmicos nacionais. Se hoje, vinte e cinco anos depois de seu lançamento, esses temas fazem parte do calendário anual de congressos

1. Professor de educação musical no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro. Licenciado em educação musical. Mestre em música. Doutorando em Ciências da Comunicação. Orientando de doutorado de Victor Aquino.

O diabo é pai do rock e veste prada

e eventos em todo país, podemos dizer que “Rock nos passos da moda – Mídia, Consumo x Mercado Cultural”, tem seu lugar garantido entre as publicações de vanguarda, aquelas que abrem caminhos para novos saberes e projetos de pesquisa.

Meu primeiro contato com o livro ocorreu por intervenção familiar quando concebia meu projeto de doutorado sobre a mitologia dos guitarristas de rock. Meu tio, Dilmar Miranda, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, no seu livro “Nós a música brasileira” o cita na parte dedicada à abordagem do rock nacional. Acreditando na sua aplicação imediata para o futuro da minha pesquisa o utilizei prontamente, mas devido ao caráter incipiente do meu trabalho, não pude reconhecer sua relevância histórica em dar visibilidade para temas tão negligenciados nos currículos acadêmicos.

Esse livro é uma extensão da trilogia iniciada com “Mercado da música: disco e alienação” (1987) sobre a realidade da indústria fonográfica brasileira e sua relação de dependência econômica com as paradas de sucesso radiofônicas. No espírito desse trabalho prevalecia uma visão pessimista da invasão da música internacional, o que segundo o autor, contribuía para a “incorporação de valores estrangeiros à cultura brasileira” (CORREA, 1987, p.17). Segundo ele, a lógica capitalista aplicada à produção cultural interferia na qualidade das músicas

O diabo é pai do rock e veste prada

comercializadas. A consequência trágica era alienação sistemática na esfera do consumo voltada para o circuito da obsolescência; aquisição/saturação/renovação do artefato disco.

Se olharmos para todas as transformações estruturais ocorridas no mercado musical, essa pesquisa possui um valor histórico por retratar a realidade da indústria fonográfica brasileira naquele período. Entretanto, como uma introdução para seu livro subsequente, sua relevância é decisiva para compreendermos o processo que o levou a estabelecer o vínculo inexorável entre rock e moda. Isso porque o autor já identificava o termo “maneirismos”, definido por “o elenco de signos não musicais que se revelam na identidade dos consumidores de discos e artistas” (Correa, 1987, p.20). Este conceito pode ser entendido como o início da reflexão sobre a natureza simbólica e complexa dos produtos culturais, um dos temas explorados em “Rock nos passos da moda”.

Nossa resenha crítica pretende ressaltar a articulação entre rock e consumo, ressaltando o papel mediador exercido pela moda e publicidade nesse processo. Tal tarefa será fundamentada com autores que já abordaram discussões semelhantes em suas obras, como Morin (2002) e Rocha (1990). Naturalmente, em algumas passagens faremos algumas conexões com nosso objeto de pesquisa no intuito de demonstrar como a obra nos fornece dados para refletir sobre o universo midiático e mitológico dos

O diabo é pai do rock e veste prada

heróis da guitarra e de seus instrumentos de poder; as guitarras elétricas.

“ROCK ON THE ROAD”:
DO PRODUTO DISCO AO SISTEMA DA MODA

Impressionado pela presença massiva do rock no cenário musical nacional, Correa se propõe inicialmente a apresentar seu campo de estudo, bem como expor os fundamentos teóricos aplicados para o esclarecimento da afinidade mercadológica entre a cultura do rock e o universo da moda. Seu objetivo nesta parte é explicitar sua base teórica para saber se é a indústria fonográfica a responsável pela transformação do gênero em produto cultural ou se é a indústria do vestiário que dele se apropria para apenas estimular o consumo de roupas e objetos.

Suas hipóteses de estudo partem da constatação de que o sentido contestatório dos movimentos sociais, que tinham no rock seu meio de expressão cultural, se transformou em um “mero argumento de consumo” (Correa, 1989, p. 20). Nesse processo de expropriação realizado pelas indústrias do disco e da moda, os signos de resistência e rebeldia são destituídos de sua significação de origem até desaparecem por completo no fenômeno do consumo. No seu trajeto teórico, os movimentos *hippie* e *punk* com suas indumentárias específicas são os exemplos utilizados para responder essa questão estrutural.

O diabo é pai do rock e veste prada

Articulando diversas hipóteses iniciais, Correa buscava entender por que o rock se tornou o gênero de música hegemônico na cultura de massa e qual a natureza da articulação de mercado engendrada pelas indústrias do disco e da moda. Sua conclusão inicial é que o gênero musical do rock se ajustou ao “modus operandi” da moda por ter fomentado seu próprio mercado de consumo através das diversas rupturas internas pelas quais passou, isto é, *rockabilly*, rock clássico, *mod*, *hippie*, *Glam rock*, *punk*, etc. Além disso, ele afirmava que a pouca tradição do gênero permitia sua adaptação imediata em diferentes culturas, o que explicava sua ulterior internacionalização demonstrada por sua eficácia comercial fora de seu país de origem, os Estados Unidos.

Sua rápida aceitação no “espírito do tempo” refletia o vínculo estrutural existente entre a manifestação musical e a atitude rebelde defendida anteriormente pelo movimento da literatura *Beatnick*. Os escritores e poetas americanos, “ao colocar em xeque os estatutos sociais que necessitavam ser mudados” (AQUINO, 2012, p. 44), e agir contra a ideologia conservadora presente no país, iniciou um processo de conscientização que daria fruto uma década depois. Tendo como princípio fundador o “estigma da juventude” (CORRÊA, 1989, p. 19), o rock se estabelecerá como um gênero itinerante, rebelde e inconstante, sempre aberto para novos ritmos e conexões, como o personagem principal do livro “*On the Road*” de Jack Kerouac.

O diabo é pai do rock e veste prada

A mensagem contracultural foi logo absorvida dentro da nascente cultura de massa. A partir daí, todo um sistema de produção foi articulado entre cinema, música e moda com a finalidade de generalizar o comércio de bens de consumo. Este conjunto de elementos conjugados serviria de símbolo na trama cujo principal protagonista se tornaria também vítima: a juventude. A partir da década de 50, os desejos juvenis vão constituir-se na publicidade, força motriz da indústria cultural. Segundo Morin, “O novo modelo é o homem em busca de sua auto-realização, através do amor, do bem-estar, da vida privada. É o homem e a mulher que não querem envelhecer, que querem ficar sempre jovens para sempre se amarem e sempre desfrutarem do presente” (MORIN, 2002, 1952).

Se, em um primeiro momento, o rock é uma manifestação cultural espontânea de descontentamento com as normas estabelecidas na sociedade, no outro é apenas um produto dócil para consumo e descarte imediato. Um aspecto sempre negligenciado nas análises da gênese do rock é o vínculo estrutural do gênero com outros produtos de consumo como roupas, carros, motos, cigarros, acionados por músicos como símbolos de uma atitude “rebelde” no mundo. Daí vem sua capacidade sedutora sobre as novas gerações. Em virtude de sua associação em romper padrões estabelecidos socialmente, o rock se estabeleceu no imaginário social como sinônimo de subversão.

O diabo é pai do rock e veste prada

Essa capacidade simbiótica e mutante fez com que o gênero se associasse perfeitamente com a necessidade constante de mudanças estilísticas no universo da moda e da publicidade. As peças de vestuário características da primeira fase do rock para homens, como calça jeans, camisa branca e jaqueta preta de couro, usados junto com o gel no cabelo e chiclete na boca são signos do primeiro mercado de produção e consumo voltados para a juventude. Por sua vez, as mulheres usavam minisaia, o que deixava suas pernas à mostra, código não aceitável no comportamento feminino no mundo dos adultos. Todo esse universo de signos materiais podia ser experimentado no cinema, sempre tendo no *rock'n'roll* e no *rockabilly* das máquinas *jukebox* sua trilha sonora indissociável.

A MEDIAÇÃO SIMBÓLICA DO CONSUMO

Nesse processo de transição entre a esfera midiática de produção e a esfera profana do consumo, diversos atores e agentes sociais são responsáveis por transformar a roupa enquanto símbolo espontâneo de repulsa social ao sistema vigente em produto de consumo para a reprodução em larga escala. Em um primeiro plano, a articulação entre os gêneros música e moda é realizada pelo próprio artista, ou conjunto de intérpretes da música popular, que representam uma espécie de “modelo em movimento”, emprestando todos os elementos de seu

O diabo é pai do rock e veste prada

vestuário, incluindo suas atitudes e idiossincrasias para a generalização do consumo.

No plano seguinte da expropriação realizada pela indústria da moda e do consumo se encontram os intermediários, isto é, os produtores e editores encarregados do esvaziamento do conteúdo ideológico original através da seleção, padronização e serialização das peças de vestuário para sua disseminação no mercado cultural. Estes agentes se apropriam de sua linguagem ao colocar os signos da resistência a serviço do jogo publicitário e do lucro. Segundo Corrêa, o movimento hippie, cujos principais elementos de identificação eram a roupa e a postura, foi o primeiro a sofrer esse processo de dissociação. Aqui, destaca-se o papel mediador e dialético exercido pelo sistema da moda ao descaracterizar a essência de todas as manifestações musicais e comportamentais que são contrárias à lógica capitalista:

Talvez por essa razão, mais do que por qualquer outra, deva-se repensar a moda como algo mais que um simples bem de consumo, pois, tal e qual se verifica pelos episódios mencionados, ela tem sido a um só tempo a condição de rompimento com os padrões estabelecidos e o veículo de disseminação desse rompimento transformado em outro padrão. Foi o caso não apenas dos adornos e das roupas adotadas pelos hippies, mas também dos cabelos e das roupas adotadas pelos punks (CORREA, 1989, p. 21).

O diabo é pai do rock e veste prada

Segundo o autor, o fenômeno da moda transcende a materialidade e a simples funcionalidade dos objetos, e se caracteriza pelo consumo simbólico, melhor definido com o conceito de “mercado cultural”. Partindo de Roland Barthes, ele nos chama a atenção para a complexidade de significados presentes na adoção de um determinado bem de consumo, seja um disco ou um vestido. Estes últimos carregam consigo valores, ideias e expressões com as quais as pessoas constroem suas identidades particulares, mas também reproduzem uma determinada visão de mundo.

No fim dos anos 1960, Jimi Hendrix alavancou o consumo das guitarras *Fender Stratocaster*, não somente por seu virtuosismo instrumental. Sua performance dionisíaca, que incluía tocar guitarra com o dentes, segurá-la por entre as pernas, atrás da cabeça, até rituais de destruição do instrumento, intensificou a carga simbólica de um objeto inanimado. Sua imagem rebelde e contracultural construiu um significado diferente para este modelo de guitarra que passou a ser o mais vendido no mundo desde então. É impossível separar suas qualidades formais e tecnológicas da guitarra dos valores e idiosincrasias dos músicos que a popularizaram.

O produto cultural é o resultado de elementos circunstanciais construídos em uma instância paralela, onde agentes planejadores reconfiguram o significado dos artefatos industriais. Assim, para que um disco se transforme em um produto cultural, ele deve ser alvo de

O diabo é pai do rock e veste prada

sistemas de edição que respeitará sempre as expectativas de demanda do mercado cultural em detrimento da qualidade do conteúdo veiculado. Essa formatação de ajuste às regras do retorno financeiro é o que permite seu alcance por uma parcela maior de pessoas. É necessário lembrar que, nesse processo de transição da produção para o consumo, a publicidade opera uma narrativa mágica para dotar os objetos de significação social. Rocha (1990) destaca como a propaganda opera tanto na esfera do sagrado quanto no terreno do profano:

De fato, a publicidade exerce o papel inequívoco de classificador. E, com o totemismo, reparte essa mesma vocação. Tal como o operador totêmico ela é uma forma de organização do mundo. Ao nomear os produtos, ao identificá-los e climatizá-los, a publicidade os diferencia e traz para o nosso mundo. A publicidade individualiza cada produto como passo fundamental para torná-lo humano (ROCHA, 1990, p.108).

Nesse movimento constante de incorporação da resistência, o rock se destaca porque seus artistas têm sempre uma relação dicotômica com o mercado cultural. Concomitantemente a canções e atitudes de confronto com os ideais do modo de produção capitalista, os astros do gênero ostentam carros de luxo, ternos Armani e casas milionárias. Por esse motivo, a indústria das celebridades, mais afeita ao cinema e a moda, não demorou a se apropriar perfeitamente das contradições inerentes à

O diabo é pai do rock e veste prada

natureza comercial do rock. Revistas estrangeiras sobre música como a *Rolling Stones*, a *New Musical Express* ou a *Melody Maker* não só trazem matérias referentes à produção musical dos artistas, mas divulgam imagens de suas roupas e atitudes para consumo do público. Nesse sentido, o músico se transforma em sua totalidade um objeto de consumo:

Constata-se, então, que não apenas o disco, mas tudo o que se relaciona ao artista a partir da música que interpreta é consumido enquanto fatia de um processo de produção que interessa muito mais à estruturas de venda e lucro do que as de criação musical (CORREA, 1989, p. 27).

A partir da década de 1970, além da expropriação ideológica sofrida pelo rock, a associação simbiótica entre seus artistas e a moda se converteu em um princípio estruturante do mercado cultural. Toda manifestação espontânea de vestuário das ruas foi paulatinamente convertida em objeto de consumo pela indústria da moda. Correa relata que o movimento punk passou a ser reduzido a apenas um corte de cabelo de alto valor nos salões de beleza. Após o movimento do *Glam rock* e, na década de 1980, as bandas *New wave*, a preocupação estética integral passou a ser um hábito inseparável das produções musicais e, de modo geral, qualquer produto cultural.

O diabo é pai do rock e veste prada

É necessário lembrar, no entanto, que a prioridade da visão crítica do autor se volta para artistas que se fazem valer de uma manobra mercadológica de construção de uma identidade fora dos padrões, em virtude da falta de originalidade de suas produções musicais. Tem-se então uma perspectiva teórica reducionista baseada em um valor estético arbitrário, uma vez que nem todos os artistas que se utilizam da roupa hippie são apenas reprodutores de uma forma de se vestir. Pelo contrário, a identidade do movimento ganhou legitimação e visibilidade porque artistas como The Beatles e The Rolling Stones adotaram essa linguagem para se vestir. Nesse sentido, Correa salienta:

Os artistas do mundo da música popular, ao adotar modelos de roupa fora dos padrões convencionais, sem querer estão ajudando a codificar um novo padrão de roupa, o qual, por sua vez, se estiver fundado na adoção de uma postura à margem das convenções anteriores (por um movimento social), passará a representar um novo conteúdo (CORREA, 1989, p. 78).

Assim, não apenas de apropriação oportunista vivem os representantes do gênero. Jimi Hendrix, celebrado como o maior guitarrista de todos os tempos², teve no figurino detalhista nas performances uma de suas marcas distintivas no cenário musical. A utilização de

² Nas pesquisas realizadas pela revista Rolling Stones em 2003 e 2012, Jimi Hendrix foi eleito o melhor guitarrista de rock de todos os tempos por jornalistas, músicos e leitores.

O diabo é pai do rock e veste prada

roupas exóticas e coloridas na vida cotidiana e no palco foi um hábito que Hendrix concebeu na cena de moda e consumo da Swinging London dos anos 1960. Lá, ele construiu sua forma particular de se vestir, misturando diversas linguagens de vestuário do presente e do passado. De fato, Hendrix não foi um mero reproduzidor do estilo hippie, mas um dos artistas representantes de sua origem que deu legitimação a esse tipo de estética, e até hoje é um ícone da arte e moda psicodélicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tom apocalíptico do texto concentra a crítica particularmente na esfera manipuladora da produção e do mercado cultural, delegando aos consumidores apenas uma atitude passiva e impotente. Na época, os ecos da “sociedade de consumo” de Baudrillard ainda se faziam presentes no espírito da análise crítica do autor. É verdade que, se por um lado, a articulação entre a carga simbólica musical vinculada às estratégias de promoção de celebridades disseminou diversos objetos e artefatos na mão gananciosa de produtores do mercado cultural, por outro, a experiência de consumo não pode ser somente caracterizada por uma imposição exterior à vontade individual, e sim como uma atividade inerente a um contexto cultural, cuja manifestação é uma forma de pertencimento social.

O diabo é pai do rock e veste prada

Todos os movimentos e artistas desde a origem do rock, dos menos engajados aos mais politizados e ativistas, possuem seus símbolos de expressão artística e suas idiossincrasias de consumo. É natural que seus seguidores adotem seus figurinos e objetos como marcadores de identidade e de comunhão social. A rebeldia do rock sempre esteve associada a comportamento e moda, e negar esse vínculo inexorável entre música e moda é amputar uma parte significativa da atitude contestatória de sua representação social. De fato, a esfera da moda pôde se associar ao rock porque não há consumo sem mediação simbólica.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Arte & Comunicação, 2010.

CORRÊA, Tupã Gomes. **Mercado da música**: disco e alienação. Campinas: Papyrus Editora, 1987.

_____. **Rock - nos Passos da Moda**: Mídia, Consumo x Mercado cultural. Campinas: Papyrus Editora, 1989.

MIRANDA, Dilmar. **Nós a música popular brasileira**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX**: o espírito do tempo – I. Neurose. Rio de Janeiro, Forense Editora, 1977.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

O diabo é pai do rock e veste prada

ROCHA, Everardo. **Magia e Capitalismo**: um estudo antropológico da publicidade. 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

*A 'contry music'
brasileira entre a
dimensão subcultural,
o marketing e a
indústria fonográfica¹*

Nello Barilè²

· XVII ·

Encontrei Victor Aquino pela primeira vez em Roma no ano 2000, por ocasião de uma visita sua organizada por Massimo Canevacci, que já desde os anos 1990 tornara-se um mediador incansável entre

1. "*La country music brasiliana tra dimensione sottoculturale e marketing dell'industria discografica*", tradução de Melissa Sakuma Frank.

2. Professor de sociologia na Università IULM, Milão. Sociólogo. Mestre e doutor em sociologia pela Università La Sapienza, Roma. Autor de *La mentalità neototalitaria*.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

A ‘contry music’ brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

os mundos da cultura italiana e brasileira. Lembro que a reunião de trabalho sobre possíveis projetos conjuntos com Victor ocorreu no escritório de Alberto Abruzzese, meu orientador e na época coordenador do Curso de Ciências da Comunicação da Universidade “Sapienza” de Roma. Tinha ouvido rumores sobre um típico barão, de perfil muito institucional e com a atitude clássica do homem de poder, enquanto na conversa que tive com ele, Alberto e Massimo, mostrou-se muito aberto, irônico e cheio de curiosidade em relação ao “novo”. Agora, pensando a respeito, salta-me imediatamente à memória o elemento estilístico que talvez tenha, mais do que tudo, caracterizado o sentido daquele encontro e da futura colaboração. Victor usava um acessório que podia parecer muito insólito e exótico do ponto de vista de um interlocutor europeu. Tratava-se de um chapéu de gaúcho, de abas largas, que pensando bem era o ponto exato de intersecção entre dois campos de sua atividade de pesquisa: a moda e a música *country-folk*. Em primeira instância, o assunto que fez nossos interesses convergirem imediatamente foi a moda. Victor tinha um interesse especial em analisar a questão de um ponto de vista estético, no quadro conceitual da pós-modernidade. Eu tinha concluído havia pouco tempo um ciclo de seminários intitulado “*Communifashion*”, sobre moda e comunicação, do qual participaram dirigentes do setor e estudiosos acadêmicos. Victor me disse que estava escrevendo um ensaio sobre o assunto, de modo que decidi traduzi-lo e publicá-lo em um livro que continua

Victor Aquino
entre ciência e ficção

A ‘contry music’ brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

sendo na Itália uma das contribuições mais importantes, e mais utilizadas nas universidades, como encontro entre os mundos do saber e dos negócios. Desde então, houve outros projetos organizados em conjunto, seja em São Paulo ou em Milão. Desse modo tive a possibilidade de descobrir que a moda não era a única linguagem da expressividade humana à qual Victor prestava atenção: havia também a música. Embora tenha utilizado muitas vezes a música como indicador da mudança sociocultural, meu interesse acadêmico por essa linguagem foi sempre bastante limitado, no sentido de que nunca quis escrever um ensaio inteiramente dedicado à estética dos gêneros, à indústria musical ou ao fenômeno do estrelismo. Isso porque talvez eu seja apaixonado demais por música, de modo a preservar meu papel de ouvinte e fã de algumas bandas (principalmente de *indie* e música eletrônica) em relação ao papel de analista de fenômenos culturais. Por esse motivo fiquei muito impressionado com o trabalho complexo e articulado de Victor sobre a música *folk* e *country*. Sobretudo pela sua capacidade de juntar diversos níveis de análise: a relação entre produtores e consumidores, a questão das influências estilísticas dos músicos, o papel da mídia na difusão e na mudança do gosto, a transformação dos rótulos de estilo em verdadeiras “marcas” no limite entre influências xenófilas e matrizes culturais autóctones.

Desde o início o livro declara querer examinar seu objeto de pesquisa por meio da categoria de popular music, demonstrando, portanto, que tal objeto esconde

A ‘contry music’ brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

processos muito mais profundos que sua aparente simplicidade e leveza. Por trás dessa aparente leveza se esconde, por exemplo, “o domínio das gravadoras” (p. 9), que tinham o poder de decidir que tipo de música, artista, produto, etc. devia ser lançado no mercado. O papel extraordinário que a programação do rádio desempenhou na difusão dos gêneros musicais populares no Brasil é um dos espíritos fundamentais desse livro, que recupera de fato uma pesquisa sobre o assunto realizada em 1979. Já o segundo espírito que o compõe é a discussão de outro trabalho de pesquisa realizado pelo autor em 1987 sobre o funcionamento da indústria musical brasileira. A interação entre esses dois níveis de discurso está na base do desenvolvimento argumentativo do texto todo. A americanização da música brasileira é, por exemplo, um fenômeno que tem muito mais a ver com a estrutura e com as dinâmicas do mercado (produção/consumo) que com uma verdadeira influência cultural (p. 10). Desse ponto de vista, a posição de Aquino aproxima-se mais das teorias do imperialismo cultural (THOMPSON, 1998), que leem o domínio da cultura americana como dotado de um poder intrínseco de autoafirmação, que da vertente dos estudos culturais, interessados nos processos de ressemantização e de “reapropriação” simbólica por parte das culturas subalternas (Tomlinson, 2001). A música sertaneja, examinada fundamentalmente na primeira seção do texto, sofreu uma espécie de atrito entre americanização

Victor Aquino
entre ciência e ficção

A 'contry music' brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

e resistência cultural que pode ser encontrada também nas raízes da *country music* americana.

A chave de leitura preferida por Aquino para examinar o fenômeno aproxima-se muito mais da Teoria das Catástrofes, já utilizada de modo original por estudiosos ingleses para examinar a relação entre subculturas e mídia (COHEN, 1973). A catástrofe entendida como choque cultural capaz de enxertar a mudança na vida cotidiana, mas também como sistema complexo de interdependências que une lugares remotos do planeta. A catástrofe descrita no livro diz respeito a uma perturbação climática que repercute imediatamente na situação financeira global para depois impactar as culturas locais. As terríveis tempestades de neve que devastaram a região mais importante para a colheita de laranja nos Estados Unidos nos anos 1980 são a causa que desencadeia uma sequência de eventos significativos para a difusão de um novo estilo musical. A centralidade da colheita de laranja para a cultura americana é narrada de forma magnífica também pelo filme de John Landis *Trocando as Bolas* (*Trading places*), de 1983. Ela determinou dois processos fundamentais: novas dinâmicas do setor financeiro e dos investimentos no trabalho agrícola; os fluxos de mobilidade dos recursos humanos (com as habilidades e o *know-how* correspondentes) dos EUA para a região do estado de São Paulo, no qual se desenvolveria o mesmo modelo agrícola, em uma área que, segundo o autor, apresentava fortes analogias culturais com a província americana. Também foi determinante

A ‘contry music’ brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

a criação, no decorrer dos anos 1980, de um sistema de entretenimento capaz de incentivar a fusão entre as duas culturas: bares, clubes e sobretudo festivais de música, nos quais era tocada a música *country-folk*, como as “festas do peão de boiadeiro”. É decisiva, portanto, a incidência do que Appadurai definiria como *ethnoscapes* (2001), capaz de aproximar duas culturas musicais distantes, tanto que “a modificação do sertanejo brasileiro, e de outros elementos estéticos, foi uma clara manifestação desse contato com a música country” (p. 24). Depois dessa explicação estrutural do fenômeno, ousaria dizer quase marxista no sentido de relações de produção que modificam relações de poder, o estudo de Aquino retoma os passos de uma antiga pesquisa sua, para aprofundar as origens dessa estética: a cultura nativa, aquela do caboclo e da música caipira. A análise, sempre concentrada nos fluxos demográficos, agora se desloca para a dinâmica interna entre urbanização e trabalho no campo. O crescimento dos processos de urbanização indica uma desqualificação do trabalho no campo e de seus protagonistas. Por esse motivo o termo “caipira” indicou por muito tempo um gosto musical de baixo nível, característico das populações não urbanas, mas com os processos subsequentes de globalização, que transformaram o estado de São Paulo em um grande *melting pot*, também a música caipira se tornou uma marca de um nível maior de autenticidade em relação a outros gêneros (p. 35), sobretudo graças à distinção semântica entre o seu significado depreciativo e aquele mais positivo do termo

A ‘contry music’ brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

“grosso” (p. 36). A convergência de valores naïf, entre os quais o ar livre, os animais, a natureza e sua influência no estilo musical, contribuiu para criar o rótulo de “regional” em relação a outros gêneros musicais difundidos no país (p. 23).

Um dos exemplos mais importantes oferecidos por Aquino sobre os vetores de transformação dos rótulos de gênero, que eu definiria como um verdadeiro processo de *metabranding* (BARILE, 2006), é dado pela história de Luiz Gonzaga. Um músico do Nordeste que, a partir dos anos 1940, afirmou-se dentro da dimensão e dos estilos “regionais”, para depois mudar o próprio posicionamento em relação ao mercado musical. Se inicialmente seu público era constituído principalmente pelas populações humildes das periferias, inclusive por seus componentes “bucólicos”, transformou-se em um fenômeno muito mais mainstream graças ao advento da TV nos anos 1960 e à difusão das emissoras de rádio, que modificaram as exigências e o gosto do público em busca de novidades contínuas. A música caipira tornou-se símbolo de um movimento geral de abertura para o eterno do país, com as rádios, que a partir dos anos 1960, colocaram em segundo plano a língua portuguesa, enquanto grande parte dos cantores e compositores adotava um nome anglo-americano. A posição central ocupada pelo meio radiofônico entre os anos 1940 e 1950 impulsionou duas direções diferentes: por um lado a difusão da música internacional, especialmente nas áreas ocupadas por gerações de

Victor Aquino
entre ciência e ficção

A ‘contry music’ brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

imigrantes europeus, e por outro a consolidação de estilos musicais regionais. Como em muitos outros setores da sociedade de consumo, o processo geral de modernização do país determinou uma padronização crescente de gostos e estilos de vida, mas isso também condicionou a formação de uma série de homologias (HEBDIGE, 1979) capazes de unir elementos extremamente heterogêneos sob uma definição estilística que tem a ver apenas em parte com a estética original de um determinado contexto. O exemplo mais evidente é o de Teixeirinha (pp. 41-43), que, embora não fosse a estrela mais representativa da tradição musical do Rio Grande do Sul, aproveitou os novos espaços concedidos pelas estações de rádio para tornar-se cada vez mais reconhecido em todo o Brasil, mas também em Portugal e em alguns países africanos. Apesar disso, foi muitas vezes acusado de ser um péssimo representante do estilo do Rio Grande do Sul (p. 39). Do mesmo modo, o nascimento do movimento denominado “tropicalismo”, dos assim chamados Novos Baianos, ao qual contribuíram artistas do calibre de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Maria Bethânia (p. 41), não teria muito a ver com o “nativismo” do Rio Grande do Sul, a não ser pelo fato de que ambos buscam por percursos diferentes uma espécie de “redenção” cultural (p. 42). Ou seja, uma redescoberta do mito de origem, aquilo que Morin chamaria de neoarcaísmo (1984), que no caso dos Novos Baianos foi desencadeado pela contestação juvenil pós-1968 e pela crítica ao circuito modernização-consumo. Outro fenômeno “estrutural”, aliás, neste caso,

Victor Aquino
entre ciência e ficção

A ‘contry music’ brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

logístico, examinado como chave da mudança do gosto musical a partir dos anos 1970, é o chamado movimento “sem fronteiras”, animado pela intensificação do tráfego de caminhões de norte a sul do Brasil. Os caminhoneiros contribuíram para a circulação da música proveniente das próprias regiões de origem gravada em fitas cassete e por isso se transformaram em verdadeiros “emissários da generalização daquele estilo” (p. 43), ou seja, da difusão de um gosto inconscientemente *kitsch*.

Já a disseminação da música country teve lugar no decorrer dos anos 1980, graças ao já citado crescimento do intercâmbio comercial entre Brasil e Estados Unidos e, sobretudo, graças aos festivais de música sertaneja. Além da difusão da nova orientação musical, acompanhada também da língua inglesa utilizada até por cantores brasileiros, Aquino aprofunda a dimensão estilística, ou seja, o conjunto de artigos de vestuário que vinham desenhar essa nova homologia, se não uma subcultura em sentido pleno. O chapéu de *comboy* que substituíra o de caipira, assim como as botas de couro com ponta e salto, os cintos de couro, as jaquetas com franjas (p. 45). Do mesmo modo, o sistema de festas, feiras e festivais começou a assumir os traços de um verdadeiro rodeio à americana.

Na segunda parte do texto desenvolve-se um discurso muito mais técnico sobre a formação da indústria fonográfica brasileira, desde a relação mais abstrata entre consumo e alienação até a análise das estatísticas sobre

A ‘contry music’ brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

os gêneros e as origens dos artistas mais presentes nas paradas de sucesso e nas programações de rádio. Os resultados dessa análise podem ser cruzados com as considerações sobre os diversos gêneros de música brasileira que se desenvolveram na segunda metade do século XX. A tese de uma “inoculação cultural” de valores globalistas, favorecida pela indústria fonográfica, encontra certo suporte empírico na apresentação das estatísticas sobre a origem dos artistas. Se no início dos anos 1980, de 1980 a 1982, o percentual de artistas estrangeiros fica em torno de 23,5%, em 1983 ocorre uma guinada decisiva do mercado musical, com uma dominância clara da música anglófona, que passou de 50% das presenças nas paradas de sucessos. Tal fenômeno, reconhecido como “a agonia da música brasileira” (p. 94), em um país que, nesse meio-tempo, posicionou-se no quinto lugar entre os mercados fonográficos mundiais, demonstraria uma forma específica de dominação cultural, de tal forma que o resultado da disputa entre música brasileira e estrangeira foi a vitória da segunda sobre a primeira (p. 101).

A análise e, sobretudo, as conclusões da pesquisa de V. Aquino surpreendem porque, depois da orgia de teorizações pós-modernas sobre as culturas híbridas e sobre a positividade dos melting pots globais aos quais estamos hoje habituados, o quadro no qual o autor opera parece mais extraído de uma matriz neomarxista, às vezes até frankfurtiana. A subalternidade dos rótulos de gênero “regionais” em relação àqueles internacionais

A ‘contry music’ brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

teria sido imposta por dinâmicas da indústria fonográfica e do marketing, sem nenhuma proteção por parte das políticas públicas e do controle governamental (p. 101). Uma aversão particular pode ser encontrada nas páginas que tratam do papel da música rock. Se no passado as gravadoras pareciam menos interessadas no lançamento de bandas de rock pelas dificuldades de promoção e outros custos de contratação, com o passar do tempo abriram-se múltiplos espaços, inclusive para shows e para a música ao vivo. De fato, após uma análise relativamente objetiva, Aquino expõe de forma explícita uma posição pessoal, aplicando às bandas jovens brasileiras que reproduzem estilos musicais do exterior (sobretudo o rock) a categoria de maneirismo (p. 51), que se torna sinônimo explícito de decadência quando se refere a bandas jovens entre São Paulo e Rio que imitam os valores das bandas do exterior. Essa “*rock euphoria*” (p. 95) é o resultado de uma estratégia planejada de promoção que apelou primeiro para as emissoras de rádio e depois para as de televisão como a Rede Globo, que cobriu a maior parte dos eventos dedicados à música rock. A estratégia retórica que teria passado sub-repticiamente a mensagem da nova euforia rock fica patente no evento musical “*Rock in Rio*”, que faz propaganda da alegre colaboração de bandas locais e estrangeiras, postas sobre o mesmo plano para esconder uma concepção imperialista, fortalecida ainda mais pela capacidade de ocultar os verdadeiros objetivos de sua iniciativa (p. 70). Se o livro tivesse sido escrito após a

A 'contry music' brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

chegada ao Brasil do evento Lollapalooza, criado por Perry Pharrel durante os anos 1990 para promover a música indie daquele período, teria certamente mencionado o paradoxo de um movimento antagonista e radical que dentro de poucos anos foi transformado em uma marca global, especialmente graças ao processo de aquisição das pequenas gravadoras independentes (*Sub Pop*, *Blast First*, *SST*, etc.) pelas grandes multinacionais da música. Todavia, precisamente essa contraposição entre uma dimensão autêntica das cenas musicais alternativas e sua subsunção pela indústria musical global é ela mesma uma retórica que alimenta a exploração por um capitalismo cada vez mais evoluído e modular, que, à semelhança do Império, funciona como um material moldável que muda continuamente de forma para adaptar-se às comunidades, aos nichos ou aos consumidores individuais (NEGRI; HARDT, 2001). Não por acaso a vertente dos estudos culturais (Hebdige, Chambers, Frith), em sua tentativa de resgatar a autenticidade da música rock, contra a exploração pelo sistema de consumo, praticamente entregou-a nas mãos da indústria cultural global. A reavaliação de toda música local, regional, nativa, étnica, etc. da *world music*, que a partir dos anos 1990 regenerou a oferta musical no mundo, sobretudo graças a várias contaminações com o rock e a música eletrônica, simplesmente explicitou essa incrível elasticidade da indústria musical, capaz de inserir qualquer gênero em seus circuitos de produção-consumo. O único ponto de inflexão provém talvez da cultura *peer-to-peer* e da ação dos novos piratas, que, desenvolvendo

A ‘contry music’ brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

práticas alternativas e gratuitas de troca, literalmente desconstruíram o sistema dos gêneros musicais que a indústria havia imposto, com várias negociações, aos consumidores de todo o mundo. Esse fenômeno, não por acaso, foi definido como “*punk* capitalismo” (MASON, 2008), porque a verdadeira criação de novidades e de valor provém justamente do modo como as práticas alternativas de consumo demolem o modelo de negócio das gravadoras. Do mesmo modo, os modelos alternativos de consumo e de troca são suscetíveis de serem transformados em novos modelos de negócio (por exemplo, iTunes, *Soundcloud*, *Spotify*, etc.) que valorizam a inovação dos novos piratas. Se for, portanto, realista a hipótese da cauda longa (ANDERSON, 2010), é possível prever que o interesse do mercado se orientará cada vez mais na direção dos nichos, reduzindo a vocação “imperialista” e “colonizadora” dos grandes selos musicais. Tudo isso teve também uma forte influência estética, no sentido de que as tecnologias de reprodução digital dos sons e as novas formas de circulação da música criaram as condições para a afirmação de uma estética “retromaniaca” (REYNOLDS, 2011) que não tem a ver somente com o paradoxo tecnológico — novos consumos digitais que acompanham uma estética cada vez mais nostálgica —, mas principalmente com a criação de novas homologias que reúnem a música, a moda, o design, o consumo de alimentos, de bebidas, etc. Assim o fenômeno global dos hipsters demonstra essa extrema flexibilidade da indústria cultural global em abandonar a

Victor Aquino
entre ciência e ficção

A 'contry music' brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

hegemonia do rock para voltar a velhos sons, atmosferas e valores da música *folk*. Desse modo, gravadoras famosas como a *Sub Pop* se reconverteram do evangelho do grunge para aquele do novo *folk*, enquanto no resto dos EUA (mas talvez também no mundo inteiro) ocorre toda uma efervescência de música antes considerada como marginal ou periférica. Existem, além disso, numerosos pontos de contato entre a subcultura hipster e as estéticas da música *country*. Por esse motivo, o livro de Victor Aquino pode ser um instrumento útil para os estudiosos de música popular que queiram examinar o desenvolvimento desse fenômeno e sua tradução nos vários contextos nacionais.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. **Modernità in polvere**. Meltemi, Roma, 2001.

ANDERSON, C. **La coda lunga**. Da un mercato di massa a una massa di mercati. Torino: Codice Edizioni, 2010.

BARILE, N. Made in Italy: da country of origin a metabrand. In *Fatto in Italia: la cultura del made in Italy (1960-2000)*. Roma, Meltemi, 2006.

COHEN, S. **Folk devils and moral panic**. Routledge, London, 1973.

HEBDIGE, D. **Sottoculture. Il fascino di uno stile innaturale**. Costa & Nolan, Genova, 1983.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

A 'contry music' brasileira entre a dimensão subcultural,
o marketing e a indústria fonográfica

MORIN, E. **Sociologia della sociologia**. Edizioni Lavoro, Roma, 1985.

NEGRI, T. **Hardt M.** Impero, Rizzoli, Milano, 2001.

REYNOLDS, S. **Retromania**. Milano, Isbn Edizioni, 2011.

THOMPSON, J. **Mezzi di comunicazione e modernità**. Il Mulino, Bologna, 1998.

TOMLINSON, J. **Sentirsi a casa nel mondo**. La cultura come bene globale, Feltrinelli, Milano, 2001.

*Rock,
nos passos
da moda*

Rosalba Facchinetti¹

· XVIII ·

Falar de *Rock, nos passos da moda: mídia, consumo x mercado cultural* – publicado pela editora Papyrus, de Campinas, em 1989 – é hoje uma tarefa muito difícil. Primeiro, porque o próprio autor parece não gostar mais do livro. E parece não gostar, como parece

1. Editora. Sócia proprietária, Angellara Editora. Jornalista. Pedagoga. Mestre em comunicação social. Doutora em ciências da comunicação. Autora de *O trabalho intelectual e o trabalhador do conhecimento*. Antiga orientanda de doutorado de Victor Aquino.

*R*ock, nos passos da moda

não gostar de nenhuma outra coisa que tenha escrito que não seja ficção. Segundo, porque o livro esgotou e nunca ganhou uma segunda edição. Terceiro, porque embora seja ainda obra lembrada e citada em teses, dissertações e outros trabalhos acadêmicos que abordam gêneros de música popular, mercado fonográfico, audiências musicais e movimentos sociais da juventude, tem sido muito difícil associar o livro ao autor que conhecemos hoje. Quarto, porque ao mudar de nome no início dos anos 2000, o autor começou a revelar um gosto por outro gênero de literatura. Nos últimos dez anos dedicou-se quase integralmente aos contos e ao romance, desprendendo-se de quase tudo que escreveu e publicou ao longo da vida acadêmica.

Nesse sentido, recomendo muita paciência aos pesquisadores que eventualmente se prepararem para procurar referências, ou citações em sites de busca, para *Rock, nos passos da moda*, de Tupã Gomes Corrêa.

De algum modo, essa obra culmina com uma década de atividade do autor como docente do curso de editoração, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Como também se confunde um pouco com um trabalho coletivo, no conjunto dos demais docentes do departamento em que trabalhava, para dotar o curso daquela habilitação de conteúdos que abrangessem todo espectro da produção editorial. Um espectro de atividades, estudos

Rock, nos passos da moda

e pesquisas que, pelo menos até aquela época, configurava os campos de estudo e trabalho correspondentes.

Até mesmo uma pesquisa rápida pelo prontuário do autor na Universidade de São Paulo, tentando recompor seu ingresso como docente no curso de editoração, leva ao descobrimento de um dado muito curioso. Ele foi designado em Diário Oficial como “*docente voluntário*”, figura estatutária posteriormente extinta. Essa condição, que previa oficialmente a existência de um professor para qualquer disciplina na universidade, serviu, durante muitos anos, para completar quadros docentes sem a respectiva dotação orçamentária. Ou seja, o autor também foi um professor que trabalhou graciosamente na universidade.

Sua designação como “*docente voluntário*”, constante de ato do reitor da universidade, era publicada no Diário Oficial para garantir, na saída de uma antiga professora do curso, que os alunos do curso de editoração não ficassem sem aula na disciplina Produção de Discos. Isto acontecia nos idos tempos de 1977. A professora Jacqueline Morin, que ministrava aquela disciplina desde o início do curso, no fim do ano anterior tinha se afastado para ocupar cargo executivo em outra cidade. Um dos nomes indicados para substituí-la foi o de Tupã Gomes Corrêa que, à época, entre outros afazeres também se ocupava de um trabalho de distribuição e comercialização de discos em uma gravadora.

Como ele próprio afirma, “eram tempos difíceis para o disco, para os artistas, para a música popular e,

*R*ock, nos passos da moda

consequentemente, para a expressão artística”. Foi nesse contexto que o autor iniciou suas atividades no curso de editoração, como professor de Produção de Discos. Da época de seu ingresso aos quatro anos que se seguiram, o Departamento de Jornalismo e Editoração passaria por mudanças administrativas, cujo alcance compreendeu também a reorganização das disciplinas na habilitação de produção editorial. Reorganização que era parte da política de oferta de curso que, certamente, definiu-se com o retorno ao cargo do antigo chefe de departamento, o Prof. Dr. José Marques de Melo.

Após o retorno do professor Marques, quando o departamento iniciava as discussões sobre as estruturas curriculares dos cursos de jornalismo e de editoração, a primeira grande mudança ocorrida nos conteúdos das disciplinas de editoração foi, provavelmente, a busca de um sentido cultural para as atividades editoriais. Pois, como se percebe pelas estruturas curriculares da época, havia um foco mais concentrado em atividades técnicas do fazer editorial propriamente dito.

Foi quando ocorreram essas alterações, ensejando a substituição da disciplina de Produção de Discos por Meios de Editoração Eletrônica, que Tupã Gomes Corrêa deu início à pesquisa sobre as audiências de música popular. Uma pesquisa que começaria apontando para um sistema de veiculação da produção fonográfica, que aparecia sempre indissociavelmente relacionado ao

*R*ock, nos passos da moda

controle total do mercado, então exercido pelas poucas e grandes gravadoras.

Estou discorrendo sobre esses fatos porque eles são de fundamental importância para se compreender o momento em que Tupã Gomes Corrêa realiza a pesquisa que dá origem ao livro *Rock, nos passos da moda*.

Contudo, antes de considerar amplamente a obra em discussão, deve-se conhecer um pouco a natureza da pesquisa que antecede essa publicação. Pesquisa que, praticamente, levou o autor a dedicar-se durante quase uma década aos estudos sobre disco, música popular, gêneros musicais da juventude, audiências, gosto musical e mercado fonográfico. Estudos que levaram à realização de uma primeira pesquisa, também transformada em livro, *Mercado da Música: Disco e Alienação*, publicado dois anos antes. Para se conhecer profundamente uma obra, deve-se conhecer também a outra. Ou melhor, antes de *Rock*, deve-se conhecer *Mercado da Música*.

Esta última decorreu de pesquisa realizada no conjunto de atividades que constaram de um relatório sobre o exercício de trabalho no Regime de Turno Completo. Consistiu em examinar, durante 11 meses, mês a mês, em dias alternados da semana, as vendas de discos em lojas de diferentes bairros e no centro de São Paulo. A pesquisa nos pontos de venda era realizada por oito alunos que se dispuseram a participar. Simultaneamente, outros quatro alunos ouviam, entre as segundas e sextas-feiras, em

*R*ock, nos passos da moda

diferentes horários, os principais programas das chamadas “paradas de sucesso”. Ao término do tempo em que se realizou a coleta desses dados, dispondo de tabelas, tanto sobre vendas de discos, como das audiências musicais que aconteciam simultaneamente nas principais emissoras e programas de rádio da cidade, o autor pode demonstrar, cientificamente, uma coisa que já se intuía, mas sobre a qual nenhum outro autor até então tinha escrito: a constatação de que a programação musical da parada de sucesso sobre os “discos mais vendidos” antecedia as vendas desses discos, e não o contrário.

Vale, entretanto, lembrar que antes de *Mercado da música: disco e alienação* (São Paulo, Expert, 1987), já circulara outra obra abordando em parte a mesma questão. Era o livro *Canção de massa: as condições da produção*, de Othon Jambeiro, que se publicou pela editora Pioneira, em 1975. Na verdade, essa obra também é muito importante. Ela foi realizada a partir de uma pesquisa de mestrado no antigo programa de pós-graduação em sociologia na USP, sob orientação do Prof. Dr. Gabriel Cohn. Mas, a meu ver, compreende outro gênero de abordagem. Enquanto a obra de Tupã Gomes Corrêa está focada nas paradas de sucesso e nas vendas de balcão efetivamente realizadas, comparando umas com as outras, aquela de Othon Jambeiro discutia questões sobre políticas culturais, a função da música popular e tudo o mais que cercava o gosto por determinado tipo de música.

*R*ock, nos passos da moda

A partir da constatação que praticamente validava o que ocorria em uma realidade conhecida intuitivamente, mas sobre a qual nunca se escrevera a respeito, pode então o autor abordar outras questões. Principalmente, questões como legislações equivocadas, que determinavam a obrigatoriedade de percentuais para execução de música brasileira nas emissoras. Essa questão, aliás, pode ser entendida como motivo pelo qual se criou em um país então acostumado a ouvir, quase que exclusivamente, música importada, o aberrante surgimento de artistas de aparência estrangeira, que só cantavam e gravavam em inglês. Caso, por exemplo, de brasileiros que se apresentavam como Dave McClean, Paul Bryan, Tony Stevens, Michael Sullivan, Mark Davis, Edward Cliff, Christian & Ralph, Don Elliot, Morris Albert e tantos outros. Sem esquecer que o último citado é autor, entre outros sucessos, de *Feelings*, música por sinal gravada por diversos outros artistas, dentro e fora do Brasil, incluindo entre eles o próprio Frank Sinatra.

Terá sido, pois, na esteira e na continuidade dessa primeira obra, que Tupã Gomes Corrêa começou a refletir sobre a formação do gosto musical. Gosto este que, em última instância, até aquele momento da história era a “mola propulsora do negócio do disco no país”. Mas um gosto musical de duvidosa consistência, já que era literalmente orientado por “paradas de sucesso” que antecediam aquilo que “devia ser comprado”. Era um cenário de falsidades, no qual não mais apenas os programas de rádio,

*R*ock, nos passos da moda

mas também os de televisão dissimulavam aquilo que o mercado imaginava transformar em ganho fácil para quem detinha direitos autorais e controlava o negócio do disco.

Pela leitura de *Rock, nos passos da moda*, percebe-se que somente as consequências, que já se insinuavam sobre esse negócio em meados dos anos de 1980, seriam capazes de modificar não apenas o negócio da música popular, mas a própria formação do gosto pelas audiências correspondentes. Mas, afinal, que é gosto musical para o autor? Certamente que era o gosto musical que, pelo menos até aquele momento, orientava a aquisição do disco. Entretanto, como esse novo livro de Tupã Gomes Corrêa assinalava, outras variáveis também influenciavam essa aquisição. Eventos como a própria disposição das capas de disco nas lojas, a repetição das músicas executadas em programas de rádio e de televisão, os espetáculos com os artistas, entre outros, também eram fatores que contribuía para a formação do gosto musical, ou da preferência por determinado gênero de música ou artista.

Quando, portanto, o autor começou a verificar que a tecnologia, principalmente esta, acabaria por retirar das gravadoras o controle total que exerciam sobre o negócio do disco, também concluiu que a formação do gosto das audiências também começaria a escapar desse controle. As gravadoras de então, quase todas elas ligadas ou controladas por empresas multinacionais, em reduzido número, praticavam um mesmo modelo de oferta,

Rock, nos passos da moda

garantindo, pelo sistema de distribuição do disco, também um controle sobre os pontos de venda.

Ao que se percebe, o estudo de todas essas condições levou Tupã Gomes Corrêa a buscar a explicação necessária em eventos que tiveram início em outras épocas, bem longe do Brasil, embora também o alcançando. Foi rever, nos movimentos *Hippie* e *Punk*, o processo de criação e geração de estilos de música popular que, intermitentemente rompendo com estilos anteriores, pareciam confrontar um “gosto estabelecido” explorado como negócio pelas gravadoras, por um “gosto não controlado” surgido da rebeldia, como forma de reação ao que era imposto pelo mercado. Ao que ele próprio, no transcurso do livro, vai se referir como “o artifício de geração de uma moda, surgida em reação a um padrão dominante previamente estabelecido e que, imediatamente expropriado pelo mercado, é transformado em moda outra vez”.

Talvez por essa razão ele discuta se rock é, de fato, gênero musical ou mercadoria. Oferecendo sete motivos para a prevalência do gênero que, em determinada época, também é mercadoria e carro-chefe de grandes gravadoras. Aborda ainda os discursos político e comercial do rock, como sua função enquanto agente do consumo. Trata questões como a performance dos artistas, a partir do que vestem, de como se comportam e do que dizem, formulando uma ideia de quanto isto pode ter sido importante, em determinada época, para o surgimento daquilo a que se pode denominar de moda.

Rock, nos passos da moda

Ao abordar, enfim, a questão da moda propriamente dita, Tupã Gomes Corrêa afirma que, “evidentemente, a moda não é uma decorrência exclusiva do rock, mas terá sido esse gênero musical que serviu de veículo para, a partir de grandes eventos, como *Woodstock*, por exemplo, disseminar a ideia de rompimento com padrões preestabelecidos, recriando um novo modo de ser, uma nova moda de aparecer”. Claro, o autor não está se referindo ao que, posteriormente, se convencionou como moda, que hoje se expressa quase exclusivamente a partir do que se veste. Muito pelo contrário. Ele remete ao fato de que essa rebeldia, confrontando o mundo bem-comportado, bem-vestido, bem-arrumado da época de um festival como os de *Woodstock*, Monterrey e outros. O primeiro, realizado entre 15 e 18 de agosto de 1969, na fazenda do senhor Max Yasgur, em Bethel, no Estado de Nova Iorque, romperia para sempre com os padrões daquilo que o autor chama de “mundo arrumadinho”. E o mundo nunca mais seria o mesmo a partir dali.

Nos anos 2000, Tupã Gomes Corrêa obtém decisão judicial para alteração do registro civil. Passa a se chamar Victor Aquino. O mesmo nome com o qual assina importantes obras como *Significados da paisagem* (2012), obra de 530 páginas publicada pelo INMOD, de São Paulo, dedicada à celebração do centenário de nascimento de seu pai, o fotógrafo gaúcho Francisco de Sales Marques Corrêa. Nome com o qual também publicou pela mesma

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ock, nos passos da moda

editora *Os três “Hermanos”, O tabelião, 1 hora e 59 contos-minuto, Cordel do CRP*, além de *O padre e o açougueiro, A vingança do papagaio, Uma carta do passado* e uma extensa relação de outras obras.

*Victor Aquino
e o enigma do
futuro da moda*

Tatiana Anghieschi Gomes Mazzei¹

· XIX ·

Definir moda nos dias de hoje torna-se tarefa árdua e, por que não dizer, quase inviável, tamanha as inúmeras complexidades que o tema relaciona. Apenas alguns pensadores e estudiosos mais atentos conseguem compreender holisticamente tal processo. Para muitos, moda trata-se de um fenômeno sociocultural

1. Professora do curso de publicidade, Universidade Anhembi Morumbi. Publicitária. Mestranda em ciências da comunicação. Orientanda de mestrado de Victor Aquino

Victor Aquino e o enigma do futuro da moda

que representa os valores de uma época, com os hábitos e costumes que uma sociedade busca seguir ou pelo menos entender. Para outros, moda é estilo, ousadia, inovação ainda que tais criações sejam incompreendidas, mal compreendidas ou então não caibam no bolso de qualquer cidadão mais antenado, que venha a desejar as marcas de estilistas renomados, baseadas em conceitos por vezes extremamente esdrúxulos utilizados em tais coleções.

Atualmente, nomeia-se tudo como moda, ainda que tal fato seja completamente desvinculado da origem de seu termo latino *modus*, ou seja, modo, maneira, que mais tarde passaria a designar gostos e preferências, escolhas estéticas, opiniões e mais propriamente dito a tendência de consumo de determinada época. Mas o que de fato é moda? Será que só podemos considerar moda algo que dita padrões de vestimenta e comportamento adotados e determinados pela mídia, através de novelas, miniséries e entrevistas com *popstars*? Ou apenas coisas que detenham um maior número de observações e aquisições para que possam ser consideradas *fashion*? Se o objetivo for apenas o consumo, entenda-se aqui a venda de produtos visando lucro comercial, é possível que sim. No entanto, outras questões devem ser inseridas neste contexto para uma real e profunda reflexão sobre o tema.

Será que moda não pode ser também algo individualizado?

Victor Aquino e o enigma do futuro da moda

Afinal, em um mundo com tanta diversidade em tantos aspectos que podem variar de religião a tipos de relacionamentos, porque não estender isso também ao universo da indumentária pessoal? Pois o próprio universo fashion possui em seu repertório o termo “customização”, em que se permite personalizar, adaptar ou adequar algo de acordo com o gosto ou necessidade de alguém. Ou seja, tornar uma peça única e exclusiva que certamente não será encontrada no armário de mais ninguém. Anna Wintour, a temida editora-chefe da edição norte-americana da revista Vogue que inspirou o filme “O diabo veste Prada”, disse certa feita: “Crie seu próprio estilo. Deixe ele ser único para você e identificável para os outros”. A customização certamente resolveria em muito uma das maiores aflições femininas, ou seja, encontrar alguém utilizando a mesma roupa ou acessório em uma festa.

Não há a necessidade de fazer um coro unânime com todos. Pode ser muito mais satisfatório poder destacar-se na multidão tendo um estilo próprio, seja ele composto por uma jaqueta com tachinhas, um sapato bicolor ou uma calça jeans mais gasta. Isso envolve estilo e originalidade, outros termos também bastante utilizados no universo da moda.

E quem diria que a própria moda criaria termos que mais tarde seriam considerados obsoletos e fora de moda?

Hoje quase já não se proferem mais palavras como: garridice, galhardia, afidalgado, esquipado, campear, acinzelado, entre outras tantas. Nem tão pouco se ouvem

Victor Aquino e o enigma do futuro da moda

expressões como: “na crista da onda”, “como manda o figurino”, “de gravata lavada”, “andar na ponta”, “estar na baila”, etc. Isso só vem a provar que moda é algo mutável que, além de estar ligada a gostos estéticos, também leva em conta momentos históricos, sociais e políticos para se fazer notar.

E pensar que estar na moda nem sempre foi algo confortável. Basta lembrar as vestimentas, cabelos e acessórios utilizados por Madame Pompadour e “*la reine*” Maria Antonieta, que mais tarde teria sua cabeça guilhotinada. Por debaixo dos belíssimos vestidos de seda e cetim, escondiam-se corpetes de madeira e saíotes com estruturas de ferro, tudo em nome da elegância. Certamente, nós, mulheres da atualidade, não invejamos nem um pouco tal época, a não ser pelas festas nos palácios do Vale do Loire que certamente eram animadíssimas.

Tudo é e sempre será referência para que se faça moda. Seja um movimento histórico, social ou político. Afinal, como não lembrar dos anos 20 e das vestimentas inspiradas nas melindrosas, mulheres mais modernas da época, que buscavam deixar a silhueta mais tubular, através de vestidos um pouco mais curtos e leves para permitir que os braços e as costas ficassem à mostra facilitando os movimentos frenéticos do Charleston? Ou, então, a era do Rock, com as saias mais amplas, nos estilos godê ou balonê, feitas para rodar no salão de baile ao som de músicas de Elvis Presley e Jerry Lee Lewis, e o surgimento do jeans e da

Victor Aquino e o enigma do futuro da moda

camiseta branca com jaqueta de couro imitando ídolos como Marlon Brando e James Dean? E o festival de Woodstock, com seus hippies trajando calças boca de sino, saias de chita e batinhas indianas, pregando “paz e amor”, buscando vencer regimes ditatoriais da época? E como esquecer a época “disco”, com o surgimento das discotecas, os cabelos *black powers* e as meias brilhantes com sandália de salto?

Enfim, estilos, tendências e referências vem e vão, quando menos se espera retornam, como a moda “*gypsy*” ou “*boho chic*”. No passado, usamos e abusamos de vestimentas e acessórios que hoje nos dão vergonha de imaginar e ficam restritos aos álbuns de família no fundo do armário. Afinal, como justificar que um dia alguém tenha usado o verde ou amarelo limão, como foi na era “new wave” dos anos 80 e hoje tais cores chamadas cítricas novamente estão na moda? Ou os cabelos com “*mullets*” que não se restringiam somente aos homens e que nos faziam ficar parecendo cantores sertanejos? Ou aquele enorme laço de tule colorido da Viúva Porcina, personagem estrelada por Regina Duarte na novela “Roque Santeiro” e que foi utilizado sem pudor por muitas de nós no meio da rua? Coisas estas que o tempo não apaga e deixou registros, mas que certamente envergonham a muitos só de lembrar. Mas foi moda. E como foi...

Há também outros tantos aspectos, que existem, são extremamente comerciais, ou seja, geram lucro alto e,

Victor Aquino e o enigma do futuro da moda

no entanto, são ignorados pelo universo “it” fashion, integrando assim parte do que podemos chamar de “Labo B” da moda. Para melhor exemplificar esta afirmação, em tempos onde um mendigo-modelo é resgatado das ruas graças à ajuda do Facebook e retorna às passarelas, ou um detento norte-americano de olhos azuis penetrantes cuja foto da prisão estampada em revistas gerou contratos com campanhas publicitárias de marca, outros segmentos da moda são deixados à margem, como os voltados para o segmento “*plus size*” ou a “moda evangélica”.

Tais setores possuem público fiel, sites e blogs especializados e organizam, paralelamente ao universo *fashion*, também a suas semanas de moda. E vale aqui ressaltar que por vezes os valores cobrados para aquisição de tais roupas não são mínimos, como muitos pensam e acreditam tratar-se de um mercado popular. Muito pelo contrário, os preços por eles praticados são muitas vezes até mais caros que os vistos em lojas famosas instaladas na renomada Oscar Freire.

Há ainda um outro lado da moda, que apesar de muitos alardearem como “*trends*”, ou seja, tendências - por possuírem como chamariz grandes “*popstars*” - fazem com que o que é chamado de exótico na verdade acabe por beirar o bizarro e a esquisitice. Afinal, o que dizer dos estranhos figurinos de Lady Gaga, que não pensa duas vezes ao utilizar um vestido de carne crua ou peles de animais não sintéticas, desfilando-os despreocupadamente

Victor Aquino e o enigma do futuro da moda

apenas com a função de chocar, enquanto crianças morrem de fome na Etiópia e Burundi e animais estão em perigo de extinção? Ou então, blogs anunciando a fragrância do novo perfume “*Pink Friday*”, da também cantora e jurada do American Idols Nicki Minaj, toda vestida de rosa, literalmente dos pés a cabeça (isso inclui seus cabelos). As fotos, além de estamparem esta *persona* com tudo rosa, mostram-na ainda segurando nas mãos a embalagem do perfume, que também é um tanto bizarro. No entanto, meninas do mundo todo desejam ser miniaturas de Gaga e Minaj, não havendo por parte destas fãs reflexão alguma quanto ao que lhes é exposto ou o porquê de seus anseios.

A moda tem o dever e deve ter ciência do valor humanitário e social que desempenha, e seus consumidores devem ser co-participantes disso.

E não há maneira melhor de fazê-lo do que acompanhar muitas das obras do estudioso e pesquisador Victor Aquino, que pela extensa quantidade de obras publicadas, que vão das acadêmicas às literárias, torna-se vital referência para aqueles que são ávidos por informação e críticas relevantes.

Este referendado autor, nascido Tupã, deus do trovão, tornou-se mais tarde Victor, aquele que já na origem do nome latino demonstrava estar predestinado à vitória certa. Não satisfeito com um único nome, desejou ainda que este fosse composto, e que este não pudesse ser menos do que Aquino, o mesmo de São Tomás.

Victor Aquino e o enigma do futuro da moda

De memória invejável ao lembrar fatos, datas e pessoas, encanta a todos que o rodeiam com os “causos” e acontecimentos por ele vivenciados ou referendados.

Anarquista revolucionário de uma simplicidade cativante, conquista muitos amigos e admiradores por onde passa. Questiona com a coerência e a lucidez dos sábios pensadores. Ser humano, de fato humano.

Disponível sem perder o nível. Pesquisador incansável. Além de autor de obras que deveriam fazer parte da biblioteca da casa de muita gente.

Filho dos Orixás que o protegem, sempre esteve à frente do seu tempo... Talvez por graça de Oxalá.

Visionário, escreveu sobre Moda quando esta ainda nem era “moda”. E ao escrever sobre as “*Leis da Moda*” ganhou passaporte para estar em qualquer passarela, fosse desfilando suas ideias, fosse assistindo aos desfiles de conhecimento da vida ou da Humanidade.

Soube como ninguém atentar e identificar a “*Revolução dos Feios*” e a compreender que, neste universo da moda, definições e termos não se empregam e percepções e convicções podem ser alteradas num piscar de olhos.

A moda muda. E é moderna, mesmo quando é vintage, vai entender?!

Victor Aquino e o enigma do futuro da moda

Com a sapiência de nada mais nada menos do que o criador do Instituto da Moda, conseguiu referenciar a moda como poucos. Fosse estética, comportamento, consumo, tendência ou publicidade, lá estava ele formulando questões que mais tarde se tornariam leis, mas que deveriam na verdade ser decretos.

Provou, em meio a tantas obras, que moda não tem idade, nem tão pouco classe social, ainda mais num tempo de “mendigo-modelo” e de senhoras estilosas. E que tal termo não necessariamente prima pela elegância, em uma época em que, em nome do conforto, mulheres vestem-se de moleton ou roupas que mais parecem pijamas para sair às ruas ou então calças e camisas que as deixam masculinizadas ao ir trabalhar. Modas estas que certamente deixariam mitos como Audrey Hepburn ou Jackie Kennedy de cabelos em pé.

Todas estas complexidades até aqui suscitadas e que envolvem a moda, suas diferentes dimensões e questionamentos podem ser encontradas e, por que não dizer, respondidas na obra “*Leis da Moda*” deste estimado autor Victor Aquino Gomes Correa. Através de reflexões enfáticas e estudos aprofundados, permite ao leitor identificar no mundo *fashion* quais os atributos estéticos, sociais, artísticos entre outros tantos mais que envolvem tal área, permitindo extensas reflexões sobre um tema tão abrangente.

Victor Aquino e o enigma do futuro da moda

Através de trinta e oito leis formuladas, o autor permite aos leitores mergulhar neste universo, levantando questões contemporâneas como o que pode ser considerado belo, a revolução dos feios ou conceitos como estilo e bom gosto, sempre de maneira interpretativa, colocando seu ponto de vista e sendo imensamente democrático, permitindo ao leitor qualquer discordância do que ali é exposto.

Aliás, são obras assim não impositivas e democráticas que permitem a pesquisadores do mundo todo, através de levantamentos multidisciplinares, que possam formular pensamentos enriquecedores e que possam vir a somar na Ciência da Comunicação. Afinal, moda é também um código de linguagem, pois possui processo criativo e envia mensagens que devem ser compreendidas por seus usuários e que posteriormente também se utilizam dela para o envio dos chamados códigos não-verbais.

A moda é ao mesmo tempo tão complexa e tão diversa, que nos faz concordar com o autor quando este prega seu fim. Isto porque a própria customização e exclusividade não permitirão a criação de modos ou maneiras a serem seguidos e cada um de nós terá seu próprio estilo, é fato. Porém, esta é uma questão contemporânea complexa e que certamente será discutida por profissionais da área, estudiosos do tema quando chegar a hora.

Nesta mesma obra, ainda na introdução, aborda a *Revolução dos Feios*, que não pontua formas preconceituosas de padrões de beleza, mas sim enaltece a importância da

Victor Aquino e o enigma do futuro da moda

existência de padrões próprios, independentes e livres de controle da sociedade e da mídia, o que provavelmente será o ponto de partida para o fim da moda, a partir do momento em que os consumidores perceberem que podem viver e criar padrões próprios, sem estar atrelados a regras e padrões de beleza pré-estabelecidos e serem felizes com isso e não escravizados. Mas que não se faça aqui uma pregação sobre o fim do universo *fashion*. Esse sempre existirá. O que ocorrerá é que os profissionais de marketing, publicidade e negócios da moda deverão sim unir esforços para que as roupas continuem sendo vendidas, porém, sem enaltecer o aspecto conjunto, mas sim o indivíduo.

Para aqueles que pretendem obter maior aprofundamento na moda relacionada ao mundo *pop* e da música, bem como toda a publicidade e ferramentas de marketing utilizadas para envolver o consumidor neste tema, faz-se necessária e, por que não dizer, obrigatória a complementação de leitura de outras duas obras do autor em questão. São elas “*Da música a moda: Introdução das transcendências do consumo*” e “*Ainda música e moda*”. Tais obras permitem compreender através da estética de roupas e adereços e também da publicidade e do marketing como as artimanhas adotadas pelo mercado fonográfico permitem efêmeras aparições de astros e estrelas da música, traçando um paralelo do passado com a atualidade e permitindo que se rediscutam as tendências de mercado e as dimensões do gosto.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino e o enigma do futuro da moda

Tomar contato com obras tão profundas e contemporâneas deste autor torna-se vital para todos os profissionais da área e pesquisadores que busquem compreender de forma leve e bem humorada e, por que não dizer, responder suas inquietações em relação ao universo da moda, interagindo com o pensamento democrático e visionário deste estudioso e pesquisador que é Victor Aquino Gomes Correa.

O escritor das imagens

Paulo Villar¹

· XX ·

Certa vez, no estúdio, observava meu primogênito – o também fotógrafo João Mantovani, que me acompanha na carreira há cerca de dezessete anos. Ele e sua linda namorada apressavam-se na tarefa de montar uma bancada onde seria produzida a foto de um relógio. Essa cena me remeteu ao livro ‘Rodeio dos Ventos’ do antropólogo gaúcho Barbosa Lessa, em que ele descreve um de seus churrascos à beira-rio, misturando

1. Fotógrafo de publicidade.

O escritor das imagens

conhecimentos históricos da colonização riograndense com outra cena, a de seu primogênito e nora banhando-se, tanga e cabelos longos em uma das praias do Guaíba. Imaginava ele estar diante de uma rerepresentação secular vivida nas costas da maior colônia portuguesa.

Em janeiro de 2013, uma semana antes das aulas se iniciarem, candidato ao mestrado na USP, estive na Poseca, acompanhado de minha caçula – Helena, 16 – para obter mais informações sobre o que seriam e quem ministraria as aulas de estética – assunto que tem me fascinado a ponto de me ver colocando estética em tudo. ‘*Aventura Estética na Publicidade*’ foi, para mim, um acontecimento que extrapolou o curso em si, e que deu início a uma grande admiração e amizade. Pois bem, foi nessa tarde que conheci o Prof. Victor Aquino, seu estilo inconfundível de rir, contar histórias e de falar verdades com a simplicidade que elas merecem, sempre objetivo para colocar os pingos nos ‘is’ e prosseguir, elucidando pensamentos nebulosos daqueles que como eu procuram In-Formação acadêmica. Esse primeiro contato foi um desenrolar de histórias como que entre amigos de longa data. Claro que empatias são mensuráveis, e tanto melhores quando há pré-disposição das partes. Foi o que aconteceu na sala 12 da Poseca, naquele janeiro. A mostra despreziosa de simpatia e generosidade concluiu minha escolha. Estava eu, depois de muitos anos, voltando à sala de aula.

O escritor das imagens

A alta ansiedade me jogou direto no Google (claro!) atrás de Victor Aquino. A primeira pesquisa mostrou um site do professor onde uma relação com mais de 80 livros de sua autoria está disponível para free download, sem nenhuma complicação. Sem surpresa encontrei dentro de minha área, a fotografia, um trabalho recente sobre seu pai, o fotógrafo gaúcho Francisco Correa – ‘*Significados da Paisagem*’, 2012. Relato histórico e peculiar da delícia de ser fotógrafo em uma época que manusear câmeras fotográficas trazia outra dose de galhardia e admiração. Época de raras imagens, clicks estudados, mesmo porque o custo do filme revelado falava no ouvido do fotógrafo para ir devagar com o dedo indicador. Hoje, experimentar fotografia, se encantar com tudo à sua volta e registrar cada detalhe se transformou em ato muito simples e ao alcance de quase todos. A tecnologia transformando o negócio. Mas penso que por ser também tecnologia, a fotografia vai estar sempre de mãos dadas com avanços tecnológicos, faz parte de sua essência. Essência que traz uma intenção outra no portar-se uma câmera. Empunhar uma câmera digna e ávida de luz tem seu ritual. É preciso sentir seu peso, acariciá-la com firmeza e com as pontas dos dedos, decidir a matemática de cada click em que se pese o olho que a atravessa e mira o objeto. Câmera e Olho. Isso está intrínseco ao ato de fotografar. Câmera e fotógrafo é um conjunto. Conjunto esse que podemos definir dentro de uma estética e ainda decupar esse conjunto segundo o setor fotográfico: social, moda, aventura, guerra, etc. Conto isso

O escritor das imagens

para ilustrar a cena modificada pelo tempo, em que ‘um certo’ Francisco Correa, fotógrafo social em Tupanciretã que por mais de 30 anos registrou a vida na pequena cidade gaúcha e criou seus filhos, conduzindo através desses registros, sua própria vida. Porque também acompanha essa tecnologia, sua adequação no mercado de trabalho enquanto ferramenta de sobrevivência dita essencialmente familiar. Em que se incluía a participação de seus elementos (da família) em vários tipos de produção fotográfica. Pois contou-me uma vez, Victor Aquino. “Por vezes eram as pessoas que se deslocavam até nossa casa, que também servia de estúdio, chegavam todos prontos para uma festa que não aconteceria ali, a mãe com o bolo nas mãos em tarefa suprema, assentava-o em nossa mesa preparada às pressas. Por não ser possível levar todos os convidados para a foto oficial, éramos eu e meus irmãos convidados a figurantes do ‘antes parabéns’, posando ao lado do bolo de aniversário, o qual após o click, víamos sair voando para o local da festa real.” Que cena, Victor! É fundamental ter boas histórias, saber contá-las. Sem uma boa história, a vida vira uma obrigação medonha e maquinal, é parecido com a solidude de fotografar o próprio pé – isso psra mim representativo, mas muito sem graça. “É preciso algo de flor em tudo isso”, como diria Vinicius.

As afinidades entre mestre e ‘re-aluno’ ficaram evidentes no decorrer do curso no qual a imagem era o ponto central. Paralelamente a isso, minha curiosidade pela produção fotográfica de Francisco Correa, somada

O escritor das imagens

às histórias narradas pelo Victor, nos colocaria juntos no projeto para o segundo livro sobre seu pai – Fotografia de Francisco Correa. Eu, como consultor de imagens, visitei todo o acervo digital na intenção de melhor conhecer esse incrível trabalho. Avaliei retratos e paisagens na busca de alinhar os ícones que pudessem me indicar o estilo e o mote fotográfico de quem atuou em meados do século XX na pitoresca Tupanciretã. Vale ressaltar que, dentro do projeto, tudo foi acontecendo nos moldes daquele estilo inabalável de quem sabe para onde tudo caminha, e assim, o Prof. Victor Aquino e eu, muito tranquilamente, como quem está em sala de estar papeando boa prosa, passamos a outro patamar de relacionamento, onde pudemos dar prosseguimento empírico às teorias discutidas naquele curso de estética, selecionando e tecendo comentários pertinentes às imagens e ao livro que se formava velozmente. Fiquei impressionado com a objetividade do processo. Desde o começo parece que o Victor já tinha arquitetado em mente como seria o novo trabalho sobre a fotografia de Francisco Correa.

Pois voltando à primeira imagem descrita neste texto, aquela de meu filho e namorada ‘ajeitando’ uma mesa para fotografar um objeto, dá um calafrio pensar que já vivi essa mesma cena. Imagem que guardo com muito respeito, quando nos primórdios de minha profissão apelava aos circunvizinhos (família) no esforço de resolver a produção de algum job publicitário. Dessa forma, também participaram do processo minha esposa Patrícia e meus três

Victor Aquino
entre ciência e ficção

O escritor das imagens

filhos, havendo o mais velho seguido o mesmo caminho e agora também convocando sua amada para o processo produtivo, tal qual acontecera cerca de 70 anos atrás com o pai do Victor, que recorria à família para resolver suas fotos. Sinto-me em um rodeio dos ventos como Barbosa Lessa bem descreveu, turbulência que desenterra antigas lembranças e semelhanças históricas do processo produtivo fotográfico. Nesse rol de similaridades, coincidências profissionais, desejos de imagens fotográficas, realizações acadêmicas e eventualmente um bom vinho para molhar a goela, foi que o Prof. Victor Aquino me mostrou como podemos simplificar a vida e realizar projetos como boas histórias para se contar, como foi para a Fotografia de Francisco Correa.

*Pesquisador
nos passos da
contemporaneidade*

Valeria Brandini¹

· XXI ·

No livro *Hitchhiker's Guide to the Galaxy* (O mochileiro das galáxias, 2009) Douglas Adams descreve as reações humanas, as inovações, fenômenos sociais e tecnologias em três premissas. A primeira defende a idéia de que tudo o que já existe no mundo quando nascemos é normal e ordinário e parte

1. Consultora de desenvolvimento de mercado. Natropóloga. Mestre e doutora em ciências da comunicação. Especialista em multimeios. Autora de *Cenários do rock*. Antiga orientanda de doutorado de Victor Aquino.

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

da forma natural como o mundo funciona. Na segunda, defende que tudo que é inventado entre os quinze e os trinta e cinco anos de uma pessoa é visto por ela como excitante e revolucionário e ela provavelmente poderá ter uma carreira nisso. Por fim, na terceira premissa, o autor relata a provável razão do sempre polemizado choque de gerações – para Adams, acreditamos que tudo o que é inventado após nossos trinta e cinco anos é contra a ordem natural das coisas.

Na minha adolescência, vivida no interior de São Paulo, entre o colégio de freiras e a loja de discos no centro da cidade, o *rock n' roll* parecia a coisa mais excitante, revolucionária e ‘certa’, que eu conhecia. Entre os álbuns do Van Halen, do Motorhead e do Queen, eu vivia um universo pessoal imaginário que me tirava das aulas de linha (etiqueta) da educação Montessori naquela cidade há quinhentos quilômetros da capital paulista e me levava para um lugar pleno de significados extasiantes, onde eu viveria com pessoas como eu (*rockers*), em festas regadas a *whisky*, homens lindos de cabelos longos e calças de couro justas, freqüentando shows dos meus ídolos todas as noites, longe do povo “cozinha” (sic) que ouvia Lulu Santos e Kid Abelha e vestia aquela moda colorida fluorescente pautada numa tendência *new wave* decadente que chegava como um fim de feira onde eu vivia.

Sim, o rock parecia a coisa certa e é claro que eu teria uma carreira nisso. Contudo, eu não tocava nenhum

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

instrumento e não tinha a mínima ideia de como empresariar bandas. Comecei a escrever sobre música e comportamento para revistas como Metal e a Rock Brigade, achando que a comunidade *rocker* era o oásis de autenticidade, atitude e vigor da sociedade. Eu escrevia sobre como o “sistema” e a sociedade eram falhos, corruptos e falsos e como nós (rockers) representávamos a verdade e a espontaneidade e tínhamos a coragem para gerar mudanças. Ah, a adolescência! Pouca experiência e muito ímpeto e as mais maravilhosas vivências imaginárias pautadas em suas ideologias movidas ao excitamento da diversão!

Entreí no curso de Ciências Sociais na UNICAMP, motivada pela perspectiva de uma carreira dentro daquilo que mais gostava. Queria escrever uma “tese sobre rock”, acreditava que traria ao mundo um conhecimento sobre o meu grupo de estilo – *rockers* – a importância da música entre os *communitas* deste grupo, o que repercutiria no reconhecimento de nosso valor social.

Entre tantas obras e autores sobre o tema, pesquisados durante a graduação, de Peter Wicke a Simon Frith, passando pelos Teóricos dos estudos culturais da Escola de Birmingham como Stuart Hall e Raymond Williams, encontrei grande dificuldade na busca por autores brasileiros que pesquisassem o rock no Brasil – não apenas como música, mas como fenômeno social e mercadológico. Foi numa das minhas muitas idas à USP, em vias de

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

me graduar na UNICAMP, antes da internet e suas infinitas possibilidades de contato e pesquisa bibliográfica, que encontrei o livro “*O Rock nos Passos da Moda*”.

No universo do conhecimento, mais precisamente, da geração deste, que é a academia, poucas vezes em nossa vida produtiva podemos ter o prazer de encontrar uma obra que balize de forma pungente nossas escolhas em termos de pesquisa e direcionamento Teórico. Tive o grande prazer de encontrar isso na obra de Victor Aquino, uma obra que veio ao encontro do fenômeno social que era a música rock nos anos 1980/90 e que tratava de um aspecto bem pouco abordado nesse universo – a forma como tendências de moda e movimentos culturais juvenis manifestos pela música formam um sistema de produção e reprodução de tendências que orienta toda a sorte de bens de consumo, das roupas, aos objetos de decoração, do entretenimento à indústria alimentícia.

O livro *Rock nos Passos da Moda* constituiu um verdadeiro Oasis na árida terra do contingente de pesquisas sobre música, fenômenos sociológicos e mercado da época. Enquanto no curso de ciências sociais da UNICAMP as minhas iniciativas em pesquisas sobre o tema rock como fenômeno social e mercadológico eram coibidas por muito professores que rechaçavam este tema, reduzindo-o a um mero expoente da ‘sociedade e cultura de massas’, foi na obra de Victor Aquino que encontrei não apenas um alicerce teórico, como uma perspectiva que tratava

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

objetivamente de uma determinante fundamental da dinâmica do rock enquanto fenômeno social, o seu poder em agregar significados do excitante imaginário juvenil que torna a música uma forma de manifestação das inquietações adolescentes, convergidas na estética da música, das roupas e de toda a sorte de signos de consumo que representam a ‘ruptura’ do senso comum como padrão.

Se na academia a falta de contato com a dinâmica cotidiana empírica do objeto de estudo, a vivência de sua dinâmica, a cosmologia cultural de um fenômeno impede que se apreenda sua natureza objetiva, pois que o pesquisador é sempre o Outro em relação a este universo estudado, de forma que o objeto de estudo é também o Outro para o pesquisador, a obra de Aquino nos brinda com uma dupla possibilidade metodológica que certamente permitiu o adensamento da perspectiva que o autor nos traz – ele fora executivo das gravadoras Sony, Som Livre e Copacabana, vivenciou a manifestação da relação entre música, comportamento e mercado sob a perspectiva de um nativo do mercado da música e enquanto agente do processo estudado, tornou-se proprietário de um conhecimento amplo e aprofundado das dinâmicas de produção e comercialização da música, permeada dos significados e processos sociais, comportamentais e fenomenológicos que de um lado são gerados por e de outro alimentam a indústria da música. Por outro lado, enquanto cientista da comunicação, Aquino foi capaz

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

de um afastamento emocional, conceitual e empírico do objeto de estudo, a fim de atingir o ponto de separação da realidade observada necessário a um pesquisador, sendo capaz de construir um olhar bastante isento do objeto pesquisado – o mercado fonográfico e a música rock – para apreender suas dinâmicas e significados enquanto categorias de análise em estudos de comunicação.

A obra me impactou de tal forma que busquei contato com o autor a fim de compartilhar idéias sobre meu projeto de pesquisa e buscar contribuições de informações sobre o tema, ao que encontrei um entusiasta do tema de estudo que percebeu afinidades entre minha embrionária pesquisa e seus estudos já consagrados sobre o assunto.

Aquino era na época coordenador do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da USP e me recebeu em sua sala, eu uma aluna de vinte e três anos, recém graduada, com o sonho de desenvolver uma “tese sobre rock”. Como na área acadêmica eu estava acostumada com a solenidade do ambiente onde professores são tratados (e se acreditam, muitas vezes) como mestres sagrados do conhecimento, timidamente apresentei meu projeto, já esperando a típica avalanche de apontamento de falhas, equívocos conceituais, falta de clareza na definição do objeto, ausência de autores que tratam do tema e mesmo erros ortográficos.

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

Gaúcho bonachão, com um humor irreverente e extremamente perspicaz, ele rapidamente quebrou o gelo da solenidade intelectual fazendo piada sobre o comportamento esnobe típico de muitos da área acadêmica e, do alto da envergadura dos seus conhecimentos sobre o tema, amparou um projeto que tratava da grande cena do rock na época, ano de 1996, uma investigação sobre o rock alternativo dos anos 1990, a era Grunge, do *underground* ao *mainstream*, mostrando a dinâmica da transformação de estilos musicais ditos alternativos em ícones do grande consumo.

Entrei no extinto mestrado em Comunicação para o Mercado no ano de 1996, iniciando minha pesquisa em 1997, utilizando vários dos conceitos de Victor Aquino para subsidiar teoricamente meu trabalho. Visionário, Aquino havia vislumbrado o fim do vinil quando saíra do cargo de executivo do mercado da música ainda nos anos 1980, entendendo que, conforme o autor, o futuro nos atinge a todos e a tecnologia do *compact disc*, recém chegada ao meio musical, também entraria em declínio tempos depois, com o avanço do desenvolvimento tecnológico tanto na produção musical, quando nos meios de comunicação e divulgação da música. Ele entendera a dinâmica da associação entre o desenvolvimento tecnológico e as mudanças na produção e consumo da música, que afetam, diretamente, a forma como as pessoas a consomem e se relacionam com ela.

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

Se na era atual boa parte das pesquisas de mercado se voltam, entre outras metodologias ditas inovadoras, à “análise de estilo de vida” (tratada por autores como Kotler, Engel e Salomon, das áreas de administração de marketing e pesquisa de mercado), foi graças a autores com a ótica de Aquino, que compreendem a relação entre fenômenos comportamentais e lógicas de mercado e consumo, que hoje o grande mercado pode lançar mão de estudos comportamentais que entendem as associações entre manifestações culturais juvenis e sua influência sobre determinantes do consumo contemporâneo. Segundo o autor:

... aquilo que sempre representou uma necessidade de agasalho e abrigo para o ser humano, por causa de uma oportunidade de consumo em larga escala e graças a um novo significado que se lhe imputou, acabou sendo transformado no principal elemento de identidade visual desse tempo. A roupa deixou de ser apenas agasalho, para assumir essa identidade. Mas deve ser lembrado que essa identidade significa necessariamente uma maneira de ser, disseminada a partir dos mais variados produtos à venda e enfatizada pela mídia mediante recriações sem fim que patrocinam a insaciável fome de lucros instalada nas engrenagens do capitalismo. A música popular desempenha o principal papel na generalização de tal identidade, na medida em que, em nível de massa, ela assume a linguagem por meio da qual se expressam todos os desejos, todos os sonhos e todas as ilusões em comum a uma geração. Geração que é vista e entendida

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

pelo mercado como sua principal força de consumo, em nome da qual se engajam todos os guerreiros do capital (mercadólogos, especialistas de todos os ramos de marketing, publicitários, estilistas, figurinistas, produtores de moda...)” (CORREA, 1989, p. 13)

O autor antecipou, já nos anos 1980, um fenômeno sócio-comportamental e mercadológico que se tornaria e geraria, posteriormente, o advento das pesquisas de tendências, as quais, por sua vez, acabaram se tornando foco de estudos, tanto na academia, quanto no mercado de bens de consumo a partir dos anos 2000. Seus estudos sobre a forma como as manifestações culturais juvenis codificadas em roupa e outros bens afins passam a orientar ciclos de consumo de toda sorte de produtos já vislumbravam a dinâmica de um fenômeno que só se tornara interesse por parte da academia e representativo por parte do mercado, mais de uma década depois.

“*O Rock nos Passos da Moda*” abriu caminho para uma nova vertente de pesquisas acadêmicas que associaram estudos culturais (Escola de Birmingham), administração de marketing (teorias sobre o consumidor e pesquisa de mercado) e as ciências sociais (em especial, a antropologia, na decupagem dos significados manifestos pelos grupos de estilo juvenis), entendendo, além de tudo, a influência que o desenvolvimento das novas tecnologias de produção e de comunicação viriam a ter sobre os processos de socialização no consumo da música e no conluio de consumidores de bens culturais.

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

O termo “ruptura como padrão”, cunhado pelo autor para tratar da estética dos movimentos juvenis e, conseqüentemente, da confecção dos estilos musicais do rock, pode ser visto como a expressão mais clara, simbólica e icônica do que norteia o processo de construção dos bens de consumo, processos de inovação e manifestações culturais da juventude, que são hoje, mais do que nunca, cooptadas pelo grande mercado que, ao tomar a juventude como padrão, também assume, por sua vez, o processo de ruptura como o lema a orientar processos, produtos, mídia e cultura de consumo.

Ao assumir a juventude e, portanto, a ruptura como padrão, a sociedade de consumo e o mercado tornam a exceção a regra, porquanto a caça às tendências mais exóticas e os processos de ruptura sócio-comportamental manifestados em estética juvenil constituem o foco de apropriação por parte da grande indústria de bens de consumo, ao ponto de fatigar o consumidor que já não enxerga ruptura no exotismo, na contrariedade a normas e ao sistema, acabando por buscar, no que é mais comum, endógeno e arcaico, determinantes estéticas de comportamento e consumo, a exemplo da onda *hipster*, termo desenvolvido na era do Jazz, anos 1940 e que definia fãs daquele estilo, mas que foi apropriado pelo grupo de estilo atual em questão, marcado pelo bricolage de vários estilos oriundos de subculturas como *grunge* e *hippie*, balisadas por um saudosismo recorrente que envolve os

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

elementos estéticos apropriados de outros grupos num pano de fundo com estética “*retro*”.

O *hipster* é um exemplo do contínuo processo de ruptura orquestrado por gerações juvenis que se sucedem. Sem a agressividade contestadora de grupos de estilo anteriores, mais parece que seus *communitas* mexeram no guarda roupa do avô e se apropriaram dos signos estéticos do velho, misturando-o com variantes estéticas da cultura *hippie* e *beatnick*, mas expropriando estas variantes de qualquer significado ideológico, a fim de gerar apenas o look, sem os significados de inovação e ruptura que estes outrora carregaram. Os *hipsters*, ao constituírem um grupo de estilo isento de intencionalidade ideológica, geraram, por sua vez, também uma ruptura, pois filhos de gerações que viveram os grupos de estilo mais rebeldes, de punks e *headbangers*, a góticos e *skinheads*, romperam com a sempre presente agressividade estética e ideológica de usuais de grupos de estilo juvenis, para gerar um novo padrão, o da geração que ao invés de lutar por ideologias e objetivos, faz tudo para parecer que não se importa com nada e, lembrando da fina ironia de Oscar Wilde, buscam mostrar que na extrema superficialidade aparente reside profundidade e verdade.

Os jovens, buscando a ruptura como padrão, segundo o conceito de Aquino, produziram ao longo do século XX sua estética e ética comunitárias através da sua imagem, ‘sua moda’. Eles produziram seus bens simbólicos, suas roupas,

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

suas práticas sociais quotidianas, seu comportamento, sua música, seus rituais e lazer de acordo com padrões instituídos e caracterizados pelo estilo do grupo. Os signos presentes nas roupas e práticas mencionados representam na verdade, uma forma de diferenciação.

Em minha tese de doutorado, influenciada pelo trabalho de Aquino e trazendo o tema da construção da identidade juvenil a partir de bens simbólicos de consumo – dentro da perspectiva da antropologia – desenvolvi, orientada pelo autor, uma tese sobre a relação entre moda, cultura urbana e grupos de estilo juvenis como influenciadores de toda a cadeia de moda, intitulada “*Vestindo a Rua: Moda, Cultura e Metrôpolé*”.

Nesta pesquisa, utilizei a idéia de ruptura como padrão para analisar a ‘moda’ subversiva gerada pelos grupos de estilo dos anos 1990 e 2000, que simbolizava transgressão a padrões consensualmente aceitos pela sociedade, fundava-se na necessidade de afirmação do grupo enquanto culturalmente independente dos mais velhos, decorrendo da necessidade de transgressão e auto-afirmação por parte de uma juventude que se encontra submetida a um sistema de práticas e valores, social e economicamente padronizado, criado por gerações que os antecederam.

Trabalhando com base em estudos sobre a Antropologia da Juventude, investiguei o processo por meio do qual, diante de um sistema anterior à sua existência e não

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

escolhido por eles, os jovens sentem-se limitados quanto à liberdade de expressão e escolha, pois não estão representados e legitimados enquanto classe ou grupo devidamente reconhecido pela sociedade. A identidade destes jovens é concebida pela “sociedade adulta” segundo uma definição etária e aceita socialmente como transitória. Isso significa que mudança, de criação de uma identidade própria através da roupa, deriva do sentimento de opressão gerado quando os jovens deparam-se com regras e valores que não foram escolhidos por eles. Daí a busca pela liberdade de criar seu próprio sistema, seu universo, a marca de sua identidade.

Em minhas pesquisas de campo, desenvolvidas em Roma (*Università La Sapienza*) e em Londres (*Central Saint Martins School of Fashion and Design*), em doutorado sanduíche realizado com bolsa da FAPESP, constatei que a idéia de juventude revolucionou a moda porque primeiramente revolucionou a sociedade ocidental que buscou se apropriar de seus conteúdos simbólicos de ruptura para trabalhá-los sob a forma de inovação. Se de um lado a moda trouxe o universo juvenil para suas passarelas e projetou uma dada forma de vestir-se para o mundo, de outro, a juventude como fenômeno histórico-social do século XX, com o universo de imagens e signos trazidos no bojo da sua revolução, inseriu-se, rearticulou e transformou instâncias produtoras de significado da segunda metade do século XX, entre as principais, a moda.

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

O trabalho de Victor Aquino sobre o rock e a indústria fonográfica deve ser pensado como um marco nos estudos culturais, em especial na área de ciências da comunicação, no que se refere ao entendimento das relações entre estética, comunicação e cultura, pois consegue contextualizar o objeto de estudo em questão no cerne destas três áreas e propondo formas de pensar a estética da música e da juventude que em muito anteciparam a perspectiva da juventude como geradora de tendências, tema de grande relevância atual, não apenas em termos da academia, mas, sobretudo, em termos de grande mercado de bens de consumo, tendências como a de “Difusão da Inovação” (ROGERS, 1962), criada por Everett Rogers nos anos 1960, para investigar a assimilação da tecnologia em comunidades agrárias e que foi apropriada por empresas de pesquisas de tendências e inovação, que buscam jovens que rompendo com o senso comum em comportamentos e ideias (chamados *trendsetters*), engendram processos de inovação, porquanto são buscados por estas empresas que mapeiam seus padrões de comportamento e ideias. Conforme Aquino:

Assim completa-se outro ciclo da geração de modelos, da ruptura com padrões anteriormente seguidos, da disseminação pela mídia, da reprodução em escala dos objetos que materializam o estilo em substituição aos anteriores e, naturalmente, do conseqüente consumo que justifica sua disseminação. Vale dizer, aquilo que representava um rompimento com os padrões acaba

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

sendo transformado em um outro padrão. Por isso mesmo, ao cabo de algum tempo, passa-se a carecer de uma nova metamorfose.” (CORREA, 1989, p.113)

Se em minha adolescência eu pensara em ter uma carreira dentro do que mais gostava, posso dizer que uma das pessoas que tornou isso viável, a partir de sua obra, foi Victor Aquino. Percebi que, para além do rock, o que me interessava era a manifestação cultural da ruptura dos grupos de estilo, a forma como ideias, nuances estéticas codificadas em roupas e comportamentos, que representavam processos de inquietação que não são proprietários do jovem, mas do humano, são a ponta de lança que servem de base para a construção do novo e que eu gostaria de trabalhar com o que me fizesse próxima disso, próxima da apropriação intelectual deste processo e suas manifestações, e o *Rock nos Passos da Moda* foi um dos mais importantes elementos na edificação deste caminho.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Douglas; NILE Bowie. **O guia dos mochileiro das galáxias** (em Português). Primeira ed. Estados Unidos: [s.n.], 2009. 118 p. 1 vol. vol. 1.

BRANDINI, Valeria. **Cenários do Rock**. Mercado, Produção e Tendências no Brasil. Editora Olho D'água. São Paulo. 2004

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*esquisador nos passos da contemporaneidade

_____. **Vestindo a Rua:** Moda, Cultura e Metrópole. Tese para obtenção do título de doutor pela ECA – USP. São Paulo. 2003. Mimeo

CORREA, Tupã G. **Disco e moda: a função do rock no desencadeamento do consumo.** 1998. Tese de Livre Docência. USP, São Paulo.

_____. **Rock, nos passos da moda:** mídia, consumo X mercado. Campinas: Papirus, 1989.

FRITH, Simon. **Sound effects:** youth, leisure and the politics of rock'n roll. New York: Pantheon Books, 1981.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10a ed. Rio de Janeiro: editora DP&A; 2005.

WICKE, Peter. **Rock music, culture, aesthetics and sociology.** New York: Cambridge University Press, 1990.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade.** São Paulo: Companhia Editora Nacional 1o Ed, 1969.

Uma dissertação de mestrado

Aryovaldo de Castro Azevedo Junior¹

· XXII ·

O desenvolvimento de uma dissertação de mestrado é uma situação instigante e temerária, pois, ao mesmo tempo em que estimula o raciocínio investigativo, com o uso de metodologia que tende a gerar o conhecimento científico, pode tornar-se

1. Professor adjunto do curso de comunicação social da UFPR. Publicitário. Mestre em ciências da comunicação. Doutor em multimeios. Organizador em colaboração de *Brasil: uma marca em construção*. Antigo orientando de mestrado de Victor Aquino.

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Uma dissertação de mestrado

excessivamente abrangente pelo fato de se ter a ideia de que o conhecimento é um todo indivisível, com temas complementares que se encadeiam de modo a ser difícil separar o que realmente interessa para a ciência e o que interessa só para o investigador.

O desenvolvimento da dissertação² *Tribos Virtuais: comportamento, consumo e publicidade com a segmentação de mercados em escala global e a utilização de novas tecnologias em comunicação* transitou entre estes aspectos, com um detalhe que potencializou esta oscilação entre o querer fazer tudo ao mesmo tempo e o ter de dar um recorte ao assunto de interesse: a aposentadoria do então orientador, Francisco Assis, e a adoção coletiva de seus órfãos pelo chefe de departamento da época, o nosso outrora Tupã Gomes Corrêa, atual Victor Aquino – independente do nome, um profissional singular, com um enorme senso pragmático, fundamental para a situação descrita.

Neste processo de transição, no qual um único orientador tinha de dar conta de vários orientandos, numa proporção longe da ideal, houve uma nítida mudança na forma de trabalhar, com o estímulo à maior autonomia e busca pessoal pela temática e informações a ela relacionadas.

2. “Tribos Virtuais: comportamento, consumo e publicidade com a segmentação de mercados em escala global e a utilização de novas tecnologias em comunicação” Dissertação apresentada em 1999 junto ao departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Tupã Gomes Corrêa, para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

*U*ma dissertação de mestrado

Hoje, olhando em retrospectiva, percebo que isto gerou problemas e soluções que tornaram a dissertação um processo extremamente laborioso, mas também saboroso por ser um tema de interesse do incipiente pesquisador, sem a necessidade de se aproximar do projeto de pesquisa do docente, algo recorrente em alguns programas de pós graduação. E, ao rever o que foi escrito há aproximadamente quinze anos, fico feliz em notar que tendências apontadas no estudo se concretizaram de forma inexorável, cabendo um único e significativo senão no que indicaram os estudos feitos por mim ainda no final do século passado, que foi a ausência da percepção da revalorização de valores locais em contraponto aos valores globais.

Hoje, com uma visão mais plena de fatos e informações, percebo que, dentre as tendências identificadas, somente esta não foi desenvolvida de modo a ser comprovada pela evolução mundial e, isto me deixou um tanto orgulhoso, pois, ao cruzar áreas díspares do conhecimento (hoje chamadas de transdisciplinares), cheguei num trabalho final que era carregado desta forma integrada de enxergar o conhecimento, característica dos egressos da querida ECA/USP.

Assim, apresento uma versão editada com o cerne do que foi estudado e elaborado na dissertação de mestrado.

Uma dissertação de mestrado

UM RESUMO

A globalização cultural está gerando nas grandes metrópoles do planeta um tipo de cidadão cosmopolita, desapegado de aspectos culturais estritamente locais ou nacionais, vivenciando e desenvolvendo uma nova forma cultural que mescla valores locais com valores internacionais, estabelecendo uma terceira cultura, miscigenada, desterritorializada, integradora e desmanteladora de diferentes culturas nacionais/locais, às quais acaba se somando e, por vezes, devido principalmente a necessidades econômicas e comerciais, englobando.

Utilizando-se deste novo quadro, no qual a territorialidade torna-se irrelevante, a informação torna-se instantânea e acessível a todo o planeta, a produção e o consumo tornam-se globais pela ação de empresas transnacionais em conjunto com os novos cartéis mundiais que dominam os meios de comunicação de massa, e o consumidor torna-se internacionalizado dentro de uma faixa segmentada de consumo, com hábitos e comportamento semelhantes, a publicidade estimula a adoção de valores globais com o intuito de transformar o planeta num enorme shopping center, onde o mais importante não são particularidades regionais, mas similaridades globais que tornam o ser humano um potencial consumidor suscetível a estímulos variáveis conforme perfis psicográficos internacionais. Em outras palavras, integrante de nações de consumo virtuais e *desterritorializadas*.

*U*ma dissertação de mestrado

O trabalho analisa o discurso publicitário no mercado brasileiro, estudando a adaptação de sua linguagem aos novos meios de comunicação de massa segmentados com abrangência global. Foi investigada a televisão – MTV – sendo selecionados alguns anunciantes de produtos internacionais que atuam estrategicamente com o enfoque à manutenção de marcas mundiais.

UMA CONCLUSÃO

A cortina de fumaça sobre os rumos da globalização é espessa e a confusão ainda é grande, pois o termo tem caído no vazio pela banalização de seu uso. Causa e efeito, a globalização se tornou a panaceia dos anos 90 para explicar tudo que acontece na economia e no comportamento mundiais, tudo acaba sendo a ela relacionado, das mazelas mundiais aos mais extraordinários avanços científicos.

De uma hora para outra, o mundo fala da globalização como se ela tivesse surgido repentinamente. Resultado de um longo processo histórico de internacionalização da economia e cultura, a globalização está realmente se tornando mais aparente com os avanços tecnológicos. Parte de um processo que mistura uma verdadeira mercadocracia, com transferências eletrônicas de recursos estimados na ordem de 1 trilhão de dólares/dia, na busca por maiores lucros em todo o planeta; formas de produção

*U*ma dissertação de mestrado

em escala, descentralizadas e alocadas em países onde custos com mão-de-obra são menores; enormes avanços científicos; interpenetração de diversas culturas locais com uma menor cultura comum internacionalizada, criada e difundida principalmente pelos meios de comunicação de massa e outros aspectos expostos sumariamente neste trabalho no quadro sobre as dimensões da globalização, como política, gestão, saúde, entretenimento, etc.

O futuro da globalização ainda é uma incógnita, mas na área de comunicação social, com especial ênfase na publicidade, podemos supor direções, calcado nas ações das corporações transnacionais e na influência que a indústria cultural tem na difusão de hábitos de comportamento e consumo internacionalizados, fundamentais para a expansão de mercados para as corporações internacionais.

OLIGOPÓLIOS E MARCAS GLOBAIS

O poder econômico está cada vez mais concentrado em corporações transnacionais que objetivam conquistar o mercado internacional via construção de marcas globais, numa associação multimilionária com os conglomerados de comunicação internacionais, frutos da fusão entre os meios de comunicação de massa e a indústria do entretenimento, surgidos principalmente a partir da década de 90. O poder de tal associação influencia a quase

Uma dissertação de mestrado

totalidade dos habitantes do planeta, ensejando hábitos de comportamento e consumo similares, estabelecendo um universo referencial cada vez mais homogêneo, com padrões de comportamento e consumo que se espraiam por todo o planeta.

Se o intuito é a construção de uma marca global, a comunicação deve valorizar a menor cultura comum – global, transcendendo a língua, a geografia, a política, a economia –, enfatizando os valores relevantes ao seu público alvo. É fundamental nesta nova estratégia de comunicação adaptar-se conforme o desenvolvimento da marca, não conforme aspectos culturais particulares. Para tanto, deve-se estabelecer a nação de consumo desejada e utilizar valores comuns a este público conceitual, o que deve ser feito globalmente através da definição da menor cultura comum ao grupo. Isto só é possível com a definição da essência da marca e do uso massivo de pesquisas de mercado para definir padrões de comportamento internacionais do consumidor com o produto/serviço.

SEGMENTAÇÃO DE MERCADOS E MEDIA

A segmentação de mercados em escala global e a utilização de novas tecnologias em comunicação é da máxima importância quando se estabelece o planeta como mercado, pois, ao mesmo tempo em que é impossível

Uma dissertação de mestrado

produzir produtos para o mundo inteiro, é necessário ter o mundo como potencial mercado consumidor.

A produção em escala restringe a possibilidade de opções ao consumidor, o qual exige maior personalização de produtos e serviços. Como forma de criar produtos diferenciados mantendo a produção em série, foram estabelecidos segmentos de mercado, com padrões de consumo específicos, estimulados pelos meios de comunicação de massa.³

O crescimento da importância de classificação do público conceitual desejado e da escolha dos canais mais adequados para alcançá-lo torna-se uma necessidade inerente aos oligopólios e suas marcas globais. Para manter uma relação constante com seu consumidor, as marcas deixam de atender variações regionais para se concentrar em segmentos de mercado internacionalizados, utilizando-se de mídias segmentadas internacionalmente.⁴

No caso do público jovem, a MTV tem-se mostrado o canal mais adequado quando se pensa em termos de um

3. Vide o cenário atual com super heróis para todos os gostos do universo Marvel, com sucessos mundiais, em <http://propmark.uol.com.br/midia/45081:tv-por-assinatura-chega-a-17-milhoes-de-assinantes>.

4. Isto merece ser relativizado, pois os mercados locais floresceram como que numa reação à globalização, que cresceu, mas ajudou a consolidar, paradoxalmente, valores locais, como as bebidas Inca Cola (Peru) e guaraná Jesus, no Maranhão, Brasil, ambas com forte apelo local, ambas adquiridas para o portfólio da *Coca Cola Company*.

Uma dissertação de mestrado

público conceitual internacional, pois, considerando-se o meio enquanto mensagem, é claro que a própria emissora carrega sua ideologia, e aqueles que por ela são influenciados, seus telespectadores, acabam por compactuar com grande parte desta ideologia por ela transmitida.⁵

A segmentação torna-se possível graças aos avanços tecnológicos, e estes tornarão a publicidade cada vez mais dirigida e interativa, como pode ser comprovado com as televisões segmentadas - por exemplo, MTV - e principalmente com a internet, rede mundial de computadores, onde as empresas utilizam o conceito de interatividade, criando um novo tipo de relação com o consumidor. Sites com serviços e informações relevantes ao consumidor são criados com o claro intuito de levar o público conceitual da marca a amplificar seu contato com a empresa.⁶

Estabelecer a imagem de marca desejada pelo marketing envolve um mix de mídias tradicionais e alternativas, ambas cada vez mais segmentadas, reforçando um conceito de marca na mente do consumidor, sempre interagindo no sentido de estabelecer a marca enquanto

5. No caso, a MTV perdeu muito de sua relevância internacional, também em decorrência do crescimento de apps musicais como Spotify e Deezer e do crescimento do YouTube como plataforma audiovisual

6. O advento das mídias sociais e seu uso pelas corporações, com canais no Youtube, contas no Facebook, Instagram, Pinterest, Twitter, com o objetivo de se relacionar com os consumidores são a realidade apontada no trabalho original.

Uma dissertação de mestrado

símbolo do produto/serviço e, em última instância, da própria empresa.⁷

IMAGEM E ÍCONES GLOBAIS

Criação de ícones mundiais pela publicidade, com a valorização da imagem e do uso de símbolos que gerem compreensão mesmo sem a necessidade do uso de códigos sígnicos textuais como adendos explicativos, tornando os anúncios compreensíveis em quaisquer locais do globo, como os anúncios impressos e eletrônicos que integram este trabalho.⁸

A Terra de Marlboro, a Próxima Geração de Pepsi, as Aventuras Radicais de Hollywood, o Universo Paralelo de Smirnoff, a Noite de Heineken, os lagartos de Budweiser, o Mundo Bebe Coca-Cola, o Planeta Fanta, o Esporte Nike ou outras que não estão presentes neste trabalho como Motorola/Iridium, desodorantes Axe, tênis Reebok e Mizuno, whiskey JB, automóveis Land Rover e Volvo etc. Marcas globais unificadas e estabelecidas no imaginário

7. Vide o crescimento do conceito de narrativa transmídia – e da comunicação integrada de marketing em <http://www.adnews.com.br/artigos/narrativa-transmidia-passado-e-futuro-da-comunicacao>.

8. Vide a iconização de algumas das principais marcas internacionais em <http://canaltech.com.br/materia/empresas-tech/Conheca-a-historia-por-tras-das-logos-mais-famosas-do-mundo/>.

Uma dissertação de mestrado

coletivo do seu público-alvo, tornando-o não só receptivo ao produto, mas fazendo com que o universo simbólico que a marca representa seja absorvido e incorporado por este público como a sua representação icônica.

Enquanto o produto tem apenas características físicas, a marca tem características abstratas, não-materiais, sendo um fenômeno puramente comunicativo e semiótico, existindo somente em permanente relação com seu consumidor. O imaginário associado à marca é de extrema relevância na opção de compra, pois, como os produtos estão tecnicamente cada vez mais parecidos, é necessário estabelecer diferenciais para que o consumidor possa fazer sua escolha. Daí a importância em se fazer sempre presente na mídia, no cotidiano do consumidor e, principalmente, ocupar um espaço positivo e agradável na mente do consumidor (*share of mind*), transformando o produto numa marca respeitada e conceituada para o consumidor.⁹

VALORIZAÇÃO DO CONSUMIDOR

Torna-se cada vez mais comum o desenvolvimento de serviços de atendimento ao consumidor (SAC); sites na

9. Nota-se a queda da publicidade tradicional e o crescimento do branded content em plataformas como filmes, games, lojas conceito, eventos etc. Como uma forma de reforçar a identidade de marca e intensificar a relação do consumidor com elas.

Uma dissertação de mestrado

internet que oferecem brindes virtuais e informações; preocupação social da empresa com o desenvolvimento de um relacionamento diferenciado com o consumidor por meio de ações de conscientização, como o selo de Empresa Amiga da Criança promovida pela Associação dos Fabricantes de Brinquedos contra o uso de mão-de-obra infantil, a campanha encampada pelo McDonald's no Dia de Luta contra Aids, em que parte de todo o consumo de Big Macs é doado a entidades assistenciais, ou a preocupação ecológica de companhias que passam a controlar mais rigidamente o impacto de sua própria poluição na degradação da natureza, com os selos de Produtos Verdes, ISO 14.000 etc. Esses exemplos demonstram, em última instância, que a imagem desejada pelas empresas é a de preocupação social com seus consumidores não só como consumidores, mas também como cidadãos.¹⁰

HUMANIZAÇÃO DA MARCA

Este novo conceito permite maior aproximação com o consumidor, tornando real um contato abstrato, antropomorfizando a companhia e suas marcas em sua relação com o consumidor, principalmente através do desenvolvimento de “*prodifos*”, produtos que se “*servicilizam*” ou serviços que se “*produtilizam*”, e pelo

10. Vide acima o comentário sobre o uso de mídias sociais no relacionamento com os consumidores.

Uma dissertação de mestrado

estabelecimento de compromissos por parte da empresa que busquem valorizar o consumidor. Por exemplo, os cartões de crédito de afinidade que proporcionam bônus e descontos, as salas VIP para clientes de empresas aéreas, os programas de milhagem das locadoras de automóveis, o oferecimento de serviços de assistência 24 horas e descontos em estacionamento pelas companhias seguradoras, a exibição de pré-estréias para assinantes de jornais, o patrocínio a eventos artísticos, culturais e esportivos adequados ao público-conceitual objetivado pela marca / empresa. São aspectos que estabelecem uma relação de interesse, confiança e fidelidade entre empresa e consumidor, humanizando a marca, transformando um conceito abstrato num conceito sensível através de associações simbólicas das atitudes empresariais com atitudes tipicamente humanas. Como na formação da personalidade aparente de uma pessoa, o conceito abstrato se integra à identidade da marca, tornando-se sua integrante inseparável, sua imagem representativa, sua personalidade, seu ícone.¹¹

Sintetizando, a publicidade está se transformando num trabalho de comunicação integrado, onde não basta mais apenas informar sobre aspectos qualitativos de produtos e serviços. É necessário criar diferenciais que cativem o consumidor, que estabeleçam uma relação duradoura. Para isto, deve-se estimular a construção criteriosa do

11. Vide acima o comentário sobre o crescimento do branded content.

*U*ma dissertação de mestrado

conceito de marca a ser desenvolvido e estabelecer vários tipos de serviços afins ao produto trabalhado, facilitando ao máximo a vida do consumidor, fornecendo-lhe soluções de necessidades até então dormentes, como, por exemplo, a substituição temporária de seu computador caso este apresente problemas, sem que o consumidor tenha a necessidade de sair de casa e sem nenhum ônus. Basta pegar o telefone que um representante da empresa fará todo o serviço. Utópico? Até o momento que este conforto seja um diferencial que ajude a definir a escolha de determinada marca. Esta linha de raciocínio deve ser seguida internacionalmente para que se tenha uma marca forte e unificada.

Isto conta pontos no mercado global e pode ser a diferença entre a valorização ou não das ações da empresa nas bolsas de valores. Afinal, como está evidente com as mensagens dos “aparelhos ideológicos do mercado”, a bolsa de valores está na moda.

*Um editor
próximo da gente*

Camila Silvestre¹

· XXIII ·

Conheci o professor Victor Aquino em 2012, quando eu tinha algo muito bom e algo bem ruim acontecendo na minha vida ao mesmo tempo.

Eu estava no quarto ano do curso de Letras na FFLCH-USP nessa época e, por acaso, descobri um concurso da Secretaria de Cultura. O objetivo do concurso era

1. Bacharel e licenciada em letras. Professora de português. Especialista em estética literária. Autora de *Alma menina*.

*U*m editor próximo da gente

promover escritores iniciantes, e o prêmio em dinheiro permitiria a publicação de um livro, o que era o meu maior e mais secreto sonho.

Eu sempre gostei de escrever, mas nunca tive muita confiança de que soubesse fazer isso bem, muito menos a coragem de mostrar para alguém qualquer coisa que eu tivesse escrito. Não queria correr o risco de confirmar que eu realmente não prestava para aquilo.

Mesmo assim, cerca de um ano antes, eu havia começado um blog, escrevendo sob um pseudônimo, sem fazer qualquer divulgação a ninguém que eu conhecesse. Tinha muita vergonha. Deixei que as pessoas chegassem a ele, naturalmente, escolhendo se voltariam ou não. Eu postava contos e relatos muito pessoais e, aos poucos, o blog foi conquistando um público fiel que sempre pedia por mais, inspirando-me a continuar escrevendo.

Quando descobri o concurso, resolvi tomar coragem. Escolhi os meus melhores textos, criei um projeto e, apoiada no carinho das pessoas que me incentivavam até ali, me inscrevi, no último dia. Em segredo, é claro, mas me inscrevi, confiando naquele projeto o sonho de publicar o meu livro, a minha Alma Menina.

A espera pela qual passei nos dois meses seguintes foi mais angustiante do que a espera pela lista da Fuvest. Todos os dias eu acessava o site da Secretaria, ansiosa pelo resultado do concurso, e foi numa sexta-feira à noite

*U*m editor próximo da gente

que eu o vi! Finalmente, o resultado estava lá! Com o meu nome nele! Mais do que vencedora, eu estava, pela primeira vez, me sentindo escritora de verdade.

Essa foi a parte boa. A parte ruim era que, apesar do prêmio em dinheiro, a Secretaria não disponibilizava qualquer apoio editorial. Então eu tinha um livro para publicar e não sabia por onde começar a fazer isso. As exigências eram muitas, as informações eu não tinha, e eu me senti perdida. Entre burocracias e papeladas, via meu sonho esvair-se junto com o prazo que eu tinha para fazer a publicação.

Foi quando eu descobri que escrever era a parte fácil. Difícil mesmo era fazer toda aquela história que eu estava inventando materializar-se em um livro de verdade.

Sem saber exatamente por onde começar, fiz pesquisas em editoras e gráficas e recebi propostas absurdamente caras. Eu não tinha nenhum conhecimento deste mercado, mas o meu próprio bom senso me dizia que aquilo não fazia muito sentido.

Continuei pesquisando. Entre uma proposta e outra, eu via o tempo passando e o meu desespero só aumentava. Foi então que um amigo me disse que conhecia alguém que poderia me ajudar. Pediu que eu procurasse o professor Victor aqui na ECA.

Por experiências anteriores na minha graduação em Letras, eu já havia lidado com vários tipos de professores

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Um editor próximo da gente

da USP. Havia aqueles mais distantes, outros até que atendiam aos alunos com certo desinteresse e pressa. Havia também, é claro, aqueles que se mostravam mais solícitos e atenciosos.

Procurei o professor Victor, otimista, mas sem ter realmente certeza do que esperar. Era tão curto o prazo que eu ainda tinha que eu não podia imaginar a possibilidade de bater àquela porta e não encontrar o auxílio que eu tanto precisava.

Eu não podia estar mais equivocada nas minhas preocupações.

Em cinco minutos, com toda a paciência, o professor Victor resolveu aquilo que para mim parecia uma complicação tão grande, todos os meus problemas com diagramação, edição, registro na Biblioteca Nacional, tudo o que eu precisava para a minha Alma Menina ganhar vida. Com o seu apoio e o da editora INMOD, em poucas semanas eu tinha o meu primeiro livro em mãos.

Como parte do prêmio do concurso, exemplares foram distribuídos em trezentas bibliotecas públicas do Estado. Desde então, tem sido cada vez mais comum receber o retorno de leitores – leitoras, principalmente – que se emocionaram com o que eu escrevi, que se identificaram com o que leram. Isso me enche de orgulho e certeza de que eu devo, sim, acreditar na minha capacidade e nos meus objetivos.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Um editor próximo da gente

Hoje o meu livro, a minha Alma Menina, está por aí, no mundo, ao alcance de pessoas cujos rostos e nomes nunca conhecerei, algo que me deixa muito feliz e que eu sei que só foi possível graças à amizade prestativa que encontrei no professor Victor e que, tenho certeza, ele dedica a todos que o procuram.

*Uma leitora,
um livro e o
arroz queimado*

Barbara Júlia Leitão¹

. XXIV .

Livros nos levam para outros mundos, abrem nossos olhos, trazem reflexões sobre assuntos que considerávamos fechados dentro de nós. Livros nos permitem gostar e não gostar ao mesmo tempo, abrir e fechar, deixar de lado e voltar, e, principalmente, não nos cobram se por um acaso do destino são esquecidos.

1. Bibliotecária. Mestre e doutora em ciências da comunicação. Autora de *Bibliotecas públicas, bibliotecários e censura na era Vargas*. Antiga orientanda de doutorado de Victor Aquino.

*U*ma leitora, um livro e o arroz queimado

Como sempre imagino um livro com alma, ousou afirmar que quando os reencontramos eles se emocionam.

No momento da leitura nos permitimos chorar, rir, reclamar, protestar, corar, brigar com o autor, com os personagens, e sem percebemos nos vemos e as lembranças retornam de forma avassaladora. Talvez seja a mnemotécnica, que tanto foi utilizada pelos antepassados para preservar na memória lugares e imagens que deveriam ser preservados.

Depois dessa ode ao livro e a leitura, daremos início a nossa pequena estória: lançamento de um livro literalmente grande, “Significados da Paisagem”, ilustrado e repleto de memórias.

Resgate de uma história de vida, um personagem real, Francisco Correa e toda sua trajetória como fotógrafo. Francisco se estabelece em Tupanciretã, e permanece lá de 1939-1968. Torna-se fotógrafo oficial de todos os eventos da cidade e, mesmo com as mudanças que a vida proporcionou, de alguma forma preserva seu acervo, que após a sua morte, continua preservado por seu filho.

Levo o livro autografado para casa e entro no dilema: leio agora ou não, folheio, fico curiosa. Porém, nesse momento entra a outra parte da estória, a leitora, uma senhora (na verdade minha mãe) que diz:

*U*ma leitora, um livro e o arroz queimado

- Quero ver o livro do Victor (nessa intimidade!), afinal, me preparei para ir ao lançamento e não consegui ir!

Cabe uma explicação: ela havia se preparado mesmo (cabelo, unha, roupa) para ir, mas se não me engano o lançamento foi em uma sexta-feira no final da tarde e só para variar teve um algum acidente na marginal, e aí para quem mora em São Paulo a vida vira um caos.

Ela folheia e observa as fotos e seus olhos azuis brilham!

-Deixa comigo que vou ler!

Só para contextualizar: a leitora nasceu no interior de São Paulo, no final da década de 1920, teve uma infância e adolescência repleta de recordações felizes, a casa onde morava sempre cheia, viajantes que passavam por lá perguntavam se era uma hospedaria... A confeitaria da família era considerada a maior da região. Além do rádio, cinema, passeios no final da tarde, havia o circo e o teatro.

E como não citar o fotógrafo da cidade, inclusive aquele que tirou as fotos dos batizados, da confeitaria, da família.

Bom, a leitora se insere no livro de tal forma que não sabe mais se está no interior do Rio Grande do Sul ou no interior de São Paulo. Apesar da distância física das duas cidades e de formação, as semelhanças aparecem o tempo todo e resgatam a memória, lugares e imagens que estavam

*U*ma leitora, um livro e o arroz queimado

guardadas e ressurgem, passagens tão semelhantes que parece que é ela vivendo aquela situação.

Contudo, sua vista não permite a leitura por muito tempo. Além disso, os demais membros de sua família em breve chegarão e a rotina do dia a dia necessita ser retomada. E assim, os dias passando, a leitora cada vez mais envolvida na história que também pertence a ela.

- Mãe não esquece que precisa fazer arroz para o jantar.

- Já sei, está encaminhado. Daqui a pouco coloco no fogo.

- Não se esquece de desligar.

- Vocês acham que vou esquecer?!!!!

- Fique atenta, a senhora está tão envolvida com o livro...

- Tchau!

Quando retornamos, sentimos o cheiro (que eu particularmente adoro) de arroz queimado e a senhora com aquela carinha “é, queimou!”

-Como mãe?

- A culpa é do Victor, ou melhor, do livro, me absorvi de tal forma que esqueci completamente do arroz.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*U*ma leitora, um livro e o arroz queimado

Ainda bem que até o término da leitura não ocorreu mais nenhum incidente.

E para um escritor como é bom saber que a sua obra permite, de alguma forma, que o seu leitor esteja tão inserido na sua viagem que o arroz, ora o arroz fique queimado. Consegue queimar um arroz!

*Aprender catalão
escrevendo poemas¹*

Jordi Clavell

· XXV ·

Quando Victor Aquino veio pela primeira vez passar uma temporada em Barcelona, a convite da Universidade Autônoma de Barcelona, para ministrar aulas em um curso de pós-graduação, eu sequer imaginava reconhecer nele um dos mais talentosos ficcionistas da atualidade. Naqueles dois meses e meio que passou na cidade, em 1998, usava todo tempo livre para frequentar as

1. "*Aprendió catalán mientras escribía poemas*", tradução de Elena Sucupira.

2. Livreiro. Empresário. Proprietário, Biblioteca Nou Segle, Barcelona.

*A*prender catalão escrevendo poemas

livrarias localizadas nos arredores de onde estava instalado. Penso que terá sido o modo como costume tratar quem entra em minha loja que o levou a falar comigo.

Profissional do livro há muito tempo, tocando um pequeno negócio que está em minha família há mais de um século, desde que me formei em direito passei a me dedicar exclusivamente a esta livraria que temos em Barcelona. Lugar nem muito grande, nem muito pequeno, onde atendo todo tipo de demanda bibliográfica. São centenas de clientes que me procuram todo o mês, não só para acompanhar lançamentos, como para algum tipo de solicitação especial.

Conheço muitos professores, os quais integram a maior parte de minha clientela. Mantenho com cada um deles uma relação muito estreita, tornando-me amigo da maioria. Conheço também muitos autores, principalmente aqueles que se destacam como os leitores mais qualificados, capazes de opinar sobre tudo que leem. Chegam, olham alguma coisa, folheiam livros, fazem perguntas e conversam um pouco comigo.

Nas primeiras vezes em que Victor Aquino entrou em meu estabelecimento, sempre depois do almoço, comportou-se como a maioria desses clientes. Pouco a pouco, porém, foi indo além das indagações básicas. Notei que ele, embora estrangeiro, conhecia um grande número de autores locais, já tendo lido uma enormidade de obras em catalão. Discutia detalhes em cada uma dessas obras,

*A*prender catalão escrevendo poemas

que até mesmo eu já nem lembrava mais.

Outro fato importante que chamava muito a atenção era a sua disposição de conversar em catalão. Indaguei se tinha feito algum curso do idioma no Brasil, já que era a primeira vez que vinha a Barcelona. Fiquei extremamente surpreso ao saber que ele estava começando a tentar comunicar-se em catalão. Há alguns anos importava livros nesse idioma, o que lhe permitia entender tudo que lia. Mas era a primeira vez em que se aventurava a falar no idioma. Mais surpreso ainda fiquei quando ele me falou sobre o método que utilizava. Mostrou-me uma velha caderneta cheia de anotações, entre as quais havia frases e palavras que ele considerava difícil, para repetir e ensaiar a pronúncia do modo mais natural possível.

Sem receio ou qualquer constrangimento, sempre tentava falar espontaneamente tudo que pensava. Em uns dias mais à frente, já com alguma intimidade, pedia que eu o corrigisse apenas quando a frase apresentava muitos erros, pra não dificultar a comunicação. Retirava exemplos até mesmo de placas de trânsito. Tudo lhe servia como exemplo.

Citava as *Balades amargues* de Josep Palau i Fabre com desenvoltura. Arriscava de memória trechos inteiro de *Un cel bravíssim*, Joan Teixidor i Come. Conhecia autores como Rosa Leveroni, Salvador Espriu e Jordi Sarsanedas. Um fim de tarde encontrou lá o poeta Miquel Martí i Pol, que

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*A*prender catalão escrevendo poemas

se encantou com ele, ao ouvi-lo declamar *Un sonet per a tu*.

Ao ser apresentado a Marti i Pol, como “um professor brasileiro alguns dias em Catalunha”, enquanto este dava-lhe a mão e pronunciava o protocolar “muito prazer”, Victor Aquino começou a declamar “Um soneto para ti”.

Recolhia exemplos que ouvia por todos os lugares onde andava. E escrevia frases sobre tudo que ouvia. Lia uma enormidade de livros rapidamente, anotando tudo que lhe parecia difícil. Certo dia, descobri que transformava muitas dessas anotações em poesia.

Esses poemas começaram a aparecer, inicialmente aos poucos, depois aos borbotões. Sim, borbotões. Na livraria, mais gente aparecia nos fins de tarde, antes da hora do jantar, para encontrar com ele. Tornou-se uma espécie de fenômeno. Eu já sabia que ele vinha ministrando as aulas em catalão. Nem tudo que dizia era absolutamente perfeito, mas todos que o ouviam entendiam o que dizia.

Os frequentadores mais assíduos pediram para eu organizar uma noite de poesia, na qual incluíram também Victor Aquino. Notei que ele não apreciou muito. Mas quando entendeu que nada daquilo tinha a ver com ele, que se tratava apenas de um convite para participar, ele veio também. Em meio àquela seresta, anunciaram a leitura de um de seus poemas. Foi lido, se bem me lembro, por Montserrat Soler, uma amiga que era casada

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*A*prender catalão escrevendo poemas

com o falecido Pere Jou, crítico literário, que também estava presente.

O poema escolhido entre as cópias que ele deixava comigo tinha como título *Ahir morir*. Victor Aquino permaneceu estático em um canto menos iluminado do salão improvisado, atrás de dois garçons que estavam ali para servir vinho. A leitora improvisou uma elaborada encenação. Todos ouviam a leitura em absoluto silêncio.

*AHIR MORIR*³

*Ahir em vaig morir.
Si estic vivint avui
no va ser perquè no em vaig morir.
De fet, la vida té misteris que no podem entendre
Però realment em vaig morir ahir.
Avui és un altre dia.*

En efecte.

Quando se ouviram os aplausos, foi necessário Maria Salvat ir busca-lo. Ele estava quase atrás da cortina. Chegou muito vermelho e sem jeito. A assistência não ultrapassava trinta pessoas. Todos se ergueram e, um a um, vieram cumprimenta-lo. No dia seguinte ele não

3. (ONTEM MORRER / Ontem eu morri. / Se eu estou vivendo agora / Não foi porque eu não morri. / Na verdade, a vida tem mistérios que não podemos compreender / Mas realmente morreu ontem. / Hoje é outro dia. / De fato).

*A*prender catalão escrevendo poemas

apareceu. Faltando dois dias para retornar ao Brasil, veio despedir-se. Dei-lhe a notícia que Alfons Tubau, dono de uma pequena gráfica e editora no bairro gótico, amigo de Pere Jou, o tinha procurado na livraria para propor um livro com as poesias que ele escrevera em Barcelona. Ele pediu que não deixasse isso acontecer.

Retornou. Continuamos a nos comunicar por e-mail. No ano seguinte, em uma conexão para Paris, ficou três dias em Barcelona. Jantamos juntos nas duas noites que passou na cidade. Ele gostava muito de um pequeno restaurante, Joliver Meu, próximo do local onde estivera instalado durante a primeira estada. Era admirável como se comunicava melhor e com mais desenvoltura ainda em catalão. Ao leva-lo ao aeroporto para seguir viagem, em determinado ponto do trajeto, retomei o assunto do livro. Mas ele ainda estava relutante.

Após a terceira vez que Victor Aquino passou por Barcelona, quando voltamos a falar sobre a possibilidade de um pequeno livro, reunindo algumas de suas composições, ele já se dispôs a conversar um pouco mais sobre o assunto. Finalmente, aceitei passar alguns dias em sua casa, nas Vinhas de São Jorge, em São Roque. Ali, no meio da floresta verde, experimentando os vinhos que ele próprio produz, acabei convencendo-o a fazer o livro.

Ao retornar para Barcelona, levava na bagagem os originais de *Benestar és no més estar bé*. Passei esses escritos a

*A*prender catalão escrevendo poemas

Alfons Tubau, que fez esse belo livrinho, que se publicou pela casa Maçònic. Eu poderia escrever muito mais sobre as composições desse pequeno livro. Um trabalho que considero magnífico. Mas abrevio os comentários, citando apenas aquela que me diz mais de perto. Principalmente, por ter se originado em uma das discussões travadas na livraria, sobre autores espanhóis e catalães. Como se fosse uma bem humorada indireta ao grande poeta espanhol Pedro Calderón de la Barca, ele acaba demonstrando um talento muito pessoal em brincar com as duas culturas, a espanhola e a catalã.

ELS SOMNIS I LA VIDA

La vida segueix
no més el somni

Les ombres del dia
ara es barregen amb la nit

La nostra esperança
colorit i sorollós

de sobte
ja no és escoltat

La vida segueix
però mai serà la mateixa

Qui pot dir

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*A*prender catalão escrevendo poemas

per què el somni ha acabat

Què es pot dir
Sobre un somni que és només un somni

Perquè els somnis són somnis
des que “Don Calderón”

I la vida no és més
que un vaixell (o una “Barca”)

Este é Victor Aquino, a quem aprendi a conhecer e a admirar.

*Victor
aquino*¹

*Jean-Jacques Martel-Samson*²

· XXVI ·

Falar de Victor Aquino não é tarefa das mais fáceis. Assim mesmo, falar desse grande professor, pensador, pesquisador e autor também é surpreendente, pois se acaba descobrindo mais dessa pessoa tão talentosa, quanto generosa.

1. "*Monsieur Victor Aquino*", tradução de Marcel Granger.

2. Colecionador de arte e antiquário. Sócio proprietário, *Boutique Belle Epoque*, Paris.

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Victor aquino

Quando se começa a conhecer sua biografia, descobre-se aos poucos a figura de um ser humano notável, que se destaca, principalmente, por três características fundamentais. A primeira dessas características é sua profunda inteligência. A segunda, sua capacidade de trabalho. A terceira, o seu desprendimento.

Terá sido graças à inteligência privilegiada que Deus lhe deu, que ele tem obtido êxito em tudo que empreendeu até o dia de hoje. Completou os estudos, galgou todos os postos da hierarquia universitária, desenvolveu projetos, criou instituições, publicou livros e artigos nos campos em que atua e, acima de tudo, completou a maravilhosa obra com que tem nos brindado.

Do mesmo modo, terá sido graças à sua capacidade de trabalhar incansavelmente, quase sem tempo para lazer e descanso, que ele conclui rapidamente tudo aquilo a que se dedica.

Terá sido, principalmente, em função do seu desprendimento pessoal, que Victor Aquino vem conseguindo, abnegadamente, socializar a sua inteligência notável e a sua dedicação ao trabalho em benefício do conhecimento, da cultura, da sociedade e do semelhante. Principalmente do semelhante menos favorecido.

A homenagem mais do que merecida que há alguns anos lhe tributou a “*General Lafayette Institution*” deve-se sobretudo à sua contribuição dos estudos maçônicos.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino

Não sou um professor ou especialista em literatura. Mas em razão do campo no qual tenho trabalhado, o comércio de livros, tenho podido observar com frequência a diferença que faz a existência de um escritor que vive para escrever, em vez de escrever para viver.

Victor Aquino, um brasileiro que seria igual a tantos que tiveram a necessidade de aprender inglês para viver e estudar em um país diferente do seu, não apenas superou rapidamente essa dificuldade, quanto soube como ninguém compreender e enfrentar o problema com o espírito do cientista e a determinação do artista, transformando em contos toda a mitologia que está circunscrita ao universo da Maçonaria.

A partir do instante em que se tornou fluente em inglês, ao visitar loja maçônicas por todos os Estados Unidos, passou a empregar toda sua energia na obra monumental que realiza, transformando nesses contos deliciosos de ler coisas que antes só eram encontradas nos rituais. Só esta evidência já caracteriza nele a determinação de quem se incumbiu de um trabalho como processo, para a descoberta da razão de ser maçom.

Uma obstinação determinada que o aproxima muito dos velhos pioneiros que, nos Estados Unidos, um dia empreenderam marcha rumo ao Oeste, enfrentando todo tipo de intempérie e as agruras de um clima hostil, além de dificuldades sem conta, no esforço histórico de

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino

transformação de uma realidade inóspita em algo melhor para as gerações futuras.

Victor Aquino, este homem que se esforça tanto para tornar amena a caminhada pelos caminhos da Maçonaria, tem representado o algo novo nessa velha instituição.

Victor Aquino nasceu em “Tupãciretã”, pequeno povoado ao sul do Brasil, quase próximo à Argentina e ao Uruguai. Na época, o seu pai, querendo homenagear com a chegada do filho a cidade que ele escolhera para viver, batizou-o com o nome de “Tupã”. Esse nome, na língua dos antigos povos indígenas que habitaram aquela região, quer dizer “Deus”.

Desde os primeiros anos de sua infância, nas palavras do próprio Victor Aquino, a boa intenção do pai se converteu em permanente fonte de constrangimento, desgosto e contrariedade. Mesmo em seu país, parece, há mais bichinhos de estimação do que pessoas com esse nome. Além disso, como ele também diz, “o fato de não conhecer nenhum homônimo” sempre o perturbou muito.

Por essa razão, no início da década de 90, ao ser convidado por John Norman Collins Junior para desenvolver uma série de textos para uso dos diferentes graus em loja maçônicas, assinou o seu trabalho com um dos pseudônimos que já tinha usado para publicar crônicas em jornais brasileiros.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Victor aquino

O que Victor Aquino não imaginava, nem esperava acontecer, foi o ressurgimento do nome literário fazer igualmente nascer outra pessoa. Emergiu daí a figura de um novo autor, o qual nas lojas maçônicas dos Estados Unidos ninguém conhece por outro nome que não seja Victor Aquino.

Mais algum tempo à frente, após a publicação de uma série de outros livros, que reúnem pequenos contos, storylines e a dramatização de uma cena teatral para representação por alunos de inglês, Victor Aquino chegou a constar de catálogos e relações de textos pedagógicos de língua e literatura, consolidando indissociavelmente esse nome à pessoa do autor.

Lembro-me ainda do dia em que eu ainda integrava os quadros da “*General Lafayette Institution*”, e Victor Aquino me telefonou da Flórida. Ele tinha pedido a John Collins que o encaminhasse a um especialista “nativo” para rever seu pequeno livro *Only about love*. Mais tarde John Collins me diria ter achado melhor que um não americano fizesse essa revisão. Justo eu, um francês radicado nos Estados Unidos. John Collins também acreditava que seria mais conveniente para diagnosticar a eficiência das conexões cognitivas com conceitos e relações entre objetos e relações dos significados transculturais do idioma. No seu entendimento, John Collins pensava que alguém com essas características pudesse opinar melhor e mais apropriadamente sobre esses textos.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino

Assim tive a honra e o privilégio de conhecer Victor Aquino.

Lembro também que a partir daí, até a minha aposentadoria no ano de 2000, avistei-me diversas vezes com Victor Aquino ainda na Louisiana, não mais para opinar sobre seus escritos, mas para trocar com ele muitas ideias sobre comunicação e cultura.

Nunca imaginei que Victor Aquino tivesse um outro nome, ou que seu nome de batismo fosse outro. Uma noite, porém, já residindo em Veneza, durante uma visita que ele me fez na Itália, após um jantar, estávamos na varanda saboreando um Porto e apreciando o canal. Indaguei, então, a ele por que demorara tanto a publicar o primeiro livro. Ele me contou o problema que teve para escolher um nome. Como eu não tivesse entendido o que ele queria dizer com “escolher um nome para publicar meu livro nos Estados Unidos”, ele acabou me relatando essa maravilhosa e encantadora estória que envolve o seu nome de batismo: “Tupã Correa”.

Foi com o nome de batismo que ele empreendeu a “primeira metade” de sua exitosa vida. Foi com esse nome que ele se graduou, obtendo títulos de mestre, doutor e pós-doutor no Brasil. Foi com esse nome que ele publicou vários livros e umas centenas de artigos sobre comunicação, moda e cultura em periódicos especializados em todo o mundo.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino

O que mais chama a atenção, contudo, diz respeito ao fato de que logo após a publicação de um de seus primeiros livrinhos maçônicos nos Estados Unidos, como Victor Aquino, ele praticamente tem a convicção de que o seu trabalho nesse campo se presta a algum gênero de serviço.

Um capricho da história tornou a nação de George Washington, Thomas Jefferson, Benjamin Franklin e Abraham Lincoln, além de emblema de convivência política democrática, um ícone de desenvolvimento e de prosperidade, para o qual todas as décadas acorrem milhões de pessoas. Espaço de prosperidade que atrai tanta gente em todo mundo, que aqui chega em busca de novas oportunidades de trabalho e de melhores condições de vida.

Muito tempo se passou para que o esforço de pesquisadores como Victor Aquino, José Gonzáles e Anita Montalvan, por exemplo, começasse a tornar possível o aprendizado desse idioma sem os tormentos, as incertezas e as inseguranças que a fazem quase inacessível a tantas pessoas. Principalmente àqueles que, naturais de outras culturas, queiram integrar a maçonaria em outro idioma.

*a história
de clementina¹*

Marie-Louise Filémon²

· XXVII ·

Imagine uma senhora com mais de sessenta anos, que já sofre muito com a artrite reumatoide, vivendo na portaria de um prédio de apartamentos. Sua pequena sala de estar, onde está instalado um aparelho antigo de televisão, também serve como portaria na entrada desse edifício. Pois essa figura humana já existiu fartamente em quase todos os blocos de apartamento da cidade de Paris e em outros locais da França. A essa atividade se dava o

1. "*L'histoire de Clémentine*", tradução de Marcel Granger.

2. Empresária. Sócia proprietária, *L'immobilier*, Paris.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

A história de clementina

nome de “*concièrge*”. Era uma espécie de zeladora e porteira que havia antes da maior parte dessas edificações terem instaladas portas que os moradores passaram a abrir com uma senha pessoal.

Pois Victor Aquino resolveu immortalizar a sua maneira esse tipo de trabalhador. Isto já faz muitos anos. Penso que foi o resultado de um dos períodos que ele passou na França lá pelos anos de 1980. Criou um personagem e, a partir dele, escreveu um pequeno romance. Na pessoa imaginada por ele, “Clémentine”, o escritor acabou desenvolvendo toda uma discussão sobre o envolvimento humano entre moradores de um quase cortiço imaginário, localizado na “*rue de Terrage*”, proximidades da *Gare de l’Est*.

Sei que ele habitou o *quartier*, em um edifício não muito melhor do que aquele que serve de cenário para sua história, localizado na “*rue Chabrol*”. Talvez por esta razão tenha conhecido tão bem Paris em época muito anterior à União Europeia, no qual pululam personagens como os comerciantes árabes do lugar, ou os franceses da Martinica e de Guadalupe.

Uma década após ter vivido alguns meses na capital francesa, tempo no qual escreveu esse pequeno romance, Victor Aquino retornou para completar uma pesquisa de pós-doutorado no antigo *Institut d’Esthétique et Sciences de l’Art* da Universidade Paris I – *Panthéon-Sorbonne*, com o falecido professor François Molnar, para quem eu cheguei a prestar alguns serviços na edição de algumas publicações.

Victor Aquino

entre ciência e ficção

A história de clementina

Conheci Victor Aquino nessa época. Houve um problema qualquer com um texto que se destinava à edição de um folheto. Era uma frase um tanto confusa, cuja correção me pareceu temerária fazer sem comunicar ao Professor. Ele estava muito atarefado e pediu que eu mesma resolvesse o caso. Os originais deveriam ir para a gráfica naquela tarde e eu continuava achando arriscado assumir toda a responsabilidade de mudar sozinha aquele texto. Victor Aquino entrou na sala do professor para dizer “*bonjour*”. Pronto. Ele apontou para Victor Aquino e pediu-lhe para fazer a retificação.

Em seguida me disse que fosse com ele que, embora brasileiro, tinha um grande domínio do francês. A modificação que ele fizesse estaria perfeita. Depois desse contato inicial, tonamo-nos muito amigos. Aos poucos fui conhecendo uma pessoa notável. Falava francês com perfeição. Tinha estilo para escrever e escrevia muito bem. Fiquei surpresa, não apenas com a quantidade de detalhes da história, como das origens e características das antigas regiões da França que ele conhecia.

No fim do verão de 2002, assisti a uma conferência sobre poetas parnasianos brasileiros. Com extremo bom humor citava exemplos e declamava, sem ler absolutamente nada, sonetos inteiros. Em um caderno dessa época ainda mantenho anotados quase todos os nomes citados por ele, com observações sobre Olavo Bilac, Raimundo Correia, Luis Guimarães, Vicente de Carvalho, Alberto de Oliveira

A história de clementina

e outros. O mais curioso foi o modo como ele comparou autores franceses, a exemplo de Sully Prudhomme, Théophile Gautier e Théodore de Banville. No fim, quando surgiram algumas perguntas da plateia, houve quem o cumprimentasse pelo domínio do assunto. Ele agradeceu dizendo: “como pode ver, sou alguém vivendo fora de minha época...”

Em breve, eu também descobriria que ele escrevia muito sobre tudo isso. Mais fascinada ainda fiquei quando descobri que ele tinha esses originais sobre a velha “*concièrge*”. A muito custo, consegui que ele me deixasse ler esses originais. *Clémentine dit tout de soi même*, uma história bem-humorada de quem passa os dias cumprimentando quem entra e quem sai do edifício, ouvindo partes inacabadas de assuntos para os quais ela vai imaginando a conclusão. Por fim, sabendo que nem tudo que ela imagina é efetivamente verdade, ela se deixa refletir, em um longo monólogo, sobre o próprio destino.

Victor Aquino escreveu um texto brilhante. Durante mais de dez anos depois que conheci esses originais, tentei convencê-lo a procurar um editor para publica-los. Sempre relutante, teve desculpas para deixa-los como sempre estiveram. Em absoluto anonimato. Assim, essa escritura acaba de completar trinta anos. Na última vez em que passou por Paris, há um ano, apresentei-o a Robert Abergel, um editor de ficção, que parece tê-lo convencido a, enfim, publicar esse delicioso romance. Espero que sim.

*Victor aquino
gomes corrêa*

Waldenyr Caldas¹

· XXVIII ·

Par falar sobre Victor Aquino é preciso inicialmente pensar em sua longa trajetória, e mais do que isso, considerar as diversas atividades que ele exerce. Todas elas, porém, estão voltadas para o campo da cultura, da administração pública na Universidade, da prosa literária do trabalho científico, onde se incluem a docência e a pesquisa.

1. Professor titular de cultura brasileira. Diretor da Escola de Comunicações e Artes da USP (2001-2005). Sociólogo. Mestre e doutor em Sociologia. Autor de *Acorde na aurora*.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

Quando o conheci, ainda em meados da década de 1970, trabalhávamos na mesma instituição: a FMU - Faculdades Metropolitanas Unidas. No período noturno, sempre nos encontrávamos em dois dias da semana em que dávamos aulas juntos. Lembrarei sempre de uma importante observação que certa ocasião ele me fez, sobre o papel de uma figura lombrosiana que transitava pelos corredores das salas de aula, mas sem jamais se identificar. Ele era muito mais estranho do que simpático. Aliás, para que prevaleça a verdade, não era simpático mesmo. Como vivíamos um período politicamente conturbado e de estreita vigilância dos governos militares sobre os cidadãos e a sociedade, aquela situação incomodava não apenas a mim, mas certamente a muitos outros professores.

O diálogo entre os próprios docentes não fluía muito bem. Todos procuravam ser simpáticos, mas as relações eram de fato, superficiais. Tudo isso, claro, consequência do momento político extremamente tenso dessa época, especialmente nas Universidades. As questões ligadas à política brasileira, por exemplo, nem mesmo na sala dos professores, onde todos nos reuníamos antes de iniciarem as aulas do dia, deveriam ser tema de comentários, muito menos de discussão e análises. Uma questão de bom senso e de preservação, não apenas do emprego de cada professor, mas da sua própria integridade física.

Em certa ocasião, um pouco antes do início das aulas, naquele dia encontrei com Victor no corredor. Quando nos

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

cumprimentamos, ele me parou e como sempre de forma bem humorada e irônica, tivemos o seguinte diálogo:

- Victor: você sabe quem é esse cidadão que fica passeando no corredor?

- Waldenyr: não sei, mas acho-o muito estranho!

- Victor: é um Bedel disfarçado que fica vigiando quando os professores entram e saem das salas de aula. É para saber se chegamos atrasados ou se saímos antes da hora do término das aulas.

Pois bem, a explicação do Victor me tirou da cabeça o peso de eventualmente estar sendo vigiado por questões político-ideológicas, o que era um fato corriqueiro naquela época. Ao mesmo tempo, após esse diálogo muito rápido (afinal o Bedel estava por perto e tínhamos que entrar em aula) e a partir desse momento, passaríamos a conversar mais amiúde. Edificamos a seguir uma grande amizade, mas não ficamos amigos do Bedel. Daquele momento em diante, nós também passaríamos a “vigiá-lo”, mas de forma bem mais divertida. Descontraída mesmo. Nas brincadeiras prevalecia o bom humor do Victor, algo natural em sua personalidade, quando se referia ao nosso “indefectível” Bedel. Era uma questão de sobrevivência do nosso emprego. Este senhor tinha a infeliz e ingrata função de denunciar os professores que chegassem atrasados ou saíssem adiantados das salas de aula.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

Durante ainda algum tempo, não sei precisar quanto exatamente, ainda convivemos como professores daquela instituição. Ainda hoje o Victor lembra passagens dessa época na FMU que são muito divertidas. Em boa parte delas, claro, o senhor Bedel investido de sua autoridade é sempre lembrado. Nessa época, éramos jovens e a irreverência em nosso discurso surgia com a mesma espontaneidade e prazer com que nos dedicávamos às leituras, pesquisas e preparação de aulas.

No decorrer do tempo, porém, era natural que cada um dos professores da FMU procurasse um lugar melhor para trabalhar. A grande maioria dos colegas não pretendia continuar recebendo uma quantia por aulas dadas. A condição de uma espécie de tarefeiro e a exiguidade do salário, além de desestimulante, não permitia que nos dedicássemos à pesquisa científica como realmente deve fazer o pesquisador interessado na produção da ciência e do conhecimento. Assim é que, como a FMU era apenas um momento de transição profissional na vida de cada um de nós, depois de certo tempo nos dispersamos e a história com essa instituição cessa nesse momento.

Mais tarde, já em 1986, me reencontrei com o Victor na Escola de Comunicações e Artes. Ele já era professor dessa instituição desde 1978, onde atualmente é chefe do Departamento de Relações Públicas, Publicidade, Propaganda e Turismo, cumprindo o seu sexto mandato. Sua participação nos órgãos administrativos da

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Victor aquino gomes corrêa

Universidade de São Paulo, no entanto, é bem mais ampla do que parece e, ao mesmo tempo, pouco conhecida por funcionários, professores e alunos recém-chegados ao Campus Butantã.

Se considerarmos, por exemplo, que seu ingresso na Universidade de São Paulo se deu em 1978, é relevante o número de funções e cargos importantes dos quais participou e ainda participa na administração dessa instituição. Ao longo de sua trajetória, pode-se registrar que, por duas ocasiões, representou o Conselho Universitário, o mais importante órgão da Universidade, na Comissão Editorial da EDUSP, conceituada editora da Universidade de São Paulo. Ocupar este cargo é uma grande deferência a um professor. Devemos acrescentar que a escolha desse membro na Comissão Editorial é uma prerrogativa do Reitor da Universidade, e que seus critérios de escolha, claro, passam por quesitos referentes à confiança pessoal no colega professor e, evidentemente, na experiência e competência para exercer tal função.

Mas, novamente por dois mandatos, teve ainda assento como representante da Universidade de São Paulo no Conselho Curador da Fundação Cásper Líbero. Um cargo honroso e como o anteriormente citado, requer também um *back ground* acadêmico e administrativo de excelência para ser exercido.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

Destaque-se, ainda, sua participação como membro da Comissão que inseriu a Universidade de São Paulo no elenco das instituições que compõem a TV Universitária. Mesmo antes de ingressar no RDIDP – Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa, o professor Victor foi assessor do Reitor da Universidade de São Paulo, coordenador de comunicação social do Ministério do Trabalho e Diretor da Revista de Arquitetura Minha Casa: do projeto à construção, e chefe do Departamento de Publicações e Divulgação da FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. Além disso, sua longa folha de serviços administrativos contempla ainda o cargo de assessor de imprensa do então ministro do Trabalho, Murillo Macedo, e coordenador de comunicação social do Ministério do Trabalho.

Durante a gestão do Reitor Orlando Marques de Paiva, participou da criação da OSUSP – Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo, do Teatro USP, da Rádio USP FM, do programa institucional de inauguração do CEPEUSP, do Hospital Universitário e do Anfiteatro de Convenções. Em 1977, quando da recém-lançada logomarca da Universidade de São Paulo, o professor Victor Aquino editou o primeiro Guia do Estudante da USP. Nesta edição é que aparece pela primeira vez a logomarca da USP.

Eu poderia ainda comentar sobre outras funções e cargos administrativos que o professor Victor exerceu

*V*ictor aquino gomes corrêa

prestando serviços diretamente à reitoria da Universidade, mas não gostaria de me alongar nesses aspectos, uma vez que eles foram quase uma espécie de rotina em sua trajetória na Universidade. No entanto, quero agora destacar esta participação administrativa em sua própria unidade, ou seja, a ECA – Escola de Comunicações e Artes. Ela não é menos profícua. Aliás, ao contrário, este professor é, provavelmente, um dos docentes mais atuantes na administração da Escola de Comunicações e Artes assumindo, por exemplo, a chefia do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo por cinco diferentes mandatos.

Vale registrar que, para dirigir um Departamento em qualquer Unidade da Universidade, há que apresentar sua candidatura aos colegas e se submeter a um processo eleitoral que se realiza com a votação dos membros do Departamento, representados em todos os segmentos, ou seja, docentes, alunos e funcionários. Se pensarmos que um professor já foi chefe de Departamento por seis vezes, por meio de eleições diretas, temos então uma dimensão bastante precisa da sua importância, não apenas para esse Departamento (e isso é muito claro), mas também para a própria Unidade em que está sediado.

Além do mais, há que se pensar ainda no seguinte: um professor para ser eleito cinco vezes chefe do seu Departamento é porque, quando menos, realizou um trabalho digno de aprovação por seus colegas nos quatro

*V*ictor aquino gomes corrêa

últimos mandatos para os quais foi eleito. Apenas para que o leitor entenda melhor esse processo de eleições departamentais, quero esclarecer alguns aspectos não menos importantes para a concretude do desejo de chefiar um Departamento.

Diferentemente do que nos acostumamos ver no âmbito da política nacional, onde os candidatos a cargos dos poderes legislativo e executivo fazem campanhas muitas vezes sustentadas em fatos e realizações quase sempre inverídicas, criando mesmo factóides para ludibriar o eleitor, na Universidade isso não é possível. Seria a perda total de credibilidade, com sérios reflexos negativos em seu trabalho docente e de pesquisador e, mais do que isso, um claro desserviço à Universidade e, por extensão, à própria sociedade. Além de as pessoas se conhecerem melhor pela convivência diária no campus e em suas atividades acadêmicas de docência e pesquisa, há realmente uma ética comportamental mais apurada, mais rigorosa e da qual não se prescinde, especialmente se pensarmos em muitas situações que ocorrem no Congresso Nacional entre os políticos.

Este rigor, no entanto, independentemente da ação individual de cada colega, tem suas bases assentadas na própria profissão do docente. Um professor verdadeiramente interessado na formação dos seus alunos não pode prescindir de um comportamento ético que sirva de modelo dentro e fora da sala de aula. Para

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

ele, enquanto profissional que também ajuda a formar jovens profissionais, pesquisadores e até professores, são imprescindíveis o saber, o conhecimento, a competência e, no mesmo grau de importância, um comportamento ético exemplar.

Mais uma vez, diferentemente do que ocorre na política nacional, um professor que tem funções administrativas significa também ter uma função política dentro do âmbito acadêmico. Se lá fora, mesmo com a chamada lei da “ficha limpa”, o político impostor ainda consegue burlar a própria lei e, por decorrência, seus próprios eleitores, na Universidade isso é impensável. Isto porque, independentemente de qualquer outra coisa, o comportamento ético do cidadão na Universidade é levado muito a sério. E se alguém tentasse algo semelhante, ou seja, ludibriar os colegas, seria o suficiente para não conseguir se eleger a qualquer função ou cargo. O que já não ocorre, por exemplo, no âmbito geral da política partidária em nível nacional. Não é o caso de esmiuçar essa questão, até porque ela já é de domínio público. Uma coisa é certa: isso é impensável na política universitária.

Quero destacar que o pequeno enunciado acima se faz necessário para sabermos que o binômio academia/política é levado muito a sério no âmbito da Universidade. Não apenas pelos colegas eleitores, mas especialmente por aquele colega que postula um cargo eletivo como, por exemplo, a chefia de um Departamento, entre outros.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

Vencer uma eleição, portanto, tem significações bem mais além do que possa parecer. Significa também gozar da credibilidade, da confiança e do respeito da comunidade. E mais do que isso, é preciso ainda manter no mais alto nível o desempenho político e administrativo para o qual foi eleito.

Nessas condições, há que ter carisma, competência mesmo para saber liderar e ser, sobretudo, uma pessoa realmente agregadora. Esses elementos são fundamentais na política universitária. Em face do grau mais apurado de criticidade dos colegas na academia, manter a harmonia permanente na comunidade é uma tarefa que requer o chamado “jogo de cintura” ou, como preferem outras pessoas, o “contorcionismo político”. Na Universidade há pessoas de difícil relacionamento, e às vezes evitar os desentendimentos nem sempre é possível. Em alguns casos, o que se pode conseguir é minorar o grau de desinteligência entre os colegas em desacordo.

Seja o que for, é nesse momento que vem à tona a capacidade agregadora do líder. Sua astúcia e sensibilidade para resolver eventuais conflitos, sejam eles institucionais ou pessoais, passam a trabalhar a favor da paz, da harmonia e do bem estar da coletividade. Este é um aspecto de fundamental importância e que deveria ocorrer sempre. Não apenas na Universidade, mas em todos os setores da atividade humana e especialmente nas relações sociais.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

Desde quando me tornei docente na ECA – Escola de Comunicações e Artes/USP, venho observando meu caro amigo Victor fazer este trabalho de forma muito competente. Ele não precisa de elogios, meu prezado leitor. Aliás, nem gosta disso, é avesso às bajulices e às amabilidades superficiais. Mas, apenas por uma questão de justiça ao seu trabalho, registro essas passagens que presenciei diversas vezes. Portanto, não é bajulação, é uma questão de justiça. Não me sentiria bem em falar do trabalho conciliador de um colega e amigo, e omitir essa característica tão notória e marcante da sua personalidade.

Sabemos perfeitamente que nem sempre todas as pessoas estão interessadas na harmonia das suas relações com as outras. Podemos até lamentar, mas não podemos negar. É verdade. E este fenômeno, se assim podemos chamar, é bastante recorrente no ambiente de trabalho. Algumas pessoas, de forma egoísta, talvez até tenham fortes motivos para isso, se recolhem em seu universo e, ao mesmo tempo, o tornam impermeável ao acesso dos colegas dificultando a própria sociabilidade, algo indispensável para quem convive cotidianamente nas relações de trabalho. A timidez, a insegurança, o receio de cometer imperfeições no uso do nosso vernáculo, e até mesmo os abomináveis complexos de superioridade ou de inferioridade, entre outros motivos, poderiam afastar essa pessoa do convívio de seus colegas. Seria muito ruim para todos conviver com uma pessoa isolada e sem ambiente

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

entre seus colegas. Nesse caso, talvez nem mesmo possamos falar em convivência.

Ninguém, em sã consciência, pode se sentir feliz com esse quadro. Do ponto de vista emocional, ele é absolutamente contraproducente, e por motivos óbvios até dispensa explicações. Não há como negar a importância de integrar esta pessoa ao seu grupo de colegas de trabalho. Não creio, sinceramente, que alguém se isole de seu convívio profissional com os colegas, ou de seu grupo social por mero prazer. Não, isso não é verdade. Há algo a mais por trás disso. Alguma coisa de diferente está acontecendo com esta pessoa e, portanto, basta ter boa vontade e compreensão para integrá-la ao grupo. Como todos nós, ela também, no fundo, deseja uma boa sociabilidade com os colegas. Nesse momento, torna-se indispensável entre os membros do grupo a presença de uma personalidade agregadora que saiba conciliar as diferenças.

Ao longo desses anos de convivência com o Victor e os órgãos administrativos da ECA, me foi possível observar coisas extraordinárias realizadas por diversos colegas que tinham algum cargo ou função na administração da nossa Escola. A grandeza dessas ações, o desprendimento à vaidade e o propósito determinado de contribuir para o bom andamento dos trabalhos nessa instituição me deram uma certeza: eu estava entre colegas realmente interessados no que a Universidade espera de todos os seus professores/pesquisadores, ou seja, um trabalho

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

profícuo de docência e pesquisa que contribua de fato com a sociedade e o Estado.

Ainda assim, esses aspectos tão significativos não eliminam nem atenuam alguns momentos de pequenos desentendimentos ou conflitos. Como membro da Congregação da Escola, juntamente com outros colegas, por diversas vezes presenciei a atuação mediadora do Victor em momentos cruciais das nossas reuniões mensais, para deliberarmos sobre os mais diversos assuntos de interesse da nossa Escola. Este mesmo procedimento sempre se repetiu, mas em menor escala, no CTA – Conselho Técnico Administrativo, órgão cuja finalidade é tomar decisões e deliberações para o bom andamento da administração da Unidade.

Dito dessa forma, tudo parece muito fácil. A impressão que se tem é que administrar uma instituição pública é sempre um ritual tranquilo. Não, não é bem assim. Especialmente na Universidade pública. Lembro-me muito bem, quando o Victor era vice-diretor da ECA. Sua eleição para este cargo foi um trabalho político de base que ele foi construindo aos poucos e, portanto, nas urnas não encontrou dificuldades e venceu com certa facilidade. Claro, ele não teve dificuldades porque também não tinha desafetos, especialmente no colégio eleitoral. Isso é muito importante para se ganhar uma eleição na Universidade, mas nem sempre é possível não se ter esses desafetos.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

Acontece que o cargo de vice em qualquer coisa é quase sempre um tanto quanto incômodo. Não há objetivamente nada a se fazer, a não ser substituir o diretor em sua ausência. Em algumas situações, por exemplo, quando o relacionamento entre diretor e vice-diretor não é tão harmonioso, este cargo torna-se ainda mais incômodo. Posso afirmar porque testemunhei que o mandato de vice-diretor da ECA exercido pelo Victor foi algo bem tranquilo, e apenas algumas vezes ele teve a oportunidade de assumir temporariamente a direção. Enfim, cada administrador tem seu próprio estilo de conduzir a Unidade que o elegeu. O diretor daquele período houve por bem implantar uma política em que a participação do vice-diretor não tivesse a importância que normalmente a comunidade espera de quem foi eleito para o cargo.

Mas, mesmo assim, com a elegância e o seu estilo agregador, Victor terminou seu mandato de vice-diretor. Ao longo desse período, no entanto, ele que é um homem apaixonado pela política, tratou de viabilizar entre os colegas sua candidatura à diretoria da ECA. Não poderia ser mais bem sucedida. Victor venceu as eleições com extrema facilidade e passou a ser o novo diretor da nossa Escola, com o apoio quase maciço de toda a comunidade. Entre os diretores, ele foi o mais bem votado de toda a história da ECA.

No entanto, para vencer as eleições, Victor fez um trabalho de inegável paciência e inteligência. Sistematically e e

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

sempre que possível, procurava conversar com os colegas da Unidade que tinham direito ao voto nas eleições. Em pormenores, explicava os motivos que o levaram a apresentar sua candidatura. Ao mesmo tempo, detalhava seu projeto para administrar a ECA por quatro anos, tempo de mandato de um diretor. Esta é, certamente, a causa mais importante da sua vitória nas urnas, aliada à simpatia e ao prestígio que havia conquistado junto à comunidade da Escola ao longo dos seus anos como professor. Como agregador que sempre foi e com natural liderança, algo intrínseco à sua personalidade, Victor não teve dificuldades para chegar ao seu objetivo, que era dirigir a Escola de Comunicações e Artes.

Com o prestígio em alta, ele teria agora pela frente a delicada missão de escolher e apoiar o futuro vice-diretor que o substituiria nos momentos em que se fizesse necessário. Uma nova eleição teria necessariamente que acontecer, como mandam os estatutos da Universidade. Democráticamente, Victor convidou nosso colega professor Leone e eu para concorrermos à eleição de vice-diretor. Por ter feito o convite a ambos, durante o pleito eleitoral manteve-se equidistante de nós dois, sabendo, evidentemente, que um ou outro decididamente venceria as eleições.

Uma atitude politicamente muito inteligente. Toda a comunidade sabia que ele nos apoiava e, ao mesmo tempo, essa mesma comunidade poderia ficar à vontade

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

para escolher seu vice-diretor sem contrariar as expectativas do novo diretor. Para ele, qualquer um dos dois que vencesse estaria muito bom. Afinal, ambos os candidatos haviam sido convidados por ele. Os outros concorrentes ao cargo não teriam chances mesmo. Sem o apoio do novo diretor seria muito difícil se eleger. As relações entre os dois mais fortes candidatos eram, sobretudo, muito respeitadas. Não apenas por uma questão de civilidade, de urbanidade mesmo, característica sempre presente nas eleições da Universidade, mas também pelo hábil trabalho mediador realizado pelo Victor no transcorrer de todo o processo eleitoral.

Realizadas as eleições, o resultado me favoreceu pela mínima margem de dois votos a mais que meu colega e amigo Leone, em um eleitorado de 104 membros. A rigor, não houve vencedor e perdedor. A diferença de votos entre ambos era irrelevante. Houve, isto sim, a vitória de uma eleição absolutamente democrática com a mediação do novo diretor, uma pessoa notoriamente agregadora, como já disse anteriormente.

Pois bem, a partir daquele momento, toda a comunidade esperava apenas que a Congregação da Escola reiterasse meu nome para assumir a vice-diretoria da ECA. Respeitando as regras democráticas, isso aconteceu logo em seguida, ainda que sob protesto de uma pequena e inexpressiva parcela de estudantes que preferiam meu colega e amigo

Victor aquino gomes corrêa

Leone. O próprio Leone discordou e investiu contra essa atitude antidemocrática da minoria discente.

Nesse momento, porém, já como novo diretor, o Victor fez valer sua autoridade e interveio de forma muito competente em defesa do novo vice-diretor. Na primeira Congregação após as eleições, ele fez um dos discursos politicamente mais fecundos e articulados que me lembro de ter visto. Uma verdadeira aula de eloquência. E aqui, me antecipo para dizer o seguinte: não foram palavras em minha defesa pessoal, não foi isto. Foi um discurso, isto sim, em defesa da democracia e da justiça. Aliás, tenho esse discurso gravado e posso dizer que ele nem chegou a mencionar meu nome em todo o transcurso do seu pronunciamento. A partir da fala do novo diretor, aquele pequeno número de alunos se “curvou ante a força dos fatos”, como disse Paulo Vanzolini em sua memorável canção “Samba erudito”, e tudo voltaria a transcorrer dentro da normalidade. Não havia mais espaço para resistir a um legítimo ato de democracia.

Assim, então, passei a dar expediente normalmente no gabinete da vice-diretoria. Diferentemente de gestões anteriores, o Victor me atribuiu algumas funções realmente muito importantes. De início, apoiou meu nome para concorrer às eleições de representante da Congregação da nossa Escola junto ao Conselho Universitário que, para quem eventualmente não sabe, é o mais importante colegiado de deliberações sobre as coisas da Universidade de São Paulo.

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Victor aquino gomes corrêa

Com seu indispensável apoio, venci as eleições e passei, ao seu lado, a representar nossa Escola nesse órgão que tem claras funções de resoluções acadêmicas, administrativas e, evidentemente, políticas. Por inúmeras vezes, presenciei os discursos inflamados e consistentes do Victor em defesa da justiça e da democracia. Em alguns momentos, o assisti defendendo e fazendo reivindicações para a ECA, mas também para outras Unidades indistintamente.

Seu trabalho na tribuna do Conselho Universitário era muito transparente, e às vezes incomodava outros membros que com ele não concordavam. Enfim, fato natural em qualquer atividade política. Não priorizava a chancela de nenhuma Unidade em particular, e isso era observado por todos nós membros do Conselho. Ele analisava os fatos com a imparcialidade e a convicção de quem sabia o quê e porque estava falando. Sempre com muita elegância verbal, sagacidade, rapidez de raciocínio, mas sem tergiversar. Claro, seu estilo poderia até não agradar a todos, mas também não o impedia de ser sempre cumprimentado pela grande maioria do Conselho Universitário.

À parte o trabalho que juntos realizamos no Conselho Universitário, o Victor como diretor da ECA, e eu na condição de representante da Congregação dessa Unidade, outras incumbências me foram dadas. Em uma longa conversa em seu gabinete, ele me falou do seu desejo de dar

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

mais atenção e projeção internacional à nossa Escola. De imediato, gostei da ideia e passamos a conversar sobre ela.

Segundo ele, apesar de sua inegável importância e liderança no contexto latino-americano, a ECA era muito pouco conhecida no universo europeu e americano. Ainda gatinhava de forma tímida, à procura de um espaço que fosse compatível com a qualidade e o prestígio dos seus cursos. Lembro-me muito bem que isso o incomodava. Nessa época, ainda não se falava de internacionalização da Universidade de São Paulo. Lembro-me muito bem disso. Nesse aspecto, não há nenhuma dúvida, o Victor de certo modo foi um pioneiro. Toda a preocupação de internacionalização da imagem da USP que vemos circular pelo universo acadêmico já havia sido pensada no fim de 1997 e início de 1998, quando começa a sua gestão.

Nesse momento, então, ele ficou de estudar a melhor forma de realizar, durante sua gestão, o processo de internacionalização da ECA. De início, isso parecia realmente muito difícil. Somente as grandes Unidades da Universidade até então haviam conseguido certo êxito internacional, e algumas com grande dificuldade. No entanto, o pragmatismo, a objetividade com que o Victor sempre resolveu questões complexas surpreenderia a todos. Até a mim, muito embora eu estivesse acompanhando e participando ativamente daquele processo. Passados mais ou menos dez dias após essa conversa, nosso diretor

*V*ictor aquino gomes corrêa

apresentou um plano realmente eficiente e que contaria com minha ativa participação.

Como vice-diretor, eu teria que me preparar para substituí-lo em todas as ocasiões em que ele tivesse que viajar para acertar acordos e intercâmbios internacionais com Universidades européias. O plano foi colocado em prática e os resultados foram realmente muito bons. Em suas viagens, nosso diretor trazia sempre convênios internacionais que abriam e facilitavam o ingresso da ECA em um plano que ainda não conhecíamos verdadeiramente. A partir desse momento, e com a força dos intercâmbios, docentes e alunos passariam a circular sistematicamente pelas Universidades européias, e não mais de forma esporádica e acidental como ocorria até então. Foi também a partir desse instante que renomados professores de Universidades européias, passariam a circular por nossa Escola dando cursos, conferências, seminários, enfim, realizando trabalhos pertinentes à academia. Começavam a aparecer os primeiros resultados de um projeto que fora minuciosamente pensado.

Nessas condições, portanto, não há só que se reconhecer o trabalho do Víctor para internacionalizar nossa Escola. Temos, de fato, que celebrar sempre este acontecimento. Não tenho dúvida, devemos isso a ele. Sabemos todos, muito bem, o que este serviço tem representado para nossa Escola. Com seu grau de criatividade e seu espírito irrequeto, ele não poderia, nem deveria mesmo ficar

Victor Aquino entre ciência e ficção

Victor aquino gomes corrêa

sentado dentro de um gabinete, apenas administrando burocraticamente uma Escola de Artes. Aliás, esse não é definitivamente o seu perfil.

Certamente por isso mesmo é que seu trabalho como diretor da ECA tem sido sempre muito bem lembrado até nossos dias. Posso falar sobre isso com pleno conhecimento de causa. Todas as vezes que encontro com o Victor nos corredores, vejo a forma até mesmo afetuosa como é tratado por funcionários e docentes da comunidade. Por trás de seu temperamento sempre vivaz e às vezes irreverente, há uma cabeça pensante a constante procura de algo original, inusitado e que, ao mesmo tempo, resulta em dividendos para a coletividade da Escola. Isso é o que podemos chamar de trabalho agregador.

Não por acaso, há muito tempo o Victor vem assumindo cargos sempre importantes na nossa Escola. Como todo e qualquer cidadão agregador e com notório grau de liderança, ele também deve ter seus desafetos. Isto é natural. Não é possível em qualquer situação, e especialmente em uma comunidade muito grande como é a Universidade de São Paulo, uma pessoa assumir importantes cargos políticos e administrativos e passar incólume, isto é, sem ter desafetos. Esta é uma situação que diz respeito não ao Victor como pessoa, como administrador, mas é algo inerente à própria natureza humana. Não há como negar esse fato. Divergir de opiniões é tão importante quanto

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

aceitá-las sem questionamentos. Ele sabe e conduz isso muito bem em suas relações.

No fundo, é o seguinte: a unanimidade nos cria certo desconforto e todos nós sabemos disso. Às vezes nos causa até certa desconfiança, especialmente em um segmento onde o grau de criticidade está presente em quase todos os acontecimentos. Tem razão o dramaturgo Nelson Rodrigues em sua frase antológica: "... a unanimidade é burra". Ter apoio da grande maioria sim é importante. Na mesma proporção, também a minoria divergente é igualmente importante, uma vez que legitima ainda mais o apoio da grande maioria. Não há o que se discutir sobre isso. Os inúmeros exemplos da história, mas também do nosso cotidiano, asseguram a veracidade desse fato.

Até aqui falei do Victor professor, administrador e amigo. Isto é pouco. Aliás, muito pouco. Sua capacidade criativa pode se constatar, não se limita apenas a pensar em projetos acadêmicos, ou encontrar formas inusitadas para bem administrar a instituição pública, como o fez quando era diretor da ECA. De acordo com o que já registrei anteriormente, ele passou por diversos cargos e hoje ainda permanece na administração do Departamento ao qual pertence. Sua personalidade irrequieta e criativa, porém, não poderia se bastar só com questões administrativas e acadêmicas.

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Victor aquino gomes corrêa

O Victor sempre investiu em seu trabalho literário. Ele tem talento para isso, especialmente na ficção, mas não só. Surpreendeu-me, por exemplo, saber que ele já publicou diversas obras com os pseudônimos de Túlio de Abreu e Suzane Bertrand. Mas, muito antes de mudar legalmente seu nome civil, outro pseudônimo era mesmo Victor Aquino. E aqui temos algo admirável. A ficção se materializa e o pseudônimo se torna realidade.

Há algo de mágico nessa transformação, que só o próprio Victor pode nos explicar. Uma coisa, no entanto, é certa. Este fato é mais um componente do seu universo criativo. Não me vem à memória nesse momento quantas obras literárias ele já produziu, mas sei que não são poucas. Aliás, são muitas. Li algumas e vou falar delas mais adiante, não como crítico literário, e sim como um leitor a mais de sua obra. Ao consultar o seu memorial, documento quase obrigatório hoje na Universidade para efeitos de controle da produção acadêmica do professor, ele tem nada menos que 77 livros publicados, se considerarmos sua produção acadêmica e literária. Isto significa, em outros termos, um longo investimento de sua vida em temas literários e acadêmicos.

Dos seus inúmeros livros, quero destacar a obra intitulada *Significados da Paisagem*. A escolha não é aleatória. Ela tem um significado maiúsculo na vida do Victor. Não apenas por sua realização, mas também pelo justo desejo de homenagear seu pai, o fotógrafo Francisco

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Victor aquino gomes corrêa

Sales Marques Corrêa, por ocasião do centenário do seu nascimento, em 29 de janeiro de 1929. O livro tem mais de mil imagens e reflete um trabalho minucioso de resgate histórico e biográfico da obra imagética deixada por seu pai. Ganhei o livro de presente do Victor, o li com muito cuidado e posso dizer o seguinte: diferentemente do que possa parecer, não se trata de uma obra que se reduz a mostrar o trabalho fotográfico do senhor Francisco. Não é só isso. O livro é principalmente um documento de uma narrativa muito bem realizada, que trata das relações humanas de forma muito sutil e incomum para biografias.

Ao resgatar a memória não só do seu pai, mas da própria família, *Significados da Paisagem* mergulha no cotidiano das relações familiares, como bem demonstrou o Victor, por ocasião do lançamento da sua obra. Diante de tantas perguntas que fazia ao seu pai sobre o gado, o pasto em Tupanciretã, o boiadeiro, a paisagem, entre outras coisas, o senhor Francisco lhe disse: “tu tens que aprender uma coisa: paisagem nem sempre tem tudo o que tu vês, e nem tudo que tu vês está lá e tem importância, por exemplo, quem fez a foto?” Pois bem, se esta citação não aparece no livro, não significa que ela esteja fora do contexto literário e imagético da obra. É exatamente o contrário. Ela nos dá a dimensão humana das relações entre pai e filho, em uma situação de contiguidade familiar, que é verdadeiramente a essência de *Significados da Paisagem*. Um livro que nos dá a dimensão exata da realidade vivida pelo senhor Francisco e sua família, sem romantizar os fatos.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Victor aquino gomes corrêa

Enfim, o resultado final deste trabalho é uma narrativa bem construída, e o que é muito importante, sem elogios baratos. Com isto, o livro realmente ganha muito em credibilidade. Isto não é comum quando se trabalham biografias familiares em literatura. Este aspecto, aliás, reflete muito da própria personalidade do Victor, e é por esse motivo que escolhi *Significados da Paisagem* para comentar um pouco mais. Ele é claro, sincero e objetivo. O discurso fático não faz parte do seu repertório. Fala com a sinceridade que sempre caracterizou sua personalidade. Uma pessoa afável, leal e respeitosa, mas muito atenta a tudo. Muito crítica. Ao mesmo tempo, conhece também o rigor da verdade e dele não prescinde. O texto de *Significados da Paisagem* flui com muita facilidade para o leitor não só se deleitar com a leitura, mas especialmente aprender com a experiência do senhor Francisco Sales Marques Corrêa. Assim, a ideia do Victor de homenagear seu pai e, por extensão, sua família, não poderia ser mais bem sucedida do que o foi.

Meu caro leitor, como já disse anteriormente, o Victor tem diversos livros e não haveria tanto espaço para apreciar cada um deles. Bom, até porque, não sou versado em crítica literária e isso é imprescindível para quem deseja analisar e discutir o verso ou a prosa na literatura. O que posso dizer, isto sim, é que seus outros livros como, por exemplo, *O Padre e o Açougueiro, 1 hora e 59 contos-minuto, Torresmo doce*, entre outros, têm a densidade que, de fato, se espera de uma pessoa realmente preparada como o Victor

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*V*ictor aquino gomes corrêa

e interessada no saber literário. Ao mesmo tempo, este preparo, este saber, algo notório em suas obras, não as pinta com cores de pesado semblante. Taciturnas. Não, isso não! Boa parte de seu trabalho literário nos apresenta um texto e uma narrativa de um humor inteligente e, na mesma proporção, refinado. Vale a pena conferir.

Zen e arte literária em victor aquino

Francisco Tupy Gomes Corrêa¹

. XXIX .

Histórias e mais histórias que, contadas, inspiram e alegram, trazendo de volta um passado longínquo, ou mesmo recente, não importa.

Histórias, contos, poesias, longas conversas que adentram horas sem se perceber. A gente se encanta com a sabedoria incomum de uma mente privilegiada e uma criatividade sem par.

1. Doutorando em Artes. Geógrafo. Mestre em Artes. Especialista em *games*. Autor de *Games 4Learn*. Sobrinho de Victor Aquino.

Zen e arte literária em Victor Aquino

Assim é Victor Aquino.

O tempo parece pequeno quando nos deliciamos, ouvindo o que sempre tem para contar. Tudo que conta tem um significado diferente. Tudo fica mais rico, mais colorido, mais intenso.

São momentos para lembrar e jamais esquecer.

Sua obra diversa, rica e fluente tem no epicentro de tudo o próprio autor. Além da criatividade inerente, vive momentos ricos transformados pela sabedoria incomum, que faz com que tenha transformado a própria vida em uma obra literária.

Qualquer pessoa que o conheça pode testemunhar isto. Seja um encontro casual, seja uma caminhada, seja ainda uma simples ida ao supermercado, Victor Aquino tem a habilidade de registrar momentos com um toque especial.

Muito além dessa habilidade, no entanto, existe a variável da origem, do “berço” e do ambiente no qual foi educado. Um contexto familiar foi rico de experiências, que fomentaram sua criação.

O pai, fotógrafo, foi muito mais do que se pode esperar de um retratista estabelecido em pequenina cidade da campanha do Rio Grande do Sul. Profissional que já em sua época destacava-se pela visão apurada, extraindo o máximo que podia em um tempo de técnica rudimentar. Modificava ou corrigia imperfeições nas fotos, cobria

Zen e arte literária em victor aquino

com roupa corpos seminus, levando ilusão e alegria às pessoas, técnicas sem os recursos disponíveis hoje em dia. Por causa dessas habilidades, integra uma galeria de documentalistas do velho Rio Grande do Sul.

A mãe, costureira, possuía grande senso de construção espacial. Mais tarde, após a mudança da família para São Paulo, pelo sofisticado ateliê passavam personalidades, artistas e gente abastada, atraídos pelo bom gosto e originalidade de suas criações.

Além disso, o avô materno, personagem de uma era pré-televisão, esmerava-se após o jantar, dia após dia, a contar histórias mirabolantes de crimes e brigas de faca, aguçando a imaginação de uma plateia que, na primeira fila, contava sempre com este neto, ávido por desenlaces trágicos.

Histórias que derivaram em mais histórias. A que mais gosto está em *Significados da paisagem*. Nele, um trecho emblemático fala da assídua audiência de seu pai nos programas da Rádio Central de Moscou, que transmitia em português coisas do então hemisfério soviético.

Na época da corrida espacial, um dos passatempos prediletos da família era aguardar, às vezes de madrugada, o momento da passagem dessas naves pelos céus de frente da casa em que moravam.

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*Z*en e arte literária em victor aquino

Posso dizer que os livros de meu tio sempre estiveram presentes em minha vida. Lembro-me de quando ainda com cinco anos, vi uma de suas primeiras publicações, cuja capa era de um verde intrigante. Acho que era alguma organização de textos acadêmicos, não tinha como saber do que se tratava, mas lembro-me que fiquei muito orgulhoso quando o pai de um colega de sala disse que havia lido o tal livro. A cada um, uma capa diferente, um texto, um poema, indubitavelmente a lição de vida dada pelo exemplo.

Confesso que, por diversas vezes, pensei nas sinapses, no trabalho frenético da escrita, tentando até auferir uma engenharia reversa de processos de criação em função dos resultados. Mas creio que cada vez mais apenas se é. Consequência do trabalho de uma pessoa que faz aquilo que a deixa feliz.

Como alguém já falou em discurso na universidade: “o estilo Victor Aquino é o estilo de perceber o mundo apenas como o mundo é”.

Convivendo com cleóbulo de lindos

Tulius Sakuma Gomes Corrêa¹

· XXX ·

Cleóbulo de Lindos viveu no século sexto antes de Cristo. É considerado um dos sete sábios da Grécia. Escrevia enigmas em versos. Também deixou incontáveis pensamentos que são a base de muitos adágios conhecidos mundo afora. Algumas frases ficaram famosas. Como “não se deve ser ingrato”, ou “fazer as pazes é melhor do que brigar”. Quem sabe, a mais famosa delas seja “é melhor ouvir do que falar”. Frase esta que ganhou incontáveis versões através dos tempos.

1. Autor de *Desembarque em Cartagena*. Filho de Victor Aquino.

Zen e arte literária em victor aquino

Quando, ainda na adolescência, li pela primeira vez em apostila do colégio onde estudava um resumo sobre a filosofia clássica, logo identifiquei em *Cleóbulo de Lindos* algo que me parecia muito familiar. Era como se eu estivesse lendo alguma coisa sobre meu próprio pai. Desde muito pequeno, ainda lembro bem, ele repetia coisas como “teimar em um erro é a pior forma de burrice”. Ou, então, “quem fica tempo demais na cama é doente”.

Meu pai, nessa época, tinha uma preocupação constante com a evolução, não apenas com meu aprendizado na escola, como de minha irmã que, mais velha que eu, estava mais adiantada. Sem ser efetivamente rigoroso, ele costumava transformar em uma imensa piada de mau-gosto qualquer resultado negativo em nosso aprendizado, principalmente quando deixávamos de cumprir os prazos nas entregas de trabalhos escolares. “O entregador de ovos”, ele dizia, “tem prazo para entregar a mercadoria; pois se entregar fora da data de validade, vai entregar coisa podre”.

De tanto repetir a frase, em um desses trabalhos, resolvi escrever sobre ovos com prazo de validade vencido. Era uma redação de tema livre. Escolhi o exemplo repetido por ele e inventei uma história maluca sobre determinado entregador de ovos que demorou tanto tempo para levar a mercadoria ao cliente, que no dia da entrega-los ao comprador, acabou levando um monte de pintinhos. Ele leu o texto, divertiu-se muito e indagou: “este trabalho era

Zen e arte literária em victor aquino

para quando?” Eu respondi: “para amanhã”. Ele completou: “seus ovos ainda estão frescos, não perca o prazo”.

Até atingir a maioridade, convivi ininterruptamente com ele. O tempo inteiro ele me dava a impressão de ser o próprio Cleóbulo de Lindos. Estava sempre conversando num tom ameno, como se estivesse dando conselhos. Eu já tinha percebido que muitos desses conselhos eram semelhantes às máximas do “velho grego”, que vivera centenas de anos antes. Ao estudar para qualquer prova, ele indagava de que matéria se tratava. Depois dizia: “estude, passe na prova e nunca mais esqueça o que estudou”. Era como reler a máxima “deve-se aprender muito e nada esquecer”.

Quando comecei a sair com minhas amigas, ele insinuava matreiro: “evita moça muito rica e sofisticada; ela pode até gostar de você, mas a família dela vai ver a diferença e isto não vai ser bom”. Novamente, era como reler outra máxima: “se acaso casares com mulher mais abastada, terás patrões em vez de parentes”. Era assim o tempo inteiro.

Mas ele tinha os próprios provérbios. Um dia, passando com ele por uma praça em Porto Alegre, vimos uma placa com a inscrição: “não pise na grama”. Foi implacável: “grama existe para ser pisada”. Um conhecido dele, muito exibido, mostrou-lhe uma caneta tinteiro extremamente cara, dessas que são encontradas em lojas de artigos de

Zen e arte literária em victor aquino

luxo. Ele examinou detidamente o objeto e arrematou: “não é a caneta que deve ser bonita, mas a letra”. Mais tarde ele escreveria um conto sobre isso.

Em um almoço com amigo jornalista em Lisboa, ao qual o acompanhei, ouvia a explicação do português sobre determinada situação política local. O homem comentava discussão na Assembleia da República sobre manifestações estudantis contra o aumento das “propinas”, que é como são chamadas as anuidades escolares, inclusive nas escolas públicas. E concluiu o relato dizendo: “não se fazem omeletes sem quebrar os ovos”. Outra vez ele rebateu: “mas se deve cuidar para não misturar casca com gema e clara, que fica uma droga”.

Durante o segundo semestre de 2011, acompanhei seu trabalho exaustivo na redação da obra *Significados da paisagem*, obra com a qual celebrou o centenário de nascimento de seu pai, meu avô, o fotógrafo gaúcho Francisco de Sales Marques Corrêa. Auxiliei-o como pude na organização do material utilizado no livro. Quando concluiu o trabalho, pediu-me para escrever um posfácio. Produzi um pequeno texto, “*Sófocles e o significado da vida*”, que fecha a obra. Apreciou bastante meu texto. No dia do lançamento do livro, convidou-me para escrever com ele a biografia de Raimundo de Menezes.

Raimundo de Menezes, escritor cearense, viveu em São Paulo, onde presidiu a União Brasileira de Escritores e

Victor Aquino

entre ciência e ficção

Zen e arte literária em victor aquino

integrou a Academia Paulista de Letras. Muito moço, meu pai datilografava originais das obras que ele preparava. Costuma dizer que adquiriu o gosto por escrever, datilografando e fazendo revisão para ele.

Aceitei, então, o convite para trabalhar com meu pai nesse projeto. Na época, porém, eu escrevia *Desembarque em Cartagena*, meu primeiro livro, no qual realizo uma reflexão sobre a ambientação do romance *O amor em tempos de cólera*, de Gabriel Garcia Marques. Quando terminei, ele já iniciara *O padre e o açougueiro*. Nem bem acabou essa obra, começou a escrever a peça de teatro com a qual está presentemente envolvido, *Um padre no inferno*. Por essa razão, o projeto da biografia de Raimundo de Menezes continua na gaveta. Na gaveta, para ele, pois mesmo ocupado com outra obra, continua a solicitar dados, confirmação de informações e mais dados que continuam a ser guardados para o início da redação da obra.

Victor Aquino não para um instante. Está sempre escrevendo. Como ele mesmo repete, “não importa quantas letras tenha uma palavra, importa quantas palavras são necessárias para expressar o que se quer dizer”.

Pai para toda obra

Táís Gomes Corrêa

• XXXI •

Há pelo menos duas passagens em minha vida, no relacionamento com meu pai, que ultrapassam a esfera do parentesco. A primeira aconteceu em casa, quando já no colegial, assisti a uma conversa dele com uma orientanda de doutorado. A segunda, na festa de oitenta e oito anos de minha avó materna, em que ele repreendeu publicamente um contraparente por falar errado.

1. Médica veterinária. Clínica de grandes animais. Especialista em higiene ambiental. Autora de *Ectima contagioso em ovinos*. Filha de Victor Aquino.

*P*ai para toda obra

Na visita da orientanda, enquanto eu estudava para uma prova de ciências na mesa de jantar de casa, pude acompanhar a conversa com a moça em um conjunto de estofados próximo de onde eu estava.

“Eu não posso escrever a tese por você. Este é um exercício apenas seu. Suas ideias e opiniões devem coincidir com o que você pensa realmente sobre o que está escrevendo. Não com o que eu penso. Você pode até discordar de mim, do que digo ou escrevo sobre o mesmo assunto. Mas deve ser coerente, objetiva e fiel as suas ideias”.

Coerência, objetividade e fidelidade a convicções, três atributos dos quais ele jamais abriu mão.

Eu era ainda muito pequena, muito antes disso, e ele já enfatizava: “coerência é o modo de demonstrar que não se é volúvel, uma hora pensando uma coisa, outra hora pensando outra”. Em algumas vezes falava: “seja objetiva, não dê a impressão de que não sabe do que está falando”. Quantas vezes o ouvi dizer: “quando a gente acredita em algo deve deixar clara essa crença, pois não é a maioria ou alguém que, pensando diferente, pode mudar aquilo em que se crê por convicção pessoal”.

Aquela visita da orientanda de doutorado não mudava a forma de expressão com que sempre se comunicou. O curioso era que ele estava dizendo aquilo para uma aluna bem mais velha e muito mais adiantada que eu, do mesmo

*P*ai para toda obra

modo que sempre falava comigo. O mais curioso é que continuou a falar comigo e a aceitar os meus argumentos vida afora da mesma maneira.

A segunda passagem que me marcou profundamente aconteceu alguns anos para frente, quando minha avó, mãe de minha mãe, completava oitenta e oito anos e a família organizou uma imensa festa para ela. Tudo aconteceu um pouco antes de essa avó desaparecer. Eu gostava muito dela. Era japonesa. Extremamente religiosa. Docemente afetiva. Foi ela que praticamente ajudou a me criar. Eu queria aproveitar a ocasião para lhe prestar uma homenagem especial.

Fiz imprimir no convite para a festa, atribuição que me fora delegada pela família, um soneto de homenagem. Nem tive coragem de mostrar a meu pai. De algum modo, tentei traduzir na composição poética o que aquela avó, um ser humano que veio de tão longe, significava para mim. Após a distribuição dos convites, percebi que ele gostara muito do que eu escrevera.

Durante a festa, um familiar distante comentou a poesia com meu pai, dizendo: “puxa, sua filha escreve tão bem que nem parece que está se formando para medicina veterinária”. No seu modo claro, franco e direto de dizer as coisas, retrucou imediatamente: “escrever bem devia ser obrigação de todos, de ferramenteiro a engenheiro, de médico a cozinheiro. Por falar nisso, é incorreto dizer

*P*ai para toda obra

se formando para medicina veterinária; o correto é se formando em medicina veterinária”.

Quando comecei a me expressar pela escrita (ou por aquilo que eu imaginava escrever), mostrei-lhe um dia a frase mais complexa que até então intentara escrever. Era alguma coisa como frase a ser colocada em um cartão de dia das mães produzido pela escola onde eu estudava. Eu tinha seis anos e começava a ser alfabetizada em uma instituição de freiras. Ele não gostava da escola, das freiras, da professora e do colégio religioso. Mas respeitava a vontade de minha mãe de que eu estudasse ali.

Eu escrevera mais ou menos assim: “feliz dia das mães que é uma pena a gatinha não tem mais mãe”. Na época ele me dera uma gatinha preta, que me preocupava muito não saber de onde viera, ou de que gata ela seria filha. Mostrei a frase para ele e disse que a professora não deixara escrever a mensagem no cartão.

Ele pegou a folha como estava escrito e saiu. Ao retornar, trouxe um belo cartão comprado em papelaria e disse para eu escrever sobre ele a frase que eu tinha escrito na escola. Anos mais tarde fiquei sabendo que naquele mesmo dia ele fora até a freira diretora, para dizer-lhe que aquela era uma instituição boba, que ele não concordava com o modo pelo qual se tolhia a criatividade de uma criança, e que brevemente eu sairia dali. Como, de fato, saí.

Victor Aquino

entre ciência e ficção

*P*ai para toda obra

“Victor Aquino faz coisas que até Deus duvida”, falou um professor recentemente em cerimônia na Universidade de São Paulo, durante o lançamento de um de seus livros. Guardei a frase. Ela é emblemática e traduz, em parte, o gênio, o caráter e a natureza de um homem que tem feito pela vida tudo que quer. A começar pelo próprio nome. Nascido, criado e formado como “Tupã Gomes Corrêa”, do qual nunca gostou, um dia requereu autorização judicial e retificou o próprio registro civil.

Mudança que alterou em nada a pessoa, mas que deixou evidente a marca da ousadia cívica. Quem poderia imaginar alguém, com mais de cinquenta anos na época, fazer algo semelhante. Ele não gostava do nome e pronto. Mudou-o. Todavia, bastou muda-lo para se perceber o surgimento de um personagem quase lendário.

Sob o novo nome começam a aparecer títulos e títulos de livros, ficções, enredos fantásticos, textos recheados de maravilhas literárias. Em determinado momento, para uma audiência perplexa na universidade, ele terá dito: “meus dias de autor de ensaios teóricos em comunicação e publicidade estão no fim; daqui para frente só escreverei o que mais gosto de escrever, que é ficção”.

Como se sabe, ele já tinha publicado vários contos, crônicas, poesias e até uma biografia. Em 2012 publicou *Significados da paisagem*, obra com a qual homenageava o centenário de seu pai, o fotógrafo gaúcho Francisco Corrêa. Livro para o qual ele me pediu que escrevesse o prefácio.

*P*ai para toda obra

Para mim, aquele livro é verdadeira raridade, não apenas pela estrutura que engendrou, numa sucessão bem encadeada de textos que lembram contos sobre a vida do genitor, quanto pela bem elaborada articulação entre esses textos. Recuperou, de uma maneira muito original, a história da família e a formação daquele pai, cuja memória ele tanto venera. Pois, como ele próprio conta naquelas páginas, foi o pai dele que o orientou e o acompanhou em suas escolhas, até vê-lo iniciar-se como professor.

O engraçado é que mesmo filha desse professor, que de alguma maneira sempre se comportou como professor em família, nunca consegui vê-lo assim, pois sempre me passou a impressão de alguém que estava o tempo todo elaborando coisas para me surpreender.

Ele tem um lado criativo muito aguçado, perceptível por qualquer um que esteja em seu convívio, independente de idade e da relação eventual. Nos tempos atuais, por exemplo, minha filha, sua neta, em fase de alfabetização, fica quase louca e em notável excitação, quando ele faz uns joguinhos de palavras para ela. O mesmo acontece quando brinca com ela de trocar letras nas palavras. É seu modo de fazer despertar a criatividade infantil.

Há alguns anos fez um livro para essa neta, *Julia e o pirulito*. Até hoje ela lê e relê sem parar o livrinho, divertindo-se muito com a leitura. Mas o entusiasmo literário de meu pai não se restringe a obras assim. *Os três 'hermanos'*, em que

*P*ai para toda obra

narra a história de hispânicos em New York e New Jersey, também é outra preciosidade. Ele é capaz de enxergar a piada por trás da piada, contar a história da história ou, a seu modo, fazer a releitura de um fato de domínio público.

Vive uma obsessão. Refaz os passos da própria história na cidade em que foi registrado após o nascimento, no Rio Grande do Sul. E refaz essa trajetória sem cessar. Recolhe daquele lugar, Tupanciretã, de onde o pai dele retirou o nome original para registra-lo como “Tupã”, cenas e circunstâncias que vai descrevendo em seus livros. Embora tenha nascido em casa dos avós maternos, em Santiago, foi criado, viveu e cresceu na outra localidade, situação que lhe inspirou a máxima repetida várias vezes: “Tupanciretã é a experiência de minha primeira ficção”.

No início dos anos 2000, tão logo mudou o nome, publicou sensível trabalho, no qual registra as primeiras impressões da infância. Em *Meu Tupanciretã: memória estética da infância* descreve as sensações falsas do pertencimento a uma fantasia. Mais fantasias que acabaram se arraigando como a melhor memória de crescer em um lugar especial. Quando eu própria tive a oportunidade de conhecer aquela cidade dei-me conta de que ele estava certo. Absolutamente certo, a respeito de tudo que escreve sobre ela.

As cenas do lugar, embora muitas vezes históricas, ocorridas até bem antes de ele nascer, como em *O tabelião*, são dignas de uma ficção que, transcendendo a realidade,

*P*ai para toda obra

marcam definitivamente características que não se perderam e definem o lugar. Um médico, um escrivão dos registros públicos e uma falsa enfermeira conservam em casa por três dias, como se estivesse muito mal, sem visitas e longe das vistas de todo mundo, um fazendeiro mato-grossense que morrera dormindo. Enquanto isso registram escrituras, falsificam testamento e, literalmente, rapinam toda a fortuna do falecido. Uma história ambientada entre os anos de 1920 e 1930, cuja leitura remete a personagens que até poderiam ter vivido no lugar.

Caso também do recente romance *O padre e o açougueiro*. Coincidências de personagens, lugares, coisas e uma velha história sobre a formação da paróquia e nenhum padre por ali. Evidente que, exageros ficcionais à parte, são as coincidências que remetem outra vez aos humores e maledicências locais, deliciosamente evocados pelo autor.

Essa obsessão com a cidade tem continuidade com uma peça de teatro, *Um padre no inferno*, seu último livro. O religioso, por sinal, é personagem retirado da obra anterior sobre a cidade. O motivo de tamanha fixação com essa localidade, que literariamente é fictícia, mas que na verdade não é, pode estar plantado nos tempos em que o autor, ainda menino, foi o centro de uma polêmica religiosa com o padre dali.

Aliás, o fato que terá marcado a adolescência de meu pai foi uma prova de religião no então ginásio local, na qual

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*ai para toda obra

ele criticava duramente, aos quinze anos de idade, uma igreja que se distanciava dos fiéis, ostentando riquezas e se mostrando insensível a tudo isso. Curiosamente, em tempos atuais, em que o papa argentino se esforça para corrigir os mesmos defeitos institucionais, o autor leva a vida bem longe desse “reino espiritual temporal” que, como ele mesmo diz, “continua assunto controverso e discutível”.

Quando, ainda como Tupã Gomes Corrêa, em 1998, publicou *Licor de amêndoas*, o primeiro livro de contos, declarou no lançamento: “só não sei como descobri tão tarde a literatura”. Ele estava com cinquenta anos. Desde então já se passaram dezesseis anos e ele publicou mais de setenta títulos.

Bem verdade que embora sempre enfatizando não desejar publicar mais nenhum ensaio teórico, lançaria a coletânea de *ebooks Aventura estética da publicidade*, título da disciplina que ministra no programa de pós-graduação em ciências da comunicação na Universidade de São Paulo. Nos dezesseis livros da coletânea traz trabalhos interessantíssimos. Foram escritos para utilização em suas aulas. No entanto, eu própria me diverti muito com eles, mesmo sendo uma profissional de ciência médica.

Em *Introdução à estética*, primeiro livro dessa coletânea, depois de percorrer as ideias de “belo” e “sublime” desde Sócrates, Platão e Aristóteles, passa por Plautino e Santo Agostinho, aportando no neologismo criado por

*P*ai para toda obra

Baumgarten. Neologismo este logo incorporado por Kant. Fato curioso, até certo ponto engraçado, é o modo como o autor se refere a essa incorporação, dizendo que foi um caso de “*picaretagem acadêmica*”, pois Kant nunca fez referência a Baumgarten como o criador da palavra estética.

Até mesmo para quem não está familiarizado com a evolução desse termo, é uma obra de fácil entendimento. Seguidamente ouvido por todos, em situações que variam de “*medicina estética*”, ou estética como sinônimo de “*coisa bonita*”, de “*cosmetologia*”, ou de “*uma coisa que tem a ver com o gosto da maioria*” – quando na realidade nada tem a ver com isto – estética passou a ser objeto de estudo além de seus campos tradicionais da arte ou da filosofia.

Em *Arte e não arte*, como em *Caminhos da arte publicitária*, ou em *Campos de estudo da estética*, o autor persegue a ideia da existência de um certo “*preconceito acadêmico*” contra abordagens de estética fora das áreas originalmente tradicionais desse estudo. Neste último, dividido em três partes, “*Significação estética*”, “*Categorização estética*” e “*Presunção estética*”, sistematiza o tema na perspectiva de uma utilização, digamos, contemporânea.

Igualmente, aborda questões específicas em *Excessos do merchandising*, *Melissinha com pochetezinha*, *Moda e publicidade*, *Kitsch* e *Imitação estética na publicidade*. Afinal, como ele próprio conclui, será a partir de um domínio estético do gosto comum em uma audiência amplamente diversificada

*P*ai para toda obra

que os criativos em publicidade são capazes de estar na sintonia de quem assiste ao que se produz para anunciar e vender qualquer coisa.

Publicidade, violência e jornalismo, como *Publicidade de cerveja e remédio*, tratam desse fenômeno de um gosto predominante pelo que se assiste diariamente, envolvendo cenas, atributos e conceitos que transcendem até mesmo os limites da ética, do politicamente correto e das inúmeras atitudes de ser e consumir que tanto nos desagradam, mas que nos despertam, seja pelo inusitado, seja pela simples curiosidade, até mesmo uma avidez mórbida de ver coisas que rejeitamos.

Nos inúmeros títulos de interesse pedagógico em suas aulas, jamais se detém. Está sempre lendo e refletindo sobre o que tantos outros autores estão produzindo. No fim, reproduz o próprio pensamento, propondo novos modos de pensar a realidade e, quem sabe, tentar corrigi-la quando necessário.

No que concerne à moda, por exemplo, vale lembrar um fato até certo ponto curioso sobre seu envolvimento com este assunto. Discutindo conceitos, evolução de sentidos e as representações da estética nas aulas para o curso de publicidade, em determinado momento passou a se valer dos significados de moda para demonstrar como surgem os câmbios de gosto e, assim, reforçar a ideia de que estética, enquanto parâmetro de gosto, ao ser

Pai para toda obra

alterado, enseja a representação da mutação de um sentido antes aparentemente imutável. Ideias como feio/bonito, bom/mau, agradável/desagradável, desejado/rejeitado, apreciado/desprezado permeiam discussões entre as páginas de mais de um de seus livros.

Por causa da abundante utilização da moda nesses trabalhos, das palestras que realizou durante muito tempo envolvendo o tema, era procurado insistentemente, no trabalho e em casa, por alunos de cursos dessa área. Ele ficava muito constrangido quando percebia que as pessoas o tratavam como um professor de moda. Ele dizia: “moda é assunto para especialistas desse ramo, coisa que não sou”. Muitas vezes retornava dessas palestras demonstrando visível contrariedade. Auditórios lotados aguardavam alguém que, segundo ele, “atendesse expectativas”, falasse de “tendências” e conceitos comuns do campo da moda, da roupa e da indumentária. Mas, como sempre insiste, “opiniões sem glamour nunca são bem-vindas”. Mesmo que essas opiniões, fundadas em teorias sociológicas consistentes, sejam referências indispensáveis a quem quer estudar moda em uma perspectiva acadêmica.

Publicou *Fashion concept, Fashion & body, As leis da moda*, obras nas quais desconstrói a ideia de que *glamour* é algo ainda mais transitório do que a própria moda. Antes já tinha publicado *Rock nos passos da moda, Moda & pop-music, Ainda música e moda*, três livros nos quais ensaia uma curiosa associação entre o mercado da roupa e o mercado

*P*ai para toda obra

fonográfico e repete sem cessar que “gosto por gostar ou gosto por preferência pessoal” é muito diferente do “gosto que se gosta por pressão social ou gosto por indução da maioria”, ideias nem sempre simpáticas a quem espera apenas a glamourização da diferença.

Durante anos se dedicou ao ensino e à pesquisa desse mesmo fenômeno no mercado fonográfico, época em que, na própria universidade, disco e música popular eram assuntos, até certo ponto, discriminados. Começou publicando *Mercado da música: disco e alienação* e, mais tarde *Folks and cowboys e Aesthetical changes in Brazilian country music*, obras que resultaram de pesquisas realizadas ainda no tempo das paradas de sucesso, das décadas em que era moda gravar música brasileira em inglês, como das transformações que levaram a música sertaneja em se converter em uma música *country* brasileira.

Em duas ocasiões, observei meu pai ficar muito abatido. Na primeira, há muito tempo, por causa da publicação de matéria de jornal sobre um de seus primeiros livros. Na segunda, muitos anos depois, quando ele deixava a diretoria da Escola de Comunicações e Artes, quando foi alvo de um processo administrativo por causa da gestão financeira como diretor.

O primeiro caso envolvia um comentário absurdo sobre *Rock, nos passos da moda*. Anos mais tarde seria relatado com detalhes em outras duas de suas obras: *Moda & pop-music*

*P*ai para toda obra

e *Ainda música e moda*. Esse caso também seria incluído no livro *Cada um tem o inimigo que merece*, onde ele conta em detalhes a deliberada agressão do signatário na matéria, como da utilização que fez da obra atacada em outra matéria, anos à frente, sem sequer citar a fonte.

O segundo caso, também relatado em detalhes em *Cada um tem o inimigo que merece*, integra longo capítulo naquele que ele chama de seu “primeiro livro de memórias”, *Tudo que eu não queria lembrar*. Pois certamente haverá outro título ainda, em que continuará a refletir sobre coisas passadas em sua vida. O fato é que o conhecendo Victor Aquino, primeiro como filha, depois como a leitora com o privilégio de ler em primeira mão o que ele escreve, posso afirmar que nada em sua vida fica para trás, sendo esquecido ou dado como coisa que nunca aconteceu.

Nega-se a opinar sobre fatos que não conheça, mas ninguém o demove de falar sobre aquilo que estuda e entende. Detesta a dissimulação e a hipocrisia. Não suporta falsos argumentos, falas vazias ou conversa sem fundamento. Quer distância de quem não aprecia a leitura ou não gosta de ler. Odeia os simulacros da tecnologia que, segundo ele, estão transformando a capacidade de pensar e se expressar, principalmente das gerações mais jovens.

Sobre isso, aliás, tem discutido muito. Tem opinado no sentido de que o excesso de facilidades trazidas pelas tecnologias, que praticamente possibilitam fazer

*P*ai para toda obra

tudo, inclusive interagir em processos criativos, reduz a capacidade de criação pessoal. E isto, segundo ele, fará aos poucos fenecer a exuberância de talentos artísticos, substituindo-os por uma condição expressiva, em nada comparado ao que já existiu antes dessas tecnologias.

No começo dos anos 2000 iniciou um trabalho ainda inédito, com que pretende homenagear os professores com quem foi estudando ao longo da vida. Ao completar a obra, que tem como título *Anlas da alma*, decidi aguardar melhor momento para publica-lo, argumentando que “elogios são sempre proporcionais a críticas”. Pois na avaliação tardia desses mestres, muitos foram excluídos dela pela baixa qualidade profissional. Como ainda há muita gente viva, a exclusão poderá parecer uma agressão pessoal.

Algo semelhante já tinha ocorrido com outra obra, *Minha casa*, dedicada esta à própria família. Avós, pais, irmãos, tios, tios avós, primos de primeiro até terceiro grau, cunhados e sobrinhos, ninguém escapou – foram todos transformados em personagens reais de uma história de vida – que exibem, mais pelos defeitos do que pelas virtudes, os modos de aparecer, existir e se portar no mundo. Os únicos ausentes nessa “história” (e nunca entendi exatamente o motivo) são os filhos e netos.

Crítico de tudo que ocorre ao redor, deixa nada passar sem registro. Quando se retirou para as Vinhas de São Jorge, a propriedade na qual passou a residir no município

*P*ai para toda obra

de São Roque, a menos de sessenta quilômetros de São Paulo, tomou contato com uma nova realidade. A realidade do descaso escrachado das autoridades no atendimento às populações que vivem no meio rural. Não demorou para escrever *Perdeu-se um pavão*. Pavão é o nome do “bairro” onde está localizada a chácara em que passou a viver. Lugar em que não entra o carteiro porque até hoje os prefeitos não se esforçaram para pressionar a empresa de correios a prestarem esse tipo de serviço. Onde a coleta de lixo é deficiente, a maioria das ruas e estradas é precária, sem asfalto e iluminação. Lugar de queimadas e desmatamentos, no qual se multiplicam vertiginosamente as “favelas de mata”, de poucas escolas e quase nenhuma assistência.

No dia do lançamento, ocorrido em um pequeno restaurante no próprio bairro, a um político local que apareceu por lá, talvez para capitalizar em votos a simpatia dissimulada, ele falou para que todos ouvissem: “o povo daqui não carece de solidariedade, carece de vontade política da situação e oposição para reverter esta situação cruel”. O homem desapareceu dali imediatamente.

Por não tolerar dissimulação também não aceita o que chama de “rapinagem das ideias”. Uma mania que se alastra a partir das redes sociais, alcançando outros círculos de convivência, que consiste na apropriação de qualquer coisa já criada e distribuída sem citar fonte, ou como tendo sido criada por quem a distribuiu. Em seminário que realizou há pouco tempo discutiu essa

*P*ai para toda obra

prática, mediante a qual se modifica não apenas a origem de qualquer obra, como a própria história. Afirmando que “a primeira vítima de uma fotografia antiga quase sempre é sua origem autoral”, (frase de Pierre Verger), ele diz que no futuro será um tanto difícil constatar a autoria real de muita coisa que circula hoje na Internet.

Ao publicar *Significados da paisagem*, irritou-se quando encontrou na Internet a maioria das ilustrações que tinha inserido no livro. Eram fotografias de família, a maioria produzida por seu pai. Uma comunidade de site de relacionamento, espécie de acervo de imagens da cidade de Tupanciretã, no Rio Grande do Sul. Ao percorrer, por isto, a extensa coleção de fotografias antigas que compõem o acervo, verificou uma enormidade de imagens com a mesma origem. Comentou: “não apenas falta de respeito para com o profissional que jamais é citado, como ignorância de quem assim procede, levam ao esvaziamento de uma boa ideia; pois tudo que não tem origem converte-se apenas em referência de situações pessoais isoladas, sem nada dizer ou representar para a história”.

A partir dessa constatação pessoal, organizou outra publicação, *Fotografia de Francisco Corrêa*. Pois, segundo ele, “quanto mais os desinformados insistirem nessa prática de continuar predando imagens que não são suas, mais longe permanecerão do conhecimento e da oportunidade de conhecer realmente o próprio passado”. O pai dele viveu quase trinta anos naquela cidade. Deixou imenso acervo

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Pai para toda obra

de imagens, a partir das quais se pode estudar e entender gostos, comportamentos, práticas sociais e culturais em quase três décadas no lugar. Quem não enxerga isso deixa de aproveitar a real serventia dessas imagens. Mas para entender tudo isso necessita-se, obrigatoriamente, reconhecer a origem autoral (que nunca uma é igual a outra) de cada uma das imagens. Atualmente também se ocupa de outro projeto sobre a obra fotográfica de seu pai, que resulta no livro *Foto Vitória – Tupanciretã 1940/1968*, que ele organiza em colaboração com Nayá Gomes Corrêa.

Em 2010 recebeu visita de um amigo, sociólogo francês de renome mundial. Vinha acompanhado da mulher que, desde a chegada, manifestava desejo de assistir a uma sessão de Candomblé. Ocorrendo a visita em período fora de calendário de festas nessa tradição e não havendo previsão do que ver naquele período, meu pai acompanhou o casal a uma sessão de Umbanda. Ao chegarem ao terreiro, a chefe da casa ficou extremamente lisonjeada com visita de tão importante figura, cumulando o sociólogo e sua esposa das mais efusivas referências públicas.

Era uma sessão de caboclo. No momento em que se iniciaram os passes, uma atendente da casa veio indagar se o visitante ilustre desejava, como se diz, “conversar com a entidade”. Meu pai perguntou ao sociólogo se isto era seu desejo e ele confirmou que sim. Mas meu pai teve que acompanhá-lo, porque alguém deveria traduzir para o francês o que lhe seria dito, já que o “cambono”,

Victor Aquino
entre ciência e ficção

Pai para toda obra

(intérprete das mensagens e recomendações espirituais), que ficava ao lado do medium que o atenderia não falava esse idioma.

No instante que o francês e meu pai se aproximaram do medium, que incorporava o “Caboclo Urubatã”, este começou a tremer como se fosse sair do transe em que se encontrava, causando grande alvoroço no recinto. Logo parou de se sacudir, assumindo uma postura oriental, falando em uma língua ininteligível e fazendo sinais em movimentos lentos com as mãos. A chefe do terreiro interveio, logo explicando aos presentes que o visitante ilustre, embora não soubesse, era pessoa de grande espiritualidade, razão pela qual tinha atraído para ali uma entidade extremamente evoluída. Meu pai relata o acontecido de modo hilariante na obra *Baixou um Buda no ‘Cavalo’ do Caboclo Urubatã*.

Este é Victor Aquino. Nada passa aos seus olhos que deixe sem registro. Há alguns anos, em Curitiba, presenciou uma ocorrência policial, em que um senhor muito pobre tinha sido preso porque cortara uma araucária centenária em sua propriedade. Romanceou o fato no pequeno livro *O homem que comeu um pinheiro*. Mais ou menos na mesma época, conhecendo a história de uma senhora que vendeu a casa tombada pelo Patrimônio Histórico para a administração de um banco estrangeiro, escreveu *A velha*. Relato bem humorado da entrega das chaves do imóvel aos funcionários da casa bancária, sem revelar que deixava

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*ai para toda obra

na edícula uma contraparente muito idosa, vitimada por Alzheimer. Entregou as chaves, foi para o aeroporto, tomou o rumo de algum lugar na Europa e nunca mais se ouviu falar dela.

Quando lhe perguntam sobre os dois primeiros livros que publicou, faz-se de desentendido, dizendo que são apenas as primeiras experiências literárias. Todavia, tanto *Vênus de mel*, escrito ainda na adolescência, como *Chiclete & chocolate*, publicado quando já ingressara na faculdade, dois pequenos livros de poesias, representam mais que isto. As duas obras servem para comprovar a profundidade das raízes literárias. Em 1969, ao ingressar como aluno na Escola de Comunicações e Artes, falou para a mãe, que gostava muito de ler o que ele escrevia, que a partir daí só queria estudar, pois tudo que escrevera até então tinha nenhuma importância literária. De algum modo, levou isto a sério, pois só voltaria a se ocupar de poesia quando, enfim, publicou os poemas em catalão.

Contudo, alguns dos “Contos Brasileiros”, série na qual republicou separadamente grande parte dos textos que integraram *Licor de amêndoas*, são além de contos, uma sensível prosa poética. O mesmo se pode dizer de *Vigília de papel: crônica do crepúsculo da ditadura militar (1983-1985)*. Atravessou anos reunindo recortes dessas publicações, que apareciam semanalmente, naquela época, nos principais jornais regionais de norte a sul do país. Assinados por Tupã Gomes Corrêa, Tullio de Abreu, Victor Aquino e

*P*ai para toda obra

Suzanne Bertrand, esses textos eram distribuídos pela Agência Planalto, de São Paulo. O livro seria publicado pela primeira vez em 1995.

As primeiras publicações relacionadas ao produto de seu trabalho na universidade, entretanto, que apareceram após o lançamento de *Mercado da música*, e que foram completadas por *Editoração* (Conceitos, atividades, meios), *Economia do mercado editorial*, *Opinião pública* (Os bastidores da ação política), ou ainda *Opinião, comunicação, participação*, (que contém uma pesquisa da fase pré-constituente, em 1987), são obras que ele também considera menos importantes.

Ainda do período universitário há publicações às quais ele não faz muita referência, mas que continuam a ser mencionadas em trabalhos acadêmicos. Caso, por exemplo, do próprio *Rock, nos passos da moda, Portuguese forts in Brazil* (que é parte de obra organizada por João Rosado Correia, Tupã Gomes Corrêa e outros, *Fortificações portuguesas no Brasil*), *On tourism in Brazil and United States* e as obras organizadas, por ele, ou em colaboração, como *Turismo e lazer*, ou *Comunicação para o mercado*, ou ainda *Comunicação, marketing e cultura* (em colaboração com Sidinéia Freitas).

Em 2010 organizou com colegas do curso de publicidade *A USP e a invenção da propaganda* (40 anos depois), sobre os equívocos da universidade, primeiro na criação da escola onde ele estudou, a Escola de

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*ai para toda obra

Comunicações Culturais, depois na criação do curso de publicidade e propaganda, onde trabalha. Em seguida organizaria, em colaboração com Rosalba Facchinetti, *Ética e estética: questões em comunicação* e, com Patricia Biegging, *Olhares do sensível*, duas coletâneas de artigos com vários autores, sobre temas acadêmicos na área em que atua na universidade.

A atividade acadêmica, aliás, acabou por contribuir no sentido de leva-lo a encurtar os textos em um pequeno livro de contos. *1 hora e 59 contos-minuto* acabou se convertendo, portanto, em um desafio dos alunos da disciplina Estética em Publicidade, como demonstração de que em literatura, como em publicidade, a uniformização do tempo breve pode servir para dizer o que se quer com menos palavras.

Durante muito tempo, Victor Aquino foi o que se poderia chamar de “maçom militante”. Participou de diversas oficinas, fundou lojas, passou de uma administração maçônica para outra no Brasil, pertenceu a instituições maçônicas nos Estados Unidos, na França e na Bélgica. Exerceu cargos importantes e, em determinado momento, integrou a fundação de uma organização maçônica mista. Foi muito criticado por isto entre maçons tradicionais. Houve até quem o tenha chamado de “espúrio”, “apóstata” e outros termos mais chulos. Não ligou a mínima para isto e completou o que se dispôs a fazer.

Desse período resultaram três livros: *Breve história da GLUSP* (Grande Loja Unida de São Paulo), *Estado laico*

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*ai para toda obra

e vida republicana (Paradoxos da militância maçônica), e *Mistérios da casa de pedra*. Pessoalmente, aquele que mais aprecio é o último deles. Um bem urdido romance acerca de um jovem ambicioso que, no interior do Estado do Oregon, nos Estados Unidos, deseja se tornar maçom para, segundo imagina, beneficiar-se de hipotéticas vantagens pessoais que ele fantasiosamente acredita existir na fraternidade, mas que no fim da história, nem que se negue a crer, vai descobrir que tudo isso não passa de uma enorme fantasia.

Sua imaginação prodigiosa o levou a criar uma das mais belas histórias de São Jorge. Quando decidiu iniciar esse projeto, a propósito de um comentário ouvido de amigo sobre a biografia do santo, ele foi categórico: “não existe biografia possível para um”. Crítico de uma história milenar, que foi expropriada e deturpada para justificar a inclusão do mito no panteão católico, Victor Aquino foi mais categórico ainda: “a ficção é o instrumento de que disponho para dizer que não acredito em martírio, não acredito em cânone, não acredito em hipocrisia”. *São Jorge*, que inclui versão impressa e eletrônica, também é divulgado em forma de folhetim, em um site de relacionamentos.

As histórias sobre ele são muitas, como são muitas suas histórias, que acabaram engendrando histórias depois contadas por ele mesmo. Um exemplo recente foi aquela do jantar realizado em um restaurante francês, em São Paulo, no qual teve o cartão de crédito furtado dentro do

*P*ai para toda obra

próprio estabelecimento. Curiosamente, no momento em que ele passava o cartão na máquina para pagar a conta, não percebeu que a senha era memorizada por quem se ocupava da cobrança.

Dois dias depois ele descobriria que alguém já gastara uma fortuna em compras com o mesmo cartão. Lavrou boletim de ocorrência policial, que não adiantou grande coisa. Também tentou que o banco cancelasse as despesas, que só ocorreria meses à frente, depois de muito aborrecimento. Como não via nenhum resultado em suas reclamações, nem uma conclusão policial a respeito, contratou um detetive particular para monitorar o percurso das compras com o seu cartão e uso da senha pelo ladrão. Esse profissional, finalmente, descobriria nas imagens sobre uma bomba de gasolina, em que o criminoso abastecia o tanque de uma moto, com detalhes, a figura do delinquente.

De toda essa epopeia resultou outro pequeno romance com título longo: *O furto do cartão de crédito. Ou de como um jantar elegante foi transformado em pesadelo, igualando banco e restaurante ao ladrão.*

Conviver com meu pai sem foi extremamente útil para mim. Foi também muito divertido. Afinal, não apenas aprendi a escrever com ele, como principalmente a sempre dar sentido em tudo que escrevo. Tem sido proveitoso, mas tem sido um modo de, por vezes, escapar daquilo que

Victor Aquino
entre ciência e ficção

*P*ai para toda obra

faço para viver, pois essas coisas acabaram se tornando um grande prazer para mim. A cada dia que passa sinto um orgulho e uma satisfação enorme de ser filha de um homem muito simples, mas de grande estatura moral, sabedoria e aquilo que eu chamo de “uma grande estufa de afetos”.

www.pimentacultural.com



“ Meus personagens são todos uma projeção dos meus defeitos e o esforço pessoal para superá-los. ”

Victor Aquino

